



O PROTOCOLO ANÚBIS LIVRO 02

O Chamado das Areias da Morte

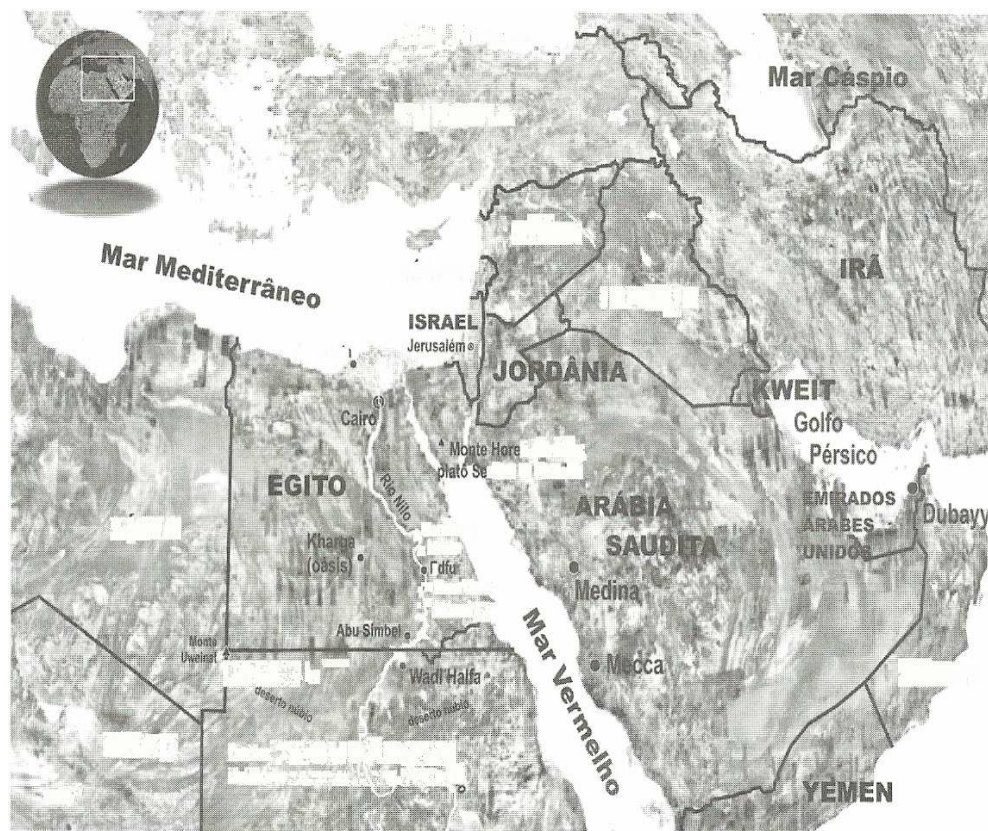
William Goldoni

TARJA
2008

Agradecimentos

Para o aperfeiçoamento deste livro foram fundamentais as seguintes participações: a orientação da engenheira agrônoma especialista em levantamentos topográficos e meio ambiente, Sra. Rosana C. Nascimento; a orientação do historiador Décio Scaravelli; a leitura crítica do escritor Richard Diegues; as extensas discussões e esclarecimentos da psicóloga clínica Silmara Franzese; o auxílio do engenheiro agrimensor Luiz Antonio dos Santos; a revisão de texto da Srta. Camila Fernandes, assim como sua ilustração dos deuses Osíris, Ísis e Hórus; a gentileza da NASA e do Google Inc. em ceder as imagens de satélite do deserto núbio; e o apoio da sempre gentil e receptiva equipe da Tarja Editorial. Muito obrigado a todos.

William Goldoni





Da batalha ocorrida nas galerias secretas de Maha-Ettel, no Egito, somente um feiticeiro da Serpente Vermelha escapou.

Por dois anos não houve qualquer aparição ou contato do fugitivo.



Durante esse tempo, a equipe do Dr. Caio Mancini reconstituiu e traduziu parte dos papiros trazidos do Egito.

Sem a equipe saber, esse trabalho foi cuidadosamente espionado.



O grupo por trás disso tem um plano.

Estado de New York, EUA

7 de agosto

Noite

NA ESCURIDÃO MACIÇA, O prisioneiro ouviu o som de batida em madeira. Concentrou toda atenção, e uma segunda vez o som veio de seu lado direito, justamente onde a comida e a água apareciam sempre. Estava num cubículo.

— Onde fica o caminho do chagal? — disse uma voz metálica masculina.

Estático e amedrontado, pensou não ter entendido a pergunta.

— O que você quer? Não sou rico! Não tenho dinheiro!

— Diga onde fica o caminho do chagal, se quiser sair vivo daqui!

— Caminho do chagal?! O que é isso?

— Você nos traiu, Hatusi. Entregue-nos o segredo ou morre!

— Não sei de caminho do chagal nenhum! Deixe-me sair daqui! Sou importante em meu país e você terá problemas se não me soltar agora!

A voz silenciou e, por mais que o desgraçado chamasse, exigisse ou ameaçasse, não teve resposta.

A escuridão era tão impenetrável como noite sem lua sob mata densa. Há quantos dias estava trancado no cômodo sem luz, onde a própria respiração era o único ruído? A respiração e seu choro, de vez em quando. Seu desespero atingiu o auge.

Estava preso por dois ou cinco dias? A intervalos regulares, água e comida apareciam sempre no mesmo lugar, sem um barulho sequer, nem a menor luz, numa bandeja plástica na qual esbarrou por acaso na primeira vez. Perdeu a contagem do tempo.

Não adiantava mais gritar ameaças ou pedir por socorro. Nem o eco tivera como resposta. O que queriam seus raptore? Dinheiro? Chamar a atenção do governo de seu país? Negociar sua vida em troca de algum favorecimento? Não conseguia chegar a uma conclusão.

A roupa e o corpo, por dias sem banho, cheiravam mal, e a alimentação bem diferente da costumeira já produzia reações do organismo: febre contínua, dor de cabeça latejante e desarranjos intestinais. Um balde servia de latrina, enchendo o cubículo de um odor insuportável.

Dali a algumas horas, a voz ressurgiu, insistindo para ele dizer onde estava o tal "caminho do chagal". Ele negava obstinadamente conhecer isso. Um grupo de pessoas vestidas de preto invadiu o cômodo e surrou-o, deixando-o desacordado no chão. Quando acordou, esforçou-se, sem sucesso, em se lembrar se tinha conhecimento de algum "caminho do chagal".

Após acordar e continuar negando, foi espancado mais três vezes.

Decidiu investigar de novo o cômodo. Andou cauteloso até tocar na parede

acarpetada. Foi apalpando-a. Totalmente concentrado na percepção dos dedos, encontrou uma emenda do carpete. Puxou a ponta dele e foi arrancando-o cuidadosamente da parede. Não tardou a perceber que estava num cômodo de madeira, uma caixa talvez. Continuou arrancando e depois passou a tatear a parede até — indescritível alegria! — encontrar uma dobradiça a meio metro do chão. Percorreu com os dedos o vão da portinhola por onde entrava a comida. A fresta entre a portinhola e o chão era suficientemente larga para enfiar os dedos nela.

Do outro lado tudo deveria ser escuridão também, pois pelas frestas não vinha qualquer luz. Aplicando toda a força possível nas mãos, puxou a portinhola para dentro, sentando-se no chão e apoiando os pés na parede. Com os dedos sangrando de tanto forçar o mecanismo, conseguiu arrebentar o pequeno ferrolho que mantinha a portinhola fechada por fora.

O arrebentar da porta não fez barulho alto. Mesmo se fizesse, sua empolgação era demais para esperar ou ter cautela. Atravessou deitado a passagem e percorreu uma outra sala totalmente escura. Abriu em silêncio uma porta de madeira e saiu para um corredor igualmente tomado de trevas. Atravessou-o e chegou a uma segunda porta. Quando abriu-a, teve a impressão de ver a silhueta de um matagal, numa noite sem lua. O frescor comprovou-lhe estar ao ar livre.

Antes de qualquer pensamento ou reação planejada, atendeu ao único impulso do momento: correr. Alucinado, voou por entre as árvores do bosque, ferindo-se ao raspar em galhos, trombando, tropeçando, caindo, levantando-se e continuando a correr. Por quanto tempo correu no desespero de fugir ao cativeiro, jamais chegou a saber. Em certo instante, atingiu uma espécie de clareira onde as árvores rareavam e a relva dominava. Na corrida, tropeçou em algum fio ou cordão estendido. Caiu de rosto no chão.

Quando se levantou para continuar, o nariz sangrava.

Uma lâmpada acendeu no alto de um poste. Luz violeta forte iluminou todas as partes brancas de sua roupa e de seu corpo — os dentes e os olhos. Naquela escuridão, a luz não tornou nenhum outro objeto visível na clareira, a não ser os troncos de algumas bétulas de casca branca. Mesmo assim, o ponto de luz afigurou-se como um copo d'água surgindo no deserto: não estava cego como pensara!

A temporária alegria foi interrompida. Forte zunido surgiu de todos os lados. O som ficou mais intenso. Imaginou-se no meio de uma nuvem de pernilongos. Talvez estivesse próximo de um brejo. Ia recomeçar a correr, mas foi violentamente atingido por uma agulhada na nuca. Depois outra. Começou a se debater. Em segundos, centenas de ferroadas invisíveis o alvejavam no pescoço, no rosto, nas mãos e nas demais partes do corpo descobertas.

— Socorro! As abelhas estão me picando! — gritou em vão, correndo pela clareira.

Sinistra gargalhada saiu do meio das árvores.

O infeliz caiu no relvado úmido e tapou os olhos com as mãos, debatendo-se em indescritível desespero. Minutos depois, quando os insetos começaram a abandoná-lo, principiou a sentir dores em partes internas do corpo, além dos locais ferroados. Um terrível mal-estar e súbito enfraquecimento dominaram-no. Ânsia de vômito, inchaços, suor intenso e tontura. Não conseguiu mais ficar em pé. A respiração foi se tornando difícil, a saliva engrossou e o mal-estar piorava aceleradamente. Finalmente desmaiou.

Os GRITOS DA INDIANA de sári colorido despertaram a atenção dos outros turistas da balsa no rio Hudson, levando-os de Manhattan para Liberty Island. Em minutos apreciariam de perto a Estátua da Liberdade. A guia da viagem, se esmerando para explicar como foi glorioso o momento da chegada das primeiras caravelas européias naquele rio, interrompeu o discurso.

Os turistas se aproximaram do gradil para ver a razão dos gritos da garota: a duas dúzias de metros da embarcação, um corpo boiava nas águas cinzentas, de costas para cima. Parecia um homem negro.

Menos de vinte minutos após, um barco da Guarda Costeira de New York içava o corpo perto da Ellis Island.

— Parece ter se afogado — disse um policial observando o terno cinzento do homem, enquanto ajeitava-o no barco.

— Coitado! — murmurou o outro.

Após procedimentos preliminares, o homem foi declarado morto no local e o cadáver seguiu para necropsia. A médica legista do Centro de Medicina Forense do Estado de New York, dias depois, informou ao investigador do caso:

— Morreu por afogamento.

— Como é possível saber?

— Havia água nos pulmões.

— Mas... não há nenhum sinal de golpe ou asfixia? — arriscou o policial.

— Há muitos sinais de espancamento — disse a legista, mostrando as fotos tiradas de várias partes do corpo. Estava repleto de manchas roxas e hematomas avermelhados, do diâmetro de uma cereja. — Além das manchas das pancadas, ele tem, no corpo inteiro, oitocentos e vinte e três destes hematomas, causados pela ferroada de um inseto que não consegui descobrir.

— Ferroada de abelha?

— Abelhas deixam o ferrão. Nas oitocentas e vinte e três picadas não há um ferrão.

— Mas então ele morreu pelas picadas, e não afogado.

— Não. Teve um choque anafilático; é uma reação alérgica violenta ao veneno injetado pelas picadas. Nesse estado ele caiu ou foi jogado na água. O choque anafilático pode produzir parada respiratória, mas ele ainda respirava, por isso a

água chegou aos pulmões. Provavelmente estava desmaiado, e se afogou.

— Você é capaz de dizer se ele se afogou no rio? Ou foi jogado lá depois de ter se afogado em outro local?

— No próprio rio Hudson, não muito longe de Manhattan.

— Como dá para saber isso?

— A água na foz do Hudson é salobra, cheia de algas e plâncton, assim como a dos pulmões dele. Algumas milhas rio acima é só água doce, as algas são diferentes e o plâncton é em quantidade muito menor.

— Sei... E você encontrou algo para nos ajudar a identificá-lo?

— Sim. — disse a médica estendendo-lhe um envelope grande — Aqui está o relatório completo e as coisas dele: um relógio, a carteira, documentos e um anel. É o Sr. Michel Hatusi, embaixador de Burkina Faso na ONU.

— O quê?! — era acostumado a encontrar pessoas de procedência comum, quase sempre vítimas de assaltos, estupros ou brigas entre quadrilhas rivais. Outras vezes, os afogados eram suicidas, bêbados ou drogados. Quando caíam na água, não tinham a coordenação necessária para nadar ou pedir ajuda. Nunca imaginaria encontrar um político estrangeiro. Não nessas condições. Isso obviamente viraria um incidente internacional.

— Provavelmente foi este o inseto que o picou — disse a médica retirando do envelope um saco plástico transparente, pequeno. Dentro, um inseto meio esmagado.

— Uma abelha?

— Uma vespa. Semi-digerida. Estava no estômago dele. Provavelmente foi atacado por um enxame delas e, ao tentar fugir, esta entrou na boca e ele a engoliu.

— É daqui da região?

— Esta espécie existe só na África. Uma das muitas existentes no Egito, segundo um amigo biólogo.

Bastante surpreso no princípio, o policial, habituado a ver os mais pavorosos e insanos crimes cometidos por motivos estranhos, em pouco tempo retomou o habitual temperamento calmo e um tanto indiferente aos horrores próprios do seu trabalho.

Por tratar-se de um crime envolvendo um estrangeiro e, mais ainda, um político, o escritório do Federal Bureau of Investigation — FBI, de New York, passou a conduzir as investigações. No mesmo dia, o apartamento do hotel na avenida Madison, em Manhattan, onde o embaixador estava hospedado, foi vasculhado pelos policiais. O quarto estava bagunçado, revirado, mas sem sinais de luta. Encontraram impressões digitais por toda parte. Como se faz nesses casos, as digitais encontradas foram comparadas com as de pessoas próximas: empregados do hotel e colegas da chancelaria de Burkina Faso apenas, pois parentes e amigos não havia nenhum com ele no país. As digitais do apartamento não combinavam com as de ninguém.

Os investigadores concluíram que o embaixador fora seqüestrado fora do hotel e os criminosos invadiram seu quarto depois, procurando alguma coisa.

A notícia da morte do embaixador se espalhou na comunidade internacional, especialmente entre os corpos diplomáticos, no pior momento possível. Fazia um mês que o embaixador do Egito fora assassinado em Bagdá, Iraque. O mundo todo viu com horror o vídeo veiculado inicialmente através da Internet, e depois pelas redes de TV, no qual a organização terrorista Al Qaeda reivindicava a autoria do seqüestro e da morte do embaixador egípcio, intitulando-o "o embaixador dos infiéis".

Além disso, outro fato viria agravar as cada vez mais putrefatas relações entre Oriente e Ocidente: o Irã, país arquiinimigo dos Estados Unidos, contrariando todas as recomendações, pedidos e ameaças da Casa Branca e do Conselho de Segurança da ONU, declarara ao mundo que em breve retomaria seu programa nuclear.

Logo o FBI anunciou tratar-se de algum tipo de doente mental motivado a matar o embaixador por circunstâncias próprias de alguma fixação mental patológica. Afinal, nada fora encontrado ligando o assassinato a outros e nem houve manifestações ou ameaças de cunho político, religioso ou outro qualquer. Segundo os peritos, os sinais deixados na própria vítima eram de tortura, próprios de criminosos sádicos, portadores de distúrbios mentais. O afamado *Bureau* não poderia lançar ao público a *verdadeira* hipótese que formularam sem ter mais evidências.

Os embaixadores, as chancelarias e os serviços de inteligência de vários países não ficaram mais tranqüilos com essas declarações; havia algo no ar não compreendido, a ponta de um *iceberg* não visto. Muito raramente um diplomata era assassinado fora de seu país por motivos não políticos. A morte do embaixador acontecera dias antes da reunião da Assembléia Geral das Nações Unidas, onde Burkina Faso sempre tinha posições firmes e definidas. Se o corpo do embaixador apareceu num lugar turístico na véspera da assembléia da ONU, um recado foi dado a alguém — pensavam os acompanhantes do caso — mas quem?

São Paulo. Brasil

Museu de Antropologia e Etnologia da USP

17 de outubro, 22h42, horário de Brasília

FALTAVA POUCO PARA TERMINAR. Na sala de antigüidades egípcias do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) da USP, Christian ajeitava em caixas de vidro alguns dos fragmentos de papiro no qual a equipe do Projeto Osíris estava empenhada em traduzir havia quase dois anos. Tinha reorganizado desde o fim da tarde as peças permanentes do acervo na sala, e mais as caixas de vidro, com rótulos, etiquetas e painéis explicando detalhes.

Também tinha arrumado diversas maquetes das fortalezas egípcias existentes no sul do Egito, o local enunciado na parte traduzida dos papiros, e publicado matérias a respeito no *website* do Museu, www.mae.usp.br.

Fora exigência do professor Manccini, coordenador do Projeto Osíris, à direção do MAE deixar Christian, meticoloso e perfeccionista, ajeitar com cuidado o precioso patrimônio. Afinal, era muito difícil e burocrático conseguir a autorização do governo egípcio para alguma relíquia histórica sair do Egito para estudo. Especialmente se o país tivesse quase nada de tradição em egiptologia, como o Brasil. Todo o cuidado era necessário.

Não teve aula naquela noite; o fim do último semestre era apenas uma sequência de provas.

Estava cansado e o sono começava a chegar. Subitamente sentiu estranho mal-estar, o ambiente do museu tornou-se pesado e opressor. Decidiu se apressar para ir embora. Fez os últimos acertos, assegurou-se de os papiros estarem protegidos em suas caixas de vidro por trás de vitrines trancadas com cadeados, admirou uma última vez as maquetes, e deu por encerrada a arrumação. A partir do dia seguinte, o público poderia ver aquele verdadeiro tesouro da história egípcia, sem suspeitar, nem levemente, como dois anos antes fora conseguido.

Ao sair do prédio, despediu-se de Severino, o segurança de rosto redondo e voz anasalada.

- Ricardo ainda está lá? — perguntou a Severino, apontando para a luz acesa do corredor dos fundos do Museu.

— Ele não foi embora não. Ele fica aí todo dia até essa hora aí.

— Vou falar "tchau" para ele — e se dirigiu ao corredor.

Christian apareceu na porta de uma sala repleta de pedaços de ossos. Um rapaz de óculos, com o rosto cheio de espinhas inflamadas estava curvado sobre o pedaço de um fêmur. Estudava o osso sentado a uma mesa cheia de papéis.

— E aí, Ricardo, não terminou? — Christian falou simpaticamente.

— Não... Ainda tem muito para catalogar. Não termino isto antes do fim do ano.

— Legal. Estou indo embora. Você vai à nossa apresentação amanhã sobre a tradução dos papiros?

— Claro! Quanto mais eu souber, mais fácil será o Dr. Manccini me aceitar na equipe!

— Bom, vou indo. Até amanhã!

Ricardo era estagiário do museu e se dedicava naquela noite a classificar e separar fósseis de ossos humanos encontrados no interior do estado de São Paulo. O MAE, assim como outros setores e laboratórios da universidade, dependia da mão-de-obra não remunerada de estagiários para sobreviver.

Christian caminhou tranquilo até o ponto de ônibus, a alguns metros do Museu. A

noite estava quente e silenciosa. Cupins hipnotizados pela luz enxameavam incautos em torno das lâmpadas, prenunciando tempestade. Nenhuma pessoa no ponto, nem veículos na estrada. O *campus* estava quase vazio. O "cri-cri" dos grilos na vegetação era a sinfonia de fundo.

Divagando enquanto esperava o ônibus, o rapaz não percebeu olhos curiosos do outro lado da estrada acompanharem-no atentamente. Uma criatura de baixa estatura escondia-se como um gato arisco entre os arbustos mal iluminados, aguardando pacientemente o momento para deixar o esconderijo.

O ônibus não tardou em passar, levando o cansado estudante. Após o veículo desaparecer na curva, a sombra deixou a moita, fazendo sinal com a mão. Logo surgiram a uns trinta metros dali outras duas pessoas. O trio se reuniu e, quais felinos furtivos, deslizou silencioso para os fundos iluminados do Museu.

VINTE E CINCO MINUTOS DEPOIS, Christian chegava exausto e faminto ao número 509 da rua Bahia, no aprazível bairro de Higienópolis, onde morava num espaçoso apartamento com a mãe e a irmã.

Um banho e dois sanduíches de alface com atum depois, jogou-se na cama. O apartamento era invadido por barulho da vizinhança. No edifício ao lado, uma família judia comemorava o *bar mitzvah* de um filho e cantava alegremente música judaica.

Retirou uma pequena caixa do guarda-roupa, destrancou o cadeado e tirou dali um pedaço de papiro e um frasco de vidro. O papiro era o presente dado por Anfion, com instruções de como desenvolver certos poderes psíquicos. Interessou-se tanto pelo texto do sábio, que praticou os rimais quase todos os dias. Entreteve-se observando o frasco contendo um líquido rosa-alaranjado brilhante, como se estivesse aceso.

— O fogo líquido de Osíris! — murmurou — Se alguém soubesse que ainda tenho isso... — e deu um leve sorriso, enquanto aproximava o frasco do nariz para olhá-lo de perto.

Repassou mentalmente o plano de voltarem ao Egito em breve. Dessa vez, as coisas seriam certamente muito diferentes. Não se tratava de escavar a mesma "tumba", nem de voltar aos túneis secretos, mas de descobrir os locais indicados nos papiros. Talvez — pensou meio melancólico, meio saudosista — voltando novamente a Maha-Ettel, talvez fosse bom rever aquele estranho lugar com pessoas tão diferentes e tão interessantes. Mas Anfion só lhes permitira entrar novamente se quisessem se tornar magos. Isso implicava em não saírem mais. Nunca se imaginou diante de uma possibilidade dessas! Quais razões levariam uma pessoa — hoje ou na Antigüidade — a desistir do mundo para viver daquela maneira tão estranha? Provavelmente nunca viria a saber.

Procurou na agenda telefônica um número e ligou meio afobado.

— Alô, *grandma*! Sim, sou eu, Christian! Está tudo bem com você? — disse sorridente para a avó, em inglês.

— Está, mas... É um pouco tarde... São três da manhã aqui — respondeu a velhinha com sotaque escocês. — Bom, como é você, então tudo bem!

E conversaram animadamente, contando novidades até ele chegar ao objetivo da ligação:

— *Grandma*, lembra-se de ter me dito uma vez que guardava diversos objetos de quando meu pai era criança, sua primeira carteira de notas escolares e outras coisas?

— Sim, filho, ainda as tenho.

— Que bom! Irei visitá-la aí em Stratford⁴¹ em dezembro, e gostaria de ver as coisas dele.

— Ótimo! Eu estava outro dia arrumando essas coisas e imagine o que encontrei: a mecha de cabelos dele, de quando ele cortou o cabelo pela primeira vez! Pensei ter perdido. Lembra de ter me pedido?

— Claro! — Christian arrepiou-se.

— Bem, você virá com sua mãe? Passarão o Natal comigo?

Christian teve alguns segundos de distanciamento. Quando sua avó contara para ele isso anos atrás, ele nem se importara. Mas agora se sentia desafiado. Uma mecha de cabelo! A possibilidade de sua maior frustração na vida ser em pouco tempo resolvida pareceu-lhe subitamente real. O frasco com o fogo líquido de Osíris atraiu seu olhar com a força de um canto de sereia. Um turbilhão de possibilidades se apresentou a ele; em alguns segundos pensou sobre como seria ter o pai novamente junto de si, quais coisas boas isso traria. E a quantidade de problemas imprevistos por alguém há quatorze anos desaparecido reaparecer mais jovem! Por que era tão complicado querer seu pai de volta, algo que tanta gente tinha direito?

— Alô! Christian! — a voz da avó despertou-o da viagem mental.

— Sim, *Grandma*, talvez passemos o Natal aí. Minha mãe ainda não se decidiu a ir. Mas ligarei ainda esta semana. *Grandma* pretende ir para o *cottage* no Natal?

— Não, não este ano.

Despediram-se e quando Christian se recuperou de seus pensamentos notou ter acabado a festa do *bar mitzvah* dos vizinhos. Começou a devanear sobre o sonho de ter o a figura paterna por perto, de poder contar com a orientação segura e sempre calma do pai, com sua fleuma elegante capaz de resolver qualquer problema sempre ponderada e gentilmente.

Trovões cada vez mais próximos prometiam chuva para dali a pouco.

O telefone tocou. Era Mirella.

— Estava tentando falar com você, mas só dava ocupado.

— É, eu estava conversando com minha avó. Vou passar o Natal lá com ela.

— Pode ir mudando seus planos, Lord Wardall... O professor Manccini acaba de conseguir a licença de escavação na região das fortalezas do sul! Não é maravilhoso?

— Que legal! Quando?

— Hoje! Ele recebeu um *e-mail* do governo do Sudão e depois eles confirmaram por telefone. Nosso "querido" patrocinador também estará na palestra amanhã. Na verdade, acho ótimo, pois ao invés de darmos desculpas e pedirmos mais prazo, pediremos aumento do patrocínio - ela riu divertida — Estou tentando chamar o Fernando, mas o telefone dele não atende.

— Não tenho o telefone, mas ele sabe da reunião.

— Espero. Bom, temos de convencer a Dhraxon a nos fornecer uns duzentos e setenta mil reais a mais para mapearmos o solo da região, fazer seus testes e pagar nossas bolsas.

— Vou usar toda minha oratória para isso. Prometo.

— E o Márcio? Seria importante ele estar lá para defender a idéia do mapeamento.

— Só na próxima semana. Ainda está em São José dos Campos.

— Então até amanhã. Tchau.

— Até! Tchau.

A situação do Projeto Osíris estava consideravelmente melhor após esses quase dois anos de trabalho da equipe. O sucesso e o mistério das atividades havidas no Cairo chamaram a atenção de muita gente para o projeto e, conseqüentemente, para a Dhraxon, deixando a diretoria da companhia satisfeita.

Quem poderia atacar uma empresa de mineração que, ao patrocinar a pesquisa arqueológica, possibilitou a descoberta de papiros antigos e de uma tumba até então desconhecida? A imagem da empresa estava envolvida da maneira mais positiva possível e os diretores estavam apreciando isso.

A crítica de certos cientistas norte-americanos à pesquisa, acusando de "impossível haver DNA em tecidos vegetais com mais de mil anos" ultrapassou o meio acadêmico, chegando a figurar em revistas, *sites* e jornais populares. Mas a alegria da equipe do professor Manccini e dos patrocinadores atingiu o auge quando, semanas após alguns fragmentos serem enviados para exame na Harvard University, os pesquisadores anunciaram haver de fato DNA nos tecidos, eliminando a possibilidade de fraude, silenciando os egiptólogos mais descrentes. A análise microscópica das fibras do papiro e da forma como ele foi preparado revelou "significativa diferença dos papiros preparados atualmente e grande semelhança com as características observadas nos papiros da Antigüidade."

Diante da superação das expectativas dos mais otimistas planos de *marketing*, a diretoria da filial brasileira da Dhraxon determinou a continuidade do patrocínio. E havendo a perspectiva de novas descobertas importantes, deveria o departamento de

marketing financiar o necessário e dar outras formas de apoio pedida os pesquisadores precisassem.

O professor Manccini também recebera ofertas de patrocínio de outros grupos econômicos, interessados em ver seus nomes atrelados à história e à egiptologia, para serem mais vistos.

Uma empresa de cartografia e topografia também passou a patrocinar parte da pesquisa. Tinha interesse no uso comercial de um *software* projetado por Márcio. O patrocínio foi grande o bastante para se firmar um convênio entre o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais — INPE, e a Escola Politécnica da USP, onde Márcio estudava, para o desenvolvimento desse *software*. Os pesquisadores de ambas as instituições tinham Márcio e seu professor orientador como gestores do convênio.

Agora, oito meses depois, o *software* estava desenvolvido e funcionando. Márcio fora ao INPE, na cidade de São José dos Campos, fazer os últimos acertos para o patenteamento do invento e trazer para a Fundação Arclios uma cópia, a ser usada na próxima temporada de escavações na fronteira do Egito com Sudão.

Christian, após o sucesso da reconstituição dos papiros através do DNA dos fragmentos, decidira elaborar uma tese de graduação em outra área. Afinal, o teste de DNA já era bem conhecido e praticado no mundo todo, não sendo novidade usá-lo como método de identificar parentesco entre tecidos animais ou vegetais. Na arqueologia era menos interessante ainda, pois o DNA desaparece após alguns séculos e só é capaz de se preservar por esse curto período se seu meio for úmido e frio. Na arqueologia egípcia, portanto, raras vezes seria útil.

Na reunião do dia seguinte apresentaria seu novo projeto ao patrocinador, fruto de sua própria análise e esforço. Caso desse certo, teria uma magnífica pesquisa publicada em seu último ano do curso de biologia. Isso facilitaria muito o início de sua carreira de pesquisador.

Christian pensava nisso e na trajetória inesperada da vida toda vez que se tenta controlar e impor um ritmo muito programado às coisas. Quem poderia imaginar o despretenso estágio com coleta de DNA adquirindo tais dimensões? Quem desconfiaria ser uma busca inconseqüente como a deles, após o sumiço do professor, capaz de levá-los a experiências tão fantásticas e inesperadas?

Era quase uma da manhã. Começara a chover e sua escrivanhinha encostada à janela estava respingada. Fechou a janela e foi dormir, dividindo a atenção entre as possibilidades da futura pesquisa e... de usar a mecha de cabelos do pai como só ele poderia.

Violento trovão avisou da chegada da tempestade, prometendo enchente nos bairros pobres das planícies do rio Tietê.

São Paulo. Brasil
Cruzamento da Av. Dr. Arnaldo Sampaio
18 de outubro, 00h48, hora de Brasília

Os RESPINGOS DE CHUVA que chamaram a atenção de Christian fizeram outra pessoa olhar para o céu com apreensão. Trovões e relâmpagos ocasionais não deixavam ninguém se esquecer da chegada breve de tempestade. Um rapaz de vinte e sete anos era o único no ponto de ônibus da avenida Dr. Arnaldo, em frente ao começo da rua Teodoro Sampaio. Estava com um *iPod*, ouvindo em alto volume uma música dos *The Cure*. Vestido inteiramente de negro, inclusive com uma capa, não era difícil deduzir tratar-se de um "gótico". *Piercings* e brincos em quantidade confirmavam sua tribo.

Quando se certificou de não haver ninguém em seu raio de visão, nenhum carro ou ônibus parado nas proximidades, desligou o aparelho de som e guardou-o no bolso. Afastou-se cauteloso para trás dos bancos do ponto de ônibus e, com habilidade, pulou a cerca de ferro do Cemitério do Araçá.

— *Carpe noctem!* — murmurou sorrindo.

Avançou pela via principal paralela ao muro, a Avenida 1, olhando atentamente os túmulos suntuosos. Após umas dezenas de metros, localizou uma placa amarela no chão. Abriu o telefone celular na direção da placa; a luz azulada permitiu ver escrito "R 13".

— Rua 13. É por aqui — entrou nela à direita e seguiu procurando nova placa.

Mais uns metros e ficou em dúvida. Estava muito escuro e era difícil localizar o endereço do túmulo. Andou e andou. As ruas não tinham traçado quadriculado. Logo percebeu estar perdido. A folhagem dos gigantescos eucaliptos e pinheiros não parava de se mover um instante com o vento forte. Gotas grossas e esparsas da chuva aumentavam quando o telefone tocou. Atendeu rápido, sussurrando:

— Aí, cara, onde é esse lugar? Me perdi.

— Onde você está? — quis saber a voz do telefone.

— Parece rua 13, não dá pra ver.

— Ela disse *túmulo* 13 na quadra 72. Procure a placa "Q 72" — e após breve pausa, a voz prosseguiu — Você tem coragem mesmo, cara, de "transar" em cima de um túmulo?

— Se ela mesma me convidou... Por que não?

— E depois? Vão ficar a noite toda aí?

— Não, está começando a chover. E tem a palestra amanhã cedo.

— Vá em frente, amanhã você me conta como foi. Falou!

- Até.

Após desligar, o rapaz teve a impressão de ouvir passos atrás de si e ficou atento.

Se fosse o segurança do cemitério, as coisas se complicariam, pois ele seria preso e passaria a noite na delegacia de polícia. Seu pai o humilharia pelos próximos seis anos por ter de ir buscá-lo.

A impressão de haver alguém perto não se repetiu. Foi só o barulho do vento.

Recomeçou a procurar nas ruas tortas e nada geométricas do campo santo uma placa orientadora. Ouviu uma segunda vez passos rápidos pararem de repente. Não era o vento. Nem o segurança. Este andava com uma lanterna. Poderia ser um assaltante, ou talvez um *skin-head* procurando um gótico para brigar. O receio começou a crescer no rapaz. As gotas de chuva se tornaram mais freqüentes e ele apressou-se.

Notando os passos se aproximarem, o medo aumentou e ele saiu correndo pela estreita rua 13, fazendo o maior esforço para não trombar nas sólidas sepulturas. Os passos também começaram a correr atrás dele. De repente lembrou-se: parou de tomar seus remédios havia duas semanas, sem a família e o psiquiatra saberem. As pessoas que o perseguiam em todos os lugares, explicou-lhe o médico, eram criações de sua mente, efeito não eliminado pelo remédio. Maldita esquizofrenia! *Era isso — pensou — aquela pessoa não era real. Que hora para se ter uma alucinação!*

Chegou ao fim da rua 13, onde outras ruelas estreitas se encontravam, formando uma pequena praça. A chuva ficara forte e os relâmpagos freqüentes eram a única ajuda para enxergar mais longe. Ouviu os passos novamente, dessa vez mais próximos. Alucinação ou não, aquilo estava sendo apavorante.

Correu para a rua mais larga. Mas, pela distração causada pelo medo e pela escuridão, não percebeu uma caçamba coletora de lixo no centro da praça e trombou violentamente nela. Atordoadado e amedrontado pelo barulho ter indicado sua localização, correu para a esquerda até chegar numa rua maior. Depois virou à esquerda novamente, por uma rua longa que descia para uma parte com grandes e ruidosos eucaliptos. Os passos do perseguidor vinham atrás. Ele apenas percebeu um vulto.

Ao fim da rua, pequena escadaria descia. Teria despencado por ela se não a percebesse no último segundo. Desceu correndo. As placas molhadas se tornaram impossíveis de ler. Estava completamente perdido no labirinto de monumentos mortuários. Virou à esquerda, por uma rua larga e, em seguida, procurando um esconderijo, virou à direita por uma calçada bem estreita que descia. Quase trombou num tronco de eucalipto e virou à esquerda de novo. Viu um grande túmulo, em frente a um frondoso ipê, parecendo uma pequena igreja românica, verdadeiro mausoléu, com o portão de grade de ferro e vidro abrindo e fechando devido ao vento. O túmulo era grande e o gótico pôde ler, com dificuldade, as letras em relevo na fachada:

FAMÍLIA
JOSE DE ANDRADE MANTOVANI

Sem pensar duas vezes, entrou no mausoléu e fechou o portão gradeado. A enxurrada descia pela ruela de concreto.

Lembrou-se de uns truques ensinados pelo médico para reconhecer uma alucinação: ao desconfiar de alguém perseguindo-o, devia observar como as outras pessoas reagiam a esse perseguidor; se olhavam para ele, se se afastavam para ele passar, enfim, se reagiam à sua presença. Se esse alguém estivesse sozinho, deveria observar se o ambiente sofria alteração com a sua presença: se a pessoa fosse imaginária, ao sentar num sofá, por exemplo, o assento não se deformaria, nem voltaria ao normal quando ela se levantasse.

Decidiu fazer o teste; ficaria espiando até o vulto surgir, então observaria a água escorrendo no chão: se a enxurrada mudasse de curso ao encontrar seus sapatos, a pessoa era real; mas se escorresse normalmente, era alucinação. Como estava quebrado o vidro opaco atrás da grade de ferro do portão, podia espiar sem ser visto. Deitou-se no chão, fechou as duas folhas do portãozinho e nivelou o rosto ao buraco.

Segundos depois, o vulto, vestido com uma capa de chuva, parou a três metros da entrada do túmulo. Estranhamente, ele descera a calçada, ao contrário do gótico, vindo por baixo.

O rapaz esperou em silêncio por alguns segundos até um relâmpago iluminar tudo. Nunca desejou tanto ter uma alucinação como nessa noite. Afinal, seres imaginários são bem menos perigosos que os vivos.

Quando o clarão do relâmpago surgiu, observou com toda atenção: a enxurrada descendo a ladeira contornava as botas do vulto e se espalhava em volta. Um pequeno galho sem folhas caído na rua se afastou com a água desviada e, sendo arrastado por ela, beirou os túmulos, até parar perto da grade onde o gótico estava.

Apavorado, afastou-se do portão. Atrás dele, uma escadinha descia, onde estavam as gavetas com os caixões da abastada família. Desceu cauteloso, tentando não fazer barulho. Como a escuridão era total, abriu o celular para iluminar o chão. O corredor era mais longo que o normal. Caminhou com dificuldade, pois havia poças d'água, nuvens de pernilongos revoando à sua passagem e raízes de árvores descendo do teto. Logo depois ouviu o barulho do portão metálico sendo aberto. Desesperado, correu pelo corredor úmido, sem a menor noção de aonde ia e como poderia um túmulo ser tão grande assim.

Os passos do perseguidor vinham logo atrás.

O rapaz, no limite do pavor, fechando e abrindo o celular para a luz se manter acesa, prosseguiu correndo e chorando. O túnel descia por dezenas de metros, depois

começou a subir. Ele o percorreu até notar no fim do trajeto uma abertura quadrada, por onde se via fraca luz. Onde daria aquele corredor? Num outro túmulo da mesma família? Cruzou a distância que faltava, agachou-se e saiu pela abertura.

Mal ficou de pé numa sala, e mãos fortes agarraram-no. Um pano rapidamente foi amarrado à sua cabeça, tapando-lhe a boca. Em um minuto estava completamente nu e imobilizado por cordas, deitado num tapete empoeirado. Três homens vestidos de preto observavam-no com indiferença, sem nada dizer, enquanto ele tentava gritar e se soltar. Somente um som surdo atravessava a mordança. Os olhos desmesuradamente abertos exploravam o ambiente incompreensível.

Parecia uma sala de estar abandonada, a julgar pelos sofás e poltronas rasgados e tapetes com bordas desfiadas. Somente uma arandela empoeirada na parede estava acesa. O resto da iluminação vinha da rua pelas janelas cobertas com cortinas manchadas. Fora seqüestrado, pensou. Quanto tempo ficaria no cativeiro, aguardando sua família pagar o resgate ou a polícia descobrir o local? Todos os casos de seqüestro vistos por ele em documentários policiais vinham-lhe à mente, aumentando seu pavor.

Um homem revistou sua mochila e se apropriou de um envelope grande, recheado de papéis. Seu celular foi jogado no chão.

Um minuto depois o perseguidor saiu do mesmo local de onde o gótico saíra: a lareira da sala.

Os demais observaram-no atentos. Trocaram frases curtas em idioma incompreensível para o gótico. Puseram-no sobre uma velha mesa de colonial de cerejeira.

O pavor, os batimentos cardíacos acelerados e a respiração ofegante estavam prestes a lhe causar um ataque cardíaco.

Nos cantos da sala acenderam fogo em vasos de cerâmica e começaram a pôr ervas aromáticas por cima. O perseguidor, parecendo o líder, desfez-se da capa de chuva e tirou de dentro do casaco um grosso galho seco de árvore de uns quarenta e cinco centímetros. Começou a cantar ritmadamente, elevando e abaixando a voz, enquanto os outros três faziam coro com ele. Os quatro se deram as mãos em torno da mesa e, concentrando-se, repetiram algumas palavras várias vezes. O líder molhou a ponta do bastão numa tigela com líquido amarelo luminoso e, afastando o pesado tapete persa, desenhou no chão de *parquet* uma circunferência de uns quatro metros de diâmetro em torno de si, e gritou:

— Siamun! Siamun! Siamun!

Por fora da circunferência luminosa, nuvens negras subiram do chão, formando compacta névoa. Dela saíram ruídos estranhos, risadas, gritos, gargalhadas sinistras, gemidos, apelos e até uivos prolongados. Entre as nuvens escuras foi possível ver com dificuldade cabeleiras desgrenhadas, corpos deformados, roupas em farrapos, e

rostos desfigurados. O chão pisado por esses espectros se tornou uma lama com cheiro de esgoto. A horripilante multidão estendia as mãos para dentro da circunferência, tentando agarrar o bruxo, sem conseguir atravessar alguma cerca invisível.

Indiferente, o feiticeiro apertou os olhos, percorrendo a malta assustadora na procura de alguém. Ao encontrar, rodopiou o cajado acima da cabeça e da ponta desprendeuse um cordão alaranjado luminoso, lançado como um chicote sob absoluto domínio para a criatura escolhida. Esta pulou e agarrou com determinação a corda. Imediatamente os demais tentaram se apossar dela, mas ao tocarem o corpo dele, pulavam para trás gritando, como se eletrocutados.

O líder, com a outra mão, fez gestos e pronunciou algumas palavras. Ouviu-se o som do vento forte e de galhos quebrando. A multidão escura começou a gritar em desespero. A tempestade parecia agora estar dentro da sala. A multidão sombria foi ficando transparente, o barulho distante e o cheiro de esgoto sumindo. Em segundos, as vozes, o cheiro horrível e as criaturas tinham desaparecido. O barulho da tempestade voltou a estar só do lado de fora da casa. A circunferência e o chicote incandescentes começaram a perder brilho até desaparecerem.

O vulto escolhido foi o único a permanecer com os vivos. Obscuro como carvão, tinha olhos brilhantes como se acesos. Caminhou até à mesa, observando com avidez o rapaz amarrado.

De uma caixa de madeira sobre o sofá, o chefe dos bruxos tirou uma grande faca e fez gestos rituais com ela. Outro homem esfregou o rosto do gótico com essências e resinas de cheiro adocicado.

A essa altura, o rapaz estava em estado de choque. Não raciocinava mais. Não gritava nem se debatia, limitando-se a observar, paralisado pelo medo.

Os outros continuavam entoando cânticos à meia-voz e alimentando os braseiros com ervas, enchendo de espessa fumaça a sala fechada.

Lá fora, a tempestade se abatia forte sobre a cidade. Nenhum grito ou cântico saído daquela sala seria ouvido na madrugada.

O líder passou longitudinalmente as mãos alguns centímetros acima do corpo do garoto. Outros gestos com o bastão, cânticos e frases ritmadas. Finalmente pegou a faca e, com precisão, cortou um lado do pescoço do rapaz, fazendo o sangue escorrer em quantidade. Um dos três estava agachado ao lado, com um vaso metálico nas mãos. Recolheu todo o sangue escorrido e pôs o vaso na mesa. Adicionou um líquido transparente para impedir a coagulação.

O gótico quase nada sentia. Estava semi-anestesiado. Nem reagiu. Durante dois segundos, viveu em retrospectiva toda sua vida. Relembrou cenas da universidade, da família, festas, amizades, a aprovação no vestibular da Fuvest, momentos especiais da adolescência, as brincadeiras e amigos da escola primária, bolos de

aniversário em festas de criança, e muitas outras, sucedendo-se como num filme passado do fim para o começo, até chegar à primeira infância. Emocionado, voltou ao presente, sem mais tentar lutar contra seu destino. Começou a se sentir tonto e alheio a tudo, até sua visão escurecer e perder a consciência. O rosto branco tornou-se ainda mais pálido. Dos cantos dos olhos, filetes de lágrimas desciam, imperceptíveis na penumbra da sala.

O homem auscultou o coração do jovem. Quando não ouviu mais os batimentos, olhou para o líder e disse, em idioma egípcio antigo:

— Mais uma hora e o *ba* pode ser retirado.

Passado o tempo indicado, o bruxo-chefe começou a fazer gestos sobre o vaso com sangue. Da massa líquida começou a se desprender um vapor rosado. Agarrou-o com dificuldade, pois fugia dos dedos. Enquanto isso, o corpo hirto do gótico perdia temperatura e ganhava palidez, assumindo o aspecto gélido de cadáver. Instantes depois o feiticeiro chefe aproximou-se e colou um esparadrapo no ferimento do pescoço para evitar o recomeço do sangramento. Os três auxiliares desataram as cordas.

Quando conseguiu controlar o vapor rosado indócil, esticou-o alguns palmos acima do corpo e soltou-o deixando-o flutuar. Fez outros gestos sobre a nuvem, sem tocá-la. Ato contínuo, gesticulou sobre o umbigo do rapaz, como se torcesse alguma coisa, e finalmente, ligou essa coisa à nuvem rosada. O umbigo do cadáver sugou-a como um ralo suga a água. O vapor fugidio foi sendo absorvido pela região abdominal até não sobrar nada.

O vulto escuro observava tudo atentamente. Tão logo a massa vaporosa começou a ser absorvida pelo corpo, pulou sobre ele e agarrou-o com energia.

O bruxo fez um sinal e os demais pararam de alimentar os fogareiros. Aproximaram-se para observar. Um deles removeu a mordaça e soprou com força na boca do cadáver algumas vezes.

O espectro, agarrado fortemente ao corpo, mantinha a mão esquerda sobre a cabeça do cadáver, e mordia-lhe a garganta, como um vampiro. Começou a ficar transparente até sumir.

Todos amarraram o olhar ao defunto de olhos entreabertos. Quase quinze minutos se passaram em silenciosa expectativa. Subitamente, recomeçou a respirar e tossir, deixando os cirurgiões satânicos satisfeitos. A cor foi voltando ao rosto e o ex-cadáver levou quase duas horas para retomar o aspecto de vivo.

Finalmente, o corpo que desprezou a morte e voltou à vida sentou-se na mesa, atordoado. Perpassou o olhar pelo ambiente, com estranheza, piscando devagar muitas vezes, como quem testa a visão. Ao fim, falou em egípcio antigo, com voz fraca:

— Até que enfim, Neshi! Por que demoraram tanto?

O líder respondeu com calma:

— Porque não é fácil. Não conhecemos este país. Não deu para preparar tudo tão rápido como você gostaria. Beba isto logo — Neshi estendeu-lhe a vasilha com o sangue.

— *Gostaria?! —* ele repetiu com desdém pegando a vasilha e levando-a aos lábios cianosados - Não te pedi nenhum luxo! Você não imagina os horrores pelos quais passei enquanto esperava. Ai! Que tontura! — levou a mão à cabeça.

— Agora está resolvido. O importante é você saber preservar a saúde. Venha, precisa comer imediatamente para o mal-estar passar logo, ou não ficará de pé.

Com dificuldade, o gótico desceu da mesa e, ajudado pelos outros, foi sentar-se numa poltrona, onde foi-lhe servido uma bandeja com ovos cozidos, frango, pães, leite e frutas. Comeu com voracidade e sentiu-se imediatamente melhor. Vestiu as roupas pretas com as quais chegara.

O chefe se dirigiu a ele em tom severo.

— Preste atenção, Siamun. Seu corpo é fraco e você deve fazer tudo para preservá-lo. Você tem de comer no mínimo quatro vezes por dia uma refeição como esta, com muita carne, ovos, frutas e leite, ou seu corpo enfraquecerá em poucos dias. *jámais* fique sem comer por mais de quatro horas. Bebidas alcoólicas, gorduras e muito doce nem pensar. Água o dia inteiro; no mínimo três ânforas. Se você não seguir essa dieta, o fio prateado pode se quebrar e todo o nosso trabalho estará perdido.

— E onde conseguirei toda essa comida? Vou demorar para recuperar meu aprendizado e me prover sozinho.

— Seni te levará a pequena cidade à beira-mar. É um lugar isolado e ninguém suspeitará. Lá ele irá instruí-lo sobre sua vida e como viver neste país enquanto você treina. Preciso ir. Ah! Outro detalhe: seu cérebro tem um problema. Seni irá curá-lo disso. Antes de receber autorização, não saia sozinho! Todos nos veremos na hora certa.

— E qual é meu trabalho?

— Conseguir do profetizado para nós a localização da Arca. Se fracassar ou desistir, nosso pacto está finalizado e você volta aos pântanos pestilentos do Amenti onde estava.

— Oh! Nem pensar! — ele fez um gesto de repulsa. — O profetizado está vivo? Seneb não o matou na grande batalha?

— Você está mesmo desinformado... Seneb foi morto pelo próprio veneno: tocou no fogo negro da morte. Anfion triunfou, saindo da batalha vitorioso e brilhante como um deus. A maior parte de nossos irmãos foi morta ou banida para lugares diversos, com total perda da memória.

— Não me diga!

— Ele tinha um cajado de sete nós, Siamun! Ainda não conheci mago mais poderoso.

Por isso não entraremos mais em confronto direto. Siga as orientações de Seni. Preparei isto para te ajudar — Neshi estendeu uma corrente com pingente de brilhante pedra negra.

— Qual o encantamento da pedra?

- Aumenta o fluxo do fogo serpentino na pessoa com quem você tiver relação física. O escolhido será tomado de insana paixão. Por isso, escolha bem em quem você projetará o influxo. Seni irá te explicar a razão dessa tática. Agora estude sua nova vida para não cometer muitas gafes.

Neshi vestiu uma capa de chuva, pegou sacolas vazias, o envelope retirado da mochila e saiu pela porta dos fundos.

A chuva se jogava furiosa sobre a gigantesca cidade. Era madrugada e Neshi deixou, sem levantar suspeitas, a mansão construída nos anos 1970 no bairro do Pacaembu, na esquina da rua Cardoso de Almeida com a rua Veríssimo Glória. Na fachada, uma placa escrito "VENDE" e o telefone da imobiliária.

Tanto vizinhos como transeuntes jamais seriam capazes de suspeitar da satânica operação.

Longo e enovelado pavio de poderosa bomba acabava de ser aceso com sucesso, sem ninguém perceber.

São Paulo. Brasil
Cidade Universitária
Auditório do Departamento de História
18 de outubro, 08h12, hora de Brasília

ESTAVAM TODOS IMPACIENTES. O auditório lotado de alunos de graduação e pós-graduação de História, Ciências Sociais, Geografia, Ciências Biológicas e outros cursos, professores, jornalistas e pesquisadores. Aguardavam do professor Caio Manccini a explicação oficial sobre o conteúdo dos papiros traduzidos pelo Projeto Osíris. A comunidade científica prendia a respiração para saber da grande descoberta, pois os comentários antecipados deram fama à equipe de Manccini e seu trabalho.

Manccini posicionou-se. Quando fez-se silêncio, agradeceu a presença de todos, inclusive de um diretor da principal empresa patrocinadora, a Dhraxon Miner.

— Senhoras e senhores! Apresentaremos nosso trabalho na seguinte sequência: a equipe de pesquisa do Projeto Osíris, depois nossos métodos de pesquisa, os resultados e, no fim, a discussão.

Ato contínuo, Manccini contou resumida história do Projeto Osíris, como a pesquisa começou, como foram encontrados os papiros na "tumba" que descobriram em Gizé e o currículo de cada membro do projeto.

— A Srta. Mirella Cardelini, aluna de graduação em História, irá apresentar os métodos usados por nós para reconstituir e traduzir os fragmentos de papiro.

Mirella suava de nervosismo; teria a honra de apresentar ao mundo aquelas legítimas relíquias antigas, vistas e traduzidas pela primeira vez após mais de dois mil anos.

— Bom dia a todos! Foram trazidos para o Departamento de História, há dois anos, pelo Dr. Caio Manccini, precisamente 1148 pedaços de papiro em variados tamanhos e estados de conservação, como vocês podem ver. Havia desde pedaços quase perfeitos, com frases inteiras legíveis, até migalhas de menos de meio centímetro, sendo impossível identificar uma única letra. Nosso trabalho foi catalogar todos eles, dando a cada qual um número e fotografando-o. Depois cada pedaço seguiu para o exame de DNA. De volta, examinamos as micro-rachaduras da tinta e cerdas dos pincéis presas à tinta. Com as fotografias ampliadas várias vezes, pudemos examinar o padrão da escrita e descobrir quantas pessoas escreveram e se foram mulheres ou homens. Além do teste de DNA, os fragmentos foram analisados microscopicamente para sabermos se o entrelaçamento das fibras do colmo do papiro seguiam um único padrão ou vários. De posse de todos esses dados, alimentamos o *software* Édipo, para tentar todas as combinações possíveis.

— A cada um dos 1148 pedaços foi dado um número. A esse número foi associada uma foto do fragmento, tipo de tinta, padrão de escrita, sequência do DNA, cerdas do pincel e textura microscópica das fibras. Todos esses dados foram lançados no banco de dados do Édipo. O *software* agrupou os pedaços por semelhança na seguinte ordem: 1. pedaços com mesmo padrão de escrita; 2.º) pedaços com mesmo padrão de micro-rachaduras da tinta. 3.º) pedaços com mesmo tipo de pincel; 4.º) pedaços que formam palavras egípcias; 5.º) por último, pedaços com mesmo DNA.

— Qual a lógica dessa ordem de importância? — interrompeu um historiador do Museu Nacional do Rio de Janeiro.

— Foi assim: uma pessoa pode usar pedaços de papiro de diferentes procedências, mudar de pincel e de tinta, mas seu estilo de escrita não muda. Nós não começamos a escrever uma carta com letra inclinada para a direita e terminamos com inclinação para a esquerda, certo? Esse foi, então, o primeiro aspecto a apurar. O segundo foi a tinta. Podemos encontrar mais de um tipo de tinta, pois a escrita pode ter sido feita não num só dia, mas em semanas, meses ou anos. Os egípcios preparavam a tinta na hora de usar. O terceiro parâmetro foi a análise de cerdas do pincel presas à tinta. Essa análise se revelou inútil; a maioria dos fragmentos não tinha cerdas e, por isso, não serviu para agrupar pedaços. Mesmo porque os egípcios usavam mais de um pincel ao mesmo tempo. O quarto parâmetro foi o vocabulário: dentro do grupo com a mesma tinta e estilo, foram agrupados os fragmentos que formavam palavras egípcias. E, finalmente, nos com palavras de mesma tinta e mesmo estilo foram juntados os de mesmo DNA, isto é, os escritos na mesma haste de um vegetal.

— E a análise da microtextura das fibras? — quis saber um pesquisador do Instituto Biológico.

— Esse parâmetro também foi abandonado. As diferenças são grandes demais. Às vezes um único fragmento tem mais de uma textura. Se foi estrangulado, amassado, pisoteado, tudo pode alterar a posição das fibras. Christian estudou mais detalhadamente essa parte, talvez possa explicar melhor — disse ela olhando convidativamente para ele.

— Foi isso mesmo — completou Christian — Mas as variações havidas quando a planta estava viva interferem mais. De acordo com a insolação, água e nutrientes no solo, os colmos do papiro, como todas as plantas, têm diferentes velocidades de crescimento. Um colmo pode crescer rápido enquanto está sombreado, e depois desacelerar ao receber forte insolação. Como essa variação é grande demais na mesma planta, não serviu para formar grupos.

— Mesmo com todos esses critérios de agrupamento — recomeçou Mirella — houve uma série de combinações absurdas, sem formar frase alguma, mesmo tendo o Édipo em seu banco de dados os vocabulários egípcio, fenício e sumério, todos muito falados na época na região do Crescente Fértil. Tivemos de reorganizar algumas centenas de palavras e frases pessoalmente. Esse trabalho, na verdade, mal começou, pouco mais de 30% dos quatro papiros formados foram traduzidos.

Uma professora de arqueologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul ergueu a mão:

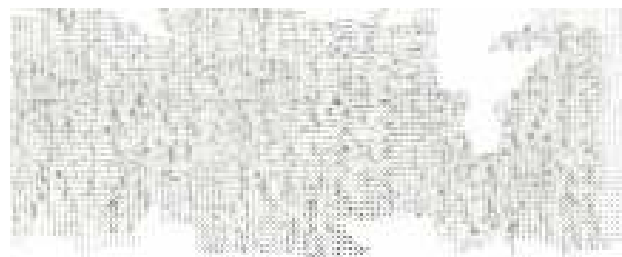
— Vocês determinaram a idade dos fragmentos por qual método?

— Radiocarbono.

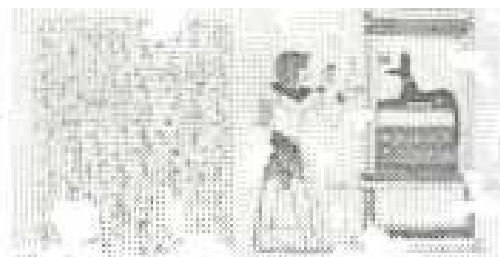
— O radiocarbono, ou carbono 14, tem sido questionado devido aos problemas da contaminação das amostras e das alterações atmosféricas à época em que o tecido ainda era parte de um ser vivo. Se, por exemplo, um vulcão entrou em erupção no Mediterrâneo, o Egito recebeu quantidades imensas de carbono 12, inclusive os papiros da beira do Nilo. Nesse caso os tecidos apresentarão um baixo teor de carbono 14, parecendo serem bem mais antigos. Um caso muito famoso é o do Sudário de Turim. Vocês já viram quantos resultados diferentes se obteve? Ninguém sabe se o carbono encontrado no pedaço do Sudário é do tecido, das bactérias e fungos mortos que se depositaram ao longo dos séculos ou de fumaça oriunda de um incêndio.

— Nós sabemos disso, professora. Chegarei a esse ponto — disse Mirella de modo cortante, indicando que começara a ficar impaciente. Irritava-se com o hábito de certos acadêmicos de fazer longo discurso para só depois perguntar, e ainda assim de modo pouco claro.

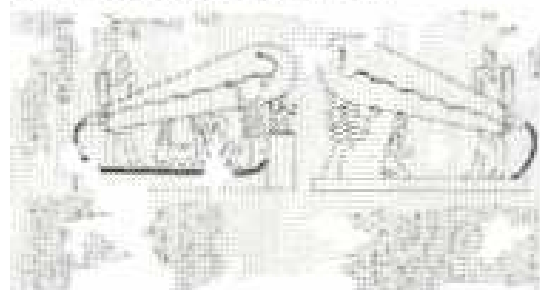
a - Texto a Ranseneb b - Pó Branco a Anúbis



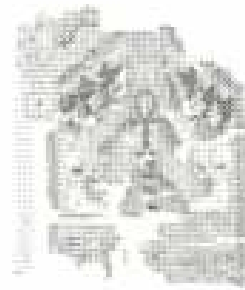
c - Lâmpadas de Denderah



d - Babuínos e Ra



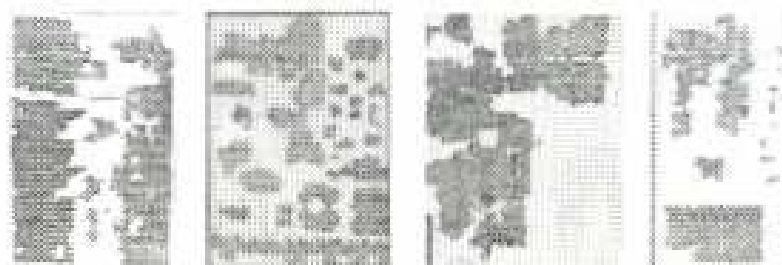
2 - BASTET E A SERPENTE



3 - FUGA DOS HABIRU



4 - "PAPIRO" (FRAGMENTOS NÃO JUNTADOS)



— Aqui está o resultado desses dois últimos anos de reconstrução — Mirella acionou o *lap top* sobre a mesa. O projetor no teto da sala jogou no telão uma fotografia dos papiros reconstruídos, junto com fragmentos ainda não estudados.

— Das partes já traduzidas conseguimos perceber que o primeiro papiro é uma correspondência secreta enviada por um sacerdote do sul para alguém na corte do faraó Senusret III, sobre problemas acontecidos naquela região. Essa parte será explicada pelo Dr. Manccini, coordenador do projeto e quem mais dedicou tempo à interpretação e pesquisa dessa época. O documento se refere a fatos históricos conhecidos e, por isso, não tivemos grandes dúvidas quanto à época de origem dos fragmentos: Senusret III reinou de 1877 a 1843 a.C. Mesmo sabendo a época, enviamos seis pedaços para serem analisados em dois lugares: o laboratório de Radiocarbono do Centro de Energia Nuclear na Agricultura da USP, em Piracicaba, e o Centro para Pesquisas com Isótopos da Universidade de Groningen, na Holanda. Três pedaços para cada um. Os resultados foram, respectivamente, 1840 a.C. e 1890 a.C., datas muito próximas da época de Senusret. Os testes provavelmente estão certos, pois três estão dentro do reinado dele, e os outros três treze anos antes. Como a margem de erro do carbono 14 é de duzentos anos para mais ou para menos da data encontrada, não tivemos mais dúvidas.

Ela parou para observar a impressão causada por seu discurso e rematou:

— Os outros três papiros eram diferentes do primeiro em quase tudo. Foram escritos por outra pessoa com outra tinta e com DNA diferente. A datação indicou para esses outros pedaços o ano 1270 a.C., reinado de Ramsés II. Com essa concordância entre os resultados da datação e os fatos mencionados, consideramos encerrada a questão das datas dos fragmentos e passamos à análise do teor dos documentos. Se não houver mais perguntas ou comentários sobre os métodos, passarei a palavra ao Dr. Manccini.

Como ninguém mais se manifestou (todos notaram como ela se dirigiu à professora do Rio Grande do Sul) ela foi se sentar.

Antes de o professor Manccini se levantar para se pronunciar, o representante da Dhraxon, sentado ao seu lado, segurou-o pelo braço e cochichou em seu ouvido:

— Lembre-se de agradar nossos acionistas. Alguns estão aqui.

O professor, incomodado com a advertência, soltou-se da mão do homem e posicionou-se à frente do auditório, pondo sobre a mesa uma Bíblia. Começou, olhando para os presentes:

— As partes já traduzidas por nós do primeiro papiro parecem ser informações dadas pelo sacerdote da fortaleza de Semna a, talvez, um vizir de Khakaure Senusret, faraó da 12.^a dinastia, chamado modernamente de Senusret III, para abreviar, e pelos gregos antigos de Sesóstris. Em seu reinado houve numerosas guerras contra os

núbios e a conquista dos territórios que vão hoje do Sinai até a Síria.

Um biólogo magro e de óculos, do Instituto Florestal de São Paulo, levantou a mão:

— Vizir?

— Os vizires se encarregavam de tarefas específicas, como monitorar a construção de uma cidade, do túmulo do faraó, organizar expedições, planejar grandes obras de engenharia. Continuando... Se no Antigo Império as pirâmides foram as maiores obras arquitetônicas, no Médio Império as fortalezas na fronteira sul foram os grandes destaques da engenharia civil. Essas construções tinham as mesmas características avançadas dos castelos europeus desenvolvidos três mil anos mais tarde: ameias para proteger arqueiros e lanceiros, fossos em volta e pontes levadiças. As inscrições do período indicam guerras constantes e a insistente tentativa dos faraós de dominarem Kush, região a partir da Idade Média chamada de Núbia e hoje a parte norte do Sudão.

O professor mexeu no *lap top* sobre a mesa e a projeção no telão mudou para um mapa.



— Segundo as teorias mais aceitas, elas serviram para proteger as caravanas vindas do sul, trazendo principalmente ouro, mas também muitos outros produtos, inclusive escravos. O difícil de entender é a razão de um país tão civilizado e poderoso como o Egito precisar construir tantas fortalezas gigantescas para defender-se de tribos primitivas. Os núbios tinham nível de desenvolvimento similar ao dos índios das Américas, e quase sempre foram vítimas do imperialismo egípcio. Parece desproporcional tanta defesa. Vejam esta reconstituição feita por computador, a partir dos restos da fortaleza de Buhen.

— Verdadeira cidade, habitada apenas por soldados e sacerdotes - finalizou Manccini.

- Qual o teor do texto? - perguntou um jornalista.

O professor projetou no telão o papiro reconstituído e a tradução feita por ele próprio:

— As partes com reticências são os pedaços faltantes no papiro. Batizamos o Papiro 1, o maior, como *Carta do Espião*. Assim ele diz:

Ranseneb, nobre hierofante de Eunu. Possa você estar bem, ó grande, abençoado dos deuses e ... do Faraó (que os deuses cubram de glória!). Conforme sua suspeita e de outros servidores do Templo do Sol, o pão da vida está sendo... Uma pedra do colar de Nut é esperada por aqui. Nessa ocasião, o pão da vida poderá ser usado para seguirmos o caminho do Divino Chacal e Djrzr seja encontrado. Em Buhen e Semna, os povos de Kush continuam a agir e atacar como uma nuvem de gafanhotos, sempre surgindo inesperadamente, apesar de haver espiões nossos no... risco de Kush aprender o processo sagrado de fabricação, se já não souberem. É preciso que o faraó imediatamente envie reforços para as cataratas, pois corre o boato que uma grande horda vinda de Kush se lançará contra o Egito. Todos comentam que o Serpente de Chifres está orientando Akok para nos atacar. Se isso acontecer, a Terra de Kemi se submeterá ao estrangeiro..., assim como... O profeta de Semna, consultado pelo General Vashtar, confirmou a iminência do ataque para, no máximo, duas luas. Por precaução, bloqueamos o caminho de Anúbis e...

Ao encerrar a leitura, o professor sorria, como se transportado para outro mundo. Transparecia a alegria quase infantil dos especialistas quando mergulham até ao pescoço numa grande descoberta, enxergando beleza em coisas que aos outros não passam de exótica complexidade. Fizera a revelação ao mundo de autêntica relíquia cujo mérito era seu. Ou melhor, quase todo seu, apesar de nomes de estagiários não aparecerem nessas descobertas. Ele e seus colaboradores levaram dois anos para traduzir esse pequeno trecho.

Ninguém ficou tão entusiasmado assim, a não ser outros historiadores.

- Embora correspondência fosse habitualmente assinada pelo remetente, não o encontramos. Vocês percebem a importância disso?

Todo mundo estava perdido. Ninguém imaginava como uma carta daquela podia ser tão importante. A fisionomia de completa incompreensão dos presentes, principalmente dos menos familiarizados com egiptologia, foi a única resposta. Ele respondeu à própria pergunta:

- Pela primeira vez obtivemos dados sobre um período quase inteiramente obscuro! Pouco sabemos sobre essas guerras contra os povos de Kush, e aqui chegamos a obter detalhes e nomes. Até mesmo sabemos agora de um traidor chamado Serpente de Chifres, trabalhando com alguém de Kush contra os egípcios.

Quando ia começar a falar, a secretária da Seção de Alunos entrou apressada no auditório fazendo sinais de mão para ele. Ela se aproximou rápido e cochichou:

. A Polícia Federal está aí fora e quer falar com o senhor.

. Polícia Federal?! Comigo?

. É.

— Eles disseram o que é?

— Disseram só querer conversar, e precisa ser logo.

— Diga para esperarem eu terminar a palestra. Não vai levar mais que trinta minutos.

— Mas professor, eles são da Polícia Federal...

— E daí? Não posso parar agora. Peça para esperarem e saírem da porta! A imprensa está aqui!

A secretária assentiu e foi apressada para fora. Com toda a gentileza do mundo pediu aos policiais para aguardarem longe da porta.

Concordaram com leve aceno de cabeça.

— O que é D-j-r-z-r, Dr. Manccini? — quis saber a professora do Rio Grande do Sul.

— Para mim ela não perguntou com essa humildade — sussurrou Mirella para uma amiga ruiva sentada ao lado.

— Nunca vimos esse nome — esclareceu Manccini. — Tentamos encaixar nomes similares como Djoser ou Zozer, o faraó, ou Daschur, uma região de pirâmides e necrópoles, mas nada disso fez sentido.

Trocou a foto do telão por outra, com imagens de pessoas diante de deuses.

— Reconhecem as figuras?

— Nenhuma é original — disse um aluno de mestrado em História - Já vi todas em tumbas e papiros.

— Exato! Por isso nossa primeira providência foi usar os textos dessas tumbas e papiros para nos orientar na reconstituição e tradução. Enorme engano! São completamente diferentes. Vou ler:

... conseguiu o que queria, enfim. Ele e seus habiru finalmente deixaram as Duas Terras levando consigo todo o ouro que puderam, enquanto os pais choravam a morte de seus filhos e ... para poderem dar-lhes sepultamento digno.

Muito tarde percebemos a totalidade do roubo dos habirur, inclusive a Arca de ...

... o mais importante, levamos anos para perceber: o pão da vida. Ouve, ó grande Hierofante do Templo de Osíris! E hora de fechar para sempre o caminho do Divino Chacal para nenhum outro estrangeiro poluído ousar tocar o Inefável com suas mãos de cão! E também as fornalhas sagradas.

— Percebem o que encontramos? — o professor sorria extasiado. — Os hebreus eram chamados pelos egípcios de "habiru", isto é, "servos", "submissos". Há quem diga que "hebreu" é a corruptela da palavra "habiru". Há muita coisa misteriosa

nisso aqui... Segundo Flavius Josephus, do século I d.C., Moisés, durante sua vida na corte, conduziu uma guerra contra os etíopes. Tal como a *Carta do Espião*, estes papiros mencionam o "pão da vida". Ninguém sabe até hoje o que é isso.

Bebeu água e continuou.

— Numa região ao sul da península do Sinai, existe um platô chamado Serâbit el Khâdim. Há ali um templo egípcio dedicado à deusa Hathor. Lá se produzia um misterioso pó branco chamado nas pinturas e baixos-relevos de "pão da vida", oferecido ao faraó. Havia também fornalhas para fundir cobre e outros aparelhos e ferramentas de metalurgia. Na fronteira com Kush, no sul, as fortalezas também possuíam templos, fornalhas e objetos de metalurgia. Considerando isso e os conflitos nesses dois locais, não é difícil deduzir estarem os templos de um e outro lugar diretamente engajados na guerra. Ou por qual outra razão forjariam armas de cobre e bronze? O mais interessante é, em ambos os locais, Sinai e Núbia (ou Bia e Kush, como os egípcios chamavam) existirem numerosas menções ao pão da vida e ao pó branco. Há uma série de coincidências envolvendo esses lugares, as guerras e principalmente um dos personagens mais controversos da Bíblia: Moisés.

Após o professor mencionar Moisés, o representante da Dhraxon direcionou-lhe sutil olhar de advertência. Manccini fingiu não notar. Olhou para a porta e viu dois homens andando impacientes de um lado para outro. O que a Polícia Federal teria para lhe perguntar?

São Paulo, *Brasil*
Cidade Universitária
Auditório do Departamento de *História*
15 de outubro, 09h16, hora de *Brasília*

— SE O PÃO DA VIDA fez os egípcios ganharem tantas guerras — disse um jornalista em tom irônico — talvez seja uma espécie de poção mágica como a do druida Panoramix, para dar força a Asterix, o gaulês.

Após os presentes pararem de rir, o professor sorriu bem humorado e fez sinal para alguém apagar as luzes. Só algumas lâmpadas ficaram acesas perto dele. Abriu a Bíblia que trouxera e começou a ler:

— *Ora, Jericó se conservava rigorosamente fechada por causa dos filhos de Israel; ninguém saía nem entrava. Chamou, pois, Josué, filho de Num, aos sacerdotes, e disse-lhes: levai a Arca da Aliança, e sete sacerdotes levem sete trombetas de chifres de carneiros, adiante da Arca do Senhor. E disse ao povo: passai e rodeai a cidade (de Jericó); e marchem os homens armados adiante da Arca do Senhor.*

Por cima dos óculos, Manccini deu uma espiadela no público e continuou:

— *Assim, pois, se fez como Josué dissera ao povo: os sete sacerdotes, levando as*

sete trombetas adiante do Senhor, passaram, e tocaram-nas; e a Arca da Aliança do Senhor os seguia. E os homens armados iam adiante dos sacerdotes que tocavam as trombetas, e a retaguarda seguia após a Arca, os sacerdotes sempre tocando as trombetas. Assim fizeram a Arca do Senhor rodear a cidade, contornando-a uma vez; então entraram no acampamento, e ali passaram a noite. Josué levantou-se de madrugada, e os sacerdotes tomaram a Arca do Senhor. Os sete sacerdotes que levavam as sete trombetas de chifres de carneiros adiante da Arca da Senhor iam andando, tocando as trombetas; os homens armados iam adiante deles, e a retaguarda seguia atrás da Arca do Senhor, os sacerdotes sempre tocando as trombetas. E rodearam a cidade uma vez no segundo dia, e voltaram ao acampamento. Assim fizeram por seis dias. No sétimo dia levantaram-se bem de madrugada, e da mesma maneira rodearam a cidade sete vezes; somente naquele dia rodearam-na sete vezes.

Projetou-se na tela três belos e detalhados desenhos em branco e preto.



Os presentes começaram a entender a relação das figuras com a leitura:



— *E quando os sacerdotes pela sétima vez tocavam as trombetas, disse Josué ao povo: gritai, porque o Senhor vos entregou a cidade. Gritou, pois, o povo, e os sacerdotes tocaram as trombetas; ouvindo o povo o som da trombeta, deu um grande brado, e o muro caiu rente com o chão, e o povo subiu à cidade, cada qual para o lugar que lhe ficava defronte, e tomaram a cidade. E destruíram totalmente, ao fio da espada, tudo quanto havia na cidade, homem e mulher, menino e velho, bois, ovelhas e jumentos. Então disse Josué aos dois homens que tinham espiado a terra: entrai na casa da prostituta, e tirai-a dali com tudo quanto tiver, como lhe prometestes com juramento. Entraram, pois, os mancebos espias, e tiraram Raab, seu pai, sua mãe, seus irmãos, e todos quantos lhe pertenciam; e, traindo todos os seus parentes, os puseram fora do acampamento de Israel. A cidade, porém, e tudo quanto havia nela queimaram a fogo; tão-somente a prata, e o ouro, e os vasos de bronze e de ferro, colocaram-nos no tesouro da Casa do Senhor. Assim era o Senhor com Josué; e corria a sua fama por toda a terra.*

Manccini fechou a Bíblia.

— Esses, senhoras e senhores, são alguns versículos do capítulo 6 do livro de Josué, general e sucessor de Moisés. Ele descreve como os israelitas destruíram as muralhas de Jericó, massacraram a população e roubaram ouro, prata e outros metais em nome de Deus. Este bonito quadro chama-se *Os Muros de Jericó são Derrubados*, do ilustrador do século XIX, Gustave Doré. Na segunda figura, *O Exército dos Amorreus é Destruido por uma Chuva de Pedras*, Doré ilustra essa chuva como narrado na Bíblia, no capítulo 10 do livro de Josué. E a terceira figura, *Volta da Arca*, mostra o retorno da Arca da Aliança para Israel. Quando os israelitas guerrearam contra os filisteus, estes conseguiram roubar a Arca. Depois de algum tempo, as pessoas da cidade de Asdod, onde a Arca foi guardada, começaram a morrer e a desenvolver tumores, atribuídos a ela. Sem saber como resolver o problema, os filisteus decidiram devolver a Arca aos israelitas, e as mortes e tumores cessaram. Quem não conhece essa parte da história de Israel talvez se pergunte o motivo de os filisteus, durante uma guerra, se preocuparem em roubar um baú. Foi por acreditarem ser a fonte do poder dos israelitas. Assim como em Jericó, a Arca acompanhava Josué e seu exército nas guerras. De um jeito até hoje não compreendido pelos historiadores, os hebreus se tornaram uma potência militar na região do Crescente Fértil. Levando a Arca da Aliança nas guerras, foram derrotando todos pelo caminho. Nesse episódio da guerra contra os filisteus, formou-se até mesmo uma confederação de cidades-estado para enfrentar os judeus, e mesmo assim foram todas derrotadas.

Manccini fez uma pausa, observando o efeito de suas palavras nos ouvintes. Todos estavam calados, sem saber como encaixar tais fatos em leis científicas conhecidas.

— Vou demonstrar minha hipótese de o "pão da vida" *não ser* um alimento comum.

Nem uma poção mágica — Mancini sorriu.

— O que era, então? — um jornalista o cortou.

— Vou chegar lá. Esse pão era valioso e procurado. No nosso papiro, o faraó oferece o pão da vida ao Divino Chacal, Anúbis, sentado sobre um baú. Devido aos relevos e pinturas onde aparece um deus oferecendo o pão da vida ao faraó, pensava-se ser algum rito religioso simbólico, nada mais. Entretanto, essa explicação tão aceita não se sustenta, pois um ritual místico qualquer não justificaria tanta guerra e luta por ele. Diante do teor destes papiros, é inegável tratar-se de muito mais. Aliás, esse pó tem muitas semelhanças com o maná, os flocos brancos farinhosos que a Bíblia diz terem caído do céu para alimentar os hebreus e fazê-los sobreviver no deserto.

— Mas se o "pão da vida" for um alimento, qual vantagem traria numa guerra? — objetou um repórter.

— Muitas — respondeu o professor, convicto. — Na Antigüidade, os exércitos eram pouco preparados para enfrentar longas batalhas. Há numerosos relatos egípcios, romanos, macedônios e de outros povos sobre exércitos mortos de sede ou fome. Eles só conseguiam guardar comida para menos de uma semana. A comida e a água tinham de ser continuamente enviadas do país de origem ou roubadas pelo caminho. Era tática de guerra do país atacado impedir a chegada dos suprimentos aos atacantes.

Fez pequena pausa e prosseguiu:

— Imaginem se os hebreus aprenderam a fazer algo como comida desidratada, capaz de durar anos estocada sem estragar. Fornos, defumação, farinha e comida desidratada já existiam; o grande passo seria reunir tudo isso num alimento único, capaz de se manter nutritivo por meses ou anos. Quando cercaram a cidade de Jericó, eles teriam um alimento, enquanto a população da cidade morreria de fome por não ter acesso aos campos cultivados. Mais tarde Nabucodonosor da Babilônia não fez assim com Jerusalém? Ter toneladas de comida em pó guardadas seria decisivo para o "povo eleito" vencer uma cidade fortificada. Se Moisés aprendeu isso quando guerreou contra os etíopes, certamente soube usar isso para aumentar seu poder e sua glória entre seu povo iletrado, dizendo ter Yaveh lhe dito como fazer. Essa explicação, quase nunca questionada, mantém o prestígio dele até hoje.

O representante da Dhraxon, sentado na primeira fileira, inquietou-se com a afirmação. Mancini fora avisado sobre qualquer comentário desagradável sobre questões fundamentais do Judaísmo e do Islamismo. Muitas filiais estavam em países islâmicos, e quase metade dos acionistas da Dhraxon eram judeus ortodoxos. E o professor levantava a hipótese de Moisés ser um embusteiro que chegou à Terra Prometida por ter inventado um tipo de farinha...

Os presentes sentiam-se perdidos. Alguns gostariam de estar no lugar do professor e seus estagiários; haviam pesquisado por décadas o Egito e nunca tiveram a sorte de

encontrar nada de destaque. O Dr. Manccini, um dos pouquíssimos brasileiros no ramo da egiptologia, tinha feito descobertas referentes a Moisés, assegurando sua cátedra entre os maiores da arqueologia.

— Acreditamos estar diante de uma grande descoberta histórica — recomeçou ele, diante do olhar atento da platéia — O período dos faraós Senusret I, II e III é pouco conhecido. Sabe-se apenas da existência de nada menos de *dezoito* fortalezas desde a primeira até a terceira catarata do Nilo, para combater os povos de Kush e outras tribos do sul. Dezoito! Qual a razão de se precaverem tanto contra habitantes de cabanas de palha, organizados em tribos sem nenhuma técnica ou estratégia de guerra? É muito desproporcional! Para enfrentar os povos civilizados e belicosos da Mesopotâmia eles não construíram nem um terço disso! Estes papiros trazem nova luz sobre o período. Eles se referem a um exército núbio bastante problemático. Se não fosse realmente algo muito grande, pavoroso, o próprio vizir não estaria envolvido.

— Mas... — interrompeu um italiano — O Papiro 3 não é de outra época?

— Esse é o ponto, Dr. Luccolo! O escriba do ano 1270 estava se referindo aos fatos da época dos faraós Senusret! Alguém seria informado desses problemas e perigos e, para isso, ele se referia a fatos acontecidos 600 anos antes.

— Por que o senhor acredita que essas fortalezas são tão especiais assim? — quis saber um jornalista.

— Quando os portugueses se estabeleceram no Rio de Janeiro, sofreram ataques de índios. Para se defender, não precisaram de muita coisa: exércitos bem organizados foram o suficiente. Assim foi no litoral brasileiro inteiro; uns 20.000 portugueses derrotaram 5 milhões de índios, e se estabeleceram onde quiseram. O que fez os portugueses vencerem os índios na guerra não foi a tecnologia: o bacamarte, o mosquete e o arcabuz tinham o mesmo alcance do arco e flecha. A organização militar dos portugueses foi a chave da vitória. Os índios não conseguiam se organizar, as tribos brigavam muito entre si. Os fortes construídos ao longo da costa brasileira, esses sim precisavam ser sólidos e armados, idênticos a castelos, pois defendiam-nos de caravelas espanholas, inglesas, holandesas e francesas equipadas com *canhões*.

Pigarreou e prosseguiu:

— Agora eu pergunto: qual sentido haveria em os portugueses construir dezoito fortalezas ao longo do rio Tietê, capazes de resistir a tiros de canhão? Para proteger os bandeirantes dos índios? Seria totalmente sem sentido! Pois os egípcios fizeram isso na fronteira com Kush! E mais: alguma coisa fez o poder mudar de mãos algumas vezes, pois apesar de toda essa defesa, há relatos sobre os reis de Kush invadindo e dominando o sul do Egito! Alguém imagina grupos de esquimós conquistando o Alaska dos Estados Unidos com arcos, flechas e lanças? Os núbios

fizeram isso com os egípcios!

Especialistas e leigos ficaram pensativos. Realmente, algo estranho havia nesses fatos. O Dr. Manccini tinha razão em suspeitar de núbios e hebreus dispendo de algo especial para vencer os egípcios.

O representante da Dhracon aguardava calmamente, fingindo estar interessado nos malabarismos mentais do cientista.

Christian nesse momento lembrou-se de Ricardo. O amigo e estagiário do MAE, tão interessado em fazer parte do Projeto Osíris, estava ausente. Fernando, namorado de Mirella, ou "o gótico", como eles o chamavam, também não tinha aparecido.

Manccini continuou:

— Acabei por estabelecer a segunda possibilidade só depois de rever as descobertas do maior arqueólogo do século XIX, *Sir William Matthews Flinders Petrie*. Ele descobriu em 1904, na Península do Sinai, o templo que já mencionei, da deusa Hathor, no platô de Serâbit el Ivhâdim. Petrie foi com uma equipe ao Sinai procurar indícios de atividade com cobre e turquesa, na região onde se acredita estar o Monte Horeb, ou Sinai, falado na Bíblia, onde Moisés recebeu os Dez Mandamentos. Nesse platô, ele e sua equipe descobriram por acaso as ruínas soterradas do templo de Hathor. Até então, ninguém imaginava terem os egípcios se fixado lá. O templo era obra do faraó Seneferu, construído por volta do ano 2600 a.C., antes das pirâmides. A equipe levou para a Inglaterra centenas de objetos destinados ao Museu Britânico. Dentre as coisas por eles descobertas, havia cadinhos. O livro de Petrie, *Kesearches in Sinai*, foi publicado em 1906, contando tudo isso.

Manccini bebeu mais água e continuou:

— Quando Petrie começou a traduzir os textos das paredes do templo, encontrou uma palavra desconhecida: *mfkzt*. Na verdade, Champollion, quando compreendeu os hieróglifos em 1822, encontrou essa palavra e não conseguiu traduzi-la. Depois, Karl Richard Lepsius, o grande lingüista, egiptólogo e arqueólogo prussiano, ao estudar a língua egípcia, disse em 1845 não imaginar o significado dela. Com Petrie ela reapareceu nos baixos-relevos do templo, juntamente com a expressão "pão da vida", capaz de dar força ao faraó, fazê-lo vencer batalhas, dominar inimigos etc. Devido ela aparecer sempre também ao lado de assuntos como fundição e mineração, os estudiosos concluíram ser *mfkzt* um nome para turquesa, malaquita, cobre ou algum minério. Eu desconfio — por enquanto apenas desconfio — serem o *mfkzt*, o "pão da vida" e o pó branco do Templo de Hathor a mesma coisa. Esse pó tinha algum poder especial, capaz de fazer exércitos vencerem batalhas. Senão, por que ele era encontrado justamente nas regiões onde sempre o Egito estava em guerra: no Sinai e na Núbia?

Algumas pessoas pensavam haver muito pouco nos papiros relacionado a tais fatos da história egípcia, considerando entusiastas demais a proposição do professor.

— Agora vejam este excesso de milagres: no monte Horeb, nas proximidades de Serâbit el Khâdim, Moisés recebe os Dez Mandamentos; quando seu povo sem-terra decide ir para a Palestina, vence, de maneira até hoje inexplicável, *todos* os povos encontrados pelo caminho. Digam-me: como um povo analfabeto, brutalizado pela escravidão, pouco numeroso, sem treinamento de guerra nem armas, liderados por um homem, seu cajado e seu deus, consegue vencer o exército egípcio, atravessar sem barco o Golfo de Suez, vencer midianitas, moabitas, amonitas, amoritas, cananeus, filisteus e outros povos estabelecidos por ali e ainda dominar duas cidades-fortalezas: Jericó e Jerusalém? A guerra de Tróia, acontecida na mesma época, durou mais de dez anos, com a Grécia inteira atacando a cidade! E mesmo assim os gregos só venceram por causa do cavalo de madeira ou de um terremoto, ainda não se sabe. Com os hebreus foi o contrário: sozinhos venceram todos os reinos e cidades. Jericó foi vencida em sete dias — *sete dias!* — por sacerdotes tocando trombetas e uma multidão berrando! Vocês conseguem imaginar uma caravana de sem-terras analfabetos capazes de sair do Brasil e chegar aos Estados Unidos assaltando e vencendo todos os países pelo caminho e, ao chegar, vencem o exército e tomam San Diego e Los Angeles *só tocando saxofone e gritando*. Pois os hebreus conseguiram!

A maioria ficou pensativa. De fato, poucos ao analisar a Bíblia e a epopéia dos hebreus para se fixarem na Terra Prometida faziam essa análise. Alguns ali eram suficientemente versados em história do Oriente Próximo para compreender a dificuldade de se estabelecer uma explicação razoável para a trajetória tão bem sucedida de um povo tão mal preparado. "O poder de Deus" era a explicação bíblica para o fato. Mas esse poder, se existisse, teria de se materializar de alguma forma. Os jornalistas e demais leigos, nesse instante, reconheceram nunca terem questionado tais aspectos.

— Professor, esses relatos bíblicos misturam fatos com mitos — lembrou-o um aluno de antropologia - Muitas dessas histórias podem não ter acontecido, podem ser fábulas.

— Sem dúvida. Mas o interessante é que as pesquisas mais recentes sobre a chegada dos hebreus à Palestina *estão comprovando o relato bíblico*. Uma pesquisadora inglesa, se não me engano, descobriu a poucos anos as muralhas de Jericó e verificou: elas foram realmente derrubadas por algo muito violento. Ninguém soube ainda explicar como os hebreus conseguiram isso. Pode ter sido um terremoto. Mas pode ter sido também uma explosão.

— Explosão?! — perguntou uma jornalista cujos cabelos loiros de raízes escuras pareciam não serem penteados desde quando nasceu.

— Doutor, qual a composição do pó branco descoberto por Petrie? — acrescentou um repórter.

— Ninguém sabe. Só em 1935 um novo grupo voltou a Serâbit el Khâdim, uma expedição americana da Universidade de Harvard. A expedição, e outras depois dessa, visitaram o lugar e não encontraram nem um único grão do pó descrito pela equipe de Petrie. Os compartimentos existiam exatamente como Petrie descreveu, mas totalmente vazios.

— E qual é a outra hipótese, Dr. Manccini? — finalmente perguntou o professor Luccolo.

A essa altura, o professor viu os dois agentes da Polícia Federal passarem pela porta de novo.

— Como disse, Dr. Luccolo?

— Sua segunda hipótese! Qual é?

Caio Manccini respirou fundo e declarou solene:

— E esta: pó branco, "pão da vida" e *mjkzt* são a mesma coisa: pólvora!

— Pólvora?!! — um murmúrio admirado percorreu o auditório.

Manccini recomeçou:

— A única coisa na Antigüidade capaz de fazer egípcios construírem fortalezas para se defender de núbios; a única coisa capaz de derrubar as muralhas de pedra de Jericó; a única razão para as fronteiras do país terem fundições e metalurgia. Eles sabiam criar a pólvora antes dos chineses! A Arca da Aliança deveria ser um reservatório de pólvora ou de algum ingrediente da pólvora.

— A pólvora antiga era preta, feita de carvão mineral! — divergiu a professora gaúcha.

— Talvez a deles não usasse carvão, mas um combustível branco. Poderia também ter magnésio, capaz de criar fogos coloridos, parecendo milagres. A atual pólvora branca, por exemplo, é feita de clorato de sódio e açúcar! Agora vejam como estes papiros me ajudaram a desconfiar disso: a *Carta do espião* sugere que a pólvora estava sendo produzida na fronteira sul do Egito e no Sinai. Ela era disputada pelos reis de Kush. Em certos momentos, eles devem tê-la possuído. Para facilitar a sua produção, no deserto núbio eles espalharam as fornalhas, capazes de derreter algum mineral extraído do sub-solo do deserto, e as fortalezas protegiam essa produção. Moisés aprendeu a fazer esse explosivo com os sacerdotes e a usá-lo na guerra contra os etíopes. Quando chegou ao monte Horeb, no Sinai, se apossou da pólvora guardada no Templo de Hathor. Voltou com os Dez Mandamentos, disse ao seu povo crédulo e simplório que o Senhor disse *a ele* como destruir os inimigos (a começar pelo Bezerro de Ouro) e, daí para frente, venceu todas as guerras. Moisés, Josué e seus sucessores até Salomão mantiveram o segredo bem guardado. E sua liderança garantida. Há na Bíblia vários relatos associando a Arca da Aliança a destruição, morte e fogo.

O representante da Dhrexon estava irritadíssimo. Sendo chefe do departamento de

marketing da filial brasileira, teria grandes dificuldades para se explicar à diretoria. Antevia os diretores e acionistas judeus, vestidos com terno e chapéu pretos, barbas grandes e óculos, encarando-o, criticando-o e pouco dispostos a ouvi-lo. Teve vontade de ir à frente e enforçar Manccini com sua própria gravata.

O professor fingiu não perceber a expressão carregada dele e, para a raiva do empresário atingir o clímax, Manccini acrescentou:

— Vejamos outros detalhes da história: os homens de Josué usaram a prostituta Raab antes de tocarem as trombetas e desfilar com a Arca por sete dias. Ora, se a Arca e as trombetas eram suficientes, qual a razão de pedirem ajuda a Raab?

Ninguém falou nada. Manccini prosseguiu:

— Não foi explicado o papel dessa mulher na história. Não é exagero desconfiar de ela ter ajudado, de alguma forma, o exército de Josué a colocar pólvora nos muros. Quando as trombetas tocaram no sétimo dia, o sinal estava dado: os cúmplices dentro da cidade detonaram a pólvora, fazendo os muros cair. Estratégia perfeita! Quem não veria nesse povo a mão invisível de Deus privilegiando-o sobre todos os outros?

Estupefatos com a ousadia do raciocínio, os ouvintes reconheciam a clara coerência. Impossível formular melhor hipótese.

— Estamos acostumados a ver os líderes hebreus — Josué, Davi, Salomão e principalmente Moisés) — como figuras divinas, não humanas, capazes de conversar com Deus e fazer milagres a cada cinco minutos. As provas e evidências históricas, porém, nos mostram Moisés como o primeiro rei de Israel, e Josué como um líder militar hábil. Ambos não pouparam violência e sangue para atingir seus objetivos, inclusive oprimindo povos mais fracos, praticando barbaridades, tirando vidas e saqueando.

Agradavelmente surpreso com o olhar pasmado de seus ouvintes, Manccini finalizou satisfeito:

— Josué foi um terrível general. Comandou com sucesso a invasão, o saque e o extermínio de milhares de pessoas em toda a Palestina. Todas as cidades desse território, grandes ou pequenas, foram conquistadas ou completamente destruídas pelos hebreus com a Arca da Aliança. Eu e minha equipe, na próxima temporada de escavações, vamos mapear a região de uma das fortalezas no norte do Sudão e descobrir mais indícios disso tudo. Mais exatamente, procuraremos sinais de explosões perto da fortaleza de Semna que, acreditamos, devem ter semelhanças com de Jericó.

Os presentes se sentiram diante de uma grande descoberta da ciência. Simpatia generalizada pelo trabalho incansável de décadas do professor varreu a sala e uma chuva de aplausos interrompeu o discurso.

Menos entusiasmado estava o representante da mineradora; tinha vontade de quebrar

o pescoço de Manccini. Os alunos sorriam satisfeitos. Eram parte daquilo, parte desse esforço. Mais do que qualquer um ali poderia supor. Ao fim dos aplausos, alguns jornalistas reiniciaram as perguntas:

— Quando vocês partirão para a próxima temporada?

— Daqui a algumas semanas.

— E quando os papiros estarão inteiramente traduzidos?

— É impossível prever. É um trabalho de vários anos e o governo egípcio só autorizou a estadia dos fragmentos no Brasil por três anos.

— O senhor acredita poder encontrar alguma pista de outras civilizações desaparecidas, como o senhor disse na temporada passada?

Preparado para não responder nem polemizar diante de perguntas capciosas como essa, o professor voltou sua atenção para a porta. Os policiais estavam lá. Incomodado, Manccini pediu com um gesto a Mirella, sentada mais próxima da saída, para verificar o motivo da insistência dos agentes federais.

Ao ouvir os policiais, Mirella arregalou os olhos e chamou Manccini com um gesto. Manccini interrompeu a entrevista.

— Só um momento, senhoras e senhores. Enquanto isso, meus colaboradores podem responder a diversas dúvidas — e dirigiu-se à porta.

Os policiais cochicharam no seu ouvido com aquele jeito solene e sério usado nessas ocasiões. Antes de alguém dirigir qualquer pergunta aos alunos, o professor imediatamente voltou-se para os presentes, abrindo os braços e erguendo as mãos:

— Senhores, esta entrevista está cancelada! Acabo de ser informado que o Museu de Arqueologia e Etnologia foi arrombado, um papiro foi roubado e um estagiário e o segurança do Museu foram assassinados.

Um falatório se seguiu, logo virando tumulto.

Christian e Mirella só conseguiram correr atrás do professor e dos policiais, em meio à confusão e atropelo causados pelos repórteres.

São Paulo, Brasil
Cidade Universitária
Departamento de História
18 de outubro, 10h05, hora de *Brasília*

MANCCINI CONSEGUIU CHEGAR à sua sala seguido dos policiais, Christian e Mirella. Usando a força, trancou a porta atrás de si, deixando os repórteres para fora. Após se acalmarem, os agentes da Polícia Federal contaram com mais detalhes os crimes. Ricardo e Severino foram morros a facadas. Caio Manccini e seus alunos ficaram em estado de choque.

— O estagiário e o segurança foram mortos por reagirem - acrescentou o policial

mais alto e magro — O caso não parece ser um evento isolado.

— Então o que foi? — quis saber Manccini, sentado em sua cátedra.

— A Superintendência da Polícia Federal em São Paulo recebeu um comunicado semana passada do adido do FBI, e outro, dois dias depois, da Scotland Yard,¹²¹ alertando sobre possíveis atentados contra pessoas envolvidas com questões políticas do Oriente Médio.

— Questões políticas? — Manccini cruzou as sobrancelhas — Duvido de algum deles estar envolvido nisso. Imagine, o segurança...

— Ambas as instituições estão pesquisando assassinatos misteriosos envolvendo pessoas de diferentes países e profissões, todas com algo em comum: têm feito discursos contundentes quanto à política do Ocidente no Oriente Médio.

Ante o olhar de total incompreensão de Manccini e dos alunos, o policial prosseguiu:

— O embaixador de Burkina Faso na ONU não compareceu a uma assembléia geral em Nova York, sendo encontrado morto uma semana depois. Em seu estômago foi achada uma vespa africana. Semanas depois um pesquisador inglês também foi encontrado boiando no Rio Tâmbisa. Em seu esôfago, uma vespa também. Eles defendiam uma série de intervenções da OTAN no Oriente Médio. E um terceiro, ativista ambientalista francês, foi encontrado morto por pescadores, boiando a poucos quilômetros da costa de Marselha, na França. Também tinha engolido vespas.

— Engolir vespas... — Mirella repugnou-se.

— E qual a conexão desses crimes todos com as mortes desta noite no museu daqui? Eles também engoliram vespas? — interpelou Christian.

O policial calvo, falando pela primeira vez, se curvou levemente para frente e explicou:

— Ainda não foi feita a necropsia no garoto e no segurança.

— Então... — Mancini se confundiu — Por que estão nos contando tudo isso?

O outro acrescentou:

— A polícia francesa encontrou no corpo do ambientalista balas de fuzis israelenses, chegados à França clandestinamente. Viram um árabe no aeroporto Charles de Gaulle, minutos antes de embarcar para Londres, jogar uma sacola no lixo. A polícia estranhou e foi verificar. Encontrou munição israelense e avisou os ingleses. Ao desembarcar no aeroporto Gatwick, em Londres, o assassino do francês foi preso pela Scotland Yard. Ele levava uma lista com todos os nomes, e mais um, até agora não identificado: "o profetizado". Ele se matou meia hora depois, antes do interrogatório. Por isso ninguém sabe ainda se esse profetizado corre risco ou não.

— Dr. Manccini — recomeçou o mais magro — todos eles defendiam mudanças na política internacional e nacional de países produtores de petróleo, todos visitavam com regularidade países da África e, talvez o senhor não saiba, todos tinham

ligações com o Egito. Foram os únicos traços de semelhanças encontrados pelos peritos da Scotland Yard e do FBI. Entende por que vimos aqui?

— Quem seria a outra pessoa da lista? — o professor tinha medo da resposta.

— Depois da escala em Londres, o assassino faria uma segunda parada nas ilhas Cabo Verde e viria para São Paulo. Ele seria o terceiro terrorista procurado internacionalmente este ano se refugiando em São Paulo. Ninguém mais no Brasil faz pesquisas de campo no Egito atualmente, além do senhor e de um pesquisador de São José dos Pinhais, no Paraná.

— O Dr. Marcelo Shroeder?

— Ele mesmo. A esta hora a Polícia Federal do Paraná deve estar conversando com ele.

O cientista ficou sem palavras.

— Há, entre as agências de segurança de alguns países - acrescentou o calvo — a suspeita de haver uma célula terrorista no Brasil. Alguns grupos fundamentalistas do Oriente Médio têm ódio da egiptologia e da antiga cultura dos egípcios. Dizem ser uma cultura "pagã e infiel", e por isso atacam turistas e destroem monumentos, como acaba de acontecer aqui no Museu.

— Vamos investigar a vida do aluno e do segurança do Museu. Se não for nenhum dos dois, qualquer um de vocês do Projeto Osíris pode ser o profetizado. Há mais algum projeto da USP pretendendo pesquisar o Egito?

— Não — responderam todos juntos.

— Então o senhor e seus alunos devem ter cuidado redobrado daqui para frente. Evitem caminhos e horários rotineiros, mudem sempre os locais onde almoçam, mudem o trajeto casa-trabalho todos os dias. E se notarem qualquer comportamento suspeito, avisem-nos na hora. Aqui está nosso número — disse o calvo estendendo a Mirella um cartão de visita. — Bom mesmo seria vocês se afastarem sigilosamente, tirar férias e viajar, mantendo contato conosco. E, claro, evitar a imprensa e iis aparições em público, como a de hoje. Tentamos avisar o senhor antes de começar a apresentação, mas... Agora o mundo todo já sabe onde vocês estão e quando vão para o Egito. Devemos receber em breve mais detalhes da Scotland Yard. Informaremos vocês.

Eles se retiraram após um aceno de mão, deixando os três pensativos e amedrontados na sala apertada.

Uma desconfiança inespecífica brotou dentro de Christian. A coisa tinha cheiro de estar ligada à vida de todos eles, não só a um tal "profetizado". Por pouco não teve o mesmo destino de Ricardo e Severino.

— Fizemos tudo dentro da lei para trazer esses papiros! Por qual razão alguém iria querer nos matar? — pensou ela em voz alta.

— Motivos para roubar relíquias não faltam — considerou o professor — Mas o

estranho...

— Quando saí do museu, o Ricardo disse que viria hoje... — Christian disse, pondo as mãos na nuca e apertando os lábios.

— Se você não viu nada suspeito, é melhor nem dizer a eles que estava lá, Christian — sugeriu o professor.

— Eles vão descobrir e me intimidar, professor. Mas e esses outros assassinatos, relacionando as pessoas ao Egito e a África? Essa relação me parece ampla demais. Bem, professor, o senhor e Mirella poderiam ir agora para lá, conversar com o SCA¹³¹ e preparar tudo com a empresa de aerofotogrametria. Eu e o Márcio iríamos logo depois.

— Vamos fazer o seguinte - interrompeu o professor. - Agora faltam dez para as onze. A uma da tarde a gente se encontra aqui para decidir de uma vez. Preciso ir à reitoria agora.

— Ok, vamos almoçar — acrescentou Mirella.

Christian e Mirella saíram trocando impressões sobre os acontecimentos. Por volta do meio-dia decidiram comer sanduíches e *croissants* na lanchonete da FFLCH. Enquanto mastigavam nas mesas do saguão externo, discutiam a ausência do "Gótico", encarregado de levar para a apresentação os resultados da análise química das rochas de uma planície próxima à divisa do Egito com o Sudão.

Fernando "Gótico" tornara-se namorado de Mirella alguns meses antes. Ambos se conheceram durante as pesquisas. Ele fazia o curso de mestrado em física nuclear. No Projeto Osíris colaborava com a análise de radioisótopos no material trazido do Egito. O namoro era um tanto "morno"; nem ela nem ele sentiam-se tão envolvidos assim, mas apreciavam a companhia um do outro. Além disso, a empolgação com a pesquisa ajudava-os a confundir os motivos pelos quais estavam juntos.

No dia anterior ele pegaria no laboratório onde trabalhava os resultados de uma análise de rochas trazidas da região mencionada nos papiros. O professor tinha a esperança de encontrar traços de componentes de pólvora — carvão mineral, enxofre e salitre - em rochas espalhadas pelo deserto que pareciam ter sido fraturadas por explosão. Esses resultados deveriam ser entregues ao professor Manccini antes do início da conferência com a imprensa, mas Fernando não apareceu.

— Tentei falar com ele ontem, mas só caía na caixa de mensagens. Tentei por quase quarenta minutos e fui ao cinema do *Shopping Center* Iguatemi sozinha — Mirella não conseguia falar de seus namorados atuais ou antigos sem usar expressões como "o cretino", "o palhaço", "o bocó" quando estava zangada. — Preciso de um chocolate. Vou ao caixa eletrônico tirar dinheiro. Nos encontramos à uma hora. Tchau.

- Tchau.

Christian, pensando na situação deles e do projeto, acompanhou com os olhos

Mirella comprar o chocolate e se distanciar pelo gramado da FFLCH.

Mirella e ele se formariam nesse ano. Ela estava fazendo provas para iniciar em 2006 o mestrado na Unicamp, onde apresentaria suas próprias hipóteses sobre os papiros descobertos. Com a próxima temporada de escavação, obteria uma grande quantidade de dados inéditos.

Christian também tinha planos estabelecidos. Parou as pesquisas com o DNA de tecidos animais e vegetais encontrados em tumbas; preferiu investir numa área menos pesquisada. A pesquisa do DNA se disseminou desde os anos 1980, não sendo novidade alguma as descobertas nessa área. Além disso, ficara patente a dificuldade para convencer órgãos governamentais de qualquer país a autorizar a destruição de parte do tecido orgânico de uma relíquia para ser estudado — um papiro, um pergaminho, uma múmia, um pedaço de madeira ou outro resíduo animal ou vegetal qualquer. O DNA não se conserva por mais de oito séculos aproximadamente, não servindo para estudar qualquer coisa anterior ao ano 1200 d.C.

Mais interessante era um campo da arqueologia muito pouco desenvolvido: a arqueomicrobiologia, isto é, o estudo dos microrganismos antigos. Após descobrir haver pouquíssimas publicações científicas a respeito, Christian se aprofundou no tema e chegou a uma importante constatação: quando uma tumba ou qualquer outra câmara era aberta pela primeira vez por um arqueólogo, microrganismos existentes na atmosfera contaminavam a atmosfera original da tumba e vice-versa.

Os casos mais famosos de contaminação por microrganismos sobreviventes em tumbas eram os do fungo *Aspergillus niger*. Esse ser microscópico continua sendo encontrado nas tumbas egípcias ainda vivo. Ao remexerem os objetos, os escavadores erguem poeira com os esporos do fungo. Se a pessoa inspira o esporo, adquire violenta infecção pulmonar, muitas vezes terminando em morte.

Casos diversos levaram à formulação da crença popular da "maldição dos faraós", principalmente depois da morte de vários escavadores que trabalharam na descoberta e na remoção da mobília e da múmia de Tutankhamon, em 1922. Outras pessoas, que não eram escavadores, também morreram dias depois de entrar em contato com a múmia.

O procedimento científico padrão para a entrada em estruturas antigas enterradas ou lacradas era o mais comum de todos: os escavadores avançam com picaretas, pás e britadeiras e, ao encontrar algo oco, chamam o pesquisador e, tomados alguns cuidados, a câmara encontrada é aberta o suficiente para a entrada de uma câmera filmadora e lâmpadas. No caso do Egito, após o comunicado formal ao SCA, este tem de autorizar a continuidade da escavação, que pode resultar em abertura suficiente para a passagem de uma pessoa. Esses arqueólogos autorizados entrarão e estudarão o que houver lá dentro.

Christian concebera um sistema diferente, que visava proteger da contaminação o ar existente no interior das câmaras descobertas. Primeiro, sistemas de ressonância e refração sísmica e magnética deveriam ser usados para localizar uma cavidade. Constatada a existência dela, uma broca especial, longa, esterilizada e sem contato com a atmosfera exterior perfuraria a parede até atingir a câmara. Em seguida o tubo do aparelho inventado por ele injetava ar esterilizado na câmara, aumentando a pressão interna do cômodo. A outra seção do tubo duplo, ao contrário, sugava o ar, conduzindo-o a um meio de cultura apropriado para o crescimento de fungos, bactérias e protozoários. Os esporos desses microrganismos suspensos no ar ficariam então presos no meio de cultura e aí germinariam, podendo ser analisados. O sistema de prospecção e o aparelho foram recebidos com entusiasmo pelos orientadores de Christian na Faculdade de Biociências. O professor Manccini também aderiu interessado à idéia, uma vez que historiadores geralmente não têm especialização em microbiologia. Por isso acabam se restringindo à preservação do material arqueológico macroscópico, isto é, corpos, mobília e objetos manuseáveis. O novo invento poderia trazer interessantes informações sobre a época quando a tumba foi lacrada.

Caso os resultados obtidos nessa próxima temporada fossem animadores, o professor e Christian pretendiam expô-los no próximo congresso internacional de arqueologia, propondo a padronização do procedimento dali para frente no mundo todo. Isso seria muito importante para Christian. Além de projetá-lo, abriria um novo campo no qual ele se especializaria, afastando a possibilidade desanimadora da peregrinação em busca de emprego.

Tinha um plano mais ambicioso que o de Mirella; não pretendia usar o experimento numa futura dissertação de mestrado. Fez uma pesquisa tão minuciosa e abrangente equiparável a um mestrado, ainda no quarto ano de graduação. Assim, ao se diplomar, poderia partir diretamente para uma tese de doutorado. Essa tese, se fosse profunda e original o bastante, e devidamente divulgada no meio acadêmico internacional, resultaria no que ele mais queria: receber convites para trabalhar em universidades européias e norte-americanas. Essa seria sua grande cartada. E dessa vez, procuraria não se meter em problemas como fizera ao procurar pelo professor Manccini dois anos antes.

— Nem se o próprio Anfion me pedir, não entrarei em galeria secreta nenhuma desta vez! — falou sozinho.

São Paulo. Brasil
Cidade Universitária
Departamento de História
18 de outubro, 13h07, hora de Brasília

À UMA HORA, OS TRÊS ESTAVAM REUNIDOS para decidir a estratégia de salvação do Projeto Osíris. Nesse projeto estavam suas expectativas, sonhos e esforços, enfim, suas almas. O calor da tarde estava quase insuportável. O sol não tinha clemência com quem lhe desafiava.

— Não conseguimos ainda encontrar o Fernando, professor, mas talvez hoje ele reapareça — concluiu Mirella.

— Os resultados trazidos por ele podem ser decisivos para compreendermos o "pão da vida" — completou o professor. — Mas não podemos esperar mais. Pensei no seguinte: vamos amanhã para o Cairo e falaremos para o SCA como a Polícia Federal está empenhada em encontrar esse Papiro 4. Depois seguimos para Aswan.

— Mas e o *software* do Márcio? Sem ele não localizaremos as construções — objetou Mirella.

— Quando Márcio volta, Christian? — o professor se voltou para ele.

— Em uns quatro dias.

— O que está faltando para ele trazer o *software*?

— Em nossa última conversa ele falou que estavam fazendo os últimos testes e o programa seguiria para registro esta semana. Ele vem com uma cópia pronta para uso.

— Bom, ligue para ele e diga para acelerar. Nós três o esperamos no Cairo. E o Biodetector? Já está pronto para levarmos?

— Prontíssimo! — sorriu Christian. Era o aparelho de arqueomicrobiologia inventado por ele.

— Como você está pensando em fazer? Ir depois? — atalhou Mirella para Christian.

— Quero esperar os resultados dos últimos testes. Se vocês concordarem, vou daqui uns dias, com o Márcio, e aí levamos o *software* dele, o meu Biodetector e o resultados do laboratório do Fernando, se eu encontrá-lo.

— Pode ser — concordou o professor, meio pensativo. — Então vamos fazer assim: Mirelia e eu vamos amanhã. Eu tentarei explicar ao SCA a situação dos papiros até vocês chegarem. Aí vamos os quatro para o sul. Talvez consigamos fazer a batimetria onde hoje está a fortaleza de Semna.

— Ok.

— E tem mais uma coisa — observou o professor — O diretor de *marketing* da Dhraxon queria conversar comigo hoje, mas não deu, *nem dará tempo*.

— Mas professor — Mirelia objetou — Eles podem não gostar disso.

— Eles querem preparar nosso discurso sobre os resultados da pesquisa, para não falarmos de Moisés e dos hebreus. Não estou pensando nem de leve em obedecer-lo. Então, Christian, você vai lá, ouve, concorda com tudo, não se compromete com nada, e vem embora.

— Perfeito — acedeu Christian pensativo. — Há um outro problema, professor...
— Qual?
— Não fizemos ainda todas as provas. Em duas disciplinas tenho prova na próxima semana. Se não fizer, não obtenho média suficiente e não me formarei este ano.
— É verdade — completou Mirella — Estou na mesma situação.
Manccini pensou por instantes. Realmente esse era um grande obstáculo para os alunos.
— Bom, gente, não tem outro jeito, vocês terão de escolher: ou me ajudam a salvar o Projeto Osíris ou formam-se este ano. Temos outra saída?
— Vamos pensar mais. Decidiremos até amanhã — sugeriu Mirelia.
Embora esses fatos precipitassem o ritmo da pesquisa, eles, como todos os pesquisadores de campo, eram habituados a encontrar imprevistos que atrasavam ou apressavam suas tarefas. O terrorismo, a guerra e a instabilidade política tornavam as pesquisas no Oriente Próximo e Médio a cada dia mais bombardeadas de surpresas. Atrasar a formatura em um ano, porém, parecia demais.

No DIA SEGUINTE, Christian tentou de todas as formas entrar em contato com Fernando "gótico". O telefone celular não atendia. No laboratório, ninguém o tinha visto mais. Quando ligou para casa dele, a mãe informou-o, chorando, do desaparecimento do filho. A polícia foi avisada.

Como Christian apressou Márcio na véspera, este chegou no fim da tarde. Márcio fez questão de marcar o encontro no *Shopping Center Eldorado*, perto da Cidade Universitária, onde há duas praças de alimentação e lojas de *fast food* para todos os gostos.

— E como foi em São José dos Campos? — iniciou Christian entre goles de *missoshiru*.

— Deu tudo certo. O "Lobsang" está pronto — disse ensaiando a mordida num *cheeseburger* de frango.

— Lobsang?!

— Meu *software*! Ele não vai encontrar coisas invisíveis a olho nu? Então! Por isso pus o nome daquele homem do terceiro olho, terceira visão, sei lá...

Christian riu.

— E o registro, foi feito?

— Em meu nome. Assim poderei vender as cópias.

— Mas e o INPE e a Poli? — admirou-se Christian.

— Foram só colaboradores no desenvolvimento. Quem projetou e fez a maior parte da programação, dos algoritmos e tudo o mais fui eu. Eles entraram mais com dados para testes.

— Bom, deixa eu te contar tudo o que está acontecendo — Christian se curvou para

frente na cadeira. Relatou a Márcio todos os acontecimentos recentes, desde a conferência pública onde apresentaram a situação dos papiros, a visita da Polícia Federal, o desaparecimento de Fernando, a tragédia no MAE, as decisões tomadas pelo professor Manccini, Mirella e ele, e a escolha difícil a fazer.

Márcio foi ficando de olhos arregalados, e parou de comer quando ouviu sobre os assassinatos no Museu.

— Márcio, temos de viajar para o Cairo amanhã. Mandeí um *e-mail* para o professor hoje na hora do almoço dizendo do desaparecimento do Fernando. Os dados das rochas sumiram junto com ele. O professor respondeu agora a pouco dizendo não poder esperar mais.

— Cara, isso tudo é uma loucura! Pedacos de papiro velho roubados assim, tão violentamente.

— Ninguém faz a menor idéia dos motivos. Mas... Não sei...

— Qual sua suspeita?

— Parece coisa de *serial killer*, alguém com implicância com algum traço comum a todos eles.

— E esse... profetizado? Você acha... pode ser o professor Manccini? Ou um de nós?

— Infelizmente acho. Ah, não sei! — ele olhou para o prato de Márcio e rematou — Termina de comer. Precisamos ir logo embora. Amanhã vai ser só correria.

Christian desconfiava que Márcio rejeitaria ir ao Egito ao saber desses fatos, e ficou esperando o protesto do amigo. Não aconteceu. Márcio estudara muito para desenvolver aquele *software* e não desistiria tão facilmente por um motivo sem conexão com ele.

O Lobsang era o resultado do esforço de mais de um ano de Márcio para desenvolvê-lo, e o patrocínio da Dhraxon serviu para financiar uma série de testes e simulações com ajuda dos técnicos do INPE e da Poli. Na iminência de se graduar, Márcio pensava em abrir ou entrar em alguma empresa interessada em usar comercialmente seu *software*.

— Não tenho problema com as provas; tenho média maior que cinco em todas as matérias. Mas mesmo se não tivesse, Christian, ainda assim eu iria. Qual o problema de fazer duas matérias ano que vem? Pensa bem: o Projeto Osíris é inadiável, as duas matérias não.

— É. Tem razão. E para você é importante testar o Lobsang. Você pretende mesmo trabalhar numa empresa com isso?

— Claro! Fiz o pedido de registro e nessa viagem vou usá-lo.

Márcio não era capaz de imaginar que sua invenção lhe daria muito mais que um registro de patente.

São Paulo. Brasil
Rua Bahia, 509, bairro Higienópolis
19 de outubro, 09h24, hora de Brasília

No OUTRO DIA, Christian teve uma surpresa. Os agentes da Polícia Federal apareceram de novo. Recebeu-os na espaçosa sala de estar do amplo apartamento, onde separava algumas coisas para a viagem. A irmã de Christian tinha ido trabalhar. A mãe, aposentada, ainda não se levantara.

— E então, descobriram algo importante? — iniciou com entusiasmo.

Os policiais, solenes e sérios, olharam Christian por alguns segundos antes de responder.

— Qual sua ligação com grupos políticos do Oriente Médio? — quis saber o mais alto e magro.

— Ligação com grupos políticos?! — ele aguardou um esclarecimento, mas os policiais o encararam desafiadoramente sem nada dizer. - Nenhuma!

— Pela nossa apuração, seu colega de pesquisa Fernando Sivelli iria entregar um relatório muito importante sobre as rochas do deserto sudanês.

— Isso mesmo. Mas ele sumiu — Christian pensou em outra possibilidade. — Não me digam: ele está morto com uma vespa no estômago?

— Até agora está desaparecido. Sobre seu amigo Ricardo. Acha que ele morreu à toa?

— Não estou entendendo. Qual a relação disso comigo e com grupos políticos do Oriente Médio? — falou Christian soturnamente.

Após prolongado e cáustico olhar, o agente tirou do paletó azul-marinho um DVD e deu-o a Christian. A TV 34 polegadas de tela LCD na parede começou a mostrar uma imagem pálida, um vídeo amador de baixa qualidade, onde três homens apareciam ajoelhados. Estavam com cabeça, barba e bigode raspados, falando em árabe.

As legendas em inglês diziam:

"Nós temos certeza que Deus quer isso de nós

É uma honra para nós morrer assim

Enquanto os infiéis não forem eliminados, nós continuaremos a morrer para mostrar ao mundo qual é a forma certa de viver.

É hora de chegar ao fim com os costumes ocidentais devassos e pecaminosos!

Em nome de Deus!!!

Os homens pegaram do chão grandes facas e cortaram os próprios pescoços, espirrando golfadas de sangue e caindo uns sobre os outros. A câmera ainda focalizou por alguns instantes os três no chão, os olhos entreabertos e sangue por toda parte. Atrás deles, na parede, um cartaz com um desenho mal feito de algo parecido com um marimbondo e uma frase em letras arábicas. A legenda transliterou e, entre parênteses, traduziu:



"Muhanned Fawzan Al Jihad
(Espada vitoriosa da guerra santa)"

Christian se afastou lívido da tela.

— O DVD é cópia da fita apreendida pelo FBI numa chácara no estado de New York, onde o embaixador de Burkina Faso ficou preso antes de morrer - disse o magro. — Os três homens são radicais do grupo shiita *Espada vitoriosa da guerra santa*. O suicídio aconteceu quando o FBI descobriu a chácara. A conversão em DVD e as legendas foram feitas pela Scotland Yard. O grupo que assumiu a autoria anunciou estar seguindo os ensinamentos de um ocidental que freqüentemente vai ao Egito e mora no Brasil.

— O nome Wardall — adicionou o calvo — têm sido interceptado pelas agências de espionagem internacional durante comunicações entre grupos terroristas no Oriente Médio, especialmente na Turquia e Iraque.

Completamente desarmado, Christian olhava para os dois boquiaberto. Engasgou para articular as primeiras palavras.

— Bem... Eu... Não creio ser eu o único Wardall no mundo — assustado com a revelação e sem saber em qual terreno estava pisando, Christian pôs-se em postura de ouvinte silencioso.

— E estranho, após mais de dez anos da morte de seu pai, as conversas dos terroristas ainda falarem de Wardall, não acha?

— Mas... Não sou eu! Talvez existam outros Wardall no Brasil, ou talvez alguém seja chamado assim por algum outro motivo. Como vocês podem achar que sou eu?! A última vez em que estive lá foi a dois anos!

— Sei... Sei... Tem mais uma coisa interessante... - o calvo tirou duas fotos do bolso e entregou uma a Christian. Era a cena horrível de Ricardo caído no chão, com manchas de sangue nos braços e na roupa e, perto de sua mão, um desenho no chão claro, parecendo feito a dedo, com tinta azul.

— O que é isso? — Christian olhava horrorizado para a imagem.

— Ele foi deixado vivo. Parece ter se arrastado até a sala do telefone e deixou cair uma bandeja com reagentes químicos. Essa substância é azul...

— Azul de metileno — ajudou o outro.

— Isso. Ele desenhrou no chão com ela. Não conseguiu ligar para ninguém. Morreu antes.

— Não imagino — acrescentou Christian, impressionado com a foto

— Parece um desenho abstrato, não sei. Não, não tenho idéia.

— Você estava no museu, conhecia o rapaz. E não viu nada?

— Não, não vi. Saí de lá umas onze horas, eu acho, e até esse horário estava tudo em ordem. Parece... — ele gaguejou, olhando o desenho com as sobrancelhas cruzadas

— Parece um cachorro...

Os policiais encaravam-no sem piscar.

— Cachorro? — repetiu o calvo.

— E, parece. Mas por que Ricardo desenharia um cachorro no chão? - arriscou Christian.

— Quando isso acontece, a vítima está deixando um recado para alguém. Se você estuda biologia... parece ter sido para você. Ou estou sendo precipitado? - o magro falou ironicamente.

Christian ficava, a cada frase dos policiais, mais confuso e nervoso.

— Não consigo imaginar o que esse desenho tem a ver comigo — afirmou arrependido de ter dado a sugestão — Não pesquiso, nem tínhamos planos nem nada relacionado a mamíferos. Pode não ser isso, pode ser outra coisa.

— Por exemplo?

Christian pensou rápido. O que dissesse nesse instante se voltaria contra ele, pois qualquer coincidência poderia sugerir alguma ligação com o assassinato.

— Não sei. Para mim, parece uma cabeça de cachorro.

Fazia parte da estratégia deles intimidar o inquirido mostrando fatos e evidências.

— Há coincidências demais para quem não está envolvido, não acha?

— Olha — disse Christian — não sei de nada disso e nem imagino porque fariam algo tão horrível com Ricardo. Aliás, não sei porque estou respondendo essas coisas para vocês.

— Esta é só uma conversa, não estamos pegando oficialmente seu depoimento. Pegadas, vespa, Egito, Wardall, tudo nos mesmos lugares. Se você não está envolvido... Quem estará?

— Envolvido?! — Christian o cortou — Não estou envolvido! Quando deixei o museu, tudo estava absolutamente calmo.

Os policiais ouviram-no com indiferença. O calvo olhou para baixo, apoiou as mãos nos joelhos e olhou para ele de volta, erguendo as sobrancelhas:

— Por enquanto não temos mesmo prova de nada, mas o *único suspeito* até agora é você. Você mora num lugar legal, garoto. Bairro bom, apartamento grande, móveis bonitos... Quanto é o condomínio daqui? Uns quatro mil? A gente não ganha bem assim. Mas... A gente acredita em você... Se você nos ajudar, nós também podemos te ajudar...

Christian decidiu interpretar o que acabara de ouvir de forma bondosa: os policiais deveriam estar querendo mais informações; só podia ser isso.

— Sim, quero ajudar a Polícia Federal como eu puder, apesar de não saber quase

nada — e então fez a pergunta decisiva — É isso o que vocês querem?

O mais magro e menos paciente foi menos simpático dessa vez:

— As evidências estão apontando para você, rapaz! E só nós podemos te ajudar a sair dessa. Se você cooperar com a gente, nós esquecemos de tudo. Dez mil. Dez mil reais para cada um e a gente consegue te livrar da intimação. E ficamos todos felizes...

Christian teve um instante de distanciamento. Estava ouvindo direito? A Polícia Federal vinha até sua casa para pedir propina em troca de uma suposta liberdade, de crimes e problemas dos quais ele mal ouvira falar? Se fosse intimado a alguma coisa, só poderia ser na qualidade de depoente, nada mais! O espírito prático e pouco submisso reagiu. Irritado com a situação abusiva, levantou-se com aspecto decidido.

— Senhores — iniciou com a formalidade britânica apreendida do pai — Se a Polícia Federal pretende me acusar de alguma coisa, apresente algo mais consistente, pois nem sei o que responder numa conversa sem pé nem cabeça como esta. Estou atrasado para meu trabalho e não ficarei mais ouvindo isso. Não tenho como "ajudá-los". Saiam!

Os policiais levantaram devagar. O mais magro recomeçou:

— Cuidado, rapaz... A policia pode te pegar... É melhor você cooperar.

— Estou cooperando; se tivesse algo a esconder, nem os receberia. Antes de ser intimado a depor, não direi mais nada. A oferta de vocês é inaceitável, seu método de "ajudar" mostra como vocês são policiais medíocres e suas conclusões estão totalmente erradas.

— Você é atrevido, garoto. Não queira dar uma de esperto com a gente — disse o calvo olhando-o nos olhos, em tom ameaçador. — Mas fica frio. Você vai ver a gente de novo.

O magro pegou o DVD do *player* e saíram.

Christian soltou-se no sofá desacreditando na abusada proposta. Veio-lhe à mente de novo a idéia de *ele* poderia ser o alvo do assassino do MAE.

Enquanto se afundava nesses pensamentos, sua mãe meditava, estarrecida, na mesma conversa ouvida sem o filho saber. Tinha saído do banheiro e, ao ver de relance a gravação, ficou escutando em silêncio a conversa por trás da porta entreaberta. Deu passos silenciosos até o quarto e saiu depois, fingindo nada ter percebido.

Seria possível Christian, mais de uma década após a morte do pai, estar desenvolvendo alguma atividade secreta nos países por onde seu marido passara? Sempre notou a marca indelével deixada pela morte de John no filho, mas nunca imaginou alguma ligação com terroristas. Provavelmente era um engano. Certamente era um engano! Exceto se ele tivesse descoberto algo a respeito do pai que ela jurara a si mesma nunca revelar.

Ensaiei e ensaiei sobre como falar com ele sobre assunto tão delicado. Quando ele estava de saída, ela chegou à sala de estar e o chamou.

— Christian, qual seu envolvimento com isso?

Ele se admirou de ela ter ouvido a conversa. Pôs as coisas no chão.

— Nenhum, mãe. Quando saí do MAE estava tudo em ordem — esclareceu com pesar.

— Você não viu ninguém suspeito por perto? Não havia ninguém conhecido no ponto de ônibus para te servir de testemunha?

— Não. Àquela hora os pontos ficam vazios. Só depois das dez, quando as aulas da noite acabam, aparecem mais pessoas.

— E essa história dos terroristas? — ela levou a mão de unhas bem feitas à base do pescoço, com delicadeza.

— Não faço a menor idéia, mãe. Isso não tem cabimento! Alguém chamado Wardall está envolvido com terrorismo e eles estão suspeitando ser eu!

— Talvez...

— Mas entendi tudo; não sou suspeito. Eles *querem* me transformar em suspeito para tirar dinheiro de mim.

A auditora aposentada se sentou no sofá, arrumando o belíssimo de seda colorida usado como roupão. Ficou pensativa e pareceu muito entristecida.

— Mãe? Ia me dizer alguma coisa?

— Não. Nada — respondeu com ar distante.

— Tchau. Preciso ir agora — e despediu-se com um beijo no rosto.

São Paulo, *Brasil*

Avenida Rebouças

19 de outubro, 10h15, hora de Brasília

MEIA HORA DE CONGESTIONAMENTO, buzinas, fumaça e motoqueiros depois, Christian chegou à frente da biblioteca da FFLCH. Combinou de encontrar Márcio lá. Pouco mais de trezentos alunos se amontoavam à entrada do prédio, erguendo cartolinas e faixas com dizeres diversos. Os manifestantes cantavam repetidas vezes uma rima:

— *Projeto Osiris, presta atenção! Larg'o Egito e olh'o teu chão!*

ABAIXO AS FUNDAÇÕES!

FIM DA PEQUISA ELITISTA!

USP, DO POVO PARA O POVO

ARQUEOLOGIA BRASILEIRA, SIM!

COLONIALISMO CULTURAL, NÃO!

Ao passar pela aglomeração estranhando tudo aquilo, viu repórteres e câmeras. Um aluno de história reconheceu Christian e gritou para ele:

— Múmias não valem mais que índios!

E antes de ele pensar em responder, uma aluna de geografia acrescentou:

— Temos de valorizar o que é nosso primeiro!

— Você defende a invasão do Iraque? — perguntou um rapaz de cabelos compridos e óculos grossos.

— O consumismo capitalista pós-industrial é um produto da mídia americana de direita! — falou com vigor uma garota de olhar rancoroso — Você é um lúmpen pequeno burguês!

Sem responder, Christian se apressou e entrou na biblioteca, estranhando toda a movimentação. Subiu correndo até o último andar e percorreu os corredores entre as estantes. Procurou nas mesas e nos terminais de computador. Tirou o celular do bolso e ligou.

— Alô! Márcio. Cadê você?

— Estou no banheiro.

— Ok, quando sair te encontro no...

— Não! Venha aqui.

No banheiro, quando Christian chamou-o em voz alta, Márcio não respondeu. Logo a porta de um box de vaso sanitário se abriu e Márcio pôs o rosto para fora, gesticulando para Christian entrar.

—E muito apertado! — objetou Christian.—Do que você está se escondendo?

— Tem gente tirando foto com o celular. Entra aqui.

Christian entrou e fechou a porta. Márcio pediu para falar baixo.

— Ainda não estou preparado para a fama... — começou Márcio.

— Nem eu. Quem são essas pessoas com as faixas?

— É o pessoal do DCE!" Acham o fim do mundo a gente fazer pesquisa fora do Brasil.

Christian se lembrou das críticas sofridas pelas fundações, inclusive a deles, a Archos. Os alunos, principalmente do DCE, criticavam o expediente usado pelos pesquisadores: trabalhar em fundações privadas, isto é, entidades particulares sem fins lucrativos, destinadas a captar dinheiro para projetos de pesquisa, ensino e extensão universitária. Certos professores relegavam as atividades universitárias a plano secundário, decididamente preferindo o trabalho nas fundações, onde o pagamento oferecido por empresas milionárias em atividades de interesse delas era várias vezes maior que o salário ganho na USP.

A Fundação Archos, executora do Projeto Osíris, era acusada disso tanto quanto as outras. Entretanto, o libelo acusatório era injusto; Manccini e seus alunos estavam

longe de receber salários milionários. Outro ponto criticado pelos alunos, principalmente dos cursos de história, geografia, filosofia e ciências sociais, era o interesse da equipe por pesquisar um tema estrangeiro: Egito Antigo. Julgavam dever dos pesquisadores brasileiros dar prioridade absoluta aos sítios arqueológicos do Brasil. Esses críticos eram os piores. Christian não se interessava em participar dessa discussão. Achava absurda a restrição, e insustentáveis os argumentos do que ele chamava de "nacionalismo estreito e medíocre".

— Ah, me lembro — disse ao rememorar isso tudo em meio segundo — E o pessoal do Vladimir, não é? Contra as fundações, patrocínio, essas coisas?

— Eles mesmos. Os bobinlios não perceberam que ele quer ser presidente da UNE, virar deputado, essas coisas. Fazem tudo o que ele manda.

— Bem, eles não são problema. O importante é a imprensa. Não podemos dar entrevista; temos de sair sem falar nada.

— Você sai e eu vou atrás.

— Ok. Vou passar rápido direto para o ponto de ônibus. Lá a gente pega o primeiro a passar.

— Fechado.

Saíram apressados do box, despertando a estranheza de uns e sorrisos maliciosos em outros usuários do banheiro.

Lá fora, o refrão *"Projeto Osíris, presta'tenção! Larg'o Egito e olb'o teu chão!"* continuava sem parar. Os manifestantes rapidamente indicaram- nos aos repórteres. O agrupamento envolveu-os, tentando deter a passagem, fazendo quilos de perguntas e protestos ao mesmo tempo.

— Quando o projeto apresentará a tradução de todos os papiros? — interrogou uma repórter de baixa estatura.

— Se os fragmentos do quarto papiro foram roubados, como vocês terminarão a tradução?

— Esse roubo não fortalece a tese de as relíquias não devem sair do país onde foram descobertas?

— O Brasil não tem grande tradição em egiptologia. Isso não prejudica futuras pesquisas?

— Sr. Wardall, o Dr. Manccini continua a buscar a lâmpada de Osíris vinda de uma civilização perdida? Ele encontrou algum indício da Atlântida? — falou com sarcasmo um jornalista argentino.

— Sr. Wardall - começou um repórter com sotaque estrangeiro e pele muito branca - seu nome está no noticiário das TVs do Oriente Próximo e Oriente Médio. Você, como seu pai, está ligado a grupos terroristas?

Christian ficou lívido. Então era verdade o que os agentes da Polícia Federal lhe contaram? Até os jornalistas tinham ouvido seu sobrenome entre rebeldes do

Oriente?

— Americanizado! — gritou uma aluna de ciências sociais, baixinha, de voz estridente. — Onde está sua consciência de classe?

— Você apóia o Hezbollali? Ou o Hamás? - perguntou outro repórter.

— O Brasil não tem seus próprios problemas sociais para se preocupar com política no Oriente Médio? — acrescentou um argentino. - O presidente brasileiro visitou várias vezes Fidel Castro e ditadores árabes. Isso não é um sinal de uma simpatia por regimes totalitários tão comuns aqui na América Latina? E o...

Christian passou do susto à irritação, interrompendo o argentino. Diminuiu o passo, deixando Márcio apavorado:

— Senhores! Se meu nome de família está aparecendo em algum lugar no mundo árabe, devo informá-los: o sobrenome Wardall tem mais de mil anos e não sou o único neste planeta a usá-lo. Não participo de nenhum grupo ou facção contra ou a favor de regimes políticos fora do Brasil e meu único trabalho aqui é no Projeto Osíris.

Todos então passaram a fazer ao mesmo tempo perguntas e comentários, aproximando câmeras e microfones.

Sem responder, saiu correndo. Márcio seguiu-o mais próximo que sua sombra. Os repórteres seguiram-nos por algumas quadras do *campus*. Os dois se mantiveram silenciosos e conseguiram ficar sozinhos só quando entraram às pressas no primeiro ônibus que apareceu. Finalmente livres, combinaram comprar as passagens aéreas, reunir certos documentos importantes para levar na viagem e os últimos dados de toda a pesquisa. Márcio sentia admiração ao ver Christian agir com desenvoltura. Jamais teria a firmeza e decisão dele numa hora dessas.

Enquanto escolhiam em qual ponto desceriam, o celular de Christian chamou.

— Oi, mãe.

— Você pode falar agora?

— Estou no ônibus, mas pode falar.

— Já comprou a passagem para o Egito?

— Não, vou comprar daqui a pouco.

— Chris, presta atenção no que vou te falar — ela passou do tom afetivo ao sisudo.

— Conversei com Helena, minha amiga advogada, lembra-se dela?

— Lembro-me bem dela.

— Ela foi à Superintendência da Polícia Federal na Lapa e viu o inquérito. Disse o seguinte: como você estava no Museu muito próximo do momento do crime, é inevitável você ser indiciado como suspeito. Ela acha que em algumas horas você será intimado a depor. Meu filho, você é suspeito de duas coisas: autor das mortes no museu da LTSP e envolvimento com a célula terrorista do... não-sei-o-quê-jihad. Estranhei o inquérito não ser na Polícia Civil.

Christian empalideceu. Por segundos, ficou sem saber o que pensar. Esqueceu-se da própria regra de falar baixo ao celular quando num ônibus.

— Helena deu alguma sugestão de como me defender?

— Diga, meu filho, você está envolvido com tráfico de drogas ou alguma coisa de terrorismo no Oriente Médio?

— Claro que não, mãe!! Não sei a razão de inventarem isso tudo!

— Calma. Acredito em você. Ela me orientou a te dizer o seguinte: reúna o máximo de provas e evidências de que você nada tem a ver com essas coisas. Junte todos os documentos provando ou sugerindo os lugares por onde você passou, os hotéis, as lojas, provando que você *não foi* para os países onde seu pai trabalhava.

— Onde vou encontrar essas provas, mãe? Não há como provar que nunca estive no Irã, na Síria... — ele pensou por um instante: os policiais corruptos pediram propina para "esquecer" alguma coisa. E agora? Talvez fosse melhor pagar o quanto eles pediram e se livrar dos problemas. Mas isso resolveria?

— Alô, Christian!

— Oi mãe, estou aqui.

— Helena me disse ser difícil a polícia de outros países deportar um estrangeiro que não cometeu ilegalidade no país onde está. Durma na casa do Márcio ou outro lugar e vá logo para o Egito. Você só pode voltar ao Brasil com provas - fingia não estar abalada, tentando não alterar a voz.

— Mas como posso provar nunca ter me aproximado de um terrorista? Não tenho a menor idéia de como provar isso. Se a senhora e Helena, duas advogadas, não sabem como me orientar, como eu vou saber?

Um silêncio entre ambos se seguiu.

Ela esperava de Christian uma solução, um álibi, uma alegação convincente, qualquer coisa. Como fazer prova de *não haver* ligação? Na verdade, *as provas da acusação* seriam julgadas. Não ele. Como acontece em todo caso de acusação onde se afirma ter alguém feito tal coisa em tal lugar, o acusado tem como única saída provar que não esteve nesse lugar. No caso de Christian, ele estava no lugar do crime e falou com as duas vítimas antes de elas morrerem.

— Meu filho, faça o possível e o impossível! Continuarei conversando com Helena. Quando embarcar para o Egito, me avise. Beijo.

— Beijo, mãe. Tchau.

São Paulo. Brasil
Rodovia Ayrton Senna
19 de outubro, 15h42, hora de Brasília

PARA CHEGAR AO AEROPORTO Internacional de Guarulhos, Christian e Márcio pegaram um táxi umas quatro horas depois. Era por volta das quinze horas, eles nada tinham comido desde cedo. Apenas passaram em casa e fizeram as malas às pressas. O *laptop*, o *software* Lobsang de Márcio e o *Biodetector* de Christian foram postos na bagagem.

O trânsito pela rodovia Ayrton Senna estava lento e o sol quente da tarde causava moleza. As primaveras e verões em São Paulo prometem chuva torrencial todo fim de tarde. Se a promessa fosse cumprida, levariam horas para chegar ao aeroporto. Durante o trajeto, Márcio ficou sonolento até Christian contar-lhe a conversa com a Polícia Federal e a proposta dos policiais corruptos. O sono desapareceu instantaneamente.

O motorista tentou, sem sucesso, falar com eles sobre as mudanças do tempo — fórmula genuinamente paulistana de iniciar uma conversa com estranhos — mas não deu certo. O prolongado mutismo foi quebrado quando o celular de Christian tocou.

— Alô!

— Sr. Christian?

— Eu mesmo.

— Nós estamos com um novo pacote para clientes especiais. Por apenas quinze reais e setenta e dois centavos por mês o senhor ganha o serviço "Fale já". Com o "Fale já", Sr. Christian, o senhor terá acesso a Internet pelo celular sem interromper a chamada. Além disso, poderá enviar e receber torpedos enquanto fala no celular...

— Agradeço a oferta, mas não estou interessado.

Nessa hora, o celular emitiu um "bip", indicando haver outra chamada. Christian verificou ser o número de casa. Sua mãe tinha novidades.

— Por que não, Sr. Christian?

— Hmm... Estou ocupado. Não dá para falar agora...

— Em qual horário o senhor estará desocupado, Sr. Christian? — disse a voz feminina com seu jeito mecânico irritante.

— Daqui meia hora. Desculpe, é urgente — desligou e atendeu à outra ligação.

— Oi, mãe.

— Meu filho, preste atenção. A polícia acaba de sair daqui. Foi expedido um mandado de prisão preventiva contra você por suspeita de assassinato das duas pessoas do Museu — a mulher se esforçava para não chorar.

— Prisão preventiva?! — ele arregalou os olhos.

— Eu disse a eles que você estava no *campus* da FFLCH com o Márcio. Você tem de conseguir arranjar as provas de ser inocente ainda hoje!

Ele ia falar e protestar contra a injustiça, e dizer estarem indo para o aeroporto, mas ela não deixou. Foi incisiva:

— Preste atenção! Não posso dar detalhes agora, pois o telefone está grampeado.

— Grampeado?!

— É. Desde ontem começou a dar eco.

— Não é possível! O que fizemos de errado para sermos tratados assim?

— Chris, ouça! A prova da sua inocência está na muralha que você sempre gostou, mas você precisa procurar essa prova *hoje!* Entendeu? *Hoje!*

— Não entendi. Muralha?!

— É. Muralha.

— Prova numa muralha?!!

— É.

— Aquele muro grande feito de...

— É!!! — ela gritou, finalmente abrindo as comportas do nervosismo.

— Não tenho idéia de qual prova haverá numa muralha, e hoje estou indo...

— Chega! Não me diga nada!! — ela o cortou autoritária, impedindo-o de dizer qualquer coisa — Vá procurar! Não posso te dizer mais nada. Só me ligue quando resolver. Beijo e tenha cuidado.

— Beijo. Tchau.

Desligou o telefone como um autômato, tal sua concentração na estranha conversa. Afinal, o que estava acontecendo? Do que sua mãe estava falando?

— A prova está na... muralha? — sussurrou consigo mesmo, balançando a cabeça em sinal negativo.

Márcio dormia com a cabeça pendida para trás e a boca aberta.

O taxista fez questão de nada dizer ao passageiro mais indiferente do último mês.

A mente do quase-biólogo efervescia. Qual tipo de prova poderia estar numa muralha? Um tijolo? Uma inscrição? Um bilhete no Muro das Lamentações em Jerusalém? Era um absurdo isso.

— Em qual terminal vocês vão descer?

Muralha... Muralha... Muralha... Qual muralha seria? No Egito não poderia ser; não conhecia nenhuma, e sua mãe menos ainda. Desde criança tinha vontade de conhecer a Grande Muralha da China, mas não conseguia imaginar como procurar nela. Nunca esteve lá. Muro das Lamentações, em Jerusalém: a mesma coisa. Muro da Vergonha, que separou até 1989 Berlim Ocidental da Oriental: ele nunca esteve em Berlim e nem imaginava o que poderia haver no lugar, pois o muro não existia mais. Outras muralhas desfilaram em sua mente, sem haver qualquer conexão entre as acusações e uma prova de inocência. Em certo momento lembrou-se da muralha romana da Escócia. De repente, como o Sol surgindo por uma brecha de céu nublado, tudo fez sentido: sua mãe falara de sua avó!

— Em qual terminal vocês querem descer?

Das muitas vezes em que o pai de Christian levou a família para a Grã-Bretanha, em duas delas sua avó levava-os à Escócia para ver a muralha de Adriano, monumento

apreciado por ela desde a infância. A avó era escocesa. Era isso mesmo; a avó deveria ter a resposta para a pergunta. Se o sobrenome da família estava aparecendo no Oriente Médio, só poderia ser pela história de seu pai com aquelas tribos pesquisadas durante tantos anos no Iraque, Irã, Síria e outros países por ali. E sua avó deveria saber de alguma coisa.

— Christian!! — falou Márcio em voz alta. — O motorista está perguntando em qual terminal a gente vai descer!

— Ah... Já chegamos? É... Vamos pela Alitália... Terminal 1, Asa A, por favor. Contou rapidamente para Márcio a suspeita da mãe e de Helena sobre a possibilidade de ele ser indiciado, deixando o amigo horrorizado, quando o carro estacionou.

Christian ofereceu setenta e oito reais ao taxista pela viagem de trinta e dois minutos.

O motorista pegou o dinheiro em silêncio.

Ao passarem em frente a um conjunto de telefones públicos, uma mão suave pousou em seu ombro.

— Com licença. Você é Christian Wardall? — perguntou uma mulher simpática. Ele se virou apreensivo.

— Sim...

— Telefonema para você. Ali, naquele telefone.

Meio embaraçado, perguntou:

— A senhora me conhece? — nesse instante, o celular começou a tocar.

A mulher sorriu:

— Não, não. Eu ia ligar quando o telefone tocou. A pessoa disse que um rapaz com seu cabelo e roupa estaria por perto.

— Ok, obrigado — e dirigiu-se ao telefone indicado.

Enquanto isso, Márcio viu uma partida para dali a três horas para Roma, pela Alitália. Foi ao guichê para saber se havia ainda lugares.

— Alô! — Christian atendeu curioso.

— Christian Seabra Wardall... - começou uma voz sussurrante com sotaque estrangeiro — estudante de ciências biológicas na LJSP, professor de inglês para executivos, mora na rua Bahia, número 509, apartamento 703, em Higienópolis. Pega todos os dias o ônibus 701U — *Butantã-USP* e senta-se nas janelas do lado da porta. Não come carne vermelha e adora ópera. Quantas vezes viu *Madame Butterfly*? Três! Lima em São Paulo, outra em Londres e outra em New York...

— Quem está falando?

— Vai à academia "malhar" três vezes por semana. Ontem jantou comida japonesa no *Shopping Center Eldorado*: *temaki* de salmão, *missoshiru*, *gohan* com gergelim e bastante *bifam*. Esqueci de alguma coisa? Ah! O *wasabr*, pouco, misturado no

shoyu. Depois saiu da praça de alimentação, olhou as garotas bonitas passando, desceu à avenida e tomou o ônibus *Praça Ramos*. Desceu no primeiro ponto da rua da Consolação, em frente ao cinema Belas Artes, e foi a pé até seu prédio.

Imaginou quem estava fazendo a brincadeira.

— Gótico, cadê você, cara? Estamos desesperados te procurando desde...

— Cala a boca!! Presta atenção, garoto, pois só vou dizer uma vez: nós sabemos tudo o que você faz, onde você anda e com quem anda. Tua situação não "tá" boa e você vai fazer o que eu mandar: posso te entregar as digitais do garoto morto no sangue do assassino, num pote de vidro do museu. Se quiser se livrar da cadeia, é só pôr essa prova perto do museu e quando a polícia for lá de novo, você "tá" tranquilo. Mas "pra" isso você vai me dar uma coisa.

O celular tocava obstinadamente, elevando a confusão mental.

— Qual coisa?! Quem está falando?

— Você sabe de coisas que ninguém mais no mundo sabe! Converso com você de novo fora do Brasil. Ah... não conte para a polícia, senão destruo a prova da sua inocência e você vai "pra" cadeia! Na hora certa vou te chamar. "Pra" você não se atrasar, avisei a Polícia Federal que você está de saída para Roma. É melhor você correr, garoto, ou vai passar a noite preso!

A ligação acabou e Christian pôs o fone no gancho maquinalmente, sem saber o que pensar, fazer ou querer.

O celular não parava de exigir-lhe atenção.

Atendeu irritado.

— Alô!

— Sr. Christian, posso acrescentar o serviço "Fale já" na sua próxima fatura? Para sua segurança este telefonema está sendo gravado. Diga seu CPF e sua data de nascimento, por favor.

Ele suspirou fechando os olhos, mantendo-se por segundos num estado de total ausência de pensamentos.

— Sr. Christian? Diga seu CPF e sua...

— Não! Eu não quero nada! Obrigado!

— Sr. Christian, há muitas vantagens em aderir ao serviço "Fale já", Sr. Christian. O senhor costuma atender a chamadas enquanto se conecta...

— Eu não quero nada, *querida*! — ele aumentou o tom. — Por favor, não ligue mais para mim!!

TÃO LOGO O ESCRITÓRIO da Polícia Federal no aeroporto recebeu o comunicado da prisão preventiva de Christian, os agentes começaram a checar com as companhias aéreas se alguma o tinha na lista de passageiros. Enquanto isso, outros postaram-se nos portões de embarque, conferindo um por um os passaportes de quem entrava.

Três policiais abordaram Márcio comendo pão-de-queijo no balcão de uma lanchonete.

— Sr. Márcio de Oliveira Melo? — falou alto um deles, com fotos na mão.

Ele se virou, ainda mastigando, e se espantou ao ver os policiais.

— Polícia Federal — o agente nem lhe mostrou qualquer identificação - Onde está Christian Seabra Wardall?

— Como você sabe meu nome?

— Onde está seu amigo Christian Seabra Wardall?

— Não sei. Aconteceu alguma coisa?

— Temos um mandado de prisão contra ele. Diga o que sabe, pois proteger criminosos e enganar a polícia é crime. Onde ele está?

— Não sei! — reiterou com ar ingênuo — Deve estar no *campus*, como posso saber?

— Ele não ia com você agora para o Egito?

— Ele não decidiu quando vai. Tem duas provas na próxima semana, sabe? Trabalhamos num projeto de pesquisa arqueológica, investigando uns papiros rasgados e mofados do...

— O suspeito não chegou aqui - o policial virou-se e falou num rádio — Encontraram-no na Cidade Universitária?

O rádio emitiu um barulho de estática e uma voz masculina respondeu:

— Negativo. Foi visto pela última vez aqui ontem à tarde. Uma denúncia anônima disse que ele e o outro rapaz vão para Roma hoje.

— Vocês verificaram *todos* os prédios?

— Todos os da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, outros em volta e os da Faculdade de Biociências. A informação dada pela mãe era falsa, ela já desconfiava.

— Entendido — o policial se voltou para Márcio e ameaçou-o enérgico — Se você for cúmplice dessa fuga estará encarcerado, moleque!!

Nesse instante se aproximou um quarto agente federal dizendo calmamente e estendendo um papel:

— Christian Seabra Wardall embarcou faz duas horas e vinte e dois minutos para Londres. Já está fora do Território Nacional.

— Londres?! Não é Roma para onde você vai?

Márcio sorriu e enfiou um pão-de-queijo inteiro na boca, com expressão cômica, irritando o policial.

— Peça à Scotland Yard para extraditá-lo! - falou o agente com energia.

O outro saiu correndo. O policial se voltou para Márcio, com raiva contida:

— Seu amigo é perigoso! Precisamos achá-lo!

— O único perigo quando estou com ele é as mulheres olharem para ele, e não para mim!

— Ele é um terrorista procurado! Quanto mais você ajudá-lo, pior será para você!
— Negativo! — parodiou a linguagem policial. — Terrorista é quem trafica drogas na favela, mata meio mundo, nunca vai preso e com suborno é protegido pela Polícia Federal!
— Vamos! — ordenou aos três agentes, dando as costas para Márcio.

New York City, Estados Unidos
Assembléia Geral das Nações Unidas
17 de outubro, 9h42, hora do Atlântico

O PLENÁRIO DA ONU ESTAVA CHEIO. Os assuntos eram sempre graves, envolvendo soluções ou paliativos para problemas seríssimos de várias partes do mundo. Naquela tarde, haveria votação. Dependendo dela, programas de milhares de dólares poderiam destinar alimentos, remédios, novas escolas e hospitais e outras formas de auxílio a populações miseráveis da África, da América Latina ou da Ásia. Em caso de punição de governos, poderiam ser sugeridos envio de tropas militares, embargos econômicos e outras ameaças e sanções. Apenas sugeridas; somente o Conselho de Segurança era capaz de aprovar sanções.

Um dos temas era a abordagem usada pelos dos países do Ocidente no combate ao terrorismo.

Assim que o presidente da Assembléia Geral autorizou-lhe a palavra, Ibrahim Anwar Hassan, embaixador de um pequeno país produtor de petróleo na Península Arábica, iniciou enfático:

— Senhores embaixadores! Em muitos dos países chamados árabes não se admite falar em democracia. Em países como o Irã e a Síria, por exemplo, o discurso democrático é punido com a morte! Mas existe um outro Oriente menos conhecido, diferente, aberto a novas idéias e interessado em compartilhar o progresso da ciência e da tecnologia modernas. Esse Oriente pacífico e trabalhador quase não aparece nos noticiários das TVs por assinatura, nem chama a atenção da imprensa internacional, simplesmente porque essa parte não produz banhos de sangue todos os dias. O que tenho defendido é a política da "mão estendida" dos países ricos do Ocidente aos seus irmãos pobres do Oriente dispostos a cooperar no progresso comercial mútuo. E para isso é necessário instalar democracias no Oriente. Só com governos democráticos os povos árabes poderão expressar e ver respeitados os seus anseios de consumo dos produtos do Ocidente, hoje barrados por meia dúzia de dinastias de reis, príncipes, emires e sultões todo-poderosos que só aceitam a importação de gêneros que sirvam a eles próprios!

Nas galerias superiores envidraçadas do auditório, os intérpretes faziam a tradução simultânea para os mais diversos idiomas.

— Um país como os Estados Unidos, que tem um gasto militar anual de bilhões de dólares, que supera todos os orçamentos militares do mundo todo somados, não quer gastar poucos milhões para a educação e a aproximação dos povos do Oriente. Saibam, senhores, saibam que essa geração que hoje é desprezada pelos programas da ONU e dos países ricos, daqui a vinte ou trinta anos decidirá se o Ocidente poderá entrar lá para comercializar seus produtos, ou decidirá se eles próprios financiarão o terrorismo contra os ocidentais! Investir nas boas relações entre Oriente e Ocidente, principalmente na infância e adolescência, não é investimento perdido. Hoje o terrorismo explica seus atos bárbaros dizendo que a culpa é do Ocidente, principalmente dos Estados Unidos, que os prejudicam com sua forma pecaminosa, devassa e predatória de viver. E isso é ensinado às novas gerações, que crescem aprendendo a odiar e a culpar as potências ocidentais por tudo o que acontece de indesejável no Leste. Mas eu pergunto: o terrorismo surgiu apenas para eliminar os "defeitos" do mundo ocidental? Claro que não! Estamos diante de uma nova era! Uma era na qual pessoas sedentas de um poder bárbaro decidiram se organizar para pôr abaixo as formas mais moderadas de poder que hoje dominam o planeta. Uma era na qual a mais absurda, violenta e totalitária dominação ressurgiu, desconsiderando tudo o que o mundo civilizado produziu. Porém, senhores, as tentativas do mundo bárbaro de dominar o civilizado não são novidade. Mas o Oeste, o tão adorado, rico e intelectualizado Oeste, não se incomoda que esse método deplorável e assustador de se impor consiga adeptos! E, é claro, quem vive na miséria e na frustração, sem perspectiva de melhora, não tem motivo para valorizar sistemas democráticos avançados, afinal nada melhorará em sua vida. O que quero dizer com tudo isso, senhores, é que o Ocidente precisa investir no potencial do Oriente. Precisa plantar lá suas sementes e cuidar das novas mudas, como foi feito após a Segunda Grande Guerra: a Europa combalida foi reconstruída pelos Estados Unidos, pois, se eles não o fizessem, a União Soviética o faria! Hoje, no Oriente, temos quase a mesma situação! Não há o que pensar ou questionar, pois trata-se de uma competição declarada com as organizações terroristas! Essa é a grande miopia das potências ocidentais: antes, enxergavam a União Soviética e o socialismo como seus grandes inimigos, e tentavam de todas as formas minar essa orientação política. E funcionou: o capitalismo saiu vitorioso. Socialistas, no mundo de hoje, são meia dúzia de desorientados, que têm argumentos tão consistentes para defender o socialismo quanto dizer que a máquina datilográfica é melhor que o computador porque não gasta energia.

O embaixador fez pequena pausa após diversos de seus colegas rirem por uns segundos. Outros permaneceram tão sérios e compenetrados que não mexeram uma ruga sequer. E outros se sentiram ofendidos com a comparação.

— Mas por que o objetivo foi atingido? Foi a espionagem da CIA? Foram os

traidores da KGB que venderam segredos fundamentais para o governo americano? Foi a corrida armamentista ou a corrida para a Lua? Nada disso! Foi o estilo de vida ocidental-capitalista! Essa foi a tática mais poderosa de todas, que atingiu a mente do varredor de ruas, do operário, do universitário, da criança, do velho e do mais alto escalão das repúblicas soviéticas! Se o povo e o governo não quisessem intimamente viver o capitalismo, comer hambúrgueres cheios de colesterol e gastar dinheiro com roupas da moda, nenhuma estratégia da CIA ou do Pentágono teria conseguido 1% do que a propaganda do estilo de vida ocidental conseguiu! No entanto, as potências ocidentais, notadamente os Estados Unidos, parecem míopes quanto a isso. Eles ainda estão procurando no horizonte onde está o estandarte dos novos exércitos inimigos: talvez a China, talvez Cuba, talvez a Coreia do Norte. O que eles não percebem, ou não querem perceber, é que o inimigo hoje é de outro tipo. Não é mais um exército organizado, sofisticado e com estruturas políticas e militares imensas que chegará anunciando sua presença. E o inimigo não é mais só de alguns países do Ocidente, mas de toda a civilização, pois, hoje, vida civilizada, estilo ocidental e mundo globalizado são a mesma coisa! Hoje, o inimigo é um vírus invisível transmitido por conversas casuais. Ele se instala no organismo de uma pessoa insatisfeita com a própria vida, que entrega o filho de 7 anos para se transformar num garoto-bomba. O que pode fazer contra esse vírus, um exército como o que hoje existe no Iraque? Este é um problema global: terroristas motivados por política, por tráfico de drogas, por antiamericanismo, por fanatismo religioso e pela miséria arregimentam mais e mais seguidores em numerosos campos de treinamento em meio às guerras civis na África, nos desertos da Ásia, nas selvas da Colômbia e nas favelas do Rio de Janeiro. Nesses lugares, a política e a polícia tradicionais já perderam o comando; essas partes do mundo são deles e a civilização dali retroagiu às tribos guerreiras pré-históricas.

Fez uma pausa. Estava exaltado as próprias palavras.

— Tudo o que conhecemos por *estado de direito* desapareceu ou nunca surgiu nessas regiões do mundo; só existe a vontade do mais violento e a submissão *absoluta* do mais fraco. A ONU e todos os países ricos *precisam* reconquistar essas partes do mundo e impedir que essa forma de poder se amplie; mas de maneira pacífica, investindo pesadamente naquilo que tem o maior poder de persuasão, a maior vacina contra o vírus do terrorismo e do fanatismo religioso: a chance de entrar no estilo de vida ocidental. Essa é a guerra a ser travada hoje. Os estados nacionais precisam, com urgência, fazer com que ser um cidadão honesto, emancipado e bem-sucedido seja um projeto possível de vida. Ou então — para usar um exemplo familiar aos ocidentais — os bárbaros acabarão chegando aos portões de Roma porque os patrícios preferem considerá-los tão incapazes que nem vale a pena se preocupar com eles. Obrigado.

Embora contrariasse o protocolo, uma prolongada salva de palmas seguiu-se ao discurso. Ibrahim tinha, de fato, o dom da oratória aliado a uma visão heterodoxa do problema do terrorismo. Captara a atenção e a admiração dos demais diplomatas e, obviamente, isso levaria seu discurso para as chancelarias e governos de muitos países. Outros embaixadores fizeram suas considerações e as matérias do dia foram votadas. Após o término da Assembléia, ele desceu à garagem subterrânea, onde seu motorista o aguardava.

— Aeroporto Newark. Depressa.

O motorista obedeceu prontamente. O veículo preto de vidros escurecidos deslizou pelas avenidas de Manhattan até o Túnel Lincoln, que liga a ilha à cidade de New Jersey, no estado de mesmo nome, do outro lado do Rio Hudson. Minutos depois ele embarcava num jato particular, que rasgou o céu da Big Apple rumo ao leste.

Durante o voo, o embaixador pensava em seu discurso e no efeito que tivera. Conseguira expor suas idéias num dos plenários mais importantes do mundo. E fora aplaudido! Seu livro, lançado há poucos meses e abordando os problemas e soluções apontados no discurso, circulava em vários países. Recebera correspondência de diversos políticos, cientistas políticos, sociólogos e organizações não-governamentais, elogiando e referendando suas idéias. Essa parte — a divulgação de uma solução de fácil compreensão e fácil adesão — era a primeira parte de um projeto muito maior, que colocaria o mundo árabe na linha de frente dos negócios com o mundo rico, ganhando a competição com o terrorismo.

Cinco horas depois o avião iniciava o procedimento de pouso no Aeroporto Internacional de Marrakech, no noroeste do Marrocos. Após a meia hora necessária para o reabastecimento, voou para o leste e chegou em menos de duas horas a Trípoli, na Líbia.

Apressado, o embaixador rumou para a saída do aeroporto, onde uma limusine o esperava com sua bagagem.

Ele tinha importantes contatos a fazer. Contatos capazes de interferir no futuro do mundo árabe.

Londres, Inglaterra
Aeroporto Internacional de Heathrow
20 de outubro, 3h25, hora de Greenwich

A SCOTLAND YARD NÃO ACEITOU extraditar Christian. Era cidadão europeu e podia entrar e sair do país livremente, a menos que cometesse um crime num país da União Européia. Do Brasil, a Polícia Federal alegava ser ele suspeito de crimes comuns com motivação terrorista, com prisão preventiva decretada.

- Isso não é suficiente para deportar um cidadão europeu — respondeu por telefone

o agente da Scotland Yard ao policial brasileiro. - E há também o problema da falta de reciprocidade.

- O que é isso?

- Quando o assaltante do trem pagador roubou mais de 2 milhões de libras esterlinas e fugiu para o Rio de Janeiro, o governo do Brasil abrigou-o por 31 anos.

O brasileiro tentou argumentar, mas nada adiantou. E existia um outro motivo, que jamais qualquer policial falaria. Em 22 de julho de 2006, o brasileiro Jean Charles de Menezes foi morto pela *Metropolitan Police* com oito tiros na estação Stockwell do metrô de Londres. A justificativa divulgada à imprensa mundial foi suspeita de o rapaz ser integrante da célula terrorista da Al Qaeda na Inglaterra e ter participado de um atentado no dia anterior. Depois, descobriu-se que o rapaz nada tinha a ver com qualquer grupo terrorista, tampouco possuía qualquer arma ou comportamento suspeito.

O caso ganhou a mídia mundial, humilhando a polícia do país, que se gabava de pôr policiais desarmados nas ruas. E o escândalo ficou maior quando se soube que o chefe da *Metropolitan Police* inglesa dificultou a investigação e tentou demover a família de fazer nova autópsia no corpo. Para completar, divulgou-se que o rapaz fora morto com balas de ponta oca, que explodem dentro do corpo, proibidas pela Convenção de Haia desde 1899.

Devido a esses acontecimentos recentes, a última coisa que as autoridades britânicas queriam era nova desmoralização causada por um brasileiro que nada tinha de suspeito e ia ao Reino Unido raramente.

Entretanto, uma outra organização também recebera dados parecidos com os da Polícia Federal no Brasil e da Scotland Yard a respeito de Cristian, com expressa determinação de saber tudo sobre ele. Sem que nenhum desses dois órgãos soubessem, e muito menos Christian, um agente do MI-6, o serviço secreto da Coroa Britânica, recebeu um relatório sobre Christian e o encargo de segui-lo.

Ao contrário da polícia e das forças armadas, o MI-6 tinha a finalidade de descobrir ameaças e conspirações contra o governo e o povo britânico, para preveni-los a tempo. Pelo menos assim declarava o governo a todos os britânicos que pagavam impostos.

QUANDO O VÔO DA BRITISH AIRWAYS chegou de madrugada ao Aeroporto de Heathrow, em Londres, todos os passageiros compararam a São Paulo quente e ensolarada com a Londres fria, nevoenta e soturna.

Christian pegou um trem para Stratford-upon-Avon, cidadezinha poucos quilômetros a noroeste de Londres. Passara todo o tempo meditando em como sair da situação cada vez mais difícil em que estava. O terrorista fora esperto: planejara um futuro encontro fora do país. A insinuação de ele *saber coisas que ninguém mais no*

mundo sabe deixara-o apreensivo. Estaria falando da entrada para Maha-Ettel? Talvez o criminoso quisesse que ele roubasse coisas da comunidade secreta. De fato, os objetos de ouro e pedrarias dos sacerdotes valeriam uma incalculável fortuna no mercado negro de relíquias históricas. Mas como essa organização terrorista, Muhanned Fawzan Al Jihad, poderia saber disso?

Com tantas perguntas sem resposta, chegou à casa da avó paterna quase pela manhã, cansado física e mentalmente. A velhinha morava sozinha numa típica casa vitoriana de dois andares, com chaminé de três saídas. Fazia questão de conservar a casa bem arrumada, com os jardins bem cuidados. Após os efusivos cumprimentos e um banho quente, Christian foi dormir um sono agitado e interrompido.

Por volta das 9h30, acordou e encontrou a avó na sala. Ali, conversaram diante da lareira, com muito chá e torradas. De vez em quando um gato persa passava, procurando algum lugar mais confortável para se aninhar. A idosa criava três dos preguiçosos felinos.

— Sempre sinto muita saudade daqui e de você, *Grandma*— falou Christian sorrindo, tentando esconder os incômodos acumulados dentro de si.

— Eu também, meu querido. Uma pena você vir para cá tão pouco — respondeu, simpática. Os grandes olhos azuis e os traços finos do rosto evidenciavam a beleza que tivera quando jovem.

— É. Trabalho muito, estudo, faço a pesquisa, não tenho tempo para nada.

— Assim como seu pai. Ele estudava muito. Nossa! Como ele gostava de estudar! Ao contrário de seu tio, um preguiçoso.

Apesar de toda a tensão dos últimos dias, o jeito calmo e afetuoso da avó funcionaram-lhe como um calmante. Tinha vontade de ficar para sempre conversando com a velhinha.

— *Grandma*, lembra de você me dizer que tinha uma mecha de cabelos do meu pai, de seu primeiro corte?

— Lembro.

— Eu poderia ver?

— Claro que sim! Mesmo porque daqui a pouco a mecha, a casa e o *cottage*, tudo ficará para você.

— Isso vai demorar muito. Por enquanto, só preciso ver! — completou, sorrindo.

Quase em seguida, Christian se tornou mais sério. Expôs à avó a situação em que estava, as suspeitas da Polícia Federal e a pista dada por sua mãe sobre a "muralha". Não mencionou o mandado de prisão.

Ela o ouviu interessada. Aos poucos, o aspecto sorridente do rosto enrugado foi dando lugar a uma expressão densa e preocupada. Depois de pensar por instantes, falou lentamente, com pesar:

— Queria que este dia nunca chegasse, que você não seguisse os passos perigosos

que John seguiu. Mas parece que os Wardall gostam de desdenhar do perigo. As coisas nunca saem como a gente planeja, não é?

Ela se levantou com dificuldade da poltrona Luís XV e foi para um quarto nos fundos da casa. Voltou com um pequeno baú de madeira, empoeirado.

Christian se aproximou para ver.

Ela abriu a fechadura. Dentro havia fotografias do Dr. John em várias idades: quando criança, na escola secundária, na praia de Brighton, na formatura na Universidade de Oxford, no dia do casamento e em outros locais. De um pequeno envelope, a matriarca dos Wardall tirou uma mecha de cabelos loiríssimos, presa por um laço de cetim azul.

Christian tocou na mecha e tirou dela um fio, que guardou com cuidado na carteira.

A anciã pegou um grande envelope pardo lacrado e o entregou a Christian.

— O que é isso? — ele estranhou.

— Um envelope.

— Eu percebi, mas o que tem nele?

— Não tenho idéia.

— Posso abrir?

— Pode.

Rasgou-o. Dentro havia um papel escrito com um número, um código de números e letras, o nome "John Nightingale Wardall", um objeto metálico comprido e perfurado, oco, em forma de vareta e um documento todo escrito em francês com timbre, cabeçalho e um carimbo do governo francês.

— O que é tudo isso, *Grandma*? — ele olhou para a velhinha de olhos safirinos com estranheza.

— Não sei, querido. Seu pai disse que se um dia você viesse aqui procurando entender isso que você me contou, eu deveria lhe entregar o envelope.

— Como?! Como ele poderia saber disso há quinze anos?! E estes símbolos? ...*And a bottle of rum?*!

— Também não sei. Apenas sei que isso de alguma forma te levará ao perigo, pois seu pai me avisou disso. Mas me recomendou que, caso ele morresse primeiro, eu só deveria lhe entregar isso quando você fosse adulto e viesse procurá-lo.

— E por que ele não o deixou com minha mãe?

— Ele me disse ter sido uma decisão dos dois deixar isso aqui, por ser um lugar menos suspeito; afinal, ele já não morava em Stratford havia mais de vinte anos quando começou a freqüentar o Oriente Médio. Apesar de ele ter me segredado que não contou a sua mãe também do que se tratava — ela pensou um pouco e recomeçou. — Na verdade, nem estava guardado aqui. Estava no *cottage*. Fui buscá-lo depois de você me telefonar falando da sua chegada.

Christian agradeceu e foi para o quarto. Quebrou a cabeça com tantas peças que não

se encaixavam de jeito nenhum. Polícia Federal, escuta telefônica, mortes no MAE, papiros roubados, envelope com coisas estranhas, a mãe e a avó sabendo de coisas e ocultando-as dele. *And a bottle of rum...*

Os sinais eram árabes. Ele tinha pouca prática com o idioma. Sabia apenas cumprimentar, pedir e receber informações verbalmente o suficiente para localizar lojas, lugares, preços. Com a escrita, tinha pouca familiaridade. Lembrou-se de algumas letras, lendo-as da direita para a esquerda, como se lê e escreve em árabe.

— R... B... Não me lembro desta. N. Alif. E esta aqui é a junção de S com... não sei — murmurou, enquanto escrevia num papel. Formou-se um conjunto de letras sem sentido: RB... NAS...

Não se lembrou de palavra alguma assim nem similar. Precisava de um dicionário. Mesmo assim, continuou tentando e testando possibilidades de letras. Mas nada fez sentido. Seu vocabulário era restritíssimo.

Mas... E *uma garrafa de rum*? Seu pai não tomava rum. Nem ele. Nem qualquer outra pessoa da família. Nenhuma outra a não ser Edward, seu tio alcoólatra.

Stratford-upon-Avon, Inglaterra **20 de outubro, 10h20, hora de Greenwich**

CHRISTIAN CORREU A UMA LIVRARIA no centro de Stratford. Comprou um dicionário do dialeto árabe falado na região do Cairo. Isso seria uma tarefa dispendiosa e longa, pois, nos países chamados árabes, o jeito de escrever e o alfabeto variam um pouco. Marroquinos, egípcios, libaneses, iranianos, curdos, afegãos, todos têm alfabetos e vocabulários ligeiramente diferentes e pronúncia bem diversa.

Todas as letras figuravam no dicionário. A última delas era a junção de duas. A transliteração para o alfabeto ocidental formou a seqüência: RBKNASLA.

No dicionário não existia nenhuma palavra parecida com essa. Re combinou as letras. Leu de trás para frente. Conferiu se a transliteração estava correta. Não conseguiu montar nada com algum sentido para ele. Mesmo assim, anotou algumas recombinações. Tentou se lembrar de todo quanto sabia do pai, de seu nome, de pessoas conhecidas dele, de trabalhos científicos, teses, lugares, universidades, grupos sociais, locais por onde ele e a mãe passaram quando foram procurá-lo após o desaparecimento. Nada tinha um nome parecido nem uma sigla similar a RBKNASLA.

Foi a um cibercafé no centro de Stratford. Num *site* de busca o resultado foi:

Sua pesquisa - "**RBKNASLA**" - não encontrou nenhum documento correspondente.

No árabe só se escrevem as consoantes. As vogais são apenas pronunciadas. RBK poderia ser pronunciado como *rabeki* ou *rubeko* ou *rabak* e muitas outras

possibilidades. A letra alif, única vogal escrita, pode ser transliterada como a, e, i, o, u, ay, ei ou ae. Isso — pensou — dificultava muito a pesquisa em letras ocidentais, pois teria de incluir todas essas vogais na busca.

Diante de um oceano de possibilidades, continuou buscando as mais variadas combinações, que sempre resultavam em *sua pesquisa não encontrou nenhum documento correspondente*.

RBKNISLA. RBKMISLA. RBKNYSLA. RBKNESLA. RBKNI S/A. RBKNOSLA. RBKMESLA. RBKNASLA. RBKNUSLA.

Começou a forçar mais as substituições de letras.

BBC & S/A.

BBC AND ISLA.

BBC IN LA.

Esta combinação apresentou 29 ocorrências. Ele abriu todas as páginas encontradas, mas de nada adiantou. Todas se referiam a notícias recentes da famosa rede de TV inglesa, não podendo ser conhecidas de seu pai quinze anos antes.

BBC IN NYC AND LA.

BBC NYC IS LA.

Depois lembrou-se de que a letra C não existia no árabe. A transliteração para o alfabeto ocidental ocorre para S ou K, de acordo com a pronúncia. Então, incluiu vogais aleatoriamente e substituiu a letra K por S e depois por C.

RABESUNISLA

RBSNOSLA

RBCNISLA

RABASAMISLA

RBSMESLA

RBCMISLA

RABOSINYSLA

RBSNISLA

RBCNYSLA

REBASANISLA

RBSNUSLA
RBCNISLA
REBASENI S/A
RBSNI S/A
RBCNI S/A
REBOSANOSLA
RABECUNISLA
RBCNOSLA
REBESAMESLA
RABACAMISLA
RBCMESLA
REBESSNISLA
RABOCINYSLA
RBCNISLA
RUBESANUSLA
REBACANISLA
RBCNUSLA
RUBESENI S/A
REBACENI S/A
RBCNI S/A
RBSNISLA
REBOCANOSLA
RBCMISLE
RBSM1SLA
REBECAMESLA
RBCNYSLE
RBSNYSLA
REBECNISLA
RBCMYSLE
RBSNISLA
RUBECANUSLA
RBCNOSLA
RBSNI S/A
RUBECENI S/A
RBC NISLE

Após mais de uma hora e meia de tentativas, apareceu uma lista de resultados. Escreveu RBC separado de NISLE, por pressionar a tecla Espaço acidentalmente junto com a tecla C. Só depois de teclar Enter notou o erro. Antes de corrigir,

apareceram centenas de ocorrências realçando a sigla RBC.
Surpreso, abriu uma das páginas e viu o significado da sigla:

Royal Bank Columbia

Em princípio, duvidou que isso tivesse alguma relação com o envelope. Mas todas as ocorrências mencionavam o banco. Lembrou-se do papel no envelope com um número e uma seqüência de números e letras. Podiam ser uma conta bancária e uma senha. Entreabriu a boca, admirado com a possível dimensão daquilo. Seu pai estava correto ao escrever RBK, pois na palavra Columbia o som do C era correspondente ao da letra K, e não de S.

Um entusiasmo quase febril o incendiou. Seu pai lhe deixara uma conta! Como nunca soube disso?

Faltava ainda entender a segunda parte: NISLE.

A busca resultou em 779 resultados. Em quase todos, Nisle era o sobrenome de alguém. Visitou alguns desses *sites* e ficou mais confuso ainda. Talvez seu pai conhecesse essas pessoas. Ou talvez o tal de Nisle fosse o dono da conta bancária. Se fosse assim, não via razão para seu pai deixar a conta e a senha do Sr. Nisle com ele. Nem procurou RBC e Nisle no *site*, pois obviamente o banco não divulgaria nomes de correntistas numa página da Internet. Ou talvez Nisle trabalhasse no banco. Christian olhou de novo para o envelope e releu a frase ...*And a bottle of rum!* De repente, lembrou-se de algo; essa frase seu pai costumava cantarolar para ele e para sua irmã quando eram crianças. Era uma citação do livro de Robert Louis Stevenson, *A Ilha do Tesouro*.

O Dr. John se importava muito com a formação intelectual dos filhos e os incentivava à leitura. Alguns anos antes de desaparecer, presenteara Christian no Dia da Criança com um exemplar de *A Ilha do Tesouro*. Para entusiasamá-lo, contara como começava a aventura de Jim Hawkins, o personagem principal que viveu incríveis aventuras a bordo tia caravela *Hispaniola*. Durante a narração, o Dr. Wardall repetia a frase do pirata Billy Bone, que todo dia tomava rum na estalagem onde Jim trabalhou com os pais durante a infância, de frente para o porto:

- Yo ho ho... And a bottle of rum!

A Ilha do Tesouro. Olhou de novo para a seqüência. Talvez RBCNISLE fosse uma forma disfarçada de escrever RBC IN ISLE (RBC na ilha). A palavra inglesa *isle* (ilha), derivada da espanhola *islã*, era a ancestral de *island*, mais usada atualmente. Sim, fazia sentido. Procurou novamente na opção "Pesquisa avançada". No campo "com todas as palavras", pôs RBC. No campo "com qualquer uma das palavras", incluiu os seguintes termos: ISLA ISLE ISLAND.

799.000 ocorrências, aproximadamente, foi a resposta. As páginas falavam de muitos assuntos e seria impossível ler todas para estabelecer alguma conexão.

Precisava refinar a pesquisa. Pensou e pensou; então, lembrou-se: a mãe, a irmã e ele eram os únicos herdeiros de seu pai. Nenhuma conta bancária fora do Brasil constara no processo de inventário. Isso significava — se a hipótese do banco estivesse mesmo correta que seu pai tinha conta num "paraíso fiscal", um daqueles locais onde pessoas do mundo todo depositam grandes fortunas para escapar de impostos, auditorias e outras investigações. Por qual outra razão ele propositalmente o lembraria de *A Ilha do Tesouro*?

Procurou o *site* do banco. Na opção "Mapa do *site*", encontrou a lista de agências do mundo todo. Era um banco canadense com agências em grandes cidades do Canadá, Estados Unidos, Inglaterra, Brasil, Argentina, Uruguai e outros países. Interessavam-lhe as ilhas: no Caribe havia Bahamas, Barbados e Cayman; na Europa havia Guernsey e Jersey.

Em qual delas seria mais provável seu pai ter feito algum depósito? John Wardall nunca visitara o Caribe, tampouco qualquer país das proximidades, como o México e os da América Central. Os Estados Unidos ele visitara havia muito tempo, antes de se casar. Sobravam as ilhas Guernsey e Jersey.

Procurou mais coisas sobre as ilhas. Encontrou uma página de anúncios de bancos situados no Golfo de Saint Mario, entre a França e as Ilhas Britânicas, no arquipélago conhecido como Channel Islands (Ilhas do Canal):

Abra uma conta num banco das Channel Islands! As Channel Islands situam-se no canal entre a França e as Ilhas Britânicas. Elas são parte das Ilhas Britânicas, mas não são parte do Reino Unido, embora a segurança em caso de agressão externa caiba ao Reino Unido. As mais conhecidas são Jersey e Guernsey. Jersey, a maior, contém a maioria dos grandes bancos do mundo e lhe oferece todas as características que um paraíso fiscal precisa ter:

§ governo estável;

§ economia estável;

§ não-participação em conflitos internacionais;

§ baixos impostos

O arquipélago era mesmo um paraíso fiscal, um local *off shore*, isto é, com poucos impostos. De fato, seu pai tinha feito uma perfeita comparação: os paraísos fiscais eram versões modernas das ilhas do tesouro. Assim como os piratas do livro de Stevenson enterravam suas riquezas roubadas em ilhas distantes cujo acesso só eles conheciam, políticos corruptos e outros grandes ladrões da atualidade também se utilizam de paraísos fiscais para esconder suas fortunas indevidamente adquiridas.

Talvez fosse em Jersey, por ser a ilha maior e com mais bancos.

Novamente afobado, Christian procurou na Web um mapa para saber a localização

das ilhas. Jersey era próxima da Grã-Bretanha. Poucas horas de barco.

Saiu apressado do cibercafé rumo à casa da avó. Lá, explicou a ela suas descobertas, pediu-lhe total segredo e saiu apressado. Deixou a mala maior, onde guardava o Biodetector.

Na estação de trem de Stratford havia uma partida em breve para Londres, de onde pegaria outro trem para o litoral sul. Mas preferiu esperar uma partida, que demoraria um pouco mais, saindo direto para Weymouth, cidade com porto marítimo. As 3h20 da tarde, Christian embarcou em Weymouth num *ferry boat* com destino a Jersey.

Três horas e meia depois, a barca atracou no aprazível porto de Saint Helier, ao lado da belíssima baía de Saint Aubin, após passar ao lado dos rochedos onde fica o Castelo Elizabeth.

Uma vez em terra, informou-se numa loja de flores onde ficava o banco.

- É aqui em Saint Helier, na Broad Street. Mas já fechou — informou a vendedora. — Só amanhã.

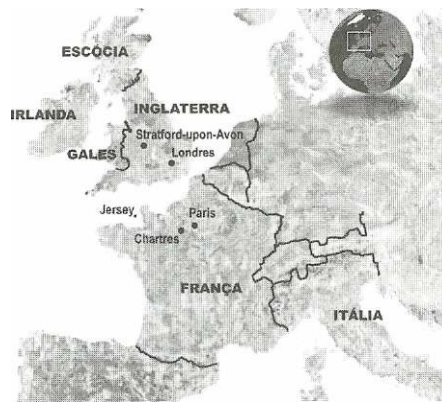
Christian olhou no relógio. Marcava mais de 17 horas; o fuso era o mesmo de Londres. Cansadíssimo, com sono e com fome, procurou um hotel. Logo após o *check-in*, jogou a mochila no quarto, escondeu o envelope por dentro da roupa do corpo e saiu para comer. Ao voltar, precipitou-se como uma rocha na cama, dormindo em seguida. O dia seguinte também seria de muita viagem, desconforto e correria.

E de importantes descobertas.

Saint Helier, Jersey **20 de outubro, 9h12, hora de Greenwich**

O TURISMO ERA UMA ATIVIDADE INTENSA em Jersey. Pela esmerada aparência das ruas, bares e cafés, foi possível deduzir que a presença dos visitantes era muito bem-vinda no comércio local. Por toda a parte via-se a atividade dos visitantes, correndo, caminhando a pé, de bicicleta, de microônibus, vans e táxis.

Quando Christian saiu do hotel, passava das 9h. Pegou um táxi e cinco minutos depois o taxista lacônico deixou-o diante de um imponente e moderno edifício na Broad Street. A clássica construção era impressionante o suficiente para fazer o visitante desavisado pensar duas vezes se era realmente ali que deveria entrar.



A dúvida o assaltou uma vez mais. Seria possível seu pai ter deixado dinheiro para ele ali? E por que só para ele? Ou talvez tudo isso não passasse de um grande engano? Ou pior, uma fantasia sua, enxergando o que queria onde não se podia concluir coisa alguma? Passou a mão no rosto como para afastar a dúvida. Não podia ficar indeciso agora; só indo ao banco saberia a resposta, e nada perderia com isso.

Após passar por várias seguranças, chegou a um saguão amplo onde só raramente passava alguém, e ficou sem saber para onde ir. Desde antes de entrar, câmeras acompanhavam-no. Após parar no saguão, de um elevador saiu um homem elegantemente vestido que se dirigiu a ele, em inglês:

— Com licença, meu senhor. Posso ajudá-lo?

— Sim — respondeu meio desajeitado. — Tenho uma conta aqui e gostaria de saber mais sobre ela. Na verdade, tenho o número e a senha, mas nunca a movimenteiei. Eu a ganhei — finalizou com um risinho.

O homem simpático estranhou a forma de se apresentar.

— O senhor tem certeza de que é aqui? Queira me perdoar, mas o senhor parece bem jovem... Este banco não aceita depósitos inferiores a 10 milhões de dólares.

— Dez milhões?! Bem, procuro o Royal Bank of Columbia. Não é este?

— Sim, é. Mas...

— O senhor pode fazer a gentileza de me ensinar a mexer na minha conta?

— Sim... é claro. Venha comigo.

O homem o conduziu a uma sala ricamente mobiliada, onde outros empregados do banco tinham suas mesas, e convidou-o a se sentar. Pediu seu passaporte e sua assinatura numa requisição e finalmente exigiu-lhe deixar suas impressões digitais num aparelho eletrônico. Após a cansativa seqüência de identificação, ele aguardou, enquanto o homem tentava entretê-lo conversando sobre banalidades. Quarenta e três minutos e um café *capuccino* depois, Christian viu o homem receber um telefonema. Ele praticamente só ouviu. Em seguida, digitou algo em seu computador e passou a acompanhar na tela coisas ditas pelo telefone. Ao fim, dirigiu-se a Christian.

— Sua conta é de acesso a um cofre particular, onde alguma coisa está guardada. Se houver dinheiro, lingotes de ouro, jóias ou outra coisa qualquer, esses valores não

são contabilizados nem garantidos pelo banco. Só quem pôs o seu conteúdo ali sabe do que se trata.

— Quando esse cofre foi aberto pela última vez?

— Em 1991, pelo Sr... — ele se virou para a tela de seu computador

John Nightingale Wardall. É seu pai, certo?

— Sim. Quero ver o que há no cofre.

— Você precisa ter a conta, a senha e a chave.

— Chave?

— É. A chave da porta do cofre e dos corredores.

Christian remexeu no envelope e pegou o objeto metálico comprido.

— É isto aqui?

— Hmm... Não mais. A cada dois ou três anos o sistema é modificado. Você precisará fazer a requisição de uma nova chave e trazer a documentação judicial do processo de inventário que prova que você é o herdeiro de seu pai para essa conta. Iremos verificar tudo e você receberá a chave quando...

— Senhor, não posso esperar tudo isso! Estou respondendo a uma acusação criminal em meu país e preciso das provas que me inocentam que estão guardadas nesse cofre! Preciso disso hoje!

— Impossível. Mesmo que a decisão judicial estabeleça você como herdeiro do cofre, precisamos conferir a documentação.

Christian ficou indignado. O que faria? Não poderia voltar ao Brasil sem as provas, ou seria preso no aeroporto. Aí, não teria como encontrar prova alguma. Voltar para o Egito ou para a Inglaterra de nada adiantaria. O inventário que distribuía o patrimônio de seu pai havia se encerrado há vários anos e não mencionava nenhum cofre. Subitamente, lembrou-se do documento francês. Remexeu o envelope e entregou-o ao homem. Christian não falava francês.

— O senhor fala francês?

— Quase todos nesta ilha falam francês e inglês. O que é isso? - pegou o documento. A medida que lia, sua fisionomia ia mudando. Depois, submeteu o documento a um aparelho que evidenciou uma série de desenhos, fios metálicos e tiras plásticas no interior do papel.

Christian viu tudo surpreso.

O homem abriu um livro onde havia padrões de desenhos, fios metálicos e fitas plásticas que variavam com o ano, tipo de conta e outras classes que o banco estabelecera para os clientes. Comparou o padrão do papel com os do livro, percebendo que tudo estava de acordo. Por fim, seu rosto estampou a expressão de quem fora vencido.

— Bem... E uma procuração registrada num cartório da Normandia, França, estabelecendo você como proprietário do conteúdo do cofre. Sim, você pode acessá-

lo. Vou chamar os técnicos para fazerem nova chave agora mesmo.

O procedimento para a fabricação da chave levou um tempo considerável. Chá e café *capuccino* tinham perdido o poder de afugentar o tédio. Quando o trabalho foi concluído, o homem chamou Christian e disse que poderia voltar à sala do cofre em total privacidade. Já fazia quatro horas que ele estava naquele banco.

Percorreu os corredores e salas, digitou o número da conta e a senha em painéis de várias portas e uma delas pediu a chave. Finalmente a portinhola do cofre se abriu. Dentro havia uma maleta preta, parecendo uma valise, e uma caixa metálica. Abriu a maleta primeiro, sem dificuldade.

Cartas escritas em inglês. Cartas manuscritas em árabe. Mapas do Irã, Iraque, Turquia, Casaquistão, Tadjiquistão e outros países, cortados por diversas linhas verdes, vermelhas e amarelas. Um conjunto de folhas parecendo de plástico, cor de grafite. Esse maço de folhas estava atado por uma fita plástica. Na primeira delas, um pedaço de papel colado, escrito à mão.

Christian

Isto é para você.

Usa da melhor forma.

Pai

Ao ler o recado e reconhecer a letra do pai, emocionou-se por um instante. Transferiu sua atenção para a caixa de inox polido. Era pesada como um bloco maciço de aço, de um palmo e meio de altura e o mesmo de largura e profundidade. Deveria conter muitos lingotes de ouro.

Um tanto receoso, abriu-a. Nenhum dinheiro. Nem barras de ouro nem qualquer coisa preciosa. Havia fios elétricos coloridos, tubos amarelados verticais e um cronômetro digital, que iniciou naquele instante uma contagem regressiva a partir de 00:20:00.

A decepção indescritível que tomou sua alma se converteu, numa fração de segundo, em desespero. Era uma armadilha; uma bomba estava armada, esperando quem pegasse a valise para ser acionada. Apavorado, agarrou as fichas negras, as cartas e mapas e foi enfiando tudo na mochila enquanto corria para o corredor. Algumas caíram pelo caminho e ele voltou correndo para pegá-las. Depois, tomou o elevador e seguiu para o andar de entrada. Lá chegando, entrou correndo na sala do homem que o recebera, gritando que havia uma bomba-relógio armada no seu cofre, que explodiria em menos de vinte minutos.

Aqueles homens e mulheres quietos e polidos entraram em pânico instantaneamente e a sala luxuosa onde todos falavam baixo se transfigurou num galinheiro agitado pela visita inesperada de uma onça.

Alarmes luminosos e sonoros chamaram a atenção do edifício inteiro e todos os que estavam no banco correram para as saídas de emergência. Como o alarme também acionou a polícia da ilha, assim que as primeiras pessoas deixaram o suntuoso edifício, os policiais que chegaram puseram em prática suas táticas de defesa para cercar o prédio, invadi-lo e vasculhá-lo, sem dar a criminosos a oportunidade de aproveitarem a bagunça para entrar.

Em quinze minutos um esquadrão anti-bombas estava no prédio imovendo o perigoso artefato, pois deduziu-se na hora não haver tempo nem condições de tentar desarmá-lo.

Como só restavam cinco minutos, os peritos se comunicaram por rádio com os policiais do lado de fora e pediram o imediato afastamento das pessoas do local, pois a bomba seria deixada para explodir no jardim em frente ao edifício; não havia tempo para levá-la para longe.

A essa altura, a pacata *village*, como era chamada a cidade, começava a saber do inusitado acontecimento e os curiosos se amontoavam cada vez mais para ver o que ocorria. Mais interessante era o comportamento dos turistas; muitos não viam naquilo uma ameaça à vida das pessoas, mas um espetáculo capaz de tornar a viagem mais animada. Um italiano comentou com seu grupo de viagem:

— É nisso que dá guardar dinheiro roubado do mundo todo...

Os peritos deixaram a bomba no gramado faltando menos de um minuto para a explosão e correram para longe. Alguns policiais acompanharam o visor do cronômetro com binóculos:

Trinta e seis segundos. 35.34. 33. 32. 31... 07.06. 05.04.03. 02. 01.00.

E... Nenhuma explosão. O cronômetro parou em 00:00:00. Alguns peritos avisaram para ninguém se aproximar; poderia ainda haver a detonação.

Christian observava tudo junto com o pessoal do banco.

Mais alguns minutos e nada. Entre os peritos e policiais, houve um certo debate sobre o que fazer.

Alguns turistas ficaram decepcionados. Outros acharam divertida a decepção dos demais.

— Rico é assim mesmo. Sempre leva vantagem — comentou o italiano.

Já se passavam doze minutos quando os peritos decidiram explodir a bomba ali mesmo. Os policiais se organizaram a uma distância de mais de 50 metros e posicionaram as metralhadoras. A ordem do comandante, atiraram de uma vez. Centenas de projéteis atingiram a caixa de inox, transformando-a, junto com seus componentes, em pedaços esmigalhados espalhados pelo gramado. Nenhuma explosão nem fogo. Somente uma fumaça avermelhada se elevou, levada pelo vento. Finalmente os policiais entenderam: não havia bomba alguma. Fora uma brincadeira. Se houvesse explosivos de verdade, eles seriam detonados ou ao menos incendiados

com os tiros, mas nada aconteceu.

Os peritos e policiais decidiram se aproximar e constataram haver ali apenas o cronômetro, fios elétricos que não ligavam nada e tubos de papelão cheios de um pó vermelho, imitando bananas de dinamite. Houve quem cogitasse ser aquele pó algum meio de difundir na atmosfera um agente biológico infeccioso, como esporos da bactéria antraz. Punhados do pó foram coletados. Dias mais tarde viriam a saber, depois dos exames de laboratório, tratar-se apenas de talco comum misturado com pó de ferrugem, sem nenhum agente biológico que oferecesse risco à saúde humana ou animal.

Durante todo o tempo, uma pessoa do povo dirigiu um olhar especial para a estranha movimentação no Royal Bank. Um garçom de pele acentuadamente morena e nariz adunco não ficara amedrontado. Nem se divertiu e tampouco se decepcionou com a falsa bomba-relógio. Deixou o restaurante onde trabalhava e se aproximou da multidão, onde conseguiu se informar do acontecimento. Assim que a caixa de inox foi metralhada e a poeira vermelha se elevou, ele se afastou e fez um telefonema numa língua que parecia ser árabe. Depois voltou para o restaurante, onde prosseguiu em suas atividades normalmente.

Christian foi imediatamente levado para a delegacia de polícia, onde foi interrogado. Mas logo foi liberado, pois ele não tinha como ser o portador do brinquedo de mau gosto: a caixa de inox teria sido percebida na primeira porta pelo detector de metais. A conclusão inevitável foi que o depoimento dele era verdadeiro: a caixa estava no cofre antes de ele entrar.

Completamente desinteressado do que Etienne, *Sir* Andrew Harrison e outros poderiam estar pensando dele, assim que foi liberado Christian procurou saber qual era a maneira mais rápida de ir para o Cairo.

— Não há vôos daqui para a África. A maioria é para a França e Grã-Bretanha — informou um taxista de bigodes ruivos enormes e uma careca brilhante como se polida com cera.

Sem perder um segundo, entrou no táxi e rumou para o porto de Saint Helier, onde pegaria de novo um barco para a Inglaterra.

Precisava encontrar o professor Manccini com urgência. Talvez esses papéis tivessem algum valor. Se o professor não soubesse orientá-lo sobre como usar essas estranhas coisas deixadas por seu pai, quem saberia? Manccini tinha conhecimento das pesquisas de John no Oriente Médio.

Ele *tinha de ler* alguma pista!

**Rua Corniche el Nil, bairro Boulaq
20 de outubro, (19 Ramadan, 1426 AH)¹⁰
21h30, hora local**

Os CAIROTAS FESTEJAVAM o Ramadan nas ruas, soltando fogos em comemoração à mensagem do único Allah^[4], transmitida a Maomé^[5] por Gabriel, o Espírito Sagrado. No mês santo do calendário islâmico, da aurora ao pôr-do-sol, os árabes não comem, não fazem sexo, nem fumam. Após o anoitecer, permanecem com suas famílias, fazem duas refeições e se dedicam à proximidade com Deus: rezam, lêem o Sagrado Alcorão^[6] e praticam atos de generosidade e caridade mais que o normal. Afinal, o olho de Allah está espiando-os de perto nesse mês.

Enquanto Christian levantava em Jersey as conexões esquecidas de seu pai com as terras poeirentas do Oriente Médio, Mirella e o professor Manccini hospedaram-se num confortável hotel-cassino na Rua Cornishe el Nil, movimentada avenida no lado leste da cidade, à beira do Nilo e de frente para a extremidade norte da ilha Zamalek, próxima ao escritório do Conselho Supremo de Antiguidades (SCA — Supreme Council of Antiquities), onde teriam de ir várias vezes. Tentariam assegurar a pesquisa, argumentando com as autoridades.

Teriam se hospedado num hotel econômico, pois passavam o dia inteiro fora e não estavam atrás de atrações turísticas. Mas, por exigência do Departamento de Marketing da Dhraxon, escolheram um hotel bem conhecido, repleto de viajantes da Europa, Américas, Japão e Austrália. Isso dava maior publicidade ao projeto Osíris e, é claro, à Dhraxon.

Como chegaram à noite, na manhã seguinte correram ao SCA para tentar explicar o roubo do quarto papiro e o andamento da reconstrução e tradução dos outros três, para garantir a continuidade do trabalho.

O burocrata abriu os arquivos do CD do professor no computador. Durante quase três horas Manccini e Mirella esclareceram minuciosos aspectos do trabalho. Finalmente, o presidente pareceu satisfeito e confiante.

— Ok, Dr. Manccini. Sua equipe trabalhou muito bem. O senhor é bem minucioso nos resultados e rigoroso nas conclusões.

Manccini e Mirella ficaram satisfeitos.

— Mas, para continuarem com os papiros, preciso de uma garantia.

— Qual?

— O senhor deverá assinar um termo de compromisso de que os papiros serão guardados num cofre bancário, e, quando saírem do banco por qualquer razão, terão uma escolta policial de no mínimo três homens armados com escopetas em tempo integral até retornarem ao cofre.

— Oh! Mesmo quando estiverem no laboratório?

— Principalmente! É o lugar mais fácil de ser roubado.

— Mas...

— Sem esse compromisso, não há acordo. E, se o senhor assinar o compromisso e não o cumprir, nunca mais poderá escavar no Egito. Isso criará um incidente

diplomático entre nossos países. O senhor sabe... estamos em grande campanha para trazer de volta todo o material saído daqui ilegalmente desde o século XIX.

Manccini não teve escolha. Quando voltasse ao Brasil, teria de negociar mais dinheiro com a Dhraxon para tomar essa providência.

Tão logo chegaram ao hotel, Manccini ligou para o MAE e ordenou que os fragmentos fossem removidos com urgência para um cofre bancário, e de lá não poderiam sair até seu retorno a São Paulo.

— Bom, Mirella, nada mais temos a fazer aqui. Vamos para o Sudão começar a pesquisa de campo.

— Mas como o Márcio e o Christian vão nos encontrar? — preocupou-se Mirella.

— Vou deixar um recado na recepção, avisando onde eles podem nos achar.

— Professor, alguns jornalistas telefonaram querendo marcar uma entrevista — lembrou-o Mirella.

— De jeito nenhum! Avisarei o rapaz da recepção de que ninguém deve saber de nós aqui. Aliás, vou deixar um recado para Christian e Márcio não darem entrevistas a ninguém quando chegarem.

No dia seguinte, foram a uma casa de câmbio trocar euros por libras egípcias. Em seguida, contactaram a empresa responsável pelo serviço de aerofotogrametria. O avião equipado com uma máquina fotográfica especial tiraria fotos de uma grande área em torno do sítio arqueológico, ao lado do Lago Núbio (nome do Lago Nasser no Sudão), próximo a uma das fortalezas do Médio Império mencionada num dos papiros, a enigmática fortaleza de Semna.

No fim da tarde, Márcio chegou sozinho. Por volta das 18 horas, quando o professor e Mirella chegaram no hotel, cansados e mortos de calor, Márcio narrou resumidamente as suspeitas da Polícia Federal e o rumo seguido por Christian.

— Ele abandonou a pesquisa? — desacreditou Mirella, sentada no sofá da recepção do hotel.

— Não! Pelo menos, disse que não — corrigiu-se Márcio. — É urgente para ele resolver isso. Foi para Londres para pegar algumas coisas do pai, não entendi direito...

— Quanto tempo ele ficará lá? — quis saber o professor.

— Ele não sabe. Mas me garantiu que assim que tiver o que precisa ele virá direto para cá. Bom, enquanto ele não chega, podemos fazer as fotos e usar o Lobsang, não?

— Mas que história sem pé nem cabeça! — murmurou Mirella olhando para o chão.

— Ele estava no museu justamente na noite dos crimes.

— E o pior é essa história do sobrenome dele aparecendo em comunicações secretas dos terroristas. Isso atrapalhou de uma vez a situação — completou Márcio.

— Isso é muito estranho — considerou o professor. — Bom, amanhã partiremos para

Aswan, e de lá para Wadi Halfa. Deixem tudo pronto.

— E Christian? — perguntou Mirella.

— Ele nos encontra lá. Vou ligar para ele hoje à noite — o professor franziu a boca e, como quem diz "boa noite", rematou: — Estou muito cansado. Não vou sair para jantar. Amanhã cedo nós nos encontramos aqui às sete. Tudo bem?

— Tudo — responderam.

— Professor, e a batimetria no lago, sobre a região da fortaleza? Vocês contrataram a empresa?

— Não conseguimos. Essa parte ficará para uma outra temporada. Até amanhã para vocês.

— Boa noite — responderam.

Márcio e Mirella continuaram conversando sobre as pesquisas dos próximos dias. Apesar do calor e do cansaço, ambos estavam empolgados e não cabiam em si de ansiedade. Queriam escavar, mapear e fazer descobertas da região das fortalezas, que prometia muitas coisas interessantes. Logo depois de o professor se recolher, foram a uma loja na mesma avenida do hotel comprar água, pois a do hotel era mais cara. Na volta, ao entrarem, a elegante recepcionista chamou a atenção de Mirella:

— Senhorita, há uma pessoa esperando-a na piscina.

Ela olhou para Márcio, franzindo as sobrancelhas.

— Quem? Christian?

— É um brasileiro. Ele pediu para a senhorita encontrá-la lá na piscina, onde queria lhe fazer uma surpresa.

— O Dr. Manccini não lhe disse — falou Márcio, entrando na conversa — para não dizer nada sobre nós a repórteres?

— Ele não parece repórter, senhor.

— Onde é a piscina? - Mirella quis saber, meio desconfiada.

— Por aqui, por favor — a mulher conduziu-os.

Bordejando uma piscina azul-turquesa, espreguiçadeiras e guarda-sóis se distribuíam num agradável e ajardinado pátio externo.

Quando Mirella viu a pessoa sentada numa espreguiçadeira, teve um êxtase quase divino.

Cairo, Egito

Hotel na Rua Cornishe el Nil

21 de outubro, 18h07, hora local

— FERNANDO?!! — exclamaram os dois.

O gótico voltou a cabeça em resposta. Levantou-se e abraçou Mirella, dando-lhe um beijo apaixonado. Quando terminou, Márcio se aproximou para cumprimentá-lo, mas, para sua estranheza, o gótico olhou-o como se não o conhecesse.

Maquinalmente, estendeu a mão.

— Cara, o que aconteceu com você? — indagou Márcio, pegando a mão do rapaz. Ele olhou para Márcio e para Mirella, e explicou, falando de um jeito estranho, como se não conseguisse articular as palavras:

— Ah, nem conto para vocês. Cheguei hoje cedo e vim direto para cá.

Márcio e Mirella sentaram-se no banco, estranhando a pronúncia lenta e esquisita dele.

— Mas qual foi o motivo do seu desaparecimento? Pensamos que você tinha sido seqüestrado!

— Não, não foi nada de mais. Eu estava muito cansado, estressado, cheio de tudo. Aí, decidi ir para a casa de praia de um amigo em Ubatuba e fiquei lá, sem falar com ninguém. Puxa, estou faminto. Comería um camelo inteiro agora!

— Que loucura, Fê. Ficamos superpreocupados. Você não devia ter feito isso comigo.

— Ah, mas eu precisava. O ritmo lá do laboratório estava de enlouquecer. Mas agora está tudo bem. Não te avisei porque quis fazer uma surpresa — ele finalizou, sorrindo para Mirella, enlaçando-a com o braço esquerdo.

— E os resultados da análise das rochas? Você trouxe? — quis saber Márcio, começando a perder a simpatia pelo comportamento classificado por ele como irresponsável.

— Não.

— Não?! — Márcio e Mirella se admiraram.

— Quando eu estava voltando de Ubatuba, fui assaltado. Os ladrões levaram minha mala com tudo, inclusive os resultados, e me deram uma surra. Estão vendo como estou falando com dificuldade? Machucaram minha garganta — ele indicou uma cicatriz avermelhada no pescoço. — Não posso falar depressa e não consigo mexer direito a língua. E também me esqueci de algumas coisas. Demoro para reconhecer pessoas, lugares e coisas.

— Ah! — Márcio murmurou, sem imaginar que a situação era dez vezes mais grave que isso.

Então Mirella e o gótico se abraçaram e se beijaram como se nada mais no mundo existisse. Em seguida, ele tirou do bolso uma fina corrente dourada com um pingente de faiscante pedra preta, e a presenteou com ela. A garota ficou encantada com o agrado e pediu que a pusesse em seu pescoço imediatamente.

Márcio observou a cena. Sentindo-se inconveniente, disse estar subindo para tomar banho, e que os chamaria por volta das 20 horas para jantar.

— Certo — respondeu Mirella sem olhar para trás.

Márcio saiu meio pensativo. Fernando estava estranho. Mais pálido, seu sorriso era desdenhoso e seu olhar tornara-se gelado; havia uma expressão antipática e mais

inteligente em seu rosto. Também estranhou a paixão de Mirella por ele. Estavam namorando há meses, mas ela, como sempre, era distante e pouco apaixonada. Agora, ela se oferecia a ele numa bandeja, como nunca a vira fazer.

Às OITO, CONFORME COMBINADO, Márcio desceu à recepção. Como o casal demorou a aparecer, pediu ao recepcionista para chamá-los.

— Eles saíram meia hora antes de o senhor descer .

— Não deixaram recado? Não falaram a qual restaurante foram? — Márcio insistiu.

— Não, senhor.

Aborrecido, Márcio se dirigiu sozinho ao cassino do hotel. Perdeu uns 15 dólares nos caça-níqueis e, vendo o preço elevado das bebidas, decidiu procurar um lugar mais barato para comer. Encontrou um restaurante na Avenida 26 de Julho, a poucas quadras do hotel. Lá, tomou chá, comeu bolinhos falafel e viu a TV árabe exposta aos freqüentadores. Não que ele gostasse de chá e de ouvir notícias num idioma incompreensível. Mas voltar ao hotel para fazer nada seria pior. Por volta das 21h20, entediado, chamou o garçom e falou-lhe em voz baixa em inglês, usando de vez em quando as palavras árabes:

— Pode me trazer uma cerveja? Fique calmo! Não vou contar a ninguém que você vende.

— Cervejas são proibidas aqui — respondeu assertivamente o garçom magro. Seus cílios eram tão numerosos que ele parecia ter pintado os olhos com lápis preto.

— Você não pode me conseguir uma? — retrucou empurrando um dólar sobre a mesa na direção do garçom.

O homem fincou o olhar na nota, pegou-a disfarçadamente, enfiou-a no bolso e respondeu:

— Não.

— Oh!... Então me devolva o dinheiro!

— Mas sei onde o senhor pode conseguir...

— Onde?

O cairota ficou em silêncio, encarando-o. Márcio fez uma expressão de contrariedade e estendeu mais uma nota.

— Minha consciência não me permite aceitar... — respondeu o garçom, virando os olhos e pondo a mão no peito.

Quando Márcio retraiu o braço para guardar a segunda nota, o homem a pegou de sua mão rapidamente, esclarecendo:

— Nos grandes hotéis; lá vendem-se bebidas alcoólicas para os estrangeiros.

— Isso eu sei! Vim aqui porque lá tudo é caro.

— É só onde o senhor vai encontrar. — Ele pensou um pouco e retificou: — Se o senhor seguir esta mesma rua e atravessar a ponte, há um hotel na ilha Zamalek.

Conhece?

— Não.

— Atravesse a Ponte 15 de Maio e vire à esquerda. E antes da Embaixada da Tunísia. Lá tem cervejas a bom preço, inclusive brasileiras.

Trinta e poucos minutos depois Márcio chegava ao saguão de um magnífico hotel cinco estrelas com hóspedes endinheirados. Procurou o bar, aberto também a não hóspedes, e surpreendeu-se com a variedade de marcas de cerveja. A entrada de um salão, pessoas entravam e saíam em quantidade.

— Uma cerveja Sol, por favor — dirigiu-se ao atendente.

— O senhor é estrangeiro? — replicou o homem.

— Sim. Por quê?

— Quem é muçulmano é proibido de tomar bebidas alcoólicas. Se o senhor não é, não saia do hotel bebendo nem leve a garrafa à vista de todos.

— Ok. Diga-me, que evento é esse no salão?

O rapaz olhou-o com admiração.

— O senhor não sabe?! E o concurso de dança do ventre!

— É aquele famoso, com mulheres do mundo todo?

— Não. Aquele é o Ahlan Wa Sahlan Festival. Foi em junho. E não foi aqui; é sempre no Mena House Oberoi Hotel. Este é um concurso pequeno, só para egípcias.

— Ainda dá para comprar um lugar?

— Não, estão esgotados há semanas. Mas algumas pessoas reservaram e desistiram de vir. Se o senhor quiser, posso conseguir um lugar.

— Quero. Quanto é?

— Cento e trinta libras.

— O quê?! Não, obrigado. Não ganhei na loteria ainda.

— Para o senhor, faço por 80 libras.

— Trinta é o que posso pagar.

— Então, 60.

— Certo.

Mesas redondas com quatro cadeiras enchiam o amplo recinto. Em dez minutos as dançarinas começaram a se apresentar.

A dança do ventre é uma teadicional dança egípcia de origem desconhecida. O Egito se tornou um dos maiores centros da dança, chegando a projetar odaliscas internacionalmente. Durante a segunda metade do século XX, os ulemás passaram a criticar a dança por sua excessiva sensualidade. Os ulemás são intérpretes do *Alcorão*, mais respeitados no mundo árabe que os cientistas no Ocidente. Suas opiniões têm influência suficiente para modificar ou abolir leis e decretos, caso estes estejam em desacordo com o *Alcorão*. Devido a isso, a dança do ventre foi sendo

progressivamente restringida e condenada, passando a existir quase somente em hotéis com grande quantidade de estrangeiros ou em bares pequenos. Neste último caso, clandestinamente e não raro associada à prostituição.

Quarenta minutos, duas cervejas e algumas azeitonas depois, Márcio se inebriava com a beleza das dançarinas. A música ritmada ia tocando, enquanto elas se sucediam dançando e agitando os quadris e os seios por entre véus coloridos e moedas douradas, em movimentos hipnóticos. Márcio questionou a razão de algumas delas estarem ali, pois as considerou feias.

Durante a dança, elas sorriam para os espectadores. Às vezes erguiam uma sobancelha, noutras, semicerravam os olhos. A atitude provocativa deixava-os como crianças diante de uma vitrine cheia de brinquedos.

As músicas também lhe chamaram a atenção; eram de velocidade e ritmo progressivos. À medida que a música acelerava, a dançarina ia acompanhando o ritmo e seus movimentos se tornavam mais e mais rápidos, até pararem de uma vez, quando a música cessava. Então, a odalisca adquiria imobilidade em alguma posição dramática, como se morresse ao fim da dança. Após quinze dançarinas se apresentarem, os jurados fizeram a votação.

A vencedora foi Samira Zaida, libanesa radicada no Egito, de pele branquíssima e olhos verdes, dona de uma cabeleira negra incrivelmente espessa e objeto da cobiça de quase todos os presentes.

A segunda colocada foi Leyla Mahmud, egípcia do Cairo, de olhos castanhos e olhar enigmático. Tinha um jeito mais duro e menos sensual de dançar. Seus passos e movimentos lembravam artes marciais, pois seus gestos eram rápidos e determinados. O olhar inteligente e misterioso e o jeito determinado e firme de se movimentar, mesmo quando não estava dançando, destacava-a de todas as demais.

Apesar da beleza fulgurante, os homens olhavam-na com menos cobiça e um certo temor, como se a qualquer instante de seus véus coloridos uma serpente venenosa fosse deslizar para morder quem se atrevesse a tocá-la.

E a terceira era Irshad Ab'Saber, egípcia de Port Said, cujos cabelos oxigenados eram volumosos e móveis como as labaredas de um incêndio. Sua cintura era magistralmente fina e seu andar leve como o de uma gazela. Sua beleza era realmente impressionante.

Após a premiação, as quinze dançarinas se misturaram aos espectadores, recebendo cumprimentos, gorjetas e propostas de prestarem serviços íntimos aos homens menos satisfeitos no casamento.

Márcio estava pouco alcoolizado, mas o suficiente para tentar conversar com elas. Tentou com algumas, que se afastaram. Logo entendeu o motivo: elas se aproximavam dos homens de aparência mais rica. Ao notar Leyla Mahmud vindo para perto, não resistiu à beleza daquela deusa oriental. Quando ia convidá-la para

sentar-se à sua mesa, engasgou-se com uma azeitona. Pôs a mão no peito e, com olhos arregalados, tentou respirar sem conseguir, com a boca aberta.

Leyla, vendo ser algo sério, se aproximou rápido. Com maestria, agarrou-o por trás e pressionou-lhe o estômago com força algumas vezes. A azeitona não saía. Então, virou a cabeça dele para baixo e começou a dar golpes de punho fechado nas costas, tão fortes que ele soltava gemidos meio afogados.

— Ajudem-me aqui! — ela pediu com energia. Seu inglês tinha o sotaque de Londres. — Segurem os braços!

Dois homens se levantaram e cada um segurou Márcio por um lado, mantendo-o curvado para frente. Leyla juntou as mãos fechadas e deu-lhe um golpe tão forte nas costas que o rapaz caiu. A azeitona assassina finalmente desistiu e pulou, indo parar do outro lado do salão. As pessoas em volta assistiam apreensivas ao estranho espetáculo. Só pararam de olhar quando o viram voltar a respirar.

Leyla ajudou-o a se sentar, agradecendo aos homens.

— Está bem agora? — perguntou delicadamente amparando-o.

— Ah... bom... acho que não quebrei a espinha... — respondeu, com os olhos vermelhos cheios de lágrimas.

Ao vê-la se afastar, chamou-a vigorosamente:

— Oh, não, não vá! Você precisa me salvar das outras azeitonas! — apontou o prato. Insistiu tanto, que a jovem achou melhor atendê-lo. Afinal, a orientação recebida da administração do hotel era para divertir os freqüentadores e ser um pouco flexível com eles.

Recuperado do susto, Márcio começou a prestar atenção à mulher incrivelmente bela que salvara sua vida esmurrando-o. Ficou como bobo fitando os grandes olhos de águia, a cabeleira lisa brilhante, gloriosamente caída sobre os ombros brancos, o corpo magro e os seios firmes. O aluno da Poli se sentiu um mendigo à frente de um banquete.

— Para mim, você é a melhor dançarina. Deveria ter ganhado o primeiro lugar.

— Obrigada, mas Samira é muito boa. Ela merece o título. De onde você é? — ela levou uma azeitona aos lábios.

— Brasil. E você? — estava encantado com o rosto de talhe perfeito.

— Ah! Futebol! Os melhores jogadores do mundo! — ela sorriu pela primeira vez, exibindo dentes alinhados. — Sabe quando um país vai ter jogadores tão bons como os brasileiros?

— Quando?

— Quando tiver favelas como as do Brasil.

— Ah... Uma garota bem-humorada... E você, de onde é?

— Do Cairo mesmo. Moro no Cairo Velho.

A conversa prosseguiu animada até cerca de 2h30 da manhã do horário ocidental,

pois no horário islâmico eram 8h30 da noite. Leyla era bem-humorada e parecia culta e inteligente. Márcio ficou encantado; queria que a noite durasse para sempre, tal a atração e admiração despertadas. Se ela lhe propusesse casamento para o dia seguinte, ele aceitaria sem vacilar. Foi amor à primeira vista.

Leyla o distraiu suficientemente para evitar que ele bebesse mais e, pelo visto, gostou da companhia dele. Quando os dois se cansaram de fazer piadas um com o outro, ela fez menção de ir.

— Vamos embora — ele a convidou. — Mostre-me tudo de bom que só uma odalisca sabe fazer.

— Para onde?

— Para o meu hotel. Ou para o Cairo Velho...

— Eu o levo até seu hotel, pois você ainda está bêbado. Venha.

Márcio pagou a conta e saíram. Para surpresa dele, ela tinha um carro e dirigia bem. Em menos de quinze minutos, chegaram.

— Não, não, não! — resmungou ele no saguão. — Você vai subir comigo!

Um casal de turistas altos e magros estava ali parado conversando, e Márcio teve uma idéia ao ver com o homem uma máquina fotográfica Polaroid.

— Antes, vamos immortalizar este momento: o engenheiro eletrônico e a dançarina!

Pediu para o homem fotografá-los duas vezes. O dinamarquês fotografou-os gentilmente enquanto Márcio falava bobagens e ela ria dos absurdos dele. Cada um ficou com uma foto, e subiram para o quarto.

— Você precisa tomar banho para acordar, ou não será capaz de nada — determinou ela, ligando o chuveiro. Tirou a roupa dele e forçou-o a entrar no banheiro.

Imediatamente após ele fechar a porta, ela, lúcida e ágil por estar sem uma gota de álcool, começou a vasculhar as coisas dele. Abriu malas, desdobrou roupas, leu papéis e ficou a analisar e verificar tudo quanto pôde mexer.

Menos de dez minutos depois, outro casal chegava ao hotel. Mirella e Fernando entraram abraçados no saguão, conversando alegremente. Ela dava sinais de ter bebido, enquanto ele parecia sóbrio. Assim que entraram, a fisionomia de Fernando se alterou. Ficou sério e começou a olhar em volta, perscrutando alguma coisa, sem mais prestar atenção aos comentários e risos de Mirella.

— O que foi? — ela quis saber.

— Há alguma coisa estranha aqui. Há um perigo. Márcio! Onde está ele?

— Não sei.

— Ele acabou de chegar, senhor — esclareceu o rapaz da recepção.

O recepcionista ficou curioso também, sem nada dizer. Estava preparado para procedimentos de emergência. O espectro do terrorismo fazia mais e mais aparições na vida dos egípcios.

— Vamos - disse, determinado. E correu para o elevador.

Mirella correu atrás, sem entender coisa alguma. Ao chegarem à porta do apartamento, Fernando mandou Mirella chamar Márcio. No banho, não ouviu as batidas à porta. Leyla franziu as sobrancelhas e entreabriu os lábios, tomada de mal-estar. Ia fazer alguma coisa, mas, como Mirella batia e chamava com insistência, acabou por abrir a porta.

Tão logo Fernando a viu, arregalou os olhos e falou com expressão de ódio:

— Você?! — com incrível rapidez, tirou um revólver do bolso da calça preta e desferiu três tiros na dançarina, atingindo-a no tórax e na barriga.

Sem dizer uma palavra, Leyla sentiu um frio nascer e se avolumar no corpo. Cambaleou para trás e caiu de costas, tentando se segurar num abajur de pé alto. Ainda tentou se mover, olhando com desespero para Mirella, mas logo parou. O olhar vítreo se congelou mirando o vazio e o sangue começou a tingir o carpete cor de madrepérola. Em segundos a respiração cessou.

Um dos tiros, ao trespassar o corpo da moça, quebrou o vidro da porta-balcão. O abajur de pé alto caiu pela porta, fazendo grande barulho ao se espatifar lá embaixo junto com os vidros, alarmando quem estava por perto.

Mirella começou a gritar e chorar. Márcio saiu do banheiro enrolado numa toalha. Vendo a cena chocante, a sobriedade voltou imediatamente.

— Assassino! O que você fez?! — gritou em desespero.

Mirella desmaiou, caindo estrondosamente no chão.

O estampido dos tiros, a gritaria e o barulho no pátio embaixo acordaram vários hóspedes. Minutos depois, ambulância e carros da polícia chegavam ao hotel. Após os policiais isolarem o lugar e examinarem preliminarmente o quarto, Leyla foi declarada morta e o corpo seguiu para o necrotério.

Os três foram para a delegacia de polícia. Mirella contou o que viu e, até aquele instante, parecia não aceitar como real. Márcio não parava de criticar e xingar Fernando, alegando que *ele, Márcio*, convidara a moça para subir, e não havia nenhum problema nisso. Fernando deu o depoimento mais surpreendente:

— Essa mulher é uma prostituta que dá golpe em turistas. Além disso, ela trafica drogas. Da última vez em que vim ao Egito, ela me roubou mais de 300 euros. Quando fui atrás dela, mandou criminosos me matarem, e só escapei por sorte. Essa Cidade Velha é um reduto de bandidos como ela, que se escondem da polícia.

Não puderam viajar na manhã seguinte. A polícia exigiu mais algumas declarações e pediu exames na arma do gótico, no quarto e nas coisas de Márcio. Quando o chefe de polícia finalmente os dispensou, anunciou que a causa da agressão de Fernando a Leyla fora *legítima defesa*. Márcio, ao saber, ficou indignado. Como seria possível tal conclusão? Seu quarto era invadido por um louco armado, esse louco matava uma pessoa, e ainda era considerado vítima?

Na verdade, os policiais, cheios de serviço atrasado e com pouca infra-estrutura

para trabalhar como deveriam, estavam pouco interessados em solucionar o crime. Leyla, se não carregava indícios de ser traficante, era certamente prostituta. Afinal, que tipo de mulher dançaria quase nua diante de uma platéia de homens? Com vinte e poucos anos, as mulheres deveriam estar casadas, e não dançando em bares noturnos e acompanhando turistas a seus quartos de hotel. Não houve, por parte da polícia, qualquer dúvida quanto à moral da moça, nem interesse em saber de detalhes.

Desde esse momento, Márcio passou a sentir repugnância e às vezes medo de Fernando. O olhar sombrio, o riso sarcástico, a estranha forma de olhar Mirella, tudo nele o irritava. Quando os dois se beijavam, Márcio olhava noutra direção, enojado. Por outro lado, desconfiava de Fernando ter alguma migalha de razão, pois Leyla vasculhara suas coisas à procura de algo. Parecia mesmo roubo. Além disso, para uma muçulmana, ela, de fato, era desinibida demais.

Mirella, ao contrário, estava encantada pelo gótico como nunca se viu. Concordava com tudo o que Fernando falava. Era uma paixão cega, imatura, própria da pessoa que nunca viveu um grande amor e, quando é apreendida por ele, passa a considerar a paixão correspondida como a única, verdadeira, eterna e indestrutível felicidade. Amar e ser amada por Fernando era a felicidade total. Se ele pedisse, ela até poderia desistir da carreira de historiadora, apenas para ficar com ele. Nessa condição, seria incapaz de enxergar a ameaça terrível que se armava sobre ela. E contra ela.

Cairo, Egito
Hotel na Rua Cornishe el Nil
22 de outubro, hora local

CHRISTIAN CHEGOU AO HOTEL no Cairo pouco antes do amanhecer, surpreendendo-se com os festejos do Ramadan. No Egito, o mês sagrado é comemorado de um modo um pouco diferente do dos demais países islâmicos; há um clima maior de festa. Cruzou com famílias voltando das mesquitas, onde passaram a noite rezando. A magnífica mesquita El Moqatan, na Cidadela, estava particularmente cheia de gente. Por toda parte a cidade estava iluminada por néons. Crianças carregavam lanternas de vidro colorido com velas dentro. Outras, mais modernas, eram elétricas. A cantoria das crianças dava às ruas uma alegria especial, lembrando as cidades do Ocidente enfeitadas para o Natal.

Quando todos voltaram da delegacia, Christian foi ao novo quarto de Márcio, pois o anterior fora lacrado. O amigo narrou-lhe o acontecido na véspera. Foram ao quarto de Mirella para conversar.

— Essa história toda é uma loucura... — Christian comentou sobre a morte de Leyla.

— E a polícia considerou legítima defesa?!

— Lógico! — Mirella falou, surpreendendo Márcio. — Ela era ladra, prostituta e traficante de drogas. Se Fernando não tivesse feito isso, ela teria nos matado, com certeza...

— Não vejo lógica nenhuma nisso... — objetou Márcio indignado. — Só acredito na *possibilidade* de ela tentar me furtar.

— Ela estava armada? — quis saber Christian.

— Não! — esclareceu Márcio sem esconder a revolta. — E nem portava drogas. Sabe qual foi o erro dela? Acreditar que eu ando bem acompanhado! Quando falei para ela da nossa equipe, não avisei que Lampião e Maria Bonita vieram junto. Até agora não consigo acreditar. Não consigo... — olhou para Mirella com olhar de desdém provocativo e perguntou: — Vocês dois pretendem matar mais alguém que entrar no meu quarto durante o resto da viagem? Avisem, pois assim eu digo à recepção do hotel e as faxineiras poderão sobreviver.

Mirella não respondeu para não iniciar uma discussão. Nessa hora, o gótico entrou no apartamento e sentou-se ao lado de Mirella. Mirou Christian prolongadamente e cumprimentou-o com gélida indiferença. Christian estranhou o jeito e expressão facial dele e atribuiu tudo isso à doença mental dele. Voltou ao assunto motivo da reunião:

— Bom, então vamos amanhã para Aswan, certo?

— Não vou mais ficar aqui — respondeu Márcio, mal-humorado. — Ou faço esse mapeamento, ou volto para o Brasil.

Christian tentou falar, mas Mirella iniciou rápida:

— Márcio, você está sendo infantil. Só porque...

— Infantil?! — ele a cortou asperamente. — Infantil?! Vejo um assassinato no meu quarto, você enfia no projeto uma pessoa só por ser seu namorado e me chama de infantil por não gostar?

— Não fale assim comigo, nem com ela — disse Fernando, sério, mas pouco interessado no debate.

— Não? Por quê? Vai me matar também? Por que você não mata todos nós? Menos Mirella, para ela poder cozinhar para você pelo resto da vida! — decidiu abandonar qualquer diplomacia. Falaria o que tivesse vontade e pronto. Alguém frio, cruel e inconseqüente como Fernando não merecia consideração.

— Quem você pensa que é, Márcio, para nos acusar desse jeito? — a garota começou a elevar a voz.

— Sou um participante do projeto, e respeito as regras! — ele respondeu mais alto, dirigindo-se à porta.

— Você só sabe seguir regras. Só isso você faz! Nunca ajuda a resolver problema nenhum; só reclama, faz gracinhas e é o primeiro a fugir quando surge um problema. Exatamente como está fazendo agora!

— Não me dirija mais a palavra, Mirella! Está ouvindo? Você e você — ele apontou para ela e para o gótico, olhando-o nos olhos. — Não falem mais comigo! — virou-se para Christian, e disse ameaçador: — Se esse *Ramone* for para o Sudão também, eu volto para São Paulo na mesma hora!

— Ele não ouve *Ramones* — corrigiu Mirella.

Márcio se retirou, batendo a porta atrás de si.

Apesar de chocado com esses acontecimentos, Christian estava ansioso por falar com Manccini e dirigiu-se ao apartamento do professor. Contou resumidamente suas descobertas.

— Fichas negras? Sem nada escrito? — Manccini se admirou da narração.

— Nada. Há também uns mapas dos lugares onde ele pesquisava: Síria, Jordânia, Irã, Iraque e outros países. Não consigo imaginar o que seja tudo isso. O senhor sabe de alguma coisa?

— John pesquisava em toda essa região, mas não sei de detalhes. Ele certamente estabeleceu muitos contatos com as tribos desses lugares, não dá para imaginar com quem.

— Fiquei pensando se meu pai não teria alguma ligação com algum grupo terrorista. Não digo sendo ele um terrorista, mas talvez tendo contato.

— Se ele tinha, Christian, eu nunca soube. Sinceramente, não acredito nisso.

— A cada dia tenho menos certeza sobre tudo e todos, professor. Não duvido de mais nada.

— Se John deixou isso para você, ele sabia de alguma coisa. Ele imaginou que alguém ou algo vindo do lugar onde ele trabalhou chegaria até você. Talvez você só vá entender quando mais coisas acontecerem.

— É... — ele respondeu sem muita convicção.

— Ah! Outra coisa: você precisa ter muito cuidado daqui para frente. Você está sendo visado e, devido à entrevista lá em São Paulo, todos sabem de nossa pesquisa aqui no Egito.

— O senhor está falando de alguma coisa em especial?

— Hoje, logo de manhã, apareceu um homem aqui no hotel nos procurando. Não o atendi e ele foi embora. Depois, falei para a recepção não informar a ninguém sobre sua reserva, mas não creio ser essa providência muito confiável. — Manccini descreveu a aparência do visitante.

— O terrorista que está procurando o profetizado!

— Entende agora meu receio? Temos de ir para Aswan em segredo, e delá para o Sudão.

— Professor, tenho um problema urgentíssimo para resolver! Vou ser preso quando voltar ao Brasil!

O professor pegou no braço de Christian, gesto muito seu quando tinha algo

preocupante a dizer.

— Christian, temos de sair daqui já! Assim que chegarmos vou tentar conseguir advogados para você com a Dhraxon. Quando a situação melhorar, voltamos ao Brasil ou, se você preferir, você volta para sua avó. Você tem cidadania européia?

— Tenho.

— Ótimo! Assim os advogados da Dhraxon poderão estudar a situação e te defender enquanto isso.

Mal Christian chegou ao seu apartamento, a recepção chamou-o. Uma encomenda acabara de chegar. Desceu, estranhando o fato.

O recepcionista entregou-lhe um telefone celular.

— Quem foi?

— Um garoto. Disse que o senhor o perdeu na rua.

Mal Christian pegou o aparelho, a campainha musical tocou a música *Hava Nagila*.

- Alô!

— Pegue agora um papel e uma caneta e siga para a rua — disse a voz em inglês com sotaque estrangeiro.

— Senhor, houve um engano e...

— Não há engano algum, Christian Seabra Wardall. Vá logo! — gritou.

— Oh! Você de novo? — era a voz do telefone no Aeroporto de Guarulhos.

— Faça como estou mandando! Ou o homem de preto na rua fará seu professor e seus dois amigos desaparecerem!

Christian olhou para a entrada. Na calçada, um vendedor ambulante vestido de preto exibia a um transeunte uma série de facas e pequenas cimitarras. Nessa hora, ele olhou para dentro do hotel.

— Não precisa ter medo — continuou o interlocutor com seu inglês arrastado. — Você só vai deixar escrito no papel, no lugar que vou dizer, uma certa informação. Vá agora!

Christian, com o telefone no ouvido, obteve do recepcionista a caneta e o papel e saiu correndo.

— Vá para o embarque do táxi fluvial.

— Táxi fluvial? Não sei onde fica...

— Pergunte a alguém e vá logo! O barco vai sair em cinco minutos.

Se você não conseguir, seus amigos morrem!

O rapaz se informou com quem passava. Seguiu correndo pela Rua Cornishe el Nil, passou ao lado da torre de televisão e viu o ponto de embarque para o barco-táxi que sobe e desce o Nilo. A embarcação estava de saída. Implorou ao vendedor de passagens para obter uma. Foi o último passageiro a entrar. Era sábado, alta temporada, com turistas por toda parte. No deque, nem conseguia falar, pois estava sem fôlego.

— Descreva no papel o Protocolo Anúbis em detalhe, para eu entender. Não desça nem converse com ninguém. Estou te observando! — e desligou.

Sem nunca ter ouvido falar desse "Protocolo Anúbis", fez um desenho qualquer, e escreveu embaixo Vale dos Reis, sem saber se inventar isso era melhor ou pior. O barco cheio de turistas lentamente subiu o rio. Fez uma parada na margem esquerda, entre o Instituto do Papiro e a Universidade do Cairo, e seguiu para o sul. Ao passar sob a Ponte Al Gamma, que liga a ilha de Rhoda à margem esquerda do Nilo, o telefone tocou de novo.

— Alô!

— Sabemos tudo o que você faz. Não tente me enganar. Olhe para cima.

Christian olhou para a ponte. Lá no alto, um homem de preto observava o barco com binóculos.

— Desça na parada em Rhoda e vá ao banheiro masculino. Agora, jogue o telefone no rio.

— O quê?

— Jogue-o no rio!

Christian atirou o aparelho na água, despertando a admiração de alguns viajantes e a crítica silenciosa de outros. Afinal, quantos componentes químicos da bateria não contaminariam a água do já poluído rio? Nesse momento, sua preocupação decididamente não era ecológica.

O barco chegou à última parada, na margem direita, logo depois de passar pelo nilômetro da extremidade sul da ilha de Rhoda. Nessa margem, começava o Cairo Velho, na periferia da cidade. Do outro lado do Nilo, o Planalto de Gizé. Procurou o banheiro em desespero. Ao entrar, parou, ofegante.

Hava Nagila começou a tocar de novo. Assustado, orientou-se pelos ouvidos e percebeu o som vindo de um cesto de lixo. Revirou os papéis e pegou o celular.

— Corra até o Museu Copta. Escreveu o que eu mandei?

— Escrevi — saiu correndo e, entrando por uma ma e outra, chegou à frente do Museu, perto dali. Pessoas passavam apressadas para todos os lados.

— O homem de preto com a sacola azul vai atravessar a rua daqui a pouco.

— Não estou vendo ninguém com...

— Silêncio! — berrou a voz. — Somente quando ele atravessar a rua você atravessa também e põe o papel dentro da sacola. Entendeu?

— Onde está a prova que você me prometeu?

— Está com ele. Vai deixá-la cair na calçada antes de cruzar com você na rua.

Christian localizou na calçada oposta um homem inteiramente de preto com turbante lilás e óculos escuros, parado, com a sacola azul turquesa na mão direita e um embrulho na esquerda. Antes de começar a andar, deixou cair o embrulho no chão.

Christian caminhou imediatamente. O papel estava amassado em sua mão. Ao

passar ao lado do homem, jogou o papel na sacola e saiu correndo para o outro lado. Com agilidade, apanhou o embrulho e abriu-o. Havia um recado escrito em inglês:

Na hora certa você terá a prova de sua inocência.

Christian não costumava reagir com passividade quando se via encurralado. Trincando de raiva, atravessou de volta a rua correndo, driblando os veículos, na direção do homem da sacola. Quando este o viu, correu. Mesmo cansado, Christian alcançou-o. Agarrou-o pela roupa e ambos levaram um tombo. Muito nervoso, arrancou a sacola do homem, esbofeteou-o no rosto e gritou no celular:

— Primeiro a minha prova! Entendeu? Primeiro a *minha prova!*

Antes de o homem assustado se levantar, Christian jogou com toda a força o telefone no chão, desmontando-o. Pegou de volta o papel desenhado, atirou a sacola no rosto no homem e correu para o labirinto de ruas tortas do Cairo Velho por uns dez minutos, sem saber para onde fugir. Precisava se esconder entre a multidão. Quando se sentiu menos inseguro, parou num beco estreito e recostou-se a uma parede encardida. Fechou os olhos até recuperar o fôlego e se acalmar. O elevado consumo de energia em tão pouco tempo deixara-o trêmulo. Cinco minutos depois, localizou um telefone público e ligou para o celular do professor, para alertá-lo do perigo.

— Christian, não estamos mais no hotel. Vamos nos encontrar em Aswan. Lá estaremos mais seguro.

Sem conseguir raciocinar direito, concordou. Pensou um pouco e decidiu o que faria. O Cairo Velho é um labirinto de ruas estreitíssimas, cheias de gente comprando de tudo. Em numerosas vielas, os carros não entram e só é possível andar a pé.

Caminhou por quase meia hora na direção do coração da Cidade Velha. Não pôde deixar de comparar o lugar com a Rua 25 de Março, em São Paulo. Entrou numa loja e comprou vestimentas egípcias: uma galabia azul-clara, um turbante branco, óculos escuros, uma sacola de tecido e sandálias de couro. Enfiou tudo na mochila e saiu.

Chegou ao Museu Copta e foi ao banheiro. Num boxe de vaso sanitário, mudou de roupa; vestiu a galabia, colocou o turbante e os óculos escuros e calçou as sandálias. Guardou suas roupas de ocidental na mochila, enfiou a mochila na sacola e saiu direto para a estação Mahi Circis do metrô, ali perto. Procurou o vagão dos homens e teve de se esforçar para entrar, pois ao fim da tarde o metrô é bem lotado. No Cairo, há vagões separados para mulheres e homens. Assim evita-se o contato físico nas horas de maior lotação. Pela conduta islâmica, jamais homens e mulheres podem se tocar sendo estranhos, mesmo ambos estando de pé um de costas para o outro. Desceu na estação Nasser, a poucas quadras do hotel, e foi para a estação de trem Ramsés, no bairro Boulaq. Comprou uma passagem para a cidadezinha de Aswan, num trem popular chamado *ordinary train*. Viajaria a noite toda, sem ser reconhecido. Olhou a carteira: tinha dinheiro apenas para comprar água.

A questão que martelava sua cabeça era: de quem, afinal, estava fugindo?

Cairo, Egito
Hotel na Rua Cornishe el Nil
22 de outubro, 14h20, Hora local

UMA HORA ANTES, quando Christian estava no táxi fluvial, Márcio, Mirella e Fernando terminavam de se arrumar para viajar para Aswan. O professor os esperava no térreo. Quando todos se encontraram na recepção para fazer o *check-out*, o professor reforçou que Fernando não poderia acompanhar as escavações; ele não fazia parte do projeto. Mirella, vendo o professor irredutível e apoiado por Márcio, teve de engolir sem mastigar seus protestos e reclamações.

Tomara que você tropece e caia de boca num monte de esterco de camelo! — Márcio pensou, lembrando-se dos excrementos encontrados nas ruas da cidade.

Na estação ferroviária Ramsés, compraram passagens para o *sleeping train*. O trem, partindo às 17 horas, viajaria durante toda a noite para chegar a Aswan às 6h da manhã. Ali Manccini recebeu a ligação de Christian, alertando-o do perigo dos terroristas.

A primeira classe era bastante confortável. O condicionador de ar moderava o calor da tarde e o frio da noite. Duas horas após a partida seria servido o jantar. As mudanças de paisagem serviram para distrair os três enquanto a noite não caía. O deserto, as dunas, as planícies sem fim e os alargamentos e afunilamentos do Nilo eram interessantes e tinham uma beleza melancólica.

CHRISTIAN CHEGOU À MESMA ESTAÇÃO com poucos minutos de diferença, sem encontrar os amigos. Disfarçado de egípcio, não chamou a atenção do bilheteiro e conseguiu uma passagem para Aswan no *ordnaty train*. Esse transporte não era recomendado pelo governo aos turistas. Os bilheteiros eram proibidos de vender passagens a estrangeiros. A experiência seria positivamente desagradável. O trem, além de não ter ar condicionado, era lotado, mal conservado e sujo. Vendedores ambulantes na plataforma de embarque e nos vagões vendiam de tudo, desde comida caseira até aparelhos eletrônicos contrabandeados. Muitos dos passageiros levavam sacolas e malas grandes, empilhadas nos bancos ou simplesmente deixadas no chão, dificultando a passagem. Outros conduziam galinhas, patos e até cabras no vagão.

Christian tentou conversar. Os viajantes perceberam o disfarce e evitaram a conversa. Os naturais dos países árabes não gostam de ver ocidentais vestidos como eles. Depois de algum tempo ouvindo sem querer as pessoas falarem trivialidades, reclamações, comentários mal-humorados e simplórios, Christian percebeu que eram pessoas ignorantes e se desinteressou do contato. Deixou-se levar pela paisagem externa. Só não foi possível distrair-se mais devido a um menino ter vomitado perto

de seu banco, obrigando-o a viajar o resto da noite com o cheiro azedo de suco gástrico. Quando o sono começou a render pessoas e animais no *ordinary*, Christian, assim como seus companheiros, teve de dormir sentado.

NA PRIMEIRA CLASSE do *sleeping train*, Márcio e o professor dormiram numa mesma cabine, deitados em bancos compridos o suficiente para servirem de cama, com travesseiro e cobertor; Mirella fez o mesmo numa cabine sozinha. Por volta das 4h da manhã, o trem fez uma parada de vinte minutos na penúltima estação, em Luxor. O frio era intenso e uma névoa cobria tudo. Não era possível enxergar além de 100 metros.

Enquanto Márcio e o professor dormiam, uma pessoa entrou no vagão e se esgueirou até à cabine de Mirella. O gótico forçou a porta, e entrou em silêncio.

Ela dormia.

Observou-a por instantes. Fechou os olhos, murmurou alguma coisa e cravou o olhar no seu rosto. Uma contração involuntária movimentou uma sobrancelha dela. Aproximou-se e tocou-a de leve com o indicador entre as sobrancelhas. Incontinenti, Mirella se viu num sonho inquietante. Estava num ambiente inteiramente escuro e silencioso, tendo apenas à sua frente um vulto cinzento que desprendia um brilho azulado por todos os lados. Os olhos brilhavam bem mais, como se fossem acesos. Não conseguia raciocinar nem olhar para outro lugar, a não ser para os olhos magnéticos.

— E então? Onde está ele? — o vulto cinzento perguntou.

— Está vindo em outro trem — ela sussurrou, sem questionar onde estava nem a razão da pergunta.

— Ele sabe onde é o local?

— Não sei.

— Mirella, você descobrirá e me contará tudo, entendeu?

— Entendi. Assim que descobrir, te contarei. Eu te amo, Fernando, farei tudo como me pedir.

— Ótimo.

Ele afastou o dedo da testa dela e ficou observando-a. O sonho dela interrompeu-se de súbito. Não se lembraria de nada no dia seguinte. A fisionomia dura do gótico exibiu timidamente traços de afeição e paixão. Refletiu, nesses curtos segundos, enquanto contemplava aquela moça loira, de feições delicadas e enérgicas, sobre quando fora a última vez que alguém o amara como ela. Esses pensamentos foram curtos. Saiu em silêncio da cabine e desapareceu entre os passageiros que entravam e saíam do vagão.

Às 6h da manhã, o trem chegou a Aswan, a pequena cidade aos pés da grande barragem. Quando desembarcaram, Mirella pediu que Márcio e o professor a

aguardassem por uns instantes enquanto ela ia ao banheiro. Distanciou-se deles e foi ao vagão onde o gótico tinha viajado sem ninguém saber. Uma mulher e seu filho estavam lá, arrumando as coisas para sair.

— Por gentileza, não havia um rapaz todo vestido de preto viajando nesta cabine, madame? — Mirella falou em árabe, com dificuldade.

— Não vi — respondeu indiferente a obesa de lenço branco na cabeça e seios enormes.

— Eu vi! — disse com vivacidade o menino de uns 7 anos. — Ele desceu quando a gente estava subindo.

— Onde?

— Em Edfu. Nós chegamos e ele saiu.

— Ele saiu com a mala?

— Saiu. Foi embora.

A mãe apressou o garoto para pegar uma sacola e se retiraram da cabine.

Mirella ficou estarelecida, sem saber o que pensar. Correu até à bilheteria e disse estar procurando por ele.

— Se havia outra pessoa na cabine, entrou sem pagar, pois nenhuma passagem nesse vagão era de Edfu até Aswan — esclareceu o bilheteiro de voz estridente e feições angulosas.

Desesperada, ela reencontrou Márcio e o professor, mantendo-se calada.

O *ordinary* chegou uma hora e meia depois.

A tarde foi de preparativos para o início das pesquisas. Encontraram o piloto do avião, estabeleceram com ele uma série de detalhes sobre os horários e locais das fotografias e alugaram uma van para levá-los ao sul.

Durante esse dia, todos notaram o mutismo de Mirella. Estava triste e distante. Quando indagada, desconversava, dizendo estar tudo bem. Os três atribuíram a tristeza à separação do gótico no Cairo. Estranhavam as mudanças no comportamento de Mirella e de Fernando. De um momento para outro, ela tornara-se intensamente apaixonada, contrariando completamente seu jeito de se relacionar. E Fernando, após o temporário sumiço, ficou sério demais, jamais sorria e diversas vezes foi visto observando as pessoas com um olhar compenetrado, como se prestasse atenção a coisas não vistas pelos outros. Completamente diferente do rapaz que eles conheciam: o aluno de mestrado displicente e divertido, sempre pronto a rir. Por mais que se esforçassem para entender o estranho casal, estavam a uma enorme distância de perceber a força medonha, pavorosa, atuando nos dois. Mas o tempo se encarregaria de mudar isso.

Sul do Egito, fronteira com o Sudão
Margem oeste do Lago Nasser

O ENCAPUZADO DESPEDIU-SE da caravana de beduínos com um aceno de mão, seguindo a passo lento com uma grande mochila de viagem às costas, por cima da galabia branca, pelo deserto pedregoso. Quando Neshi teve certeza de não ser mais visto pelo grupo, voltou-se para o leste e caminhou rápido em direção ao Lago Nasser.

Três horas depois, o bruxo ainda dava passadas largas, sem sinal de cansaço, quando estacou. A poucos quilômetros o terreno irregular e pedregoso se elevava, formando paredões e gargantas.

— O lago deve estar logo depois — murmurou.

Ali, no meio do deserto egípcio, no sul do país, a alguns quilômetros da fronteira com o Sudão, o Nilo represado forma um imenso lago artificial, terminado no governo do presidente Gamai Abdel Nasser, em 1971. Há duas barragens próximas à cidadezinha de Aswan. A maior, High Dam Aswan (Grande Barragem de Aswan), forma o lago batizado com o sobrenome do presidente.

Mais cinquenta minutos de caminhada e chegou à beira úmida das águas represadas, por entre enormes escarpas rochosas ressecadas. Sentiu-se satisfeito ao ver a vegetação de juncos e papiros beirando o lago. A involuntária lembrança do Nilo de milhares de anos trazia a emocionante e melancólica nostalgia de tempos gloriosos, condenados a ficar mais de vinte séculos atrás. Soltou a pesada mochila no chão. Agachou-se para beber água, deitou-se de costas e, de olhos fechados, descansou por um quarto de hora.

Recuperado do cansaço e do calor de uns 40°C, despiu-se completamente e guardou as roupas na mochila. Escolheu um ponto no horizonte e mergulhou no lago, nadando com rapidez naquela direção. Após inacreditáveis vinte e cinco minutos ininterruptos de nado, o bruxo chegou a um pequeno rochedo formando uma ilhota.

Ainda nu, circundou a pequena ilha. Numa enseada com vegetação, deixou a mochila e subiu por entre rochas amontoadas. Removeu uma grande rocha calcária, depois, outra e uma terceira. Sorriu ao ver uma abertura, um tipo de duto descendente, por onde saía um vento suave. Pôs as mãos em volta da boca e imitou com magnífica perfeição o canto de uma coruja do deserto. Mais alguns segundos e repetiu o canto.

Instantes depois, idêntico canto foi ouvido, vindo do duto. Repôs as pedras no lugar, desceu a encosta e com incrível habilidade, mergulhou fundo. Sem roupa, seus movimentos eram livres.

Cerca de vinte e cinco metros abaixo da superfície, em completa escuridão, localizou um buraco retangular de cerca de um metro de largura e dois de altura, na base submersa da ilhota. Entrou pela abertura num túnel horizontal e, alguns metros

à frente, um túnel vertical apareceu. Subiu e chegou a uma câmara baixa cheia de ar fresco, completamente escura. Recuperou o fôlego e mergulhou de novo, seguindo por mais uns vinte metros.

Ao fim do túnel horizontal, outro túnel vertical longo surgiu. Com o fôlego no final, subiu com a maior velocidade possível. Aflorou numa câmara cúbica com ar, iluminada por lamparina a óleo. Nesse cômodo, onde a água terminava numa rampa, vestiu uma túnica sacerdotal egípcia seca e limpa, dobrada sobre um banco de madeira. Alinhou os cabelos e seguiu por extenso corredor.

Finalmente, chegou a uma ampla sala onde dois homens vestidos como ele conversavam sentados, à luz de lamparinas, enquanto remexiam em grandes bacias de cerâmica um líquido viscoso, usando pedaços de pau. Todo o local era bem ventilado. Os dois se levantaram e cumprimentaram-no respeitosamente.

— Nós o saudamos, mestre Neshi! Que a Leoa esteja com você!

— Den, Addaya, é um prazer muito grande estar entre amigos novamente. Saúde para vocês e a proteção da Caçadora!

Os anfitriões ofereceram comida e bebida.

— Addaya, atualize-me sobre o processo de reconstituição enquanto estive fora - Neshi pediu após terminar a refeição, observando o líquido nos tachos.

— Segue como planejado, mestre. Esta mistura tem sido realmente muito útil; o crescimento deles é mais rápido. Creio que conseguiremos fazer em uns dois anos o que normalmente levaria vinte. Trouxe mais nutrientes?

— Sim, de todos os tipos. Pegue-os ali — ele indicou a mochila. - Mostre-me como estão.

Incontinenti, os dois magos levaram Neshi por um longo corredor cujas paredes eram repletas de desenhos e hieróglifos, mostrando cenas da vida de alguém. O local era um túmulo invadido. Com a entrada submersa, jamais seriam encontrados.

Chegaram a uma sala de teto baixo, com mais de trinta sarcófagos destampados no chão, cheios do líquido viscoso. Mergulhados no caldo, fetos humanos.

Neshi se aproximou e observou detidamente: um feto de umas quinze semanas, com um cordão umbilical atrofiado. De vez em quando, mexia um braço ou perna. Outros sarcófagos possuíam pessoas em idades maiores. Havia quatro sarcófagos vazios.

— Por que só os menores têm o cordão umbilical?

— Porque ele não serve para a alimentação, então se atrofia e morre. A maior parte da alimentação é pela pele, pela boca e principalmente pelo *ka*.

Desinteressando-se do processo de ressurreição de seus companheiros mortos na batalha contra Anfion, Neshi falou, preocupado:

— Quanto fogo líquido ainda temos?

— Mais algumas gotas apenas. Talvez para mais umas três ou quatro pessoas. Mas você foi justamente para aquele país distante para tentar a operação Benu. Deu

certo?

— Essa operação não é nada fácil... — esclareceu Neshi. — Das várias tentativas que fizemos, só alguns sobreviveram. É mais complicado do que parece.

— Por quê?

— Em alguns casos, o corpo rejeita o *ba* estranho e a pessoa começa a ficar cada vez mais doente, além de ficar inconsciente a todo instante por qualquer motivo. Outras vezes, o novo habitante não aceita o estilo de vida e de pensamento do proprietário original e desenvolve hábitos muito diferentes, e acaba por adoecer e morrer. E há aqueles que se adaptam bem ao corpo, mas, ao se verem refletidos no espelho num rosto tão diferente do seu, entram numa crise de identidade. Ficam deprimidos; alguns desenvolvem hábitos estranhos e outros até enlouquecem e desistem do esforço.

Ele pensou por um instante e prosseguiu:

— E depois de o "encaixe" entre o *ba* e o corpo estar perfeito, aí vem a parte mais complicada: viver a vida do outro sem ser percebido na sociedade. Isso é muito difícil, principalmente entre os familiares e amigos mais próximos.

— Mestre, precisamos lhe contar algo... — iniciou Den com timidez. — Temos consultado as estrelas com regularidade e... os prognósticos não são os melhores. "O profetizado" continua vivo e sendo uma ameaça. Está muito difícil se aproximar dele, pois alguma coisa o protege. O encantamento é fortíssimo e sequer conseguimos observá-lo em nossos transe ou através da Visão de Ísis.

— Não importa, Den. Anfion certamente tem um plano para ele, ou não o protegeria dessa forma. O importante é nosso projeto seguir em frente sem confronto direto com Anfion. Digam-me, conseguiram trazer mais alguém? Localizaram Ahmed?

— Sim, está desesperado por voltar. Aceita qualquer corpo — esclareceu Den.

— Onde ele está?

— Numa região selvagem do mundo inferior; não sei se é possível tirá-lo de lá. Foi uma comunicação difícil. Estávamos esperando você chegar para tentarmos de novo.

— Então, vamos começar agora. Precisamos nos reorganizar rápido, pois o grande evento estelar se aproxima e será nossa maior oportunidade. Preparem tudo.

Imediatamente, Den e Addaya iniciaram a limpeza da câmara. Em seguida, dispuseram tripés sob bacias metálicas onde acenderam fogo. Sobre ele, lançaram maços de plantas secas e resinas aromáticas. Apagaram as lâmpadas a óleo. Den retirou seu bastão de três nós de uns quarenta centímetros de comprimento da túnica e iniciou um canto ritmado. Enquanto pronunciava as fórmulas mágicas, apontou para os quatto pontos cardeais, deu algumas voltas em torno de si mesmo e, finalmente, traçou uma circunferência ao redor de si no chão. Invocou o nome Ahmed várias vezes. Desembrulhou uma tigela cheia de um pó branco e começou a atirá-lo no fogo.

Addaya e Neshi, sentados em bancos no fundo da sala, observavam silenciosos. A única fonte de luz eram as chamas dos braseiros. O forte cheiro de resina e plantas queimadas faria qualquer pessoa ter um acesso de tosse, mas eles eram acostumados àquela atmosfera. O crepitar das brasas era o único ruído.

Subitamente, um clarão azul, como um *flash* fotográfico, irrompeu na câmara. Depois, outros clarões. Barulhos de galhos secos quebrando. Pancadadas como se alguém martelasse madeira ou a golpeasse com um objeto duro. Rajadas de vento frio. Forte cheiro de ozônio. Por fim, uma nuvem luminosa meio avermelhada se formou, como se fosse uma multidão de brasas minúsculas revolteando no ar. As brasas se fundiram numa massa espessa, que começou a tomar o contorno de uma paisagem tridimensional.

Era como se uma das paredes da cripta tivesse desaparecido. Um terreno pedregoso escuro e irregular era o chão. O céu era cinzento carregado de nuvens impedia a passagem da luz solar. O Sol era apenas uma laranja no céu. Na linha do horizonte, vulcões em atividade cuspiam pedras incandescentes e babavam lava. As explosões eram ensurdecedoras, e no chão recebia a todo instante respingos de lava e pedaços de rocha de todos os tamanhos. Uma fina chuva de cinzas caía, como se fosse neve.

A câmara arejada se tornara um verdadeiro forno, com forte cheiro de queimado, enxofre e fumaça tóxica. Os três magos puseram o tecido da túnica dobrado sob as narinas. No meio desse cenário venusiano, um homem surgiu correndo, descalço, com olhar desesperado e o corpo repleto de ferimentos. O que um dia foi uma túnica sacerdotal era agora um trapo sujo. As pernas e cotovelos do infeliz estavam em carne viva, escorrendo sangue e pus. Viu os que o invocaram.

— Neshi! Preciso de sua ajuda!! — berrou em desespero, interrompido por um acesso de tosse. Falava aos gritos, enquanto chorava. - Tire-me daqui! Tire-me daqui! Eu imploro, Neshi. Qualquer corpo eu aceito, mas isto não agüento mais!

Nesse instante, começou a descer do céu um cone cinzento, a poucas centenas de metros de distância. Ao tocar o solo, o cone começou a arrancar tudo do chão e a jogar longe as rochas soltas. Era um tornado. Ao ver mais essa manifestação violenta dos elementos naturais, Ahmed, pisando no chão quente, no meio do cascalho fervente que não parava de cair, abriu os braços e pronunciou encantamentos e fórmulas mágicas. Recitou as receitas para controlar as forças naturais e concentrou sua poderosa e disciplinada vontade, adquirida em séculos de estudo e dedicação.

Quase instantaneamente, o redemoinho destruidor começou a se dissipar e a diminuir. Segundos depois, dividiu-se em dois redemoinhos finos e mais fracos, e cada um seguiu uma direção diferente e foram se afinando até sumir.

Mesmo nas regiões selváticas do mundo astral inferior, a magia do bruxo continuava potente.

Ahmed avistou uma pequena reentrância num paredão rochoso, protegido dos respingos de lava e pedras quentes, metros acima de onde estava. A boca dos vulcões ao fundo só era perceptível pelos clarões vermelhos na fumaça cinzenta em volta.

— Preciso falar com vocês — ele se dirigiu aos três bruxos e correu para o paredão. Em seguida, começou a escalá-lo, na intenção de abrigar-se no nicho formado pela reentrância.

Durante a escalada, o vulcão maior explodiu violentamente, lançando uma parte lateral do próprio cone pelas alturas e fazendo o chão sacudir e o cascalho pular como pipoca na panela. Então, os três bruxos viram a coisa mais aterradora de suas longas vidas. Jatos de lava regurgitados pelo vulcão se projetaram em várias direções. Antes de poderem avisar ou fazer qualquer coisa por Ahmed, este foi atingido por porções da rocha derretida.

A lava cobriu parte de suas pernas e um braço. Os membros atingidos se evaporaram como água numa chapa de ferro em brasa. A rapidez da incineração foi tamanha que Ahmed só sentiu as primeiras dores quando despencou pela encosta, sem ter mais como se apoiar. Começou a gritar como louco, em alucinado desespero. Os gritos, a expressão insana do rosto, o revolutear dos olhos, tudo evidenciava a mais apavorante loucura causada pelo sofrimento. Ao cair no chão de cascalho fumegante, perdeu a consciência. Antes de os magos conseguirem pensar em algo para ajudá-lo, um vendaval decorrente do deslocamento de ar da explosão varreu o chão, e o tornado reapareceu, levando o cascalho, as rochas menores e o corpo rodopiante de Ahmed pelos ares, para depois jogá-lo como um espantalho contra o paredão de rocha.

O poderoso e altivo bruxo que negociara com Seneb dois anos antes um corpo semivivo para suas experiências, era agora um mendigo, um farrapo humano secretando sangue e pus pelo corpo todo.

— Chega, Den! — ordenou Neshi.

No mesmo instante, Den pronunciou algumas palavras e acendeu uma tocha. Tudo se desvaneceu quase instantaneamente. Em alguns segundos, a paisagem tinha sumido, assim como o cheiro de queimado e o terrível calor. A câmara era de novo uma sala ventilada com cheiro de plantas queimadas.

Visivelmente impressionados, Den e Addaya ficaram deprimidos. Sabiam que todos os bruxos mortos pelo fogo líquido letal na batalha contra Anfion tiveram destinos similares. Eles, por sorte, não foram mortos. O corpo físico os protegia desses horrores. O lugar mais primitivo do mundo astral, conhecido como Amenti, estava lá, pavoroso e devorador, a esperá-los.

Pretendiam prorrogar pela eternidade suas vidas na Terra, para não terem destino similar ao de Ahmed. Tendo bebido do fogo líquido de Osíris, viveriam por milhões

de anos. O efeito do fogo líquido de Osíris só terminaria quando o próprio planeta morresse. Tempo, portanto, não era razão de preocupação.

— Não se abalem tanto assim — Neshi, menos tocado pela tragédia, tentou recompor seus subordinados. — O *ba* é muito resistente e o corpo, por mais destruído que seja, se regenerará. Por séculos Ahmed abusou de seus poderes no controle das forças naturais, matando pessoas, muito antes de se filiar à Serpente Vermelha. Enquanto permanecer no mundo inferior, receberá de volta boa parte do que fez. Mas isso não nos interessa. Ele está motivado o suficiente para voltar e poderá ser útil em nosso projeto. Tem algum corpo por aqui apropriado para ele?

Ainda desconcertados, eles pensavam devagar.

— Só há beduínos passando por aqui em caravanas — esclareceu Addaya. — Se desaparecerem, ninguém procurará por eles, pois são muito pobres. Mas a condição social miserável não ajudará em nada nossas tarefas no mundo exterior.

— Não seria melhor escolhermos alguém melhor posicionado? Talvez algum político, ou alguém rico? — arriscou Den.

— Sem dúvida, mas isso precisa ser rápido — determinou Neshi. — Ahmed foi um mago dedicado e merece ser resgatado rápido. Para trabalhar conosco, claro. Bom, vocês providenciem um corpo para ele até amanhã, no máximo, e me chamem.

Addaya estava ensaiando para fazer uma pergunta, mas sentia-se receoso. Acabou se encorajando.

— Neshi, e... Seneb? Não vamos resgatá-lo? A situação dele é quase igual à de Ahmed: ele vive no pântano de sangue, perseguido por seres horríveis.

Neshi fez uma expressão de contrariedade.

— Eu já disse: Seneb está fora de nossos planos! Enquanto ele liderava aquela revolta pretensiosa, eu o avisava do perigo e sugeria outras táticas. Mas, cego pela inveja, ele transformou a rebelião numa briga pessoal, e se achou mais poderoso e inteligente que o próprio Osíris ao tentar enfrentar Anfion, jogando nosso esforço fora.

— Eu sei, Neshi, mas ele foi o mais corajoso de todos; enfrentou Anfion, pactuou com Seth, planejou tudo. Nem por um instante pensou em voltar atrás ou fugir...

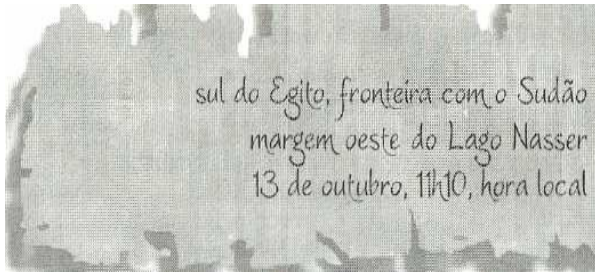
A menção da palavra "fugir" espetou Neshi como a fígada de um espinho envenenado.

— Quem *fugiu* da realidade por ser emocionalmente desequilibrado foi ele, Addaya! Seneb teve sua oportunidade de mudar tudo, mas preferiu deixar seu ódio desmedido comandar suas ações. Sob minha liderança, as coisas serão diferentes: ou planejamos tudo para não haver erros, ou não agimos!

— Você acha inconveniente chamá-lo de volta? — interveio Den.

— Se Seneb voltar, não se conformará com a obediência e tentará me desafiar. Ele é passional e obsessivo. E, assim, nunca conseguiremos nada. Além do mais, temos de

nos preocupar com tempo; a grande configuração de estrelas se aproxima e será uma oportunidade sem igual, não podemos perdê-la por esses motivos. Tudo deverá estar preparado. Não vou expor nossa irmandade desastrosamente outra vez. Seneb teve sua chance. Agora, é minha vez!



ATRAVessar a fronteira do Egito com o Sudão não foi problema. Após os meses anteriores tomando vacinas, adquirindo vistos de entrada, autorização de vôos aerofotogramétricos, enfim, tentando atender a todas as exigências burocráticas de ambos os governos, a equipe de Manccini partiu para a pesquisa no deserto sudanês e no Lago Núbio, como é chamada no Sudão a parte sudanesa do Lago Nasser. Após curtas horas de viagem, indo de van, chegaram à beira do lago e atravessaram-no para a margem oriental numa balsa para veículos. Ficariam hospedados na pequena cidade de Wadi Halfa, a maior da região, enquanto durasse o trabalho de campo. Nos três primeiros dias, o avião sobrevoou as áreas indicadas no lado sudanês. Tirou centenas de fotos em horários diversos. No segundo dia as fotos começaram a ser processadas pela empresa.

A paisagem de Wadi Halfa e do deserto núbio são monótonas. A Wadi Halfa original, base militar dos Aliados na África contra os nazistas na Segunda Guerra Mundial, não existe mais; ficou submersa com a subida das águas do lago. A cidade moderna é um reassentamento dos moradores em grandes lotes. Como a maior parte da população é pobre, as áreas em torno das pequenas casas não são ajardinadas nem gramadas. O aspecto é de casinhas espalhadas geometricamente pelo deserto.

Do lado ocidental do lago há planícies arenosas sem fim, vez por outra interrompidas por elevações e rochedos. Raramente aparecem outras formações. Através do deserto, quase só estradas rústicas. As poucas asfaltadas são tão malconservadas que é mais fácil sair delas e andar pelo chão de terra.

Com centenas de fotos em mãos e no computador, no quarto dia eles terminaram de indicar à empresa de aerofotogrametria todas as áreas de interesse. No quinto dia, possuíam diversas fotos analisadas, provando a eficácia do Lobsang. Passaram o dia na sala de refeições do hotel, com dois computadores, discutindo quais áreas visitariam. O *software* de Márcio indicara nas áreas fotografadas diversas formações naturais circulares e ovaladas, classificadas como possíveis "crateras", "atóis" e "fiordes". O rapaz passara esses cinco dias alimentando o banco de dados com as

fotos.

Durante a análise, Mirella e o professor tinham mais dificuldade em entender essas classificações, pois seu conhecimento de geologia era precário. Christian e Márcio se prepararam mais. Na sua opinião, o Lobsang daria pistas úteis.

— De que serve dizer apenas "cratera"? — observou Mirella. — Precisamos saber qual tipo de cratera é...

— Isso não há como saber — esclareceu Christian, de pé, atrás de Márcio, sentado ao *laptop*. — Pode ser por um impacto de meteoro, uma bomba ou uma boca de vulcão extinto. Todas são circulares. A análise das rochas em volta vai decidir a origem.

— Isso se o *Ramone* não tivesse perdido os dados das rochas... — provocou Márcio movendo as imagens na tela, referindo-se a Fernando.

Mirella se calou, dirigindo-lhe um olhar de desdém.

— Ele também aponta "fiordes" e "atóis"? — estranhou Manccini.

— Fiorde é uma depressão ou vale criado pelo deslizar de geleiras, se bem me lembro — disse Christian. — Geralmente, é cercado de montanhas altas. E atol é um conjunto de ilhas compridas formando uma circunferência.

— Geleiras e ilhas? Aqui é um deserto! — objetou Mirella.

— Esta região já foi fundo de mar... Explique para ela, Christian — Márcio insistia em cutucar.

— Bem, quando começou a haver a separação dos continentes, há mais de 200 milhões de anos, parte da África era o fundo de um mar, o Mar de Tethys. Quando a água escoou, ficaram rochas, pedras, recifes, atóis e fósseis de animais e plantas marinhos.

— Mas e as geleiras? Estamos quase na linha do equador! — duvidou Manccini.

— Não sei dizer, professor, se existiram fiordes na África, mas nas glaciações as geleiras chegaram quase ao equador.

Agora, tinham numerosas imagens mostrando diferentes sombreamentos. As melhores eram as do fim da tarde e as do início da manhã. Com a luz solar incidindo quase horizontalmente no solo, as elevações e depressões do terreno ficavam evidenciadas. Como o número de imagens era grande, decidiram todos, não só Márcio, aprender a manusear o Lobsang, a começar pela alimentação do banco de dados. O rapaz começou a explicar os detalhes do funcionamento do *software*.

— É o seguinte - Márcio mostrou numa apostila a foto de um terreno irregular. — Olhem esta figura. Se, por exemplo, a parte escura for um terreno pedregoso, e a clara amontoados de areia, as cores serão classificadas pela fórmula RGB. Lembram o que é RGB?

— Sim — disse Christian.

Mirella fez sinal negativo com a cabeça.

— R, de *red*, vermelho; G, *green*, verde; e B, *blue*, azul. Cada uma dessas cores tem 256 tons: de 0 a 255. Zero é preto e 255 é a cor pura. A combinação das três cria todas as cores conhecidas, inclusive o branco. Se uma imagem tem uma fórmula 0-0-0, é totalmente preta, pois não há nada de nenhuma cor. Se tem 255-255-255, é branca, pois tem as três cores no valor máximo. Olhem esta tabela de exemplos. Ele indicou na apostila uma faixa com exemplos de fórmulas para seis diferentes tons de cinza.

RGB

0-0-0 50-50-50 100-100-100

- E se fosse... Hmm... 30-230-30? — sugeriu Manccini.

— Seria um verde escuro. Os valores são baixos, próximos do preto. Como o verde é o único alto, a mancha seria um verde forte escurecido pelas outras.

- E... 255-255-0?

— Vermelho máximo, verde máximo, azul zero. Vermelho com verde: amarelo.

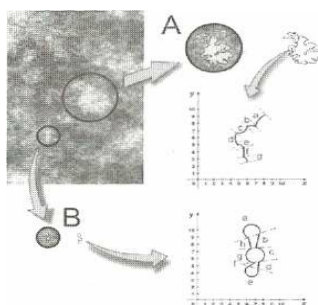
— Como? — estranhou o professor. — Aprendi que as cores primárias são vermelho, azul e *amarelo*. Se você misturar tinta verde com tinta vermelha não fica amarela.

— Esqueça tudo o que você sabe sobre cores... — Márcio parodiou comerciais de TV. — Isso vale para tintas. Para luz é diferente. E vermelho, verde e azul. Verde com vermelho dá amarelo. A natureza quis assim... Entenderam?

— Sim — disseram.

— O Lobsang compara duas manchas de fórmula RGB diferentes. Depois de reconhecer as diferenças, traça o contorno das manchas. Depois pega cada contorno e põe num gráfico x - y . Então, quebra todo o contorno em equações das figuras geométricas básicas: reta, parábola, curva exponencial, hipérbole, espiral euclidiana, espiral logarítmica, circunferência e elipse.

Eles se aproximaram da figura.



— Lembram do cursinho, das equações dessas figuras?

— Mais ou menos — Christian e Mirella tentaram se lembrar.

— De jeito nenhum — observou Manccini.

— Uma reta tem equação $y = ax + b$; uma parábola é $y = ax^2 + bx + c$, a circunferência é $(x - a)^2 + (y - b)^2 = r^2$, a curva exponencial é $y = a^x$, e assim por diante. Depois de quebrar o contorno da mancha, o Lobsang descobre a equação de cada pedaço do contorno, guarda a seqüência de equações, o maior e o menor valor de x e de y para cada uma delas e o ângulo de inclinação entre elas. Depois, junta tudo isso e compara com o padrão do banco de dados dele.

— Não entendi — interrompeu Mirella. — Ele compara *o que* com o banco de dados dele?

— Ele registra todos os dados da mancha: equação de cada figura do contorno, ângulo entre elas, fórmula RGB e área da mancha. Vamos supor esta mancha branca, a A — ele indicou no desenho — Olha só: ele delimitou o contorno e encontrou a equação de cada pedaço do contorno: a , b , c , d , e , f e g . E armazenou tudo isso. Aqui mostra só uma parte, mas ele faz isso com o contorno inteiro.

— Certo.

— Então... vamos supor que no banco de dados do Lobsang havia uma seqüência de equações desse tipo e dessa cor RGB. Cada equação unha tamanho parecido com o destas e o ângulo entre elas era grande, como é nestas aqui. Ele vai ver que o padrão da mancha A é parecido com o do banco de dados dele; então, vai reconhecer a mancha. Se no banco de dados esse padrão for, por exemplo, "rocha arenítica", ele reconhecerá essa mancha como sendo "rocha arenítica". E todas as outras manchas que seguirem o mesmo padrão ele reconhecerá como sendo rocha arenítica. Entenderam?

— Se forem iguais, entendi — falou Christian. — Mas e este caso B? É bem diferente.

— Na mancha B ele fez a mesma análise. O padrão RGB é o mesmo da mancha A, mas a seqüência de equações, os ângulos entre as curvas e o tipo de curvas são bem diferentes. Ele vai conferir com o banco de dados. Como há circunferências quase perfeitas e linhas retas, o que ele acusará?

— Uma construção humana, certamente — arriscou Christian.

— Exato. *Se estiver no banco de dados dele.* Isto aqui, se fosse no nosso terreno, poderiam ser acúmulos ou depressões de areia ou terra sobre três poços, silos, torres ou quaisquer outras construções circulares. Aí ele nos avisaria, dizendo que a mancha foge completamente aos padrões naturais do terreno, parecendo ser obra humana de tipo tal. Funciona assim. Por isso as fotos da manhã e da tarde são melhores; além das diferenças de cor do solo, mostram as elevações e depressões através das sombras.

— Mas espera aí — objetou Mirella. — Esta mancha branca não pode ter só uma fórmula RGB; há vários tons de cinza claro aqui. Como ele determina o contorno, se é difuso?

— Nós determinamos. Vamos fazer isso agora. O professor estabeleceu uma lista imensa de coisas para o Lobsang reconhecer: ossos, muros, casas, aquedutos, troncos, ferramentas, canais de irrigação, rodas de carroça. esqueletos de camelo, pedaços de todas essas coisas e um monte de outras achadas desde o Antigo Egito até hoje. São mais de 5 mil itens no banco de dados.

— Mas não entendi como...

— Então — ele não deixou que ela terminasse de falar. — O pessoal do INPE e eu estabelecemos as figuras de ocorrência natural, como rios, montanhas, morros, sulcos de erosão, montes de areia, copas de árvore, arbustos secos, fraturas nas rochas e todos os tipos de manchas de solo, areia e pedra que existem nesta região. Agora precisamos calibrar, chama-se calibrar, o Lobsang com o padrão de tolerância para cada tipo de terreno.

Eles não entenderam.

— Calibrar é o seguinte: no banco de dados estão os vários tipos de solo. Nós os estudamos lá no INPE. Com escala um para mil (1:1000) dá para ver coisas de até uns vinte centímetros de comprimento; coisas menores nem aparecerão na foto.

— Escala um para mil? — indagou Mirella.

— Significa que cada centímetro na foto corresponde a mil centímetros no terreno, ou seja, dez metros. As fotos do avião foram feitas a uns cento e cinquenta metros de altura, porque estamos procurando construções, coisas de pelo menos um metro de comprimento.

— Você disse que o menor objeto visível é de vinte centímetros - certificou-se Christian.

— Vinte centímetros será só um ponto na foto. Uma jarra de barro, um tijolo ou um osso de vinte centímetros serão apenas pontos irreconhecíveis. Só coisas de mais de um metro serão reconhecíveis.

— Bem, se entendi direito, um objeto de sessenta centímetros, por exemplo, será três pontos. Ainda é pouco para identificar.

— É isso aí. Então temos de pegar uma das fotos que tiramos, escolher manchas e

objetos conhecidos por nós, medir dentro deles a variação da fórmula RGB e estabelecer a tolerância. Esta mancha aqui — ele indicou a figura A da imagem da apostila - é areia espalhada sobre terra escura. Aí, estabelecemos o padrão de tolerância de cor para a areia de 255 até 210 e, para a terra escura, de 0 a 40.

Antes de alguém pedir para explicar, ele recomeçou:

— Ele vai considerar as faixas de 255 a 210 e de 0 a 40 cada uma como uma cor só. Ele procura sempre a partir do valor mais alto e vai abaixando até o valor que você estabeleceu. Tem de ter isso, porque nas partes muito pequenas os contornos saem borrados. A tolerância de cor nessas partes borradas nós temos de decidir.

Eles fizeram mais algumas perguntas.

— Olhem esta foto — ele indicou uma fotografia aérea mostrando a estrada por onde a van deles passou. — Estão vendo como a mesma estrada tem tons diferentes? Para o Lobsang reconhecer a estrada, você vai ter de medir a parte mais escura e a mais clara da estrada e considerar como uma cor só. Isso é a tolerância.

— Alguém familiarizado com objetos antigos andando pelo terreno não perceberia as diferenças do mesmo jeito? — foi a dúvida de Mirella.

— Só se o objeto for óbvio e pequeno: uma bacia, uma ferramenta ou esqueleto — respondeu Márcio. — Mas se forem, como suspeita o professor, rochas espalhadas numa explosão por vários quilômetros quadrados, é impossível perceber andando a pé.

Márcio pensou por um instante e acrescentou.

— Lá no INPE eles me falaram de um aparelho chamado estação total, usado por topógrafos para marcar a posição de cada rocha. Depois de marcar cada rocha, eles jogam os dados num programa que cria um mapa tridimensional. Imagine posicionar essa estação total no contorno de milhares de pedras, sem repetir nem faltar nenhuma. E depois alguém teria de calcular o tamanho e as distâncias de todas elas para compará-las e saber se se parecem com algum padrão natural ou artificial.

— E se a pessoa analisar a foto aérea em vez do mapa tridimensional?

— Seria a mesma coisa. Teria de calcular distâncias, proporções e direções de todas as pedras e depois fazer milhares de cálculos estatísticos para estabelecer os padrões. Se a pessoa trabalhasse o dia inteiro nisso, levaria mais de um mês para analisar uma única foto.

— E com o Lobsang?

— O padrão é descoberto em segundos, sem erros.

Durante aquele dia e o seguinte, alimentaram o banco de dados do computador com as centenas de imagens aéreas, refinaram os critérios de pesquisa, margens de erro, variações aceitáveis etc. Por fim, todos os CDs de imagem recebidos da empresa contratada tinham sido copiados para os *laptops* e o Lobsang analisou a maior parte das figuras.

Em várias imagens o programa mostrou sua capacidade: identificou terrenos alterados pela passagem de veículos, estradas, rochas dispostas artificialmente quando da construção de estradas e uma imensa quantidade de objetos deixados por seres humanos, como entulho, pedaços de madeira e outros tipos de lixo.

Na manhã do sétimo dia, Mirella, mais empolgada que nunca, começou a alimentar sozinha o Lobsang com algumas fotos que ainda faltavam. Não tinha se vestido nem tomado o café da manhã. Parecia uma criança na manhã de Natal com seu brinquedo mais cobiçado. Observando uma seqüência de imagens no *laptop*, acionou o comando do Lobsang para analisar padrões artificiais em cada uma. Em certa foto, seu companheiro eletrônico chamou-lhe a atenção:

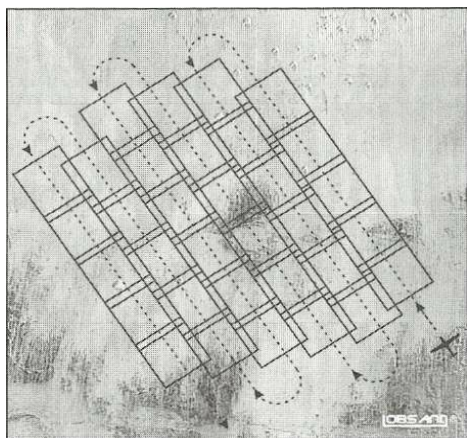
Formação artificial encontrada

Afobada, tentou identificar qual "formação artificial" era aquela. Ainda não dominava o aplicativo. Tentou várias vezes e, meia hora depois, vencida, teve de fazer o que menos queria: pedir ajuda a Márcio. Com as sobrancelhas cruzadas, vestiu-se rápido e, ainda descabelada, foi ao quarto dos rapazes. Dirigiu-se a Christian, procurando evitar a conversa com Márcio, que não perderia a menor oportunidade de gracejar com ela.

Minutos depois os três estavam com o nariz quase tocando a tela do *laptop*, olhando a imagem de um terreno plano, com desenhos geométricos por cima.

— Isso não é foto aérea, está alta demais — observou Márcio.

— É imagem de satélite — esclareceu Christian. - E o desenho da trajetória do vôo do avião na região da cratera 8, a mais longe daqui.



— Cada quadrado é uma foto, não é isso? Mas por que uma sobre a beirada da outra? — Mirella indicou na tela.

— Para fazer a emenda das imagens. Você não pediu para o Lobsang identificar o padrão? — inquiriu Márcio.

— Não consegui. Não consigo fazê-lo mostrar onde está essa formação artificial, e

de qual tipo é. Este comando aqui não funciona.

— Funciona perfeitamente. Você não prestou atenção ontem quando expliquei.

— Claro que prestei!

— Você estava beijando seu colarzinho preto. Parecia que ia comer a pedra...

Mirella se levantou da cadeira e fechou o *laptop* abruptamente. Márcio arregalou os olhos. O pavio da bomba, aceso há algum tempo, chegara ao fim.

— Chega! — ela elevou a voz — Ou você pára com essa implicância comigo ou vai embora! Não agüento mais você e suas gracinhas sem graça! Ou você se comporta como profissional ou vou pedir para o professor te mandar embora! E, se ele não fizer nada, volto para São Paulo hoje!

— Você e aquele nojento - falou enraivecido, alto, esticando o rosto para ela — invadiram meu quarto e mataram minha amiga! Ela salvou minha vida! E vocês nem me pediram desculpas pela burrice! Para você, isso tudo não foi nada... Você está louca!

— Eu não matei ninguém, Márcio! O que eu poderia fazer? Lutar com ele? Você não pode me culpar por isso!

— Você só defende o cara, Mirella! Ele nem trabalha no projeto e você o trouxe sem avisar ninguém. Você está cega. Depois de ele chegar, você ficou esquisita, mal-humorada, e está cada vez mais chata!

— Sai do meu quarto!

Minutos depois Christian chegou ao quarto do professor, levando Márcio quase à força, e contou ao PhD a cena ocorrida, enquanto Márcio resmungava. Manccini foi conversar com Mirella e Christian ficou com Márcio.

— Ela está mesmo esquisita, Márcio, mas as suas brincadeiras irritam mais ainda.

— Deve estar com o mal da vaca louca...

— Márcio, ouça: temos problemas demais para começarmos agora a estudar estratégias de "como gerenciar equipes". Nós precisamos de você no grupo. Precisamos! E de Mirella também. E eu preciso de vocês dois mais ainda! Se eu voltar para o Brasil sem provar minha pesquisa aqui, estarei em situação pior.

— Ela é muito emocional, Christian! Quando gosta, defende até a morte, quando não gosta mais, não pára de pegar no pé! Lembra da outra vez, quando ela te acusou de estar nos traindo para encontrar sozinho a Luz de Osíris?

— Lembro, claro. Mas a situação era confusa. A gente não sabia mais nem quem nós éramos. Agora, é diferente. Você está sendo cruel. Foi o Fernando quem atirou na Leyla, não ela!

Em outro apartamento, Mirella conversou com Manccini em tom menos pessoal. Chorou enquanto fazia o inventário das piadas e sarcasmos de Márcio e expôs suas condições para continuar trabalhando. Ficou claro: sentia-se humilhada, ofendida por tudo e por nada.

O velho professor não levou nada muito a sério e, na argumentação, explorou o abalo emocional de Márcio ao ver sua noite de diversão terminar tão tragicamente. Reforçou a necessidade de Mirella continuar na equipe ajudando com detalhes históricos que os rapazes desconheciam. Reiterou o erro dela de levar Fernando ao Egito sem autorização e cobrou-lhe gentilmente seu lado racional e profissional, tão admirado por todos. Por fim, obteve da garota o compromisso de desculpar-se da indiferença com que tratara Márcio na noite fatídica e ser mais compreensiva com ele.

Minutos depois, propositalmente a sós com Christian num corredor do hotel, Manccini mostrou preocupação.

— Ela está estranha, Christian. Muito estranha.

— Também acho. Sempre foi extremista com os namorados, mas como desta vez eu nunca vi.

— E a aparência dela? Está com olheiras, pálida, um olhar de tragédia, como se tivesse saído do velório do pai e da mãe.

— Também percebi. Talvez seja o calor, a alimentação diferente. Ou pode estar com alguma verminose.

— Está esquisita demais para ser verminose.

Feitos os reparos após a pequena tempestade emocional, depois do almoço eles voltaram a analisar a imagem de satélite com a trajetória do avião. Dessa vez, no quarto do professor. Desculpavam-se um com o outro.

Márcio digitava os comandos.

— Márcio, qual é a diferença das partes quase brancas para as quase pretas? — quis saber Christian.

— As escuras são sombreadas por serem mais fundas. As claras estão ensolaradas, mais altas — enquanto falava, operava o Lobsang para exibir os padrões identificados na foto, que Mirella não conseguiu. O resultado foi a demarcação na imagem de duas áreas: uma comprida, classificada como artificial, e outra irregular, em torno de uma parte oval, classificada como natural.

— Olha que interessante! — Márcio estava estarecido e realizado com a eficiência de seu invento. — E mesmo uma construção reta, que atravessa a cratera 8!

— Qual a diferença da linha tracejada para a inteira? - Christian indicou na figura.

— A inteira é a figura natural, no terreno, realçada. A tracejada é o padrão com o qual ela parece. Não há dúvida: a reta é uma construção humana.

— E para onde ela vai?

— Não dá para saber. O avião só fotografou essas faixas.

Christian leu o rodapé da imagem:

— E quase a mesma latitude da fortaleza de Semna.

— Possivelmente — sugeriu Manccini — é uma antiga estrada vinda da fortaleza

para o deserto.

Mirella duvidou:

— Não é estranho a estrada de terra ainda hoje aparecer aqui? Uma estrada não é uma construção com fundações e outras partes que deixam sinais. Em alguns anos ela some. E se está mais funda que o resto...

— Pode ser também uma passagem secreta — reconsiderou o professor. — As muralhas tinham passagens assim. Pode ser um túnel, e não uma estrada. Se o teto do túnel desabou, ficou soterrado abaixo do nível do terreno em volta.

— E o senhor acredita ser esse o caminho para as fornalhas de fabricar metais? — quis entender Christian.



— Pode ser — explicou o professor. — Ou para as minas de onde eles extraíam secretamente o pó branco e outros componentes. Por isso, precisamos da análise das rochas e da areia dessa região. Se houver resíduos químicos de algum tipo de explosivo, minha teoria estará a um passo de ser confirmada.

— Tenho uma idéia — convidou Christian. — Vamos escavar hoje no local da linha reta. Na volta, procuramos a empresa de aerofotogrametria e pedimos para fotografar na direção que a Unha reta segue.

— Acho ótimo — concordou o professor. — Temos dinheiro para isso?

— Vou verificar — prontificou-se Mirella. — O preço está em 12 mil dólares por quilômetro quadrado.

Apressados, muniram-se de todos os equipamentos e ferramentas necessários para uma escavação. Encheram as mochilas com machados, picaretas, capacetes, cordas, pincéis, máquinas fotográficas, GPS, pranchetas, papéis, canetas, comida e água. E o indispensável *laptop*.

O sol continuava obstinado em torrar a pele de quem se atrevesse a desafiá-lo. Enquanto a van avançava para o leste, eles passavam no rosto e nos braços um creme bloqueador solar contra raios ultravioleta, com fator de proteção 60.

Saíram correndo para ver *in loco* a estranha formação. Após horas no calor acima de 39°C, o professor começou a sentir mal e tiveram de voltar. Após visitar um médico, este recomendou repouso e evitar o sol forte. Era um problema simples, mas poderia

se agravar se Manccini não evitasse tanto calor.

Apesar da relutância, a equipe determinou ao chefe: ele ficaria no hotel até a temperatura baixar no deserto e ele poder acompanhá-los. É claro que o arqueólogo protestou, mas teve de aceitar.

— Bom, já que sou voto vencido — lamuriou-se o professor quando os alunos se prepararam para partir — usem o Lobsang para reconhecer espalhamento de rochas no padrão "explosão". Bom, preciso de um juramento de vocês, um compromisso.

— Juramento?! — estranharam.

— É. Vocês devem me prometer desta vez serem cautelosos, sem arriscar a vida de ninguém. Prometam!

Eles se entreolharam meio surpresos, e concordaram.

— Enquanto vocês fazem isso, insistirei com a Dhraxon para dispor bons advogados para Christian.

Márcio fez uma expressão de descrença:

— Depois de reduzir Moisés a ladrão de pólvora... acho difícil a diretoria da empresa querer ajudar.

Despediram-se e a van mergulhou no deserto. O Saara, esse oceano de areia fervente, estava pronto para recebê-los. Mas eles estariam prontos para enfrentá-lo?

Dubayy, Emirados Árabes Unidos

19 de outubro, 10h19, hora local

IBRAHIM ANWAR HASSAN ATRAVESSOU apressado as ruas rumo a luxuoso palácio, num aristocrático Rolls Royce. Um homem magro e barbudo esperava-o impaciente no estacionamento. Ibrahim saiu do veículo, cumprimentando efusivamente o anfitrião.

— E então? — perguntou o barbudo.

— O resultado foi ótimo. Meu discurso na ONU está sendo comentado pela mídia do mundo todo. Só durante o vôo para cá recebi seis (elefonemas me elogiando. Está dando certo.

— Assim seja.

— E Nassib?

— Está caçando coelhos. Enquanto você descansa, eu o chamo.

Uma hora e quarenta minutos depois, numa sala de formato scxtavado, ricamente mobiliada e decorada com cores vibrantes, Nassib chegava com um grupo de empregados e um falcão com um capuz de couro na cabeça. Olhava para sua ave com incrível orgulho. Entre os nobres e ricos do Oriente, caçar pequenos animais com um falcão é um esporte muito apreciado. Algo como a caça à raposa no Reino Unido. Após os cumprimentos, foi servida comida: chás e deliciosas esfihas de verduras e de carne moída.

— É daqui mesmo? — Ibrahim se dirigiu a Nassib, falando do falcão.

— Oh, sim! Daqui saem os melhores — esclareceu sorridente. — Seu discurso repercutiu bem, Ibraim Hassan. Está sendo comentado, assim como seu livro. O que o emir vai dizer?

— Espero que goste. Mas o mais importante foi conseguir o principal: o Conselho de Segurança determinou a visita de inspetores ao Sudão.

— Por quê? Eles ainda desconfiam dos campos de treinamento da Al Qaeda?

— Nunca deixaram de desconfiar, Nassib. Nem poderiam; o país está mergulhado numa bagunça e a lei não serve para muita coisa lá. Mas, me diga, e os americanos?

— Estão esperando você chegar. Posso chamá-los?

— Claro.

Nassib chamou um empregado, que atendeu pressuroso. O rapaz magro e subserviente desapareceu por uma das portas e minutos depois voltou com dois *laptops*. Instalou-os sobre a mesa em torno da qual os dois homens comiam e conversavam, conectou-os a cabos telefônicos, testou *webcams* e microfones e conectou-os à Internet. Depois, abriu um aplicativo de bate-papo com voz e imagens ao vivo.

Quando tudo estava pronto, três homens de terno e gravata apareceram na tela. Todos se cumprimentaram e o norte-americano de cabelos grisalhos iniciou a conversa.

— Boa noite, Sr. Hassan. A Liga Árabe vai nos ajudar ou continuará a nos atrapalhar?

— Boa noite, Sr. Shrub — Ibrahim foi solene. — Estamos fazendo o possível. Há ainda muitas barreiras a vencer. As sanções da ONU e do seu governo desanimam os líderes do Leste. Vocês fizeram algum progresso no Congresso?

O outro norte-americano, calvo e de grandes olhos azuis, foi quem respondeu:

— Isso é um problema nosso, Hassan. Preocupe-se com a Liga e com o Sudão.

— Um problema de vocês, é certo, mas não estão sendo capazes de resolvê-lo. Estou costurando contatos e acordos com todos os países da OPEP^[7] e vocês não trazem uma única notícia animadora. De que adianta o *lobby* de vocês? Não sei por quanto tempo ainda os líderes vão tolerar a sua incapacidade.

O calvo pareceu ofendido com a acusação direta.

— Sr. Hassan, consiga a visita dos inspetores e o resto nós fazemos por aqui...

— Eu já consegui! - falou, assertivo e irritado. - Vocês não acompanham as notícias do seu próprio país?

O terceiro norte-americano, calado até então, interferiu:

— Hassan, vamos falar do que nos interessa? Qual é a situação das novas concessões?

— Eu *estou* falando do que nos interessa! — o tom de Ibrahim se tornou ácido. —

Estou fazendo contato e conseguindo apoio de meio mundo; consegui a missão no Sudão para daqui a poucos dias, mapeei todos os planos de novas concessões, e vocês não me trazem nada!

Como os três ficaram em silêncio, encorajou-se a continuar.

— Eu aviso a vocês: se não conseguirem a suspensão dessas malditas proibições, vendo tudo para os russos e chineses!

O calvo sorriu, desdenhoso:

— E por qual motivo você faria isso? Não vai adiantar nada para os seus interesses.

Irritado, Ibrahim se aproximou da tela, como se encarasse face a face o oponente:

— E você sabe quais são meus interesses? Por acaso você sabe alguma coisa além de criar vaca nas fazendas do seu pai, no Texas, Sr. PhD-em-coisas-inúteis?

E desligou o computador, deixando Nassib um tanto reticente quanto à maneira de tratar os interlocutores. A nove fusos-horários de distância, os norte-americanos fizeram comentários mal-humorados e críticos, tentando menosprezar o árabe que os tratava como *office boys* incompetentes. Sua aliança com Ibrahim era secreta. Jamais as autoridades poderiam saber.

A oferta feita ao árabe era suficientemente alta para que ele se empenhasse em conseguir contratos milionários com governos de países do Oriente. Esses contratos seriam, na verdade, a última pedra a tombar de uma fileira de dominós composta de negociações, subornos, ameaças, mortes misteriosas, falsificação de documentos, informações adulteradas, tráfico de influência e outras formas de corrupção político-administrativa.

- Meu bom Nassib, vamos fumar um pouco? Esses idiotas não sabem nada. Quem manda naquele país são os donos da indústria de armas, e eles acham que a gente não sabe. Idiotas!

— Idéia perfeita, meu amigo.

Nassib chamou o servo e pediu para trazer o narguilé. Enquanto fumavam uma mistura de ervas de perfume adocicado, Ibrahim voltou a pensar em sua estratégia e nos sucessos alcançados. Estava tudo dando certo. Mostrar aos empresários norte-americanos segurança e independência era a melhor tática. Assim, mantinha-os cativos e tensos. Enquanto isso, ganhava tempo negociando com muitos outros interessados as coisas importantes que tinha a oferecer. Dessa forma, esperava obter projeção na maior confederação do mundo islâmico: a Liga Árabe.

A Liga, espécie de aliança militar envolvendo vários países islâmicos, tinha coesão frágil. Os países entravam e saíam dela, mantinham-se pouco fiéis e se afastavam, sempre por divergências de momento. Esse era o grande problema. Os líderes nacionais tomavam as discussões como questões pessoais. Se um país mostrasse desrespeito com outro, o chefe de estado da nação desrespeitada agia como uma criança temperamental, se retirando das negociações. Se as questiúnculas fossem

deixadas de lado, a Liga seria forte e uníssona, capaz de pôr o Ocidente a seus pés. Quem ousaria enfrentá-la se ela, tendo a maior parte dos países da OPEP, decidisse triplicar o preço do barril de petróleo? Ou se decidisse dar proteção a terroristas e grupos paramilitares como o Hamas, o Hezbollah, a OLP e a mais temida de todas, a Al Qaeda?

Após o fumo, recolheu-se vangloriando-se de como era um político hábil. Deitado na cama, olhava o teto dourado, elogiava a si mesmo, admirando seus dotes de negociador capaz de sempre conseguir algo bom numa discussão de interesses. Seus pais, irmãos e amigos de juventude eram nada perto dele; ninguém chegara tão alto na política. Estava no auge, no topo de uma carreira que prometia ainda mais!

Nos dias seguintes, teria muito trabalho. A passagem dos inspetores da ONU pelo Sudão, à procura de campos de treinamento de terroristas, exigiria dele precisas e cronometradas providências.

Wadi Halfa, Sudão
Margem leste do Lago Núbio
31 de outubro, 8h40, hora local

- MANHÃ DE PROSPERIDADE! - disse Mirella, sorridente.

— Manhã de luz! - respondeu o homem de grandes bigodes e barriga proeminente.

Ela, seguida de Márcio e Christian, numa espécie de quitanda ou bazar, se aproximaram para conversar com o dono.

— O que vão levar? — disse ele.

- Bem, senhor, estamos interessados em fazer um passeio pelo deserto. Disseram por aí que o senhor forma boas caravanas de camelos para os turistas pelo melhor preço da cidade.

— E verdade. Nenhuma caravana minha jamais teve um acidente. Todos voltam felizes e satisfeitos. Por apenas 8 mil dinares vocês podem passar duas noites no deserto, em total segurança.

— Hmm... podemos falar em libras egípcias? — propôs Mirella.

— Sete mil libras e um ótimo passeio pelo deserto.

- Sete mil libras?! - interveio Márcio, cansado dessas eternas negociações. - Não queremos ir até Khartoum e voltar de camelo, senhor. É só um passeio curto. A comida e a água nós levamos.

— Para onde vocês querem ir? Oásis de Selima? Para lá é mais caro.

- Não. Na direção do Monte Uweinat, próximo à divisa com o Egito — esclareceu Mirella.

O homem perscrutou-os por segundos, intrigado.

— Vocês são malucos? A região próxima à Líbia e ao Chad está tomada por

assaltantes e assassinos.

- Não vamos tão longe - esclareceu Mirella. — Menos da metade do caminho.

- Mesmo assim! Vocês não têm juízo? Como a mãe de vocês os deixou vir para cá? Voltem para casa, meninos. Esse lugar é perigoso.

Mirella sorriu; tinha certeza de que a argumentação era um truque para conseguir um preço alto.

- Senhor, estamos trabalhando com autorização do governo. Só vamos passar um dia lá e voltar. Duas mil libras para cinco dias: dois para ir, um lá e dois para voltar.

O comerciante, muito mais hábil em fazer negócios lucrativos, meneou a cabeça negativamente.

— Impossível. A milícia do governo não deixa passar. Só os beduínos conseguem atravessar, usando as rotas distantes do oeste.

- Senhor - decidiu interferir Christian. — Duas mil libras egípcias é um bom preço, pois levaremos água, comida e remédios. Seu gasto será apenas com os camelos.

O velho negociante sorriu largamente, mostrando um dente de ouro, e exclamou:

— *Yeddi el-Hala' lelli bela wedan, we el-fustu' lelli bela sinan!*

Os alunos não conheciam todas as palavras e não deram importância ao provérbio. Entraram em desgastante negociação e, ao fim de quase quinze minutos de debate, chegaram ao preço: 2 mil e oitocentas libras egípcias, equivalentes, à época, a uns mil reais ou quatrocentos e oitenta dólares americanos. A última hora o comerciante decidiu querer o pagamento em dinares sudaneses e não na moeda egípcia.

Fariam uma rota bem mais extensa, indo em direção ao oeste para depois seguir para o sul. Esse caminho, mais perigoso, era usado por bandoleiros e contrabandistas. Mas isso ele não contou aos seus ingênuos clientes.

O resto do dia tanto os três alunos como o comerciante passaram fazendo compras de suprimentos e preparativos para a viagem. Água, comida, protetor solar, fogareiros e todo o material que pudesse auxiliar na investigação da misteriosa elevação reconhecida nas fotos aéreas pelo Lobsang. Por exigência do organizador da caravana, partiriam após escurecer.

Mirella se encarregou de entrar em contato com a empresa de aerofotogrametria. Encomendou fotografias de vários quilômetros quadrados em torno da figura retilínea encontrada.

Aos 20 para as 10 da noite, Christian, Mirella e Márcio chegaram ao bazar de Omar. Num carro velho, ele os conduziu ao lado oeste do lago, além das fazendas irrigadas, uns quinze quilômetros dentro do deserto. Nenhum dos três conseguiu se furtar à impressão de que se dirigiam a um encontro com bandidos. Por volta das 22h05, os faróis do veículo iluminaram uma fileira de camelos com dois homens de pé. O carro apagou as luzes e estacionou. Saíram. Impossível ficar naquele frio sem agasalhos.

— Senhores, estes são Mustafah e Garib, meus fiéis empregados. Eles acompanharão vocês até... o oeste.

Todos se cumprimentaram cordialmente e descarregaram as malas para carregá-las nos camelos. A caravana era composta de nove camelos adultos, forrados com tapetes, lãs, sacolas e sacos com comida, galões de água, tendas, cobertores, roupas, panelas e outros utensílios. Após a arrumação, o comerciante se despediu e foi embora, com as lanternas do carro apagadas.

Mustafah e Garib pareciam simpáticos, mas pouco interessados em conversar. Orientaram os três sobre como subir e se segurar nos animais. O camelo, embora seja um animal dócil, tem uma maneira brusca de se levantar, capaz de jogar o montador descuidado de rosto no chão. Primeiro ele se ergue nas patas traseiras de uma vez, fazendo a pessoa montada quase cair para frente. Depois, levanta-se nas patas dianteiras, jogando a pessoa para trás.

Seguiram viagem sem enxergar nada, a não ser o brilho no horizonte da iluminação de Wadi Halfa e das fazendas, cada vez mais longe. O céu do deserto é um espetáculo difícil de ser imaginado por quem não sai das grandes cidades de atmosfera poluída. Além de servir de mapa para os viajantes, serve de distração para quem sabe apreciá-lo.

Caminharam por quase seis horas quase sem falar, quando Mustafah decidiu parar para dormir. Falava inglês com dificuldade e só conversava com Garib em árabe.

Dormir no deserto foi também uma experiência diferente. Não armaram tendas. Deitaram em sacos de dormir ao relento e se cobriram com vários cobertores. Após apenas três horas de sono, Mustafah acordou-os, dizendo que era necessário comerem para seguir viagem.

— Por que não podemos dormir mais? — reclamou Márcio.

— Senão não chegaremos no tempo planejado.

— Quanto já andamos? - quis saber Christian, espreguiçando-se.

— Uns 30 quilômetros.

— Tudo isso?

— Sim, temos mais de 50 ainda para andar. Só vamos chegar amanhã à noite.

Os dois rapazes prepararam o desjejum para todos. Depois de comer, os cinco ajudaram a limpar e recolher tudo. Só depois, com o dia claro, os três perceberam quem eram seus guias: garotos mais novos que eles. Mustafah tinha pele clara, avermelhada pelo sol. Era desenvolto, mas de poucas palavras. Garib era mais escuro e tímido, nunca os olhava de frente, sempre esperando o comando de Mustafah. Sua timidez escondia um sorriso de dentes perfeitos. Os dois estavam deslumbrados com Mirella.

— Por que estamos indo para o norte, se queremos ir para o oeste? quis saber a garota.

— Quero chegar à rota vinda do oásis de Kharga. E temos de evitar as estradas asfaltadas. Lá, seguiremos para o sul.

Passar o dia inteiro no lombo dos camelos não foi fácil para os ocidentais. O sacolejar dos animais foi se tornando irritante e as pernas e as costas começaram a doer. De vez em quando, paravam para comer, beber ou descansar. Ao longo do dia, a paisagem mudou algumas vezes. Passaram por planícies pedregosas, platós rochosos e dunas de areia. O sol não dava um segundo de trégua.

Só passando por essa experiência foi possível entender por que tantos povos do deserto africano cobrem o corpo inteiro com roupas, deixando só os olhos à mostra, apesar do calor. Num ambiente seco como aquele, o corpo transpira muito e o suor evapora continuamente, sem deixar a pele molhada. Isso torna o calor, mesmo quando intenso, suportável. A roupa grossa impede o sol de queimar a pele; sem ela, a sensação de calor é muito maior e as queimaduras são inevitáveis mesmo em peles escuras.

Só era possível conversar quando paravam; caso contrário, tinham de falar muito alto ou gritar, e isso causava sede.

Garib não falava o dialeto árabe usado no Egito. Os outros só conseguiam entender algumas de suas palavras quando o ouviam conversando com Mustafah.

— Ele é núbio — esclareceu Mustafah. — Fala *bedawi*, dialeto usado só entre os povos desta parte do deserto. Quase não fala a língua do Cairo.

— Quantas esposas você tem, Mustafah? — perguntou Márcio.

— Nenhuma — o rapaz respondeu sério.

— Nem você nem Garib são casados?

— Não. É muito caro casar. E você?

— Não. É muito problemático casar.

— Mas quem vai cuidar de você e de sua casa?

— Eu mesmo. Não sei se quero casar. Nem penso nisso por enquanto.

— Vocês, cristãos ocidentais, são esquisitos...

— Por quê?

— Vocês podem casar sem dinheiro, quando quiserem, como quiserem. Mas demoram para casar ou nem casam, e reclamam de serem muito sozinhos.

Involuntariamente, Márcio se lembrou de Leyla e entristeceu. Afastou-se, seguido de seus pensamentos e lembranças. Talvez ela fosse mesmo prostituta, mas eram inegáveis a atração e a simpatia que tivera por ela naquelas poucas horas de convívio. Por que lhe fora roubada tão violentamente a oportunidade de amar, mesmo ilusoriamente e por pouco tempo?

Mirella, por sua vez, mantinha-se obcecada por reencontrar o gótico. Tentava disfarçar dos amigos a saudade obsessiva, mas, quando sozinha, deixava-se levar pelas lembranças dos momentos vividos juntos. Em numerosos instantes nos quais

pôde ficar só, ligou desesperadamente para o celular de Fernando, sem nunca ser atendida. Fizera mais de vinte ligações num dia, sem encontrá-lo. Vivia uma montanha russa emocional.

E Christian não parava de pensar em como sair de sua situação terrível. Não tinha certeza de que fizera bem em concordar com essa expedição sigilosa. Não tinha certeza nem de que ainda deveria estar na África. Encontrara os estranhos papéis deixados pelo pai no banco, mas continuava sem nada útil para defender-se. Os celulares não funcionavam no deserto, impedindo-o de saber como estavam a mãe e o professor.

Para Mustafah e Garib, os momentos introvertidos eram mais curtos; sempre atentos ao caminho, orientavam-se pelo Sol, na busca do trajeto para a rota dos beduínos. O Saara não brincava nem perdoava erros; perder-se ou alongar-se demais e ficar sem comida e água era a certeza da morte. Acertar o caminho era prioridade absoluta.

Somente por volta das 11 da noite pararam. Comeram ovos e pão, beberam chá e uma espécie de mingau feito de grãos amassados com leite. Armaram duas tendas. Quando Garib e Mustafah viram os três entrarem na mesma tenda, admiraram-se do despudor das mulheres ocidentais. Mirella dormiria encostada em dois homens e nenhum era seu marido! Essa observação foi suficiente para fazer os jovens guias passarem rapidamente da crítica para as fantasias a respeito dela: deveria ser delicioso amar aquela moça loira e bonita.

— Vou me casar com ela — sussurrou Mustafah, deitado de costas para Garib.

— Ela gostou de mim — comentou Garib. — Se meu pai me der dinheiro, vou me casar com ela antes de você.

— Ela nem olha para você! *Eu sei* quando uma mulher está interessada. Quantas mulheres você já teve, Garib?

— Nenhuma. E você?

— Bem... nenhuma também.

— Ah! Então, durma logo!

Tanto guias como alunos não imaginavam o que os esperava.

O sudoeste do Egito, o noroeste do Sudão e suas proximidades com os vizinhos Líbia e Chad formam uma das regiões menos conhecidas do planeta, onde até as forças armadas desses países evitam transitar.

Deserto Núbio, Sudão

2 de novembro, 6h45, hora local

O DIA SEGUINTE foi muito similar, e os três alunos da USP sentiram falta de uma série de confortos, como dormir em cama, tomar banho, alimentos variados, sentar-se em cadeiras etc. Andar nos camelos era descômodo e os três estavam com as coxas, as

costas e o períneo doloridos, mudando de posição a toda hora a fim de se aliviarem. O camelo anda jogando as patas do mesmo lado quase juntas para frente. Essa alternância de apoio o faz balançar de um lado para outro. Isso causou enjôos em Márcio e o café da manhã logo saiu por onde entrou.

No terceiro dia, amanheceram num morro ressecado e pedregoso, onde pedras altas e estreitas apontavam para o céu. Após todos saírem das tendas, Mustafah declarou:

— Seguindo para o oeste, por umas três horas, vocês chegarão ao lugar que querem pesquisar.

Christian não entendeu:

— Por quê? Vocês não vão com a gente?

— Não. Combinamos com Omar até aqui apenas.

— Mas nós pagamos para chegar até lá! — disse Mirella, entrando na conversa.

— Não, senhorita. Omar nos *advertia* a não passar daqui.

— Qual o problema de chegar até o sítio arqueológico? — quis saber Christian.

— A milícia do governo não gosta de nós. Eles podem decidir nos prender ou nos matar. Vocês são turistas; é diferente. Só lhes pedirão dinheiro.

— E nós iremos sozinhos?! — Mirella perguntou em tom indignado. O rapaz não respondeu. Estava claro: eles não os acompanhariam.

Christian chamou Mirella e Márcio de lado.

— Querem dinheiro para prosseguir, sem Omar saber.

— Quanto planejamos gastar neste caso? - quis saber Márcio.

— Não planejamos — esclareceu Christian. — Alguns dinares e eles aceitarão.

Os três concordaram e ofereceram setenta dinares para a viagem prosseguir.

Para espanto dos três, Mustafah e Garib recusaram o dinheiro, e não fizeram contra-oferta. Ou queriam muito mais, ou falavam a verdade.

— Por duzentos dinares, vocês nos levam até lá? — insistiu Christian. Os dois garotos discutiram alguns segundos, reservadamente.

Mustafah se virou para eles:

— Duzentos para cada um está bom. Garib irá levá-los com quatro camelos, e voltará com um. Vocês devem voltar para cá ainda esta noite, antes de amanhecer, ou iremos embora. E se surgir o *harmattan*, parem para não se perderem. Os três se entreolharam, confusos.

— O que é isso? — interpelou Christian.

— O *harmattan*? E o vento forte que levanta areia e não deixa enxergar. Se virar tempestade de areia, vocês têm de fugir!^[8]

Meio amedrontados, porém determinados, os três aprendizes de arqueólogo não imaginavam a razão da proibição de Omar e da obediência de seus jovens empregados. Mais tarde, em circunstâncias nada agradáveis, os três viriam a descobrir também que essa região, evitada pelos próprios beduínos, era uma rota de

criminosos de todos os tipos. A fronteira do Egito com o Sudão é uma terra de ninguém, por onde nômades e foras-da-lei trafegam de um país a outro com contrabandos, atividades suspeitas ou fugindo das autoridades. E isso piora quanto mais perto se está da fronteira com a Líbia e o Chad.

Na ânsia de ganhar duzentos dinares sem ter de entregar quase tudo ao patrão, os guias aceitaram a proposta sem avisá-los dos perigos.

Garib estava feliz. Ficaria perto de Mirella sem a concorrência de Mustafah, mais desinibido que ele. O jovem núbio estava apaixonado como nunca estivera em seus 19 anos.

PASSARAM PELA CRATERA 8 por volta do meio-dia, estudaram um mapa e imagens de satélite e reconheceram estar nas coordenadas geográficas da formação retilínea vista no computador. Infelizmente as fotografias aéreas acabavam ali, enquanto a formação reta avançava pelo deserto ocidental.

Garib sequer desceu do camelo. Fez um aceno de mão e voltou por onde veio, pensando em como conseguir mais dinheiro para realizar o sonhado casamento.

Empolgados com a pesquisa, os três deram pouca atenção à pressa do condutor lacônico. Mantendo o rosto rente ao chão, foi possível ver um diminuto desnível do terreno, de menos de cinco centímetros. A elevação era irregular tanto na altura quanto na largura. Lembrava uma estrada que ora se estreitava, ora se alargava, de aparência absolutamente natural. O detalhe especial desse sutil acidente geográfico era a direção: sempre para o oeste. Finalmente, haviam encontrado a formação. Após se certificarem de que estavam no local certo, fotografaram-na de ângulos diversos e começaram a escavar num trecho dela.

O solo era duro. Algum fenômeno transformara-o numa laje compacta, talvez um tipo de laterita. Abaixo dessa camada de uns vinte centímetros de espessura, outras camadas de textura, compactação e coloração diferentes surgiram. A escavação era narrada em voz alta por Márcio diante de um pequeno gravador: textura e cor do solo, tamanho e aparência das rochas, camadas mais duras e mais macias etc.

Mirella fotografava tudo e Christian aprofundava a escavação com pequenas pás e picareta. Após mais de três horas desse procedimento, o rapaz bateu com a picareta numa camada rígida, com barulho de coisa oca. A cavidade onde estava tinha quase um metro de profundidade.

— O que você encontrou? — perguntou Mirella, espiando.

— Não sei, parece uma laje ou coisa assim. Passe a pá maior, por favor.

Foi cuidadosamente alargando o local onde pisava e jogando para fora do buraco a terra retirada. Depois, limpou com uma pequena escova a superfície.

— Uma laje de pedra! Deve haver uma tumba aqui embaixo! — disse surpreso.

— Christian, olha ali, há uma inscrição em relevo — ela indicou um pequeno

desenho curvo saliente na laje.

Ele escavou em volta e foi removendo a terra ressecada com a escova. Era um cartucho, a forma oblonga com um traço reto embaixo dentro da qual os egípcios antigos inscreviam nomes de pessoas em hieróglifos. Havia dois cartuchos, lado a lado. Mirella desceu para ver e Christian saiu, espiando de cima com Márcio.

— Vocês estão fazendo sombra, não consigo ler.

Afastaram-se. Mirella teve o privilégio de ser a primeira a ler o achado.



Pensou por um tempo e, ao ter certeza, ficou entusiasmada:

— É o protocolo de Senusret III! Estávamos certos, ele construiu isto aqui!

O "protocolo" de um faraó era composto de seus dois nomes: o dado pelos pais, usado socialmente, e o adquirido após ser coroado. O protocolo completo, como chamam os egiptólogos, incluía também uma série de títulos elogiosos escolhidos pelo faraó para si mesmo, como "Rei de toda a terra", "Hórus dominando o Norte e o Sul", "Amado das deusas Nekhbet e Uto" etc.

Os dois se aproximaram de novo. No cartucho da esquerda estava claramente escrito, de baixo para cima, *Khakhaura*, e no da direita, *Senusret*. O duplo nome designava realmente o faraó chamado pelos historiadores de Senusret III.

Márcio se apressou em registrar com detalhes a posição de tudo. Tirou da mochila uma estaca e fincou-a no solo duro. Afixou nela um aparelho GPS de correção instantânea. Este imediatamente começou a captar sinais de diversos satélites, estabelecendo em alguns minutos a latitude e a longitude do ponto, com alto grau de precisão. Afixou uma segunda estaca a alguns metros e, com uma trena eletrônica, mediu a distância entre ambas. Depois, posicionou a trena em vários pontos da boca da trincheira, no início das diferentes camadas de solo, até chegar à laje de pedra, sempre medindo a distância entre esses itens e as estacas. Os dados foram lançados no *laptop*. O programa foi montando uma imagem tridimensional.

Esquecidos do tempo, os três se puseram a escavar revezando-se, pois era cansativo. Alongaram a trincheira por mais um metro e meio e, como suspeitavam, tratava-se de uma laje comprida seguindo para o oeste. Tentaram encontrar alguma borda, emenda ou alçapão, sem sucesso. Não havia como saber o que estava por baixo. Decidiram seguir para o oeste e escavar noutro lugar. Caminharam apressados. Constantemente Christian preferia parar e observar para ter certeza de que estavam

seguindo a elevação. Às vezes ela desaparecia, desorientando-os, mas depois, quando encontravam sua continuação, retomavam o caminho.

Notaram que quanto mais avançavam os afloramentos de rochas escuras se tornavam maiores e mais numerosos. Eram pontas angulosas de rochas negras, muito duras, emergindo da areia em toda parte.

Os camelos, escolhendo onde pisar, diminuíram a velocidade.

A trilha levemente elevada seguiu por quase mais uma hora, quando subitamente desapareceu.

Rodaram e rodaram em torno, olharam com o rosto rente ao chão em variados locais e nada encontraram. Christian seguiu a pé cerca de um quilômetro para oeste e não encontrou elevação nenhuma que sugerisse haver algo soterrado. A trilha elevada acabava abruptamente.

— Esta região precisaria ser aerofotografada, não acha, Christian? — Mirella quis saber após os três descenderem dos animais.

— Sem dúvida. Bem, vamos escavar de novo?

Escavaram alguns metros antes de a elevação terminar. Tinham pouco tempo e fizeram-no o mais rápido possível. Ao fim de uma hora e meia, uma trincheira de cerca de um metro e meio de comprimento e quase um de largura estava aberta. Abaixo, a mesma laje pétrea, mas sem inscrição. Ao contrário da anterior, via-se inteiramente as bordas dessa laje, parecendo uma tampa. Tinha cerca de meio metro de largura por um metro e trinta, mais ou menos, de comprimento. A troca de olhares entre eles provou o consenso: queriam abri-la.

— O correto seria chamarmos o professor e alguém do governo para testemunhar a abertura — afirmou Mirella.

— Vamos abrir agora mesmo — divergiu Christian. — Estamos escavando ilegalmente, pois nossa autorização não chega até aqui. *Não podemos* chamar o governo.

— Mas e o professor? — ela perguntou, propensa a concordar.

— O professor não pôde vir, por isso vimos nós. Ele vai preferir que descubramos o máximo possível. Depois ele vem aqui e decide o que fazer.

Não tão convictos quanto Christian, mas empolgados demais para ponderar, concordaram.

Parecia de fato uma tampa, pois a pedra se apoiava sobre uma parede e o barulho das batidas era oco. Escavaram em volta até ela ficar inteiramente descoberta. Christian tirou da mala sua obra-prima: o Biodetector. Crivaram-no de perguntas sobre como funcionava, e ele explicou entusiasmado, mostrando um desenho.

— E assim: se a câmara estiver sem contato com o ar daqui de fora desde quando foi lacrada — 2, 3, 4 ou 5 mil anos atrás — lá dentro só haverá ar daquela época. Nesse ar e nos objetos existem esporos de fungos, bactérias e protozoários que entraram e

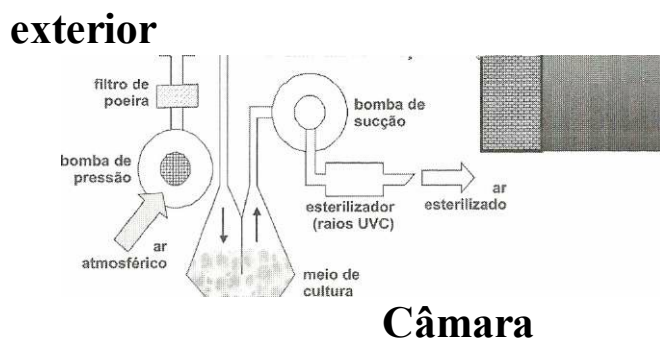
não saíram até hoje. Este aparelho...

— Estão *vivos* até hoje? — interrompeu Márcio.

— Podem estar. Os esporos são uma espécie de semente em dormência, paralisada, que só desperta quando as condições de vida são boas: água e temperatura adequadas. Isso não acontece só nessas câmaras; esporos existem em toda parte. Esta areia seca, por exemplo — indicou o chão — está cheia de esporos. Quando chover, eles germinarão.

— E qual é a diferença desses micróbios de hoje para os daquela época? — Mirella quis saber.

— E isso o que pretendo descobrir, se há diferença. Muito provavelmente há, pois esta região foi uma savana há uns 6 mil anos, e não um deserto. Certamente havia maior variedade de microrganismos do que hoje. Praticamente não existe pesquisa científica sobre isso.



Christian passou aos procedimentos, explicando como fazer para não permitir de jeito nenhum a entrada do ar atmosférico na câmara, nem a saída do ar da câmara para a atmosfera. A laje foi lavada, limpa com um pano úmido e, após secar, recebeu uma massa com um ingrediente ativo esterilizante. Passados alguns minutos, a massa estava elástica e pegajosa. Acoplou a perfuradora à laje e ligou-a às baterias. Um cano plástico flexível, tipo sanfona, de uns 30 centímetros de comprimento, envolvia a broca esterilizada dentro dele. Christian afundou o cano na massa e, ao tocar a rocha, pressionou a broca e ligou a perfuradora. A broca esterilizada atravessou o cano, a massa, e começou a esburacar a rocha. A massa impedia entrada e saída de ar, enquanto o pó de rocha se acumulava na sanfona plástica.

A perfuração durou uns 15 minutos até a grande broca atravessar a compacta laje de granito de uns 15 centímetros de espessura. Feito o furo, a broca foi cuidadosamente retirada, enquanto a massa elástica preenchia o buraco, vedando-o.

O tubo duplo de ar do biodetector também era envolvido por um saco plástico previamente esterilizado. Christian introduziu a ponta do tubo duplo na massa até atingir o buraco. O tubo perfurou o plástico, envolveu-se em massa e deslizou para dentro até ficar livre dentro da câmara.

Christian ligou os compressores. O sopro de ar ergueu poeira das paredes e do chão da câmara, coletada em seguida pelo tubo de sucção.

— Nenhum microrganismo daqui de fora chega vivo lá dentro; o lírio de ar retém os maiores, os menores morrem com a irradiação ultravioleta. Os de lá de dentro, ao serem sugados, ficam presos no meio de cultura. Os que escapam do meio de cultura são mortos com o ultravioleta antes de saírem para cá.

Os três puderam observar o meio de cultura gelatinoso e transparente ficando turvo com a passagem do ar empoeirado. Esse era o primeiro momento de alegria de Christian desde a saída do Brasil. Afirmou sorridente, olhando os frascos:

- Aqui estão microorganismos sepultados desde a época de Senusret III. E nós seremos os primeiros a vê-los num microscópio!

Seu doutorado está garantido com eles! — replicou Márcio, satisfeito.

Sim, e uma tese sem igual sobre um ramo novo da ciência: a arqueomicrobiologia!

Repetiu a coleta com mais quatro recipientes com o meio de cultura. Depois, tudo foi devidamente desmontado e guardado. Os recipientes, cuidadosamente embalados para não quebrarem, numa caixa pequena de isopor.

O Sol deslizava para o poente, anunciando o fim de mais um dia.

Cansadíssimos, com fome e muita sede, armaram a tenda e prepararam alguma comida. Suas mentes fervilhavam de idéias e possibilidades. Como um lago barrento que, de repente, recolhe para as profundezas todo o lodo e os detritos, deixando acima águas cristalinas, temporariamente se esqueciam de todos os problemas que tinham a resolver. O entusiasmo da descoberta fazia-os, naquelas horas, quase tão felizes como crianças em dia de ganhar presentes.

— O que pode ser essa laje oca? — Márcio fez a mesma pergunta pela sexta vez.

— Meu palpite é um túnel, por onde os soldados saíam da fortaleza — arriscou Mirella. Entusiasmada com a descoberta, pela primeira vez desde a saída de Aswan ela se dirigia a Márcio sem agredi-lo.

— Se fosse um túnel para soldados, teria de ser mais fundo, escondido — divergiu Christian. — Essa laje estava à mostra na época de Senusret. Pode ser o teto de alguma construção.

— Mas construções nunca eram de pedra, sempre de tijolos de barro — objetou Mirella. — Se é de pedra, foi de alguma forma relacionado a um templo ou túmulo.

— As construções não eram de pedra?! — estranhou Márcio.

— Não — Mirella respondeu tranqüila. — Só templos e túmulos. O resto era de tijolo de barro. Até o palácio do faraó. Esses filmes que mostram palácios com paredes de granito estão todos errados. Vocês assistiram a *Os Dez Mandamentos*?

— Assisti — disse Márcio.

— O palácio do faraó era todo de granito rosa - completou Christian.

— Em *Terra dos Faraós* também e em vários outros. Estão todos errados — ela asseverou, convicta.

— E em *A múmia* e *O Retorno da Múmia*? — quis saber Christian.

— Esses dois filmes têm um monte de erros. Aparecem coisas que nunca existiram: palácios de pedra, escaravelhos que comem carne, cinco *canopi*, um livro, múmias capazes de andar...

— É uma ficção, Mirella, o que você queria? - divergiu Márcio.

— Eu sei, mas as múmias de verdade eram enroladas com as faixas por cima dos braços e com as duas pernas juntas. Mesmo se estivessem vivas, estariam presas numa camisa de força. E naquele filme *Stargate*? Aparece um obelisco feito de tijolos, imagine... O obelisco é sempre uma peça única de pedra.

— E *O Escorpião Rei*? — quis saber Christian.

— É o mais absurdo de todos. Naquela época não existia no Egito camelo, cavalo, roda, palácios de pedra, beduínos e muito menos armaduras metálicas. E quase 100% irreal.

— Bom... mesmo sem eu saber nada disso, minha hipótese é mais sofisticada — argumentou Márcio. — Se é para ser criativo... deve ser uma estrada para as bigas dos soldados correrem mais rápido pelo deserto ao saírem da fortaleza ou entrarem.

Embaixo poderia haver... hmm... nada. O som de oco pode ser apenas de um espaço de onde a terra foi removida no passado por enxurrada da chuva.

— É... hipóteses a gente pode inventar muitas — acrescentou Mirella. - O que o professor disser será válido, se for algo empolgante, mesmo sendo um absurdo. Até alguém descobrir alguma coisa mais e contestar. A ciência funciona assim.

— A ciência *consegue patrocínio* assim — corrigiu Márcio. — Se o professor continuar divulgando explicações que não agradam aos patrocinadores, o projeto vai acabar. Ele deveria ser mais cauteloso ao falar em público.

Como não havia nada para fazer e estavam muito cansados, a conversa não durou muito. Eram umas 7 da noite quando os três já estavam dormindo.

A última noite de sono tranquilo.

Deserto Núbio, Sudão **4 de novembro, 3h15, hora local**

POR VOLTA DAS TRÊS DA MADRUGADA, deixaram o lugar, rumando para o ponto de encontro com Mustafah e Garib.

A bruma cobria o deserto, responsável pelo sereno finíssimo da madrugada. Embora pareça um lugar desabitado, o deserto possui muitas formas de vida capazes de viver em condições extremamente hostis. Aranhas, escorpiões, moscas, vespas, serpentes, roedores, morcegos e aves são capazes de extrair alimento e líquidos de plantas e de outros animais e passar a vida inteira sem nunca ver uma poça de água ou uma chuva. O sereno é fundamental na vida de alguns deles.

Algumas horas depois, avistaram a colina pedregosa onde os dois rapazes árabes estariam à espera. Para decepção dos três, Mustafah e Garib não estavam lá. Nem os camelos e a tenda. Rodearam a elevação, procuraram algum sinal por todos os lados e não encontraram nada. Quando se reuniram novamente no alto do rochedo, Mirella começou a chorar.

— Não é possível terem feito isso com a gente! Chegamos mais cedo que o combinado!

— Talvez eles venham daqui a pouco — Márcio tentou acalmá-la, apesar de não estar menos preocupado.

Ou os ladrões que eles temiam passaram por aqui — pensou Christian sem comentar.

— Vamos esperar até eles chegarem — sugeriu.

Estavam há quatro dias sem tomar banho, limpando-se com panos umedecidos em água e álcool. O sol, tórrido como sempre. O deserto, silencioso e desafiador como sempre, dessa vez, com um elemento adicional: o *harmattan*. O vento furioso levantava poeira, não sendo possível enxergar além de uns cem metros. A

madrugada terminou, o Sol nasceu e subiu. Não tinham mais dúvidas. Foram abandonados.

— Se continuarmos aqui esperando, nossa água e comida vão acabar — Christian, como sempre, liderava as iniciativas. — Temos coisas para comer e beber para mais dois dias. Acho que devemos voltar por onde viemos.

— Você sabe o caminho? Foram dois dias, e eles às vezes se perderam, lembra? — objetou Márcio.

— Não tem outro jeito! Talvez Omar tenha mandado os guias fazerem isso. Talvez tenham sido os assaltantes de que Omar nos avisou, sei lá, eu não sei o que está acontecendo. Concordamos em arriscar. Ou fazemos alguma coisa ou vamos morrer aqui.

Mirella acabou concordando. Márcio preferia esperar, mas foi voto vencido. Não foi fácil seguir em frente. O caminho, mesmo visto por três pessoas, pareceu diferente quando percorrido no sentido oposto, e ficou praticamente irreconhecível com a baixa visibilidade. Não poucas vezes pararam para debater se tinham ou não passado por determinada rocha, depressão ou elevação.

Nenhum dos três tinha experiência na condução de caravanas e muito menos de trafegar pelo deserto sem enxergar direito. O GPS dava as coordenadas do lugar, mas isso não servia para encontrarem o caminho de volta.

Só os camelos estavam tranquilos.

Quando chegaram a um local de relevo acidentado, onde havia rochas, ladeiras e gargantas rochosas, os animais seguiam os caminhos pelos quais se sentiam seguros e capazes de atravessar. Mas Christian, querendo escolher ele próprio o trajeto, forçou seu camelo, líder da reduzida caravana, a passar por um local considerado melhor. Na beirada de um barranco íngreme, o camelo escorregou e se desequilibrou. No solavanco do animal para equilibrar-se, Christian escorregou e caiu, rolando uns seis metros pela ladeira. Por cima dele precipitaram-se algumas malas puxadas quando tentou se segurar.

Enquanto Mirella e Márcio paravam seus animais, o camelo de Christian, mais leve e sem ter quem o incomodasse, se aprumou rápido e saiu correndo.

— Você se machucou? — gritou Mirella, descendo com cuidado a rampa.

Márcio, com medo de os demais camelos seguirem o fugitivo, ficou segurando os dois.

— Não... Acho que não — respondeu, erguendo-se devagar e afastando as malas caídas sobre ele. — Só raspei o tornozelo.

Mancando, subiu a rampa, amparado por Mirella. Estranharam Márcio olhando fixo para uma direção.

— O que foi? — perguntaram lá de baixo.

Ao chegarem ao topo, juntaram-se a Márcio na observação silenciosa. Do meio da

névoa arenosa surgiam vultos masculinos caminhando na direção deles. Vinham de todos os lados, inclusive do fundo da gruta de onde acabavam de sair. Sem saber se eram sortudos ou desgraçados, ficaram quietos.

Em minutos, estavam cercados por homens cobertos com pesados véus, só com os olhos à mostra. Como se acionados por controle remoto, os homens se atiraram sobre eles de uma vez, sem uma única palavra, e espancaram-nos até deixá-los caídos gemendo no chão. Em seguida, um pano encardido com cheiro forte foi-lhes amarrado na cabeça, cobrindo os olhos, o nariz e a boca.

Aspiraram o odor e perderam a consciência em segundos.

Os beduínos pegaram as malas, sacolas e camelos. Puseram os alunos sobre os ombros e caminharam meia centena de metros, onde outros seguravam cavalos. Jogaram as cargas adormecidas sobre as costas ilos animais e saíram a galope, desaparecendo no amarelo pálido das areias sem fim do *harmattan*.

WADI HALFA, SUDÃO

1º DE NOVEMBRO, 9H34, HORA LOCAL

SEM CONSEGUIR CONTATO com os alunos, Manccini desconfiou que estavam fazendo algo escondidos. Decidiu ligar para São Paulo e saber como estavam as coisas.

Na FFLCH tudo corria bem. O diretor da Faculdade se encarregara pessoalmente de guardar os papiros no cofre de um banco. Mas, quando falou com a mãe de Christian, as notícias foram preocupantes.

— Dr. Caio — começou ela. - Por que meu filho não me telefona?

— É devido ao lugar onde fica o sítio arqueológico não ter sinal de celular. Mas eu lhe asseguro: ele está bem.

— Ele conseguiu encontrar "a muralha"?

— Sim, senhora. Mas ainda está um pouco confuso. Estou tentando obter ajuda dos advogados do nosso patrocinador, a Dhraxon. Enquanto isso, falei para ele se dedicar à pesquisa, assim ele se acalma um pouco.

— Estou muito preocupada, Dr. Caio. Uma amiga advogada viu o inquérito na Polícia Federal. Há muitas evidências contra ele. O delegado informou que o governo egípcio está de olho nele. Se houver qualquer complicação com terroristas perto de Christian, ele será imediatamente preso ao entrar no Egito. Por favor, diga a ele para ficar longe de lugares perigosos e com multidão.

— A senhora acha que ele não pode voltar ao Brasil, por enquanto?

— De jeito nenhum! Só quando tiver alguma prova importante da inocência dele. Helena ainda não conseguiu que ele possa responder ao processo em liberdade.

Manccini despediu-se e desligou, desanimado e preocupado. Como contaria isso para Christian? A Dhraxon até esse momento nada havia respondido. Pensou se não

teria orientado mal seu aluno sugerindo-lhe esconder-se. Se as autoridades egípcias estavam esperando qualquer erro para prendê-lo ou deportá-lo, era melhor permanecer no Sudão.

A recepção do hotel avisou-o da chegada de um pacote para ele. Ao ver que eram as imagens tratadas pela empresa de aerofotogrametria, correu para o quarto examiná-las. CDs repletos de fotos de um terreno não integrante do plano de pesquisa original. Era a área a oeste da cratera 8.

— Por que fotografaram isto? Não tem nada aqui! — resmungou para si mesmo.

Foi juntando-as lado a lado no *laptop*, como se montasse um quebra-cabeça, sem entender a razão de um terreno uniforme como aquele ser fotografado. Depois, lembrou-se: sem a análise do Lobsang, seria difícil perceber alguma coisa.

Tentou usar o *software* Lobsang, mas encontrou dificuldade. Não havia treinado o suficiente e Márcio não estava por perto. O dia passou sem Manccini conseguir contato pelo celular. Preocupadíssimo, procurou em todos os lugares que faziam passeios pelo deserto e, finalmente, descobriu ser Omar o dono da caravana. Para sua surpresa, o velho comerciante afirmou, com a barriga apoiada no balcão:

— É normal os passeios pelo deserto serem prolongados. As vezes os turistas querem ficar mais, conhecer outros lugares. E as tempestades de areia atrasam a marcha. Eles devem chegar nos próximos dias.

— Não tem como você se comunicar com eles? Seus empregados não têm celular?

— Os celulares funcionam muito mal lá.

— Quando chegarem ou tiver notícias, me avise, por favor. Tenho urgência em falar com eles.

— Avisarei, Dr. Manccini.

Omar estava mentindo. Sabia que havia acontecido algo errado, mas não podia dizer. Ou a responsabilidade cairia sobre ele por ter levado estrangeiros para áreas de conflitos e guerrilha, contrariando as determinações do governo. Na verdade, já tinha mandado um rapaz atrás deles. O rapaz voltara sem nada encontrar. Nem um sinal da caravana.

Preocupado e desanimado, Manccini voltou para o hotel e mergulhou nas fotos.

O velho livre-docente da FFLCH não imaginava dez por cento do que seus intrépidos alunos estavam experimentando.

Deserto Núbio, Sudão
Margem oeste do Lago Nasser
4 de novembro, fim da tarde

CHRISTIAN WARDALL FOI O PRIMEIRO a abrir os olhos. Tudo em seu corpo doía. Tinha manchas roxas nos braços. O sangue coagulado no nariz dificultava a respiração. As

costas queimavam.

Estava de barriga para baixo sobre um animal em movimento, com as mãos e os pés amarrados, inteiramente nu. O sol chicoteava o corpo branco. Quando moveu a cabeça para os lados, viu onde estava: no lombo de um camelo, parte de extensa caravana. Deveria haver mais de trezentos animais. Sobre eles ou a pé, homens, mulheres, jovens, crianças, idosos, cavalos e cabras. Mirella e Márcio estavam ainda desmaiados sobre um camelo à frente dele.

Começou a chamar por ajuda, e logo um homem de barba grisalha se aproximou num camelo e deu-lhe uma varada nas costas, que ardeu como fogo. Gemeu, mas, sob a ameaça de outro golpe, calou-se.

O suplício ainda durou meia hora, quando a caravana finalmente parou. Pela posição do Sol, deveria ser o fim da tarde. Nessa hora, Márcio e Mirella estavam acordados. Todas as pessoas da grande caravana se entregaram a frenética atividade: desmontaram, desceram bagagens, agruparam o animais e ergueram tendas. Estavam numa enorme planície de terra dura e escura, grande o bastante para um Boeing pousar, sem nenhuma tempestade de areia por perto. Quatro homens trajados à moda saariana, isto é, mantos escuros, turbantes e tecidos coloridos, caminharam conversando apressados na direção dos três. Um deles parou e ordenou aos outros, no dialeto árabe do Cairo:

— Tragam-nos aqui com as suas coisas para eu ver!

Os alunos e suas malas foram postos no chão quente. As pessoas foram deixando seus afazeres e, curiosas, se aglomeraram em torno deles. Os alunos viram, indignados, algumas de suas roupas vestidas nos beduínos. Os três se agacharam, constrangidos com a nudez à frente dos outros, que os olhavam com curiosidade.

O líder e outros homens, sem prestar atenção, confabularam alguma coisa incompreensível aos alunos. Depois, ele pareceu distribuir ordens. Imediatamente os três homens desamarraram e "vestiram" os alunos: Márcio e Christian ganharam cada qual um pano velho e encardido para enrolar em torno dos quadris, e Mirella recebeu um saco de tecido com buracos para a cabeça e os braços.

Enquanto isso, a pequena multidão se atirou sobre as malas, sacolas e mochilas como um cardume de piranhas sobre a carcaça, pegando tudo o que podiam: roupas, calçados, telefones, dinheiro, comida, papéis, livros, água, ferramentas de escavação etc. O dinheiro dos três, pouco mais de oito mil reais, ou uns oitocentos mil dinares sudaneses no câmbio daqueles dias, foi todo entregue a Bahir.

— Ei, parem de mexer aí! Isso é meu, tem coisas caras guardadas aí!! - Márcio protestou, irritado.

— Só queremos chegar a Wadi Halfa! — disse Christian em árabe.

Um dos homens se voltou para Christian e deu-lhe um violento tapa no rosto, cuja marca vermelha permaneceria por alguns dias. Ele ia agredi-lo de novo. Como o

líder se aproximou, o agressor se afastou.

— Vocês são escravos do *shaikh* Bahir. Trabalhem para comer ou morrem!

— O quê?! Escravos?! — Mirella retrucou indignada. — Você ficou louco? Não existe escravidão há muito tempo! Vou contar à Polícia e ao Exército...

Não pôde terminar. Bahir esbofeteou-a três vezes no rosto, fazendo o sangue pingar do nariz. Mirella começou a chorar, enquanto Christian e Márcio, incapazes de ajudar, tentavam, de olhos arregalados e lábios entreabertos, ter certeza de terem escutado direito.

O título *shaikh*, embora tenha vários significados no mundo árabe, sempre indica a posição mais alta de um homem em seu grupo. Pode ser o adolescente mais conhecedor do Sagrado Alcorão, um homem muito respeitado, um governador de província e até o rei de um país.

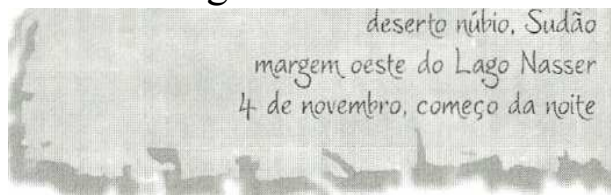
Nos países do Golfo Pérsico, são homens ricos e altos oficiais. Entre os beduínos egípcios, é o líder da tribo.

Os três ainda viram algumas picaretas, celulares e outros objetos circulando nas mãos dos caravaneiros. Tanto o *laptop* como o Biodetector desapareceram. Mas a maior decepção estava reservada para Christian: alguns rapazes pegaram os frascos com o ar coletado no túnel e tentaram abri-los.

— Não faça isso! - Christian gritou em inglês e depois em árabe. — Há um veneno perigoso aí dentro!

Sem entender o que era a gelatina parda dentro dos vidros, e desacreditando em Christian, um dos garotos arrancou a tampa lacrada de dois frascos, contaminando as amostras. Passou os dedos sujos na gelatina e comeu-a. Outros dois rapazes jogaram a gelatina fora e limparam os três frascos por dentro, esfregando-os com areia. Os vidros foram vistos logo depois sendo usados para guardar farinha, leite e outras coisas domésticas.

Os dados necessários para as pesquisas tinham ido embora. Mesmo se obtivesse ajuda de algum laboratório para preparar novamente os frascos esterilizados e o meio de cultura, não havia mais volta: o túnel de Senusret já estava aberto; o ar atmosférico havia entrado, carregando para dentro microrganismos modernos e para fora os antigos.



Good bye doutorado em arqueomicrobiologia!

ENQUANTO OS ALUNOS SE REVOLTAVAM com o assalto ao patrimônio da ciência e à sua

dignidade, os escravocratas discutiam entre si possibilidades. Falavam em *kenuzi-dongola* e *bedawi*, idiomas usados por beduínos da região e dos vizinhos Egito, Líbia e Chad.

— Vamos deixar o *loiro*, ele está com o pé machucado - sugeriu um. Para eles, o cabelo castanho claro de Christian era loiro.

— Não! Vamos cortar o pé dele e nazê-lo conosco! — aconselhou outro.

— E quem vai querer alguém sem pé, Yassan?

— Deixe-o aí e pronto! — reforçou o primeiro.

— Não. Ele é forte a alto. Vai nos servir.

Os homens fizeram acordos de quem ficaria com quem, baseando-se em dívidas e favores trocados. Um homem chamado Saad, magro e de ombros finos, gostou muito de Mirella e convenceu Bahir a deixá-lo ficar com ela. Um outro, barrigudo e de barbas grisalhas e longas, sempre andando com as pernas abertas, chamava-se Uthal, ficou com Christian. E Mas'ud, um homem jovem e forte, de olhar sereno, tornou-se proprietário de Márcio. Por fim, decidiram partir.

Cada qual foi levado por seu dono com as mãos amarradas. Mirella começou a gritar e a xingar os homens. Bahir se aproximou e, olhando Mirella nos olhos, deu-lhe violento tapa no rosto, advertindo-a no dialeto árabe falado no Cairo:

— Mulher não fala se *shaikh* Bahir não mandar! — e fez um gesto para algumas pessoas próximas, da família de Saad, virem ajudar a imobilizá-la.

Enraivecida ao extremo com o comportamento agressivo daquela gente, ela, como se possuída por uma força demoníaca, começou, mesmo amarrada, a distribuir pontapés, cabeçadas e mordidas com tal violência que assustou algumas pessoas. Uma mulher se afastou com o ombro sangrando da mordida de Mirella, e um idoso atrevido saiu devagar com a mão no rosto devido a uma brutal cabeçada levada no nariz. Mas os saarianos eram acostumados a escravos insubmissos e reagiram rápido. Pegaram varas e pedaços de pau e surraram-na sem dó até ela cair no chão e não se mexer mais.

— Saiam! Saiam! Ela é minha! — gritou Saad com os braços abertos, empurrando as pessoas para trás. Ele tentava evitar que a matassem.

Provavelmente, a estudante de história da USP nunca voltaria a apanhar tanto quanto naquele dia. Após cair e não reagir mais aos golpes, foi deixada sobre o solo quente, gemendo, descabelada e coberta de manchas roxas, com sangramentos na boca, no nariz e nas pernas, sem estar totalmente desacordada.

O homem que reivindicara a posse ao líder antes de ela ser espancada colocou-a sobre um camelo, ordenando a outro que a vigiasse.

Ao verem Mirella deitada de barriga para baixo sem se mexer sobre um camelo, Márcio e Christian entraram em desespero, incapazes de fazer qualquer coisa. Os três estavam quase em estado de choque, sem compreender o que lhes acontecia.

Logo depois, quando Mirella estava lúcida novamente, foi descida do camelo e desamarrada. Algumas daquelas pessoas falavam o árabe do Cairo. Outras só conversavam em dialetos desconhecidos dos alunos. Tentaram conversar com os três em idiomas diversos, mas os alunos só conseguiram entender o do Cairo.

A cada um foi indicada uma tarefa: tirar leite das camelas para distribuir aos filhotes e aos seus donos, acender o fogo à hora das refeições, moer grãos em pilões, carregar os camelos com as cargas e muitas outras tarefas braçais desagradáveis, sujas e cansativas, que ninguém queria fazer. Cada um dos três foi posto com outras pessoas de aspecto deplorável: homens, mulheres, meninos, moças, idosos e crianças. Todos com roupas rasgadas, sujas, cheirando mal, trabalhando sem nada dizer, sempre ao som de xingamentos, ameaças, tapas e bastonadas. Deveria haver mais de trinta escravos além deles. Todos pareciam muito pobres, nativos da região. Alguns eram negros e usavam roupas coloridas e leves, mais comuns nos países do centro da África.

Mais tarde, viram com espanto Mustafah, igualmente escravizado. E Garib? Ninguém o viu em parte alguma. Tudo, enfim, ficou claro: a caravana de Mustafah e Garib fora aprisionada, como temia Omar. Sem opção, seguiram pelo resto da noite inconformados com o destino tomado pela viagem.

Não é possível isto estar acontecendo! Coisas assim não acontecem, só antigamente! — repetiam mentalmente para si mesmos.

Pequenas fogueiras foram acesas para o preparo de comida. Os beduínos jantaram pão, carne assada e um bolo de farinha amassada com leite, e beberam chás e leite. Após muita conversa, o acampamento começou a ficar silencioso; todos estavam se recolhendo às suas tendas.

Os escravos nada comeram ou beberam e dormiram ao relento. No começo da noite, o calor irradiado do chão quente atenuou o frio.

Deitado na laje áspera de barriga para cima, com a cabeça apoiada no antebraço, Christian refletia, inconformado, na crueldade destinada a duas pessoas observadas por ele desde a hora do aprisionamento: Jaja, um menino de uns 8 anos, resignado e triste, pertencente, como ele, a Uthal; e Hakok, uma senhora de mais de 50 anos, de cabelos embranquecidos, cuja fisionomia expressando cansaço e fatalidade não mudava nunca, fosse alimentada ou espancada.

NA MADRUGADA GELADA, a Lua reinava única e absoluta no vasto céu de Allah, sem uma nuvem para ameaçar sua glória. Escravos e senhores dormiam. Só alguns vigias permaneciam acordados, longe das tendas, para observar possíveis escravos fugitivos e a aproximação de alguém ou algum animal furtivo do deserto.

Com o calor do chão diminuindo e o frio do ar aumentando, nenhum dos escravos conseguiu dormir além das três da manhã. O frio era intenso e eles tremiam. Alguns

tossiram a noite inteira, efeito de não serem protegidos do frio noturno.

Mirella teve um sonho.

Era um dia ensolarado. Estava numa prancha de *windsurf*, impulsionada pelo vento rumo à praia. Conduzia a prancha com maestria, apesar de nunca ter praticado esse esporte. Quando estava quase chegando à areia seca, viu uma antiga boneca da qual não se lembrava mais, de quando era criança, jogada ali. Sentiu uma vontade desesperada de pegá-la de volta para si. A essa altura, da areia seca emergiu uma legião de siris cinzentos de patas azuladas. A multidão de crustáceos envolveu a boneca, fazendo um círculo perfeito em torno dela. Mirella finalmente chegou à praia, deixou a prancha para trás e, com dificuldade, chegou ao centro do círculo de siris, pisoteando-os. Conseguiu pegar a boneca, sentindo-se feliz. Os siris começaram a rodar em torno dela, afastando-se, formando um cinturão giratório, deixando-a no centro. Subitamente, eles reentraram em suas tocas na areia e, quando ela olhou melhor, não havia mais praia, nem areia, nem mar; tudo se havia tornado um gramado sem fim em todas as direções. Sentiu-se perdida e o sonho acabou.

Acordou assustada, ainda com a sensação de ter vivido o estranho momento. Após se acalmar, voltou a dormir.

Deserto Núbio, Sudão
Margem oeste do Lago Nasser
5 de novembro, manhã

QUANDO O ACAMPAMENTO ACORDOU, o clarão rosado do nascente e o céu sem nuvens prometiam mais um dia de calor terrível. Era incrível como o frio da noite dava lugar ao calor intenso em poucas horas. Nos dias piores, a temperatura chegava quase a 50°C.

Houve uma refeição. Aos escravos, nada foi dado, exceto tarefas a desempenhar. Christian teve de tirar leite de camela e guardar em latões de alumínio.

— Se você roubar ou beber esse leite, ficará sem comer até amanhã — disse-lhe Uthal, ameaçador.

O rapaz, revoltado, mas decidido a aceitar a exploração até encontrar uma oportunidade de fugir, fingiu subserviência e tirou o leite como mandado. Depois de ordenhar várias camelas e algumas cabras, guardou o leite e ofereceu uma parte aos filhotes de camelo e aos cabritinhos, como Uthal exigira. Não pôde beber um único gole. Fazia quase 24 horas que ele e seus amigos nada comiam nem bebiam. Mais um dia assim e estariam perigosamente desidratados.

Márcio, junto com outro escravo, cuja pele negra reluzia como ébano encerado, socava grãos de painço num pilão. Munidos de bastões de madeira, socavam os grãos juntos, revezando os golpes. Permaneciam atados por cordas nos pés.

Mirella, ao contrário, não recebeu nenhuma tarefa nas primeiras horas da manhã. Saad, o proprietário, e Samarah, a esposa, não sabiam o que fazer com ela. Começaram a discutir dentro da tenda, enquanto Mirella permanecia do lado de fora, amarrada pelas mãos a um poste.

— Se eu der trabalho para ela, vai acabar atrapalhando ao invés de ajudar - falou Saad agitando as mãos, enquanto comia pão com creme de gergelim.

— Então, mate-a. Para que serve uma mulher assim? — sugeriu Samarah com indiferença.

— Para ser vendida! Posso ganhar dinheiro com ela.

— Você gostou dela! Por isso não quer deixá-la — respondeu, agressiva. — Você não tem dinheiro nem para nós e quer outra esposa?

— Fique quieta! Você não sabe de nada! Como posso ter uma esposa ocidental? Se a polícia egípcia descobrir, seremos todos presos e mortos.

— Então dê trabalho a ela! Faça-a acender o fogo, dar de comer aos animais e outras coisas.

— Eu decido isso — respondeu, sério, sem querer mais dialogar.

O acampamento foi desarmado por volta do meio-dia e partiram para o sul. Os três estagiários do Projeto Osíris imploraram por água e comida, mas ninguém sequer respondeu. Os escravos seguiam a pé, orientando os animais. Alguns, considerados insubmissos, como Mirella, foram postos sobre o camelo, para não terem como atrapalhar.

A caminhada durou horas. Christian e Márcio estavam com as cosias avermelhadas de tanto tomarem sol sem proteção. Christian, mais branco, sentia dores e ardência na pele. Na verdade, ele e Márcio tinham queimaduras de segundo grau, isto é, o tecido subcutâneo estava queimado, formando bolhas. A falta de comida e água produziu uma dor de cabeça insuportável em Christian. Ambos estavam trêmulos. No fim da tarde. Márcio começou a dar sinais de tontura. Desmaiou e caiu na areia, sendo quase pisoteado pelos camelos que vinham atrás.

— Ei! — gritou Chistian em árabe. — Homem no chão!

Várias pessoas viram e a caravana parou. Outros escravos também davam sinais de desfalecimento: olhos entreabertos, olhar vazio, sem reagir a quem lhes dissesse alguma coisa. *Shaikh* Bahir mandou dar de comer aos escravos.

Samarah, senhora de Mirella, foi entregar-lhe uma cuia cheia de leite, reclamando da ordem de Bahir. Quando Mirella a viu aproximar-se, desconfiou ser a bebida para ela e estendeu as mãos para a mulher.

Samarah pegou areia do chão e jogou sobre o leite e, com olhar agressivo, entregou-o a Mirella. Por ela, a garota não comeria nada e seria deixada para morrer no deserto.

Mirella não se atirou sobre a saariana apenas por estar amarrada. Mesmo assim,

agarrou a cuia e engoliu o leite com areia, sem se importar com o gosto e o cheiro, pois era leite azedo.

Christian e Márcio receberam cascas de banana e uma tigela cada um de leite azedo de cabra. Era a primeira refeição em 36 horas.

Os três alunos da USP estavam conhecendo, da maneira mais dramática possível, a realidade de muitos países da África: a escravidão. O tráfico clandestino de pessoas, obrigadas a trabalhar, se casar ou servir das mais diferentes formas a terceiros, é praticado diariamente em muitas partes do grande continente até hoje.

Os alunos estudaram apenas o Egito antigo, não a África moderna. A concepção de a escravidão ser algo tão absurdo e irreal os fazia não entender o óbvio. Ora acreditavam-se escravos, sendo essa possibilidade tão absurda que exigia outra melhor; ora acreditavam estar sendo levados para uma cidade qualquer e, pela falta de civilidade dos condutores, eram obrigados a trabalhar rudemente como forma de pagar o transporte. Essa explicação solidária, ingenuamente otimista, era a preferida, mas a cada minuto se mostrava mais irreal.

Estavam, na verdade, sendo conduzidos para longe das autoridades e rotas comerciais, trabalhando para produzir mais do que consumiam até quando morressem: dali a dias, meses ou anos. Ou, se alguma possibilidade lucrativa surgisse, seriam trocados por camelos, cabras, comida e objetos.

A noite, quando todos estavam dormindo, Márcio foi encarregado de tomar conta do rebanho de cabras. Deveria impedir que se afastassem do acampamento. Christian foi encarregado da mesma coisa, e a Mirella foi permitido dormir.

Christian, quando os vigias estavam do outro lado das tendas, aproximou-se de Márcio para conversar.

— Você sabe para onde estamos indo? — quis saber Márcio.

— Não tenho idéia. Eu estava calculando nosso tempo de viagem; devemos estar a quase duzentos quilômetros de Wadi Halfa.

— Cara, não consigo acreditar no que está acontecendo!! Escravidão não existe mais! Você viu aquela moça de cabelo comprido e "vestido" azul?

— A magrinha? — tentou se lembrar Christian.

— É. Ela foi estuprada por três homens só hoje! O dono dela a entrega em troca de farinha! Sabe o menino negro que tira leite das cabras o dia inteiro?

— Sei, o nome dele é Jaja. Uthal é dono dele também. Ele me ensinou a tirar leite.

— A noite, o dono de vocês o chama e um tempo depois ele sai chorando de lá. Estão abusando dele.

— É, percebi. Hoje, Uthal disse que chegaremos a uma cidade onde eu serei libertado se trabalhar bastante.

— Será mesmo? — sussurrou Márcio interessado. — Meu dono me disse que gostou de mim e vai me casar com uma mulher da cidade.

— Qual cidade?

— Ele não disse.

— Estão dizendo isso para a gente trabalhar mais. Percebi uma coisa: a gente tem de fingir ser devagar, meio incapaz, senão eles nos dão muito trabalho. Jaja trabalha muito, coitado, aí eles dão mais coisas para ele fazer.

— Você acha melhor a gente ser preguiçoso?

— Acho, ou não vão nos libertar. Temos de ser um peso, não ótimos escravos — Christian olhou em volta, para certificar-se de ninguém estar se aproximando, e continuou: — Planejei o seguinte: quando eu puder, vou roubar uma faca pequena. A noite, cortarei nossas cordas e roubaremos camelos para fugir. Se você conseguir, faça o mesmo.

— E para onde vamos?

— Para o oeste. Chegaremos ao Lago Núbio. Lá, nos viramos.

— Como você vai conseguir uma faca? Eles não deixam a gente pegar essas coisas.

— Vou pedir para Jaja fazer isso em segredo, quando ele entrar na lenda de Uthal.

— Ele é criança, Christian! Se você disser para ele não contar nada, ele vai falar para o dono dele que você pediu para não contar.

— Ele vai nos ajudar porque prometi trazê-lo conosco. Ele chora de saudades da mãe todo dia. Não tem outro jeito, Márcio! Se você tem idéia melhor, diga.

Márcio pensou por segundos, e respondeu:

— E... não tem outro jeito. Vou tentar fazer isso também. Eu percebi hoje uma coisa na conversa deles e quero te contar.

— O quê?

— Eles valorizam muito o casamento. Ouvi meu dono, Mas'ud, conversando com Dol, um garoto de uns dezoito anos, eu acho. Ele disse a Dol que se ele se convertesse ao Islã, poderia se casar com sua filha. Ele terá de continuar trabalhando para Mas'ud, mas receberá pagamento, não será mais escravo. Não sei se dá certo a gente tentar isso.

— Hmm... não sei, eles chamam a gente de "cães cristãos"... - Christian pensou um pouco e reconsiderou: — Melhor: a gente se converte ao Islã e então pegamos a faca. Ficarà mais fácil. Eles têm verdadeira obsessão por casar os filhos.

— Mas se nós três fizermos isso ao mesmo tempo eles vão desconfiar.

— Eu faço, então — Christian começou a ouvir alguém aproximar. — Você, se conseguir, avise Mirella do plano. Tem gente vindo, volte para suas cabras.

— Pensa bem - Márcio ponderou ironicamente. - A filha do seu dono não tem os quatro dentes da frente!

Christian sorriu.

— Dizem — completou Márcio — que quem não tem os dentes da frente só faz bem uma coisa...

— Vai logo! — Christian ficou rindo sozinho, enquanto Márcio correu para suas cabras.

ALGUM PAÍS NO DESERTO DO SAARA

6 DE NOVEMBRO, MANHÃ

NA MANHÃ SEGUINTE, uma camela deu à luz um filhote que morreu menos de uma hora depois. Os donos do animal examinaram o cadáver e viram não haver doença; o pescoço fora quebrado pela pisada de um camelo adulto. O filhote foi esquartejado e assado. Aos escravos, foram dadas as partes rejeitadas: orelhas, focinho, cascos e cauda. Mesmo sendo Christian vegetariano, a preferência teve de ceder à necessidade, pois a qualquer instante poderia desmaiar. Se isso acontecesse, não seria surpresa seu dono deixá-lo para morrer. Afinal, ele ainda mancava.

A tarde, encontraram outra caravana, de uns trinta camelos. Os líderes de ambas se cumprimentaram e, após montarem o acampamento onde passariam a noite, planejou-se uma grande festa.

Os escravos não sabiam, mas tinham entrado no Egito de novo, por uma rota só usada por contrabandistas e nômades. Ordenharam as cabras e camelas, mataram alguns cabritos, colheram meia dúzia de gravetos para assar a carne, e serviram a seus amos. Os beduínos se sentaram dentro das tendas em torno de uma grande bandeja redonda no chão, com quase toda a comida e bebida que tinham.

Christian achou aquela festa uma irresponsabilidade. Os homens, inclusive Bahir, estavam sempre aflitos, procurando por locais com água potável e arbustos para os animais pastarem. E simplesmente por terem encontrado a caravana de um amigo cometiam aquela extravagância, comendo e bebendo de tudo para no dia seguinte passarem fome e sede. Eles, como todos os escravos, podiam esquecer o sonho de receber um prato de comida por pelo menos um dia.

Márcio e Christian passaram a se comportar como incapazes mentais, fazendo as tarefas de maneira cada vez mais errada, aumentando a raiva de seus amos.

Num determinado momento, ambos foram encarregados de levar dois latões de leite para a tenda de Ibsen, *shaikh* da caravana recém-chegada.

Ao contrário da caravana maior, nesta todos se vestiam bem e os escravos tinham roupas de verdade. Ibsen usava mantos e galabias coloridas, jóias em quantidade nos braços e no pescoço, sandálias artisticamente trabalhadas e tinha um jeito especial de pessoa que não pede, manda, e é atendida imediatamente.

Os homens da caravana de Bahir se comportavam diante dele de modo subserviente, querendo agradá-lo, bajulando-o o tempo todo. E, como muitos bajuladores, sentiam-se agradecidos mesmo quando menosprezados e humilhados.

Até mesmo Bahir, acostumado a mandar, se punha em posição quase reverente

diante de Ibsen. Mas essa reverência parecia ter algum interesse, pois, mal se afastava dele, voltava ao seu personagem normal.

Márcio e Christian, carregando os latões de leite, trocaram algumas palavras em português, para não serem entendidos:

— Hora de parecer idiota, Márcio...

— Perfeito.

Os dois rapazes andaram com dificuldade na areia quente, agarrando os latões que Bahir lhes mandara entregar para Ibsen e sua família. Quando chegaram à tenda do tão admirado beduíno de barba grisalha, puseram os latões de qualquer jeito no chão e se ajoelharam, dizendo o cumprimento árabe:

— Allah esteja com você!

Nessa hora, os tambores tombaram e mais de dez litros do precioso leite fresco se derramaram na areia.

Uthal, proprietário de Christian, ao ver aquilo, correu na direção deles, gritando impropérios.

Os dois rapazes, fingindo surpresa, começaram a escavar a areia encharcada com leite e a jogá-la dentro dos latões, como se quisessem remediar o acidente.

Uthal pegou um facão e correu na direção de Christian. Estava decidido a matá-lo ali mesmo.

Márcio, arrependido da ousadia, saiu correndo, enquanto Christian resolveu enfrentar seu proprietário. Pegou um latão e atirou contra Uthal, que desviou, ágil. Christian então correu para Ibsen e ajoelhou-se diante dele, e disse:

— Perdão, senhor. Ajude-me a fazer a vontade de Allah! Ibsen, olhando Christian nos olhos, *mandou* Uthal não agredi-lo, fazendo uma expressão de estranheza.

— Ele é meu escravo, Ibsen. Um inútil! Perdeu dois latões de leite, esse animal!

— Ele é um miserável cristão, Uthal! Tragam o outro rapaz aqui. Agora!

Sem esperar resposta, Ibsen chamou a esposa, uma mulher bonita e ricamente vestida, e ordenou-lhe passar gordura de camelo nas costas e ombros de Christian, a fim de atenuar as queimaduras.

Quando Márcio foi trazido pelo próprio Bahir à tenda gigante de Ibsen, este mandou também dar de comer e beber aos dois rapazes. Uthal e Mas'ud foram junto com eles.

Ele fez um sinal para Bahir entrar.

— Vocês dois vão embora — disse secamente para Uthal e Mas'ud, que saíram mal-humorados.

Os líderes se sentaram em almofadas, sobre pesados tapetes.

— Ibsen, esses escravos são deles, não posso dá-los a você.

— Cale a boca, Bahir! Você é um néscio! — falou Ibsen com grosseria.

Bahir arregalou os olhos. Jamais queria receber uma reprimenda de Ibsen, o beduíno

mais rico e influente da região. Contrariá-lo significava não poder mais negociar por ali.

Ibsen continuou:

— O sol derreteu seus miolos? Eles são *turistas ocidentais*, Bahir! O-ci-den-ta-is! A Polícia Turística e o Exército já devem estar atrás deles, e vocês estão torturando-os! Vocês serão presos e morrerão na cadeia! — e, tomando o ar de dono da situação, falou em tom de quem não aceita réplica: — Liberte-os imediatamente! Peça perdão por tudo o que fizeram. Diga ter sido um engano ou coisa assim. Fuja para a Líbia e não volte dentro de alguns meses.

— Não posso fazer isso, Ibsen! Devo mais de 15 mil dinares ao meu sogro. Preciso vender os escravos perto do campo de refugiados Iridimi. Recebi a encomenda de matá-los, mas quero ganhar alguma coisa com eles.

— Você está indo para o Chad?

— Sim, tenho de chegar a Bilma, no Ténéré^[9], e pagar meu sogro. É uma longa viagem.

— Você arriscou muito. Em dois dias você está quase em Iridimi, não?

— De jeito nenhum! Estamos muito lentos com tanta carga e rebanhos; vou levar quase uma semana. E a Bilma chegarei só na próxima lua.

Avaliando como a situação era perigosa para si, Ibsen esboçou um sorriso fingido, mudando o rumo da conversa. — Bom, vamos fazer de uma vez essa reunião? Quero comprar muitas coisas suas.

— Amanhã cedo, Ibsen.

- Não, agora! O mais depressa possível.

— Está bem. Vou chamar todos.

Despediram-se e Bahir ordenou a seus homens preparar uma festa para o começo da noite. Todos poderiam oferecer o que quisessem a Ibsen e seus caravaneiros.

Quando comprida mancha rósea se jogava no céu do poente, os chefes dos clãs começaram a reunião. Tomariam decisões, comprariam e venderiam suas mercadorias e se divertiriam conversando, algo muito apreciado por eles. Mirella, Márcio e Christian foram levados desamarrados para uma grande tenda de tecido marrom claro, sob a ameaça de apanharem e terem os cabelos raspados se não obedecessem. A ameaça sobre os cabelos não era por razões estéticas, mas pelas terríveis dores de cabeça que a insolação causaria. Na verdade, tal tortura em poucos dias levaria à demência e à morte.

Os dois rapazes foram vestidos de galabias azul-claras e em Mirella foi posta uma espécie de vesddo colorido velho. As roupas iriam junto com a mercadoria. O chão estava coberto de tapetes, e os chefes das famílias sentaram em círculo sobre almofadões. Ao contrário de outras sociedades e grupos árabes com costumes sociais rígidos, esses beduínos não eram tão aculturados com o fundamentalismo

islâmico das grandes cidades; as mulheres e crianças se misturavam aos homens em reuniões sociais sem maiores restrições, conversando animadamente. A reserva maior atingia as mulheres casadas; evitavam ficar a sós com homens adultos, fossem solteiros ou casados.

Entre os beduínos, a mulher tem um papel importante na vida doméstica, sendo-lhe dada autoridade para comandar a casa e organizar as finanças, embora seja uma sociedade patrilinear.

Christian e Márcio ficaram de pé, próximos à parede externa da tenda. Observavam tudo com atenção, procurando não criar mais problemas para si. Tais como as colunas de sal, louças, tecidos, carnes e frutas secas, eles eram objetos para venda. Mirella não conseguia — nem queria — agir de forma conciliadora. Carrancuda, não escondia a irritação e o desprezo por aquela gente com hábitos tão brutais. Isso deixava seu amo e sua antipática esposa irritados, sempre prontos a xingá-la e atingi-la com golpes de vara. Mirella estava revoltada. Preferia apanhar e ficar careca a se submeter.

Homens e mulheres conversavam e riam, comendo e bebendo de Indo o que tinham. Alguns faziam piadas e imitações do jeito de andar dos escravos, provocando o riso dos demais. Após se saciarem, os homens começaram a negociar os produtos mais finos e menores, manuseáveis dentro da tenda. Diversos objetos de ourivesaria, jóias, enfeites, utensílios domésticos, peles de animais, roupas e aparelhos eletrônicos foram trocados, vendidos e comprados, inclusive o *laptop* de Márcio. O Biodetector, ao contrário, foi desmontado e algumas peças postas à venda.

Chegou a vez deles. Mas'ud, amo de Márcio, puxou-o para perto de um homem barbudo de barriga flácida, da caravana de Ibsen, e começou a falar indicando partes do corpo do rapaz: as pernas, os braços, os olhos, os dentes, falando como ele era um bom trabalhador.

— Seis camelos por este homem cristão — ofereceu Mas'ud.

— Seis?! É muito. Um camelo e uma cabra dando leite.

— Isso é muito pouco! Então, quatro camelos.

— Não me faça perder tempo! Pensa que não sei que ele é retardado?

O velho beduíno e Mas'ud não chegaram a um preço comum e o negócio não aconteceu. Márcio foi empurrado de volta para onde estava e seu dono disse-lhe coisas em tom contrariado, culpando-o por não ser inteligente o suficiente para ser vendido.

A negociação cuja venda não se concretizava era algo extremamente irritante para eles. Negociar era fazer uma promessa de mútuo benefício. Quem perguntasse preço, propusesse condições e no final desistisse, manifestava desprezo pelo outro. Era como se duas pessoas escrevessem juntas todas as cláusulas de um contrato e, na hora de assiná-lo, uma delas desistisse. Do Marrocos ao Afeganistão, esse

comportamento é bastante ofensivo entre os árabes, mesmo se o comprador for um turista ocidental mal-informado.

Uthal não manifestou qualquer interesse em vender Christian, justamente por saber que o preço oferecido seria baixíssimo. Só mais tarde Christian viria a saber a razão, ao ouvir a conversa de seus senhores: por ter cabelos e olhos claros, chamava muito a atenção. Isso tornava fácil ao proprietário perdê-lo para ladrões durante a noite ou em grandes aglomerações. Era também mais fácil de ser localizado em caso de denúncia às autoridades. Por esses inconvenientes, Uthal nem tentou vendê-lo, e não recebeu qualquer oferta. Mas Jaja, por ser criança, negro e dócil, foi vendido com facilidade para um homem da caravana de Ibsen pelo preço de seis cabritos. Isso deixou Christian bastante aborrecido.

Em seguida, o amo de Mirella começou a conversar com Ibsen, com sua presença marcante. A autoconfiança e a liderança eram características presentes no beduíno economicamente bem-sucedido. Todos o admiravam e queriam um dia ser poderosos e respeitados como ele.

Quando Ibsen viu Mirella, ficou encantado. O velho falcão do deserto, apesar da idade, sentiu o desejo sexual vibrar em seus nervos. Num segundo, determinou para si mesmo possuir naquela noite a bela ocidental de cabelos loiros, sem comprá-la. Ao saber quem era seu proprietário, praticamente exigiu inspecioná-la de perto.

Saad gritou, em árabe, para Mirella ir até eles, várias vezes. Um homem desamarrou-a.

Mirella, desafiadora, encarou Saad séria e nem se moveu, como se dissesse: *Entendi seu chamado, mas nem ligo para você!*

Irritado, Saad se aproximou a passos largos e agarrou-a pelo braço, puxando-a violentamente até chegarem em frente a Ibsen. Jamais um homem honrado poderia mostrar fraqueza diante de uma mulher, principalmente escrava.

Samarah, esposa de Saad, com seu olhar felino, resmungou alguma coisa e deu ao marido um pedaço de pau.

Mirella fulminou-a com o olhar.

— Essa cadela está me provocando! — resmungou em português, olhando para Christian e Márcio.

Quando Saad começou a rasgar a roupa dela para mostrá-la nua a Ibsen, o resíduo de paciência de Mirella evaporou-se. Sentiu-se livre de 99 cabos de aço e decidiu arrebentar o último, um fio de seda. Sem hesitar, virou-se para Saad e deu-lhe um forte tapa no rosto, e empurrou-o, fazendo-o cambalear para trás, xingando-o em inglês e português. O tapa estalou alto na magra bochecha queimada de sol. Para o humilhado proprietário, o som do tabefe pareceu ecoar pelo acampamento inteiro.

Todos pararam de conversar para olhar a briga entre a ousada escrava e seu amo.

Fora de si de tão nervoso, Saad voltou-se para Mirella para golpeá-la com o bastão.

Ela, com inacreditável agilidade, avançou sobre ele, arrancou-lhe o bastão da mão, torcendo-lhe o pulso, e açoitou-o várias vezes no rosto, na cabeça e nas costas, até ele cair sobre os que estavam sentados, com o nariz e uma sobrancelha sangrando. Ela não parava de espancá-lo.

Todos olhavam estupefatos o atrevimento e a violência da cristã selvagem.

A esposa foi a primeira a vir em socorro do marido, disposta a estrangular Mirella. Como uma leoa faminta ao escapar da jaula, a estudante de história da FFLCH agarrou a saariana pelo pescoço, arrancou-lhe a echarpe vermelha e enterrou os dentes no antebraço de sua senhora, decidida a soltar somente quando a carne descolasse dos ossos. A saariana tentava asfixiá-la, gritando como uma louca. Os homens acabaram por separar as duas.

Saad pegou uma cimitarra; cortaria as mãos de Mirella ali mesmo. Recuperaria sua imagem diante de todos, mesmo inutilizando-a como escrava. Iria matá-la depois. Jamais poderiam conviver com uma mulher tão atrevida. Uma escrava que o envergonhava diante de estranhos e ainda atentava contra ele e sua esposa merecia a morte!

Mirella estava segura pelos braços por dois homens, em silêncio.

Mas quando ele chegou perto e ela viu um risinho cínico no rosto enrugado e repulsivo, recobrou as forças e deu-lhe um violento pontapé na boca do estômago, fazendo-o cair de costas, gritando de dor. A cimitarra foi parar longe.

Ibsen tinha desistido. Nem para concubina ela servia; não se submeteria a ele.

Crianças e adultos estavam espantados com a coragem da escrava loira. Christian e Márcio acompanharam tudo abismados. Nada puderam fazer, pois, assim que a luta começou, os homens seguraram-nos firmemente para que não se rebelassem também.

— Chega de brigas por hoje! — falou Ibsen em voz alta, captando a atenção de todos. E depois ordenou, enérgico, assumindo o controle da situação: — Amanhã Saad decidirá o que fará com essa cristã imunda. Vocês três! Levem-na para fora e vigiem-na a noite toda. E ninguém chegue perto dela!

Incontinenti, cumpriram a ordem.

Mirella voltou a vestir o saco de algodão encardido. Seus pés foram amarrados a um poste de madeira, onde passaria a noite, vigiada pelos jovens ansiosos por receber elogios e alguns dinares do rico mercador no dia seguinte.

Márcio e Christian, por precaução, foram amarrados também, distantes de Mirella, sob o olhar de um jovem que estava trabalhando para seus amos. Suas túnicas foram tiradas e voltaram a vestir o pano em torno dos quadris.

Quando Saad se aproximou de Ibsen para questionar sua intromissão, nem teve tempo de protestar.

— Saad, ouça. Amanhã haverá uma grande reunião de mercadores de escravos no Vale dos Escorpiões, perto do Monte Uweinat.

— Como? — ele franziu a sobancelha, enquanto enxugava o sangue com um pano encardido. — Ninguém fica muito tempo no vale devido aos escorpiões. Por que alguém iria lá vender escravos?

— As reuniões dos traficantes de escravos são secretas, por isso são lá. E, caso apareçam as autoridades, o Monte fica bem na divisa de três países, dá para fugir para qualquer um. Como ela é bonita, você pode conseguir mais de 3 mil libras egípcias, ou uns sete camelos, se souber mantê-la quieta.

Saad agradeceu o conselho e se afastou, acreditando na generosidade de um homem tão admirado. Ibsen se sentiu mais tranqüilo. Pensou sobre como Bahir, Saad, Uthal e Mas'ud eram estúpidos. Escravizaram turistas ocidentais! As autoridades egípcias certamente já estavam vasculhando todos os oásis, estradas e caravanas da região.

Amarrados do lado de fora, sentindo o frio da noite enluarada, Márcio e Christian comentavam o acontecimento.

— Mirella é de uma tradicional família paulistana — comentou Márcio à meia voz com Christian, deitado na areia. Não abandonava o tom irônico nem em circunstâncias como aquela. — Imagine se ela tivesse nascido numa favela do Rio de Janeiro...

— Ela perdeu o controle totalmente. Parecia uma possuída... — considerou Christian, com o olhar vagando entre as estrelas.

— Ela diz ter feito balé quando criança — ele se virou para Christian e, tornando-se sério, disse preocupado. — O que farão com ela amanhã?

Christian ergueu uma sobancelha e não respondeu. Márcio esperava ouvir algo otimista, mas Christian, sem saber do plano de serem vendidos no Yale dos Escorpiões, antevia a morte da amiga e preferiu nada dizer.

Do outro lado do acampamento, Mirella repassava mentalmente sua experiência. Ainda enraivecida, repetia para si mesma as frases ditas ao seu amo e à esposa dele; e as que *deveria ter dito* se soubesse aquele dialeto árabe feioso; e as acusações que ele e a cretina da esposa *precisavam ouvir*. Se tivesse sido mais ágil, poderia ter tomado a cimitarra daquele homem insuportável e ameaçado degolá-lo, exigindo, para poupar-lhe a vida, um camelo, comida e água para ela e seus amigos fugirem pelo deserto.

— Te dou sua vida se me devolver a minha, seu selvagem miserável e nojento! — ela pensava em voz alta, ensaiando frases que ele *merecia* ouvir.

E Saad seria levado como escravo dela, pensava. E, se alguém os seguisse para tentar recapturá-los, ela o mataria. Não, melhor! Levaria como reféns ele e seus filhos mal-educados. E melhor ainda seria saber falar aquela língua horrível para ameaçar esses bárbaros e depois denunciá-los como escravocratas à imprensa, tornando a vida deles um inferno dali em diante. Imagine se aqueles criminosos aparecessem num noticiário da CNN, vistos no mundo todo como raptos de

cientistas ocidentais! Pagariam por ser tão cruéis e incivilizados!

Assim permaneceu por horas, revivendo os instantes que era capaz de lembrar (pois, durante o nervosismo do momento do embate, muitos detalhes não foram memorizados) e planejando outros para o dia seguinte. Quase duas horas levou para conseguir relaxar. Mas o cansaço, a fraqueza pela falta de alimentação e o esgotamento nervoso dominaram o corpo frágil, e ela acabou dormindo.

Márcio foi dormir pensando sobre quanto tempo um povo primitivo como aquele levaria para desenvolver conceitos mais avançados de moral e respeito, como nas melhores democracias ocidentais. Em sua mente linear, tentava identificar quais fases os povos árabes teriam de vencer para chegar onde os europeus e seus descendentes chegaram. E assim, de conjectura em conjectura, foi estabelecendo suas explicações para as razões de os beduínos nômades serem como são e dos requisitos necessários para se tornarem pessoas como os ocidentais. Até o sono pesado pôr fim aos seus malabarismos mentais.

Christian estava muito longe de planejar um novo duelo no dia seguinte como fazia Mirella, e pouco interessado em traçar os melhores caminhos para a evolução da cultura islâmica, como tentava Márcio. Sua preocupação era como conviver com essa situação e tirar o proveito necessário para escaparem. Márcio e ele tinham se revelado meio inúteis para seus senhores. Desde a hora em que deixaram o leite cair e puseram areia nos latões, seus amos passaram a considerá-los imbecis, destinando-lhes tarefas simples, menos importantes.

Em menos de uma hora, os lampiões estavam apagados e o antes agitado acampamento mergulhava em profundo silêncio.

Algun tempo depois, Christian ouviu passos rápidos vindo de trás da tenda de Ibsen em sua direção. Sentou-se para ver melhor.

Correndo pela areia, vinha Jaja. Chegou perto e sussurrou:

— Meu dono agora é o irmão do *shaikh* Ibsen. Peguei isto para você — entregou a Christian uma belíssima faca com cabo de marfim. — Você vai me levar de volta para minha mãe?

— Vou! Quando eu fugir, te levo comigo. Jaja, não fale nada a ninguém!

O garoto abraçou Christian e voltou correndo para sua nova moradia.

Christian, antes de algum vigia passar por ah, ajeitou a faca horizontalmente na virilha, escondida sob o trapo em volta dos quadris.

Norte do Sudão ou sul do Egito **7 de novembro, manhã**

SEIS HORAS E TREZE HEMATOMAS mais tarde, Mirella acordava sob os cutucões de um bastão de madeira. Um dos rapazes que a vigiara ofereceu-lhe um pão duro e uma

tigela de leite azedo de camela, rejeitado pelas crianças e pelos filhotes de camelo. Agarrou a tigela e bebeu todo de um só gole. Sua última refeição fora na manhã do dia anterior.

O dia amanhecera sem nuvens, prometendo cansaço e queimaduras. A bruma que cobria o deserto estava dissipada. Na planície onde acamparam, havia alguns arbustos e era possível ver insetos se recolhendo para fugir do calor do dia.

Enquanto Mirella recebia seu "bom-dia" com cutucões, Christian, deitado na areia com a cabeça apoiada no braço, observava curioso um besouro toque-toque batendo o corpo no chão, fazendo um barulhinho ritmado. Era uma canção de amor. A fêmea que passava perto se apaixonou pela melodia, e fez coro com ele. Após essa bem-sucedida abordagem, os dois besourinhos tiveram seu encontro inesquecível.

Quando Uthal se aproximou para encarregá-lo de cuidar das cabras, o rapaz parou de prestar atenção às núpcias dos coleópteros e se ajoelhou à frente de seu senhor.

— *Is-salaam aleiykum!* — disse suavemente para o amo, desenhando na areia do chão a lua crescente ao lado da estrela, o símbolo do Islã. Em seguida, virou-se para o leste e baixou a testa até o chão, imitando a forma típica de rezar dos muçulmanos.

— *A-kykum is-salaam...* — respondeu meio devagar o homem, surpreso.

— Eu quero servir ao Único Deus e ao Profeta. Não quero mais ser infiel.

Uthal ficou observando Christian em silêncio por alguns segundos, com ar admirado. Antes de poder responder, um menino chegou correndo e começou a falar rápido com ele.

Uthal fez algumas perguntas e, desinteressando-se de Christian, foi à tenda de Bahir. Todos ficaram sabendo em alguns minutos que a caravana de Ibsen partira sigilosamente durante a madrugada, sem ninguém saber. Nenhuma pessoa viu seus camelos saírem. Por que o endinheirado nômade fora tão descortês ao partir? Ninguém sabia.

Todos comentaram durante o resto do dia a repentina partida do admirado *shaikh* Ibsen. Na verdade, Ibsen pretendia fugir e não deixar pistas de sua passagem. Tinha certeza: a polícia apareceria cedo ou tarde. Fora preso outras vezes por tráfico de escravos e desenvolvia essa atividade ilegal apenas no Sudão, onde as autoridades não davam a menor importância. No Egito, a polícia prometera torturá-lo até à morte caso fosse novamente encontrado escravizando meninas. Quando o sol começou a tostar as areias do deserto, ele estava a mais de quinze quilômetros dali.

Assim como ele, muitos sudaneses tentavam migrar clandestinamente para viver no Egito e países vizinhos, devido às comoções internas do Sudão. Guerra civil sem fim, chacinas, massacres, escravidão, e aquilo chamado pelo governo dos Estados Unidos de "o primeiro genocídio do século XXI": o extermínio de vilas e povoados inteiros. Para se ter uma idéia do horror que impera nessa parte da África, sociólogos estimam terem morrido somente entre 2003 e 2005 mais de 450 mil

peessoas por fome e doenças ou assassinadas *por determinação do governo sudanês*. O país tem 39 milhões de habitantes, divididos em 36 grupos étnicos, com religião, costumes e meios de vida diferentes. Por ordem do governo, os *janjaweed*, uma espécie de exército nômade, têm o téttrico encargo de exterminar todas as tribos não-islâmicas. A última guerra civil começou em 1983, quando o governo central de Khartoum decidiu transformar à força o país numa nação islâmica.

Surgiram grupos de oposição, pois o sul é povoado por cristãos e em rodo o país há grupos com religiões tribais recusando-se a se converter. Então, *o próprio governo sudanês* iniciou uma campanha de perseguição a todos os não convertidos ao Islamismo. A propaganda oficial manda abertamente:

- extermínio em massa dos opositores;
- aumentar os conflitos étnicos;
- impedir o acesso humanitário de organizações internacionais aos refugiados e perseguidos;
- bombardeio aéreo de civis e suas vilas, cidades e locais de refúgio;
- se não dispuserem de armas pesadas, os agentes do governo devem estuprar e matar os civis rebeldes.

Organismos internacionais de ajuda aos refugiados foram muitas vezes impedidos de entrar no país ou expulsos sob tiroteio.

Enfim, o governo do Sudão se transformou num *estado terrorista*.

Websites de organizações de ajuda humanitária como www.darfurgenocide.org, www.savedarfur.org, www.aiddarfur.org (este último da Agência de Refugiados das Nações Unidas) e grandes jornais do mundo têm divulgado que o número de mortes no Sudão causadas por esses crimes está em torno de 15 mil por mês, segundo estudos de pesquisadores norte-americanos e canadenses.

Etnias de cultura belicosa mantinham seus costumes, valores, guerras e um sistema de vida tribal quando o colonialismo europeu chegou à África. No século XIX, o continente quase esquecido passou a ser o grande objeto de disputa na Europa. Seus habitantes logo se viram trabalhando para os recém-chegados dominadores ingleses, franceses, portugueses, alemães, italianos, holandeses e belgas.

Assim, incalculáveis riquezas do solo africano foram parar nos cofres e palácios da velha Europa pela força e suor do braço negro. Isso até o começo do século XX, quando, absorvidas por seus terríveis problemas causados pela Primeira e Segunda Guerras Mundiais, o crescimento das democracias, movimentos sindicais e a urgente reconstrução da economia, as potências européias foram concedendo ou aceitando a independência de suas colônias.

Mas um fato inesperado aconteceu. As ex-colônias, como o Sudão, aprenderam com os colonizadores a se organizar para manter o poder a ferro e sangue. Seus novos líderes nada mais fizeram que assumir o papel antes desempenhado pelos europeus.

Tornaram-se colônias de si mesmas. Uma das coisas muito bem aprendidas pelos novos tiranos foi a organização de estados militarizados, bem armados e dispostos à mais sumária forma de administrar grupos com opiniões próprias: submissão total ou morte.

Essas regiões se assemelham aos filmes de ficção, como *Mad Max*, onde sociedades primitivas e violentas, governadas pelo mais cego autoritarismo, bárbaras, possuem metralhadoras automáticas, mísseis balísticos e granadas de mão, e disseminam morte e destruição como uma colônia de formigas legionárias em movimento.

A situação do Sudão, assim como de diversas outras ex-colônias européias na África, é cada vez mais canibalística. Não foi por acaso o estabelecimento original dos campos de treinamento de terroristas da Al Qaeda nesse país.

Os alunos e o professor Manccini não estavam atualizados sobre esses terríveis fatos. Para eles, havia a guerra civil no Sudão entre facções rivais e nenhum conhecimento das minúcias dessa tormentosa realidade. Os estudantes, mais ainda que o professor PhD, tinham a suposição cândida de que tais horrores tinham acabado quando o nazismo e o fascismo desapareceram. Mal imaginavam que, diferentemente da Europa e das três Américas, muitas regiões da África e da Ásia vivem uma mistura de século XXI com Idade do Bronze.

Christian sentiu a partida da caravana, pois Jaja fora junto. Estava preocupado com o futuro do menino desde quando o vira pela primeira vez. Era a criança mais nova dentre todos os escravos. Estava determinado a tentar o impossível para salvá-lo da escravidão. O destino, contudo, preferiu surrupiar-lhe a oportunidade de salvar Jaja. Durante o resto do dia, a caravana atravessou com dificuldade uma região bastante pedregosa, com traços de vegetação. Entraram de novo no Sudão.

POR VOLTA DO MEIO-DIA, Bahir anunciou que estavam prestes a chegar ao Vale dos Escorpiões.

Uma hora e meia de caminhada depois, avistaram na planície ressecada uma grande elevação rochosa; gigantesco paredão pétreo se estendia por muitos quilômetros, entrecortado de gargantas, parecendo uma fortaleza descomunal. Era o Monte Uweinat, ou *Jebe!* Uweinat, em árabe, situado exatamente na divisa de três países: Egito, Líbia e Sudão, a 300 quilômetros da fronteira do Chad.

A ciclópica elevação é formada por numerosos cânions, criando um labirinto. A rocha foi caprichosamente esculpida pela água e pelo vento, com as mais estranhas formações: arcos, colunas, elevados maciços, rachaduras, degraus, rampas, fossos e grutas. O ponto mais alto atinge mais de mil metros acima da planície arenosa em volta. Um melancólico e silencioso espetáculo das forças naturais em ação.

Instintivamente, escravos e senhores lançaram um olhar de respeito à esplêndida arquitetura natural. A caravana foi se acercando do lugar e se aproximou de um

cânion. Bahir organizou a entrada: alguns homens primeiro, para verificar se o lugar era seguro. A maioria, ordenou ficar com os camelos, cavalos e cabras na entrada, aguardando segunda ordem. E alguns homens foram destacados para ocupar posições estratégicas no alto das rochas e na planície, capazes de enxergar a aproximação de estranhos.

Quando os batedores voltaram e informaram estar tudo em ordem, Bahir mandou a caravana entrar a pé pelo labirinto. Os animais ficaram agrupados na entrada, exceto os camelos carregadores das tendas desmontadas.

Chegaram a um lugar bem escondido entre as ravinas. Moitas, arbustos e caminhos molhados indicavam água próxima.

Entrando mais nessas gargantas, avistaram grandes espaços abertos, verdadeiras praças pontilhadas de lagos, lagoas, regatos e o mais agradável sinal de vida: vegetação de grande porte.

Pessoas com diferentes aparências e roupas circulavam por ali, alimentando animais, preparando comida e armando tendas. Mais de vinte delas estavam armadas. Tinham vários cômodos onde se andava de pé, feitos para mais de uma família.

A tenda de Bahir foi montada em menos de quarenta minutos, com seis quartos em torno da sala central. Homens, mulheres e crianças se estabeleceram nela. Imediatamente após se instalarem, Bahir ordenou aos seus homens trazerem aos poucos os animais para pastar e beber.

Christian, Márcio e Mirella observavam curiosos o lugar. Apesar da condição terrível em que estavam, por instantes distraíram-se apreciando a singularidade do oásis escondido. Moitas de capim e arbustos havia por toda parte. Acácias e certas árvores só existentes na África equatorial, mais úmida, medravam em quantidade ali. Palmeiras eram escaladas por crianças e adultos, na busca dos cachos de nozes. Um detalhe particularmente interessante era a imensa quantidade de gafanhotos na vegetação. O simples andar fazia dúzias desses insetos saltarem ou voarem alguns metros à frente.

A agradável contemplação durou pouco. Foram chamados para ajudar a trazer os animais para beber e comer. Até essa hora, no meio da tarde, nada tinham comido, como a maioria dos escravos.

Mirella, após levar todos os cavalos de Saad para beber, teve as mãos amarradas a um poste da tenda, onde ficaria até à noite.

— Se você não me obedecer hoje uma única vez, eu te mato e penduro sua cabeça lá em cima — disse Saad, apontando para uma pedra pontuda.

Christian ficou impressionado ao ver os camelos bebendo. Por sua estimativa, cada animal adulto bebeu quase cem litros de água, suficientes para deixá-los uma semana sem beber. Eram criaturas incríveis, feitas sob encomenda para dar vida ao deserto.

Junto com outros escravos, ele tirou todos os produtos que os homens de Bahir levaram para vender: colunas de sal, leite, tecidos, pasta de painço com leite, bolos, pães, queijos, frutas secas, louças e as coisas roubadas deles.

Márcio ficou ajudando a armar a tenda, depois foi catar gravetos para acender o fogo e preparar comida. Num momento de distração de seus amos, roubou um pedaço de carne seca de cabrito e enfiou na boca, enquanto acendia o fogo.

A esposa de seu dono se aproximou para verificar o andamento da tarefa e, ao vê-lo mastigando uma das melhores partes do cabrito, teve um acesso de fúria.

— Cão vadio! — gritou em seu idioma. — Ele está comendo nossa carne! — berrou para as outras mulheres próximas.

Três mulheres vieram correndo e, junto com a esposa de Mas'ud, espancaram Márcio com pedaços de pau. Mais duas delas, chegadas depois, não achando varas para agredi-lo, morderam-no nos braços e bateram-lhe com pedras no rosto e na cabeça.

Márcio gritava e tentava se defender. Estava fraco e, quando foi golpeado na cabeça, desmaiou. Se Mas'ud não tivesse aparecido, elas o teriam matado. Tendo ainda esperança de ganhar algum dinheiro com ele, interrompeu a agressão.

Christian, Mirella e muitos outros viram tudo. Os dois alunos ficaram bestificados com a selvageria das mulheres saarianas. Uma delas, passando perto de Mirella, falou para a outra no dialeto árabe do Cairo:

— Se Masud não interrompesse, eu teria arrancado os olhos desse porco!

Minutos depois, Márcio acordou e, cheio de hematomas, sangramentos e arranhões, foi obrigado a voltar ao trabalho. Dessa hora em diante, seus donos, como castigo, não mais o deixaram beber água.

Os homens passaram a tarde negociando os escravos. Examinavam seus corpos, dentes e partes íntimas, no mais deplorável tratamento dispensável a um ser humano. Comentavam sobre os melhores lugares e formas de capturar pessoas.

— Costumo pegar crianças quando os pais estão longe. E mais fácil — comentou um sudanês cego de um olho.

— A maioria dos meus escravos eu consigo em viagens pelo deserto, quando encontro um grupo de poucas pessoas — esclareceu outro.

— O meu jeito nunca falha — explicou um negro musculoso. — Ofereço dinheiro e trabalho. Quando a criança chega perto, ponho-a no trem ou no carro e ela não tem mais como fugir. Já consegui muitas mulheres assim.

— Consegui muitos escravos e perdi muitos também — disse o meio cego.

— E bom separar a família e os amigos, senão eles se unem, se revoltam... — aconselhou um velho magérrimo.

— E eu não sei? — defendeu-se o meio cego. — Às vezes a gente se distrai e esses inúteis aproveitam para fugir.

— Ou, quando a gente começa a confiar neles, abusam de nossa confiança e fogem

— acrescentou o velho em tom de crítica.

Depois de muito tentar, enquanto seus donos compravam e vendiam, Christian conseguiu se aproximar de Mustafah, encarregado de limpar a carne de um cabrito que seria assado para a noite.

— Mustafah, o que aconteceu? Onde está Garib?

— Garib está morto — respondeu com indiferença, sem interromper os cortes no corpo do cabrito.

— Morto?!

— Sim. Ele tentou enfrentar os homens e eles o mataram. Seu corpo foi jogado no deserto. Não deveríamos ter feito esta viagem. Omar nos avisou do perigo.

— Chegamos mais cedo que o combinado e vocês não estavam lá.

— Eles chegaram durante a noite. Não sei como sabiam por onde passaríamos. Omar nos exigiu segredo. Eles nos surpreenderam e nos aprisionaram, além de roubarem tudo. Não tem mais jeito, Sr. Christian, seremos vendidos hoje e nunca mais voltaremos...

Mustafah começou a chorar, não conseguindo mais falar.

— Nós ainda podemos escapar. E só pegarmos uns camelos e fugir à noite — Christian tentou ser animador. Tentava convencer também a si mesmo. Queria ouvir Mustafah, conhecedor do deserto, dizer que era possível dar certo se tentassem.

— Ninguém vai nos ajudar. No Sudão, até a polícia tem escravos. Ninguém está interessado em nos libertar por aqui.

Nessa hora, Uthal apareceu e gritou com Christian, ordenando-lhe rispidamente levar algumas mercadorias vendidas à tenda de outro homem. Fingindo obediência, ele carregou duas colunas de sal para o lugar indicado, uma em cada ombro. Para desanimar possíveis compradores, deixou uma coluna cair na água. O sal começou a se dissolver, perdendo-se.

Uthal, irritado ao extremo, se aproximou de Christian e atingiu-o várias vezes com um pedaço de pau, deixando o rapaz com várias manchas avermelhadas nas costas e nos antebraços.

O impulso de Christian foi esperar seu amo terminar de agredi-lo para — mesmo se isso lhe custasse a vida — pegar o mesmo pedaço de pau e golpeá-lo várias vezes até deixá-lo desmaiado no chão de tanto apanhar. Olhou para Uthal, se afastando com o bastão na mão. Sentia nojo e aversão por esse homem obeso, de hálito fétido, sempre com migalhas de comida na barba e maneiras tão grosseiras. A tentativa de se converter à religião de seu amo não funcionara. Lançou-lhe um olhar fulminante, como se fosse possível exterminá-lo apenas com os olhos.

Nessa hora, um homem pouco mais baixo que Christian, de aspecto frágil e rosto envolto em véus e turbantes pretos, passou por ele, e sussurrou em seu ouvido:

— Quem tem mais valor: o machado ao ferir a árvore do sândalo ou a árvore do

sândalo ao perfumar o machado que a fere?

Quando Christian se virou para ver quem lhe falara, o desconhecido já estava de costas, caminhando e se misturando aos negociadores.

Pelo resto da tarde, beduínos e tuaregues compraram, venderam e trocaram coisas, principalmente escravos. Os três ocidentais estavam difíceis de virar bom negócio, pois sua pele branca chamava muito a atenção e ninguém queria isso fora dali.

Monte Uweinat, deserto do Saara

7 de novembro, fim da tarde

QUANDO O SOL COMEÇOU A SE ESCONDER por entre nuvens cinzentas e rosadas, o homem de aspecto franzino envolto em véus negros passou por Christian de novo. Lançou-lhe um olhar de águia e dessa vez nada disse. Afastou-se dos comerciantes e escalou um rochedo de uns dois metros de altura, pondo-se em evidência diante de todos. Tirou da túnica uma pequena corneta de chifre de vaca e soprou-a vigorosamente, fazendo o som ecoar por todas as frestas do labirinto de pedra.

Todos olharam, curiosos por saber quem era e por qual razão chamava a atenção daquela forma. Na verdade, era motivo de preocupação. O local era um mercado de escravos clandestino, onde escravocratas do Egito, da Líbia, do Chad e do Sudão se reuniam durante um único dia para comprar e vender pessoas seqüestradas. As autoridades sabiam que havia feiras de escravos, mas não quando aconteciam. Somente os compradores certos eram avisados com um ou dois dias de antecedência, sob pena de morte caso não aparecessem. A maioria vinha de Darfur do Norte, no Sudão. Os encontros chegavam a levar um ano para se repetir.

— Atenção, todos! — gritou o homem com voz fina, quase feminina. — Este comércio de escravos é criminoso, e não é a vontade Daquele Com 99 Nomes que continuemos a escravizar pessoas!

Silêncio mortal se fez. Todos se viraram receosos para ver quem fazia tão aberta repreensão. Teria a polícia egípcia descoberto o mercado? Alguns homens ainda distraídos pararam de discutir preços, e as mulheres pararam de encher seus recipientes de água e alimentar crianças. Os escravos também se interessaram.

— Este comércio é ilegal diante da lei humana e da divina! Jamais o Único Deus ordenou a uma pessoa fazer outra sofrer, nem alguém trabalhar para ter seu esforço roubado por outro! Em nome Dele, ordeno a todos os senhores de escravos aqui libertarem seus homens e mulheres, jovens e velhos, para cada um viver sua vida como Deus a criou!

O olhar dos presentes se petrificou na figura que afrontava os líderes dos clãs. Não sabia esse homem que poderia ser morto a qualquer instante?

— Quem é você? Você entende da lei para falar conosco? — disse um beduíno.

— Vivo nestas terras com meu próprio trabalho, sem tirar de ninguém o que não me pertence — respondeu sem piscar. — Os *jinnies* me disseram que neste vale estaria acontecendo hoje este crime. Eles me mandaram para cá para lembrá-los de que não é virtude nem honra diante do Único Deus fazer alguém sofrer. Mandaram-me dizer a vocês que libertem seus escravos e lhes dêem comida, água e transporte suficientes para retornarem ao local onde foram aprisionados, pois esse é o direito de todo homem, mulher e criança. Não fez assim nosso pai Abraão com Agar e Ismael, pai dos povos do deserto?

Começaram a perguntar uns aos outros quem era o mercador, e ninguém soube dizer. Ninguém tinha comprado ou vendido qualquer coisa a ele, nem o visto por aquelas rotas. Um dos mais decididos e agressivos chefes cochichou com seus companheiros alguma coisa e gritou, ameaçador:

— Saia daqui *Janjaweed* mentiroso! Você quer apenas nossos escravos livres para capturá-los depois. E usa o nome do Misericordioso e Clemente para nos ameaçar. Deixe o vale agora, ou nossas cimitarras deslizarão em sua garganta e *jinnie* nenhum virá protegê-lo!

— Não quero os escravos para mim! Enviem-nos embora como todo homem honrado deve fazer. Para garantir que não aprisionarei ninguém, ficarei aqui até todos vocês terem partido.

Os ouvintes, inclusive mulheres e adolescentes, desacreditando e rejeitando a proposta com a qual nada ganhariam de material, uniram suas vozes em impropérios, xingamentos e ameaças ao acusador, concordando com o defensor da manutenção dos escravos.

— Ladrão! Mentiroso! Vá embora! — gritaram uns.

— Não acreditamos em você! — disseram outros.

— Esses escravos são nossos e você não vai tirá-los de nós! — afirmavam alguns com convicção.

Como ele se vestia de preto e estava perto de um cavalo, alguns o julgaram um *janjaweed*. Esse é o apelido dado pelos sudaneses aos membros da milícia armada criada pelo governo do Sudão para monitorar algumas regiões do país, inclusive os estados de Darfur do Norte e do Oeste. Pelo consumado hábito de violentar mulheres e crianças e matar homens nos campos de refugiados, os milicianos foram apelidados de *janjaweed*, que significa "a morte montada a cavalo".

O pequeno homem não conseguiu falar mais nada, pois a multidão não parou de xingá-lo, numa gritaria ensurdecadora reverberando pelas paredes pétreas.

— Matem-no e enterrem-no na areia!

— Deixem-no morrer de sede amarrado às rochas!

— Degolem-no e ofereçam a cabeça aos abutres!

Como se acionados por controle remoto, num único movimento os homens pegaram

suas cimitarras e correram para o estranho. Poriam fim à ameaça. Como sempre acontece no submundo do crime, há um código de conduta obrigatório. Da menor à mais grave infração ao código, a pena é sempre a mesma: a morte. Todos ali se sabiam criminosos; alguém contrário à escravização poderia denunciá-los, além de semear dúvidas, criando nova orientação no pensamento dos traficantes menos convictos.

Mal o grupo de nômades rumou para onde estava o homenzinho, este desceu do rochedo, pondo-se em posição ainda mais vulnerável. Ergueu um braço para cima e disse palavras estranhas, e revolteou as mãos no ar.

Quase instantaneamente, de todas as grotas, buracos, tocas e fraturas nas rochas começaram a surgir pequenos seres pretos, marrons e amarelos, desde o tamanho de um grão de trigo até o de uma lata de refrigerante. Eram escorpiões. Os artrópodes de variadas espécies fluíam como água, inundando o chão e entrando nas tendas, ânforas, latões, panelas e onde mais conseguissem, acossados por misterioso impulso.

O homem de preto ergueu a voz fina mais uma vez:

— Ouçam atentamente! Quem não quiser mais ser escravo, atravesse os escorpiões sem medo e venha para este lado. Eu os guiarei até uma cidade segura, sob a proteção Daquele Com 99 Nomes. Quem tiver medo não terá outra oportunidade!

Começou um tumulto generalizado. Os homens armados se dispersaram. As pessoas começaram a correr para suas tendas, gritando, tentando proteger as crianças, enquanto outras viram como salvação entrar nos córregos e poças de água. Os cavalos e camelos começaram a relinchar, pular e corcovear, pisoteando os pés das pessoas próximas, quebrando jarros de água, panelas, colunas de sal, fogareiros e outras coisas, ou disparando como as cabras pelas encostas acima. Tiros foram disparados, ricocheteando nas paredes de pedra. Tendas caíram, recipientes tombaram e quebraram, sacos de grãos foram rasgados, escoando o conteúdo para o chão, numa grande e barulhenta bagunça.

Ninguém tinha para onde correr, pois os escorpiões saíam de todas as partes e estavam em todo o acampamento. A água era o único local onde não entraram.

Em menos de sessenta segundos o mercado se transformara num caos. A única saída deixada livre pelos escorpiões foi o estreito corredor onde o homenzinho misterioso estava, assistindo sereno ao pequeno apocalipse.

Tomados de supersticioso temor e admiração, muitos escravos e amos passaram a acreditar instantaneamente que ele tinha poder dado pelos *jinnies*. Quem conseguia controlar os escorpiões dessa maneira era certamente um feiticeiro verdadeiro, que merecia ser respeitado. Todos sabiam da enorme quantidade de aracnídeos habitando aquelas grotas e frestas, mas jamais os viram sair de uma vez, atendendo ao comando de alguém.

— Ele é um santo vivo! — disse uma mulher para seus filhos.

— Ouvi dizer que havia um por aqui! — respondeu um idoso, subindo e descendo as sobancelhas grossas.

Alguns escravos, tomados pela fé emocionante e arrebatadora com a qual o Islã treina seus adeptos, ignoraram as ameaças de seus amos e caminharam decididos na direção do homem. Estranhamente, os escorpiões se afastavam para eles passarem. Mas, quando alguns senhores tentaram perseguir suas propriedades semoventes, os escorpiões não abriram passagem.

Em alguns minutos, perto do feiticeiro de preto alguns escravos tinham chegado sem levar uma única picada nos pés descalços, enquanto várias outras pessoas já haviam sido ferroadas nas tendas e fora delas.

Os três ocidentais nem por um instante acreditaram estar diante de um santo ou feiticeiro. Para eles, tratava-se de um golpe que alguém mais esperto estava usando para roubar os escravos dos mais crédulos e ignorantes. Ele certamente espalhara nos buracos um repelente de insetos comprado num supermercado, fazendo-os fugir de suas tocas.

Márcio só conseguiu dizer:

— Faça alguma coisa, Christian! — frase tipicamente sua quando queria que outros resolvessem problemas em seu lugar.

Mirella, longe deles, aproveitou a bagunça para tentar se desprender das cordas.

E Christian pensou por uns segundos. Fosse qual fosse o truque, a coisa poderia se tornar favorável para eles. Mudar de proprietário abria novas possibilidades, mesmo se se arrependessem depois.

— Vamos, é a nossa vez! — disse Christian para Márcio. - Mas precisamos trazer Mirella. Vá primeiro, Márcio, vou pegá-la.

Márcio não pestanejou; recebera o incentivo necessário.

— Vou conseguir. Vou conseguir — sussurrou para si mesmo. Vencendo corajosamente o medo, atravessou com cuidado o tapete de aracnídeos sem pisá-los e chegou até o lado onde seis escravos se agrupavam.

Christian avistou Mirella e correu em sua direção. O amo da garota estava tão enraivecido que a agarrou pelo pulso para evitar-lhe a fuga. Tentava alcançar uma cimitarra caída no chão, com a qual a mataria, vacilando porque a arma estava coberta de escorpiões. Enquanto isso, Mirella tentava se soltar da mão de Saad, dando-lhe pontapés. Christian correu até eles e deu um violento soco no rosto do homem, que cambaleou desorientado e caiu de costas sobre a parede da tenda, com o nariz quebrado. Pegou da virilha a faca dada por Jaja, cortou a corda e ambos correram para onde os escravos estavam.

O homem de preto observava tudo impassível, de braços cruzados, como quem faz um diagnóstico minucioso da situação.

Depois de Christian e Mirella, mais cinco escravos chegaram, Mustafah inclusive, enquanto outros permaneciam amedrontados do outro lado, alguns indecisos, outros decididos a ficar. Dos indecisos, alguns começaram a chamar pelo homem de preto, pedindo-lhe para ir buscá-los. Um deles exigiu gritando ser buscado. Outros ficaram olhando para o homem de preto com fisionomia de vítima, sem nada fazer. E vários, inclusive a velha Hakok, não tentaram fugir; aproveitaram a confusão para surrupiar objetos.

O homem, agora parecendo preocupado, virou-se para os onze e ordenou:

— Sigam-me sem olhar para trás!

Enquanto o acampamento permanecia lutando contra o tapete móvel de ferrões venenosos, os onze correram atrás do libertador que, pelo visto, era bom de corrida. Seguiram o homenzinho veloz pelo labirinto rochoso até chegarem à planície árida em torno da escarpa. Seis cavalos negros estavam ali, amarrados. Três donos de escravos conseguiram segui-los, gritando e gesticulando.

—Você vai nos matar *Janjaweed*? — perguntou timidamente uma mulher de uns 30 anos, de olhos grandes e seios flácidos.

— Não vou lhes fazer mal algum, nem sou *janjaweed*. Montem sem demora! — ordenou, enérgico, apontando para os animais enquanto corria.

Os escravos se ajudaram uns aos outros a subir no lombo dos cavalos e logo estavam a galope atrás do cavalo negro do misterioso libertador, rumo ao sul.

Como os escravocratas estavam a pé, voltaram correndo para tentar conseguir camelos ou cavalos. Depois de conseguirem reunir um grupo interessado em reaver sua mão-de-obra, perseguiram-nos por apenas alguns quilômetros. Temiam encontrar policiais e soldados.

Em menos de uma hora estava escuro. Quando a escuridão se tornou total, o libertador mudou de direção, fazendo a caravana seguir para o leste. Estava claro: a rota tortuosa servira para despistar os perseguidores.

Embora os escravos quisessem falar, fazer perguntas, exigir explicações, e alguns, até voltar para o vale, o homem se recusou a conversar. Parecendo irritado com a inquietação de seus seguidores, parou seu cavalo e, com energia, ordenou a todos que ficassem em silêncio. E acrescentou:

— Se alguém quer voltar ao Vale dos Escorpiões, pode fazer isso a qualquer hora, mas terá de ir a pé, pois nenhum animal voltará.

Os escravos se entreolharam quietos e nada disseram. Estavam inseguros, mas obviamente preferiram ver aonde aquilo chegaria.

Ao invés de pararem para dormir, como habitualmente as caravanas fazem, cavalgaram a noite inteira. O único guia nas trevas noturnas foi o céu forrado de brilhantes, até o momento sem a Lua para rivalizar com eles.

— Apenas mudamos de dono — disse Márcio baixinho em português para Mirella,

montada no mesmo animal que ele.

— Tenho certeza. Seremos vendidos pela manhã, provavelmente na Líbia.

Mirella está atordoada — pensou Márcio, compadecido do estado miserável da amiga. *Se estamos indo para o leste, como poderíamos chegar à Líbia?*

Ao fim da madrugada, a bruma começou a cobrir tudo e as estrelas foram ficando raras. A falta de uma bússola natural durou pouco. Em menos de duas horas o rosicler começou a tingir as nuvens e os lados do nascente, confirmando que estavam na direção certa para o Lago Núbio. A essa altura, o homem de preto interrompeu o trote. Dirigiu-se aos seus andrajosos companheiros de viagem:

— Ainda hoje eu os levarei a uma acampamento. Lá, cada um receberá alguma ajuda para partir para onde desejar. Agora, vamos comer e fazer a oração da manhã, para agradecer a Allah por sua infinita bondade.

Todos, inclusive os três ocidentais, se ajoelharam virados para Meca, na Arábia Saudita, e se curvaram para frente, encostando a testa no chão algumas vezes, agradecendo ao Único Deus a sorte de poderem ser libertados. Não que os três acadêmicos tivessem se convertido ou acreditassem nessa maneira de mostrar devoção e agradecimento. Se em circunstâncias normais eles se recusariam a cumprir um ritual no qual não acreditavam, agora era diferente. Amaciados pelo sofrimento, nem por um segundo pensaram em contrariar o libertador. Afinal, estavam recebendo água e transporte e não foram agredidos com varas nem obrigados a fazer trabalhos pesados. Se para continuar assim tivessem de seguir as regras dele, assim fariam.

— Sonho em me converter ao Islã desde criança! — Márcio sussurrou ao ouvido de Mirella, com quem dividia o cavalo. E, para completar o sarcasmo, acrescentou: — Para ter sete esposas tão delicadas como você...

Lago Nasser, Egito
Ilha próxima a Abu Simbel
7 de novembro, 23h40, hora local

NA NOITE EM QUE OS ALUNOS foram salvos da escravidão e Manccini viajou para Aswan, um grupo punha em movimento forças malévolas numa pequena ilha ressecada do Lago Nasser. A cada minuto aportava à praia rochosa da ilha uma canoa carregando uma ou duas pessoas vestidas inteiramente de preto, só com os olhos à mostra. Não era possível saber se eram homens ou mulheres. As Canoas eram remadas silenciosamente. A ilha era idêntica às milhares de outras do lago; só quem a conhecesse bem saberia encontrá-la na escuridão.

Antes de os viajantes descerem do barco, uma pessoa com a mesma roupa — homem, a julgar pelo porte alto e forte - à frente de outras cinco tão grandes como

ela, tirava as mãos da túnica e apontava revólveres carregados para o rosto do visitante, sussurrando:

— Veio ao lugar errado!

Ao que as pessoas da canoa respondiam juntas, antes de. desembarcar:

— Lugar certo! A noite se busca a luz!

Era a senha para a entrada. Se o recém-chegado fizesse qualquer coisa diferente disso, se simplesmente descesse do barco antes de o recepcionista se pronunciar, ou se os dois visitantes não falassem juntos a resposta, os seis mordomos atiravam até matar e escondiam os corpos para incineração posterior. Caso fizessem corretamente, o mordomo guardava as armas e ajudava-os a descer.

O viajante caminhava pela ilha e, chegando a um lugar repleto de montes de rocha fraturada, se aproximava de alguns arbustos secos. Afastava a galharia e encontrava uma portinhola de madeira velha, abrindo-a. Descia por estreito corredor de pedra em completa escuridão e um minuto depois chegava a uma câmara escavada na rocha calcária, onde várias pessoas se agrupavam, todas vestidas como ele e irreconhecíveis.

O lugar era iluminado apenas por algumas velas pretas. Mais de duas centenas de pessoas se reuniram ali, em total silêncio. Conversar poderia revelar a própria identidade.

Por volta da meia-noite, um sino tocou. Numa parede da sala abriu-se larga porta dupla dando acesso a um amplo salão com bancos compridos. O recinto era iluminado por velas pretas e vermelhas em todas as paredes. No fundo, uma espécie de altar, onde se via a estátua de uma figura horrenda. Corpo humano de barriga grande e seios volumosos, com pernas peludas e cascos. O rosto parecia de macaco. Cabelos loiros jogados nas costas e chifres de carneiro recurvados para trás. Sobre a cabeça, uma taça dourada, com fogo aceso por cima. Das omoplatas partiam asas negras similares às de morcego. A expressão da figura era um sorriso de escárnio verdadeiramente demoníaco. Essa estátua metálica era oca. Sua grande barriga estava aberta como se fosse uma gaveta. Por trás do ídolo, um braseiro era alimentado por pessoas que acionavam foles. A parte inferior da barriga estava avermelhada, indicando a alta temperatura adquirida. A frente dela, ainda no altar, uma mesa de pedra.

As paredes tinham repugnante decoração: ossos, esqueletos e cabeças humanas com nomes inscritos embaixo, alguns de pessoas conhecidas na história, inclusive nos séculos XX e XXI.

Todos entraram no salão e se sentaram em silêncio. Logo um homem com roupas de sacerdote egípcio, porém completamente negras, entrou e se dirigiu ao altar, seguido de seis pessoas vestidas como ele. Postou-se atrás da mesa e três ficaram de cada lado. Erguendo os braços para a estátua e de costas para o público, o homem falou

em voz alta:

— Ó, Baphomet, nós o glorificamos!

A multidão repetiu em coro três vezes.

— Ó, Baphomet, senhor do Mundo Inferior e verdadeiro rei da Terra! Aqui estamos para saudá-lo e servi-lo, em nome daqueles que querem o mundo real para si, para a verdadeira vida dos prazeres, e não de regras estúpidas que nunca servem para nada! Aproxima-se o dia da vitória da Serpente! Vida eterna à Serpente Vermelha!

— Vida eterna à Serpente Vermelha! — gritou a multidão, estendendo as mãos para frente com febril entusiasmo.

O sumo-sacerdote de Baphomet voltou-se para a multidão e iniciou em tom inflamado:

— Irmãos da Serpente Vermelha! Aproxima-se um momento especial, tão esperado e procurado por nossos ancestrais desde que nossos mestres fundaram nossa Irmandade na desaparecida Atlântida. Estamos prestes a descobrir onde se esconde os maiores poderes que qualquer povo da Terra já possuiu: a Arca de Anúbis e a Luz de Osíris! Duas armas capaesz de nos daemr o domínio definitivo de quem vive e morre neste planeta. Chegou a hora de darmos nosso testemunho, de fazermos valer o juramento de sangue feito a Baphomet, cada qual em uma época. Uns aderiram ao seu culto ainda em Aztlan, cultuando os conhecimentos mágicos no Templo da Serpente Vermelha; outros o fizeram na Fenícia, Cartago e nos templos hititas, mantendo vivo o culto a Baal; outros de vocês são membros mais recentes, e só conheceram o culto do *sabbat* a Lúcifer, Satã e Iblis. Não importa! Em todos eles sempre tivemos o mesmo deus e o mesmo objetivo: impor nossa vontade a este planeta para usufruirmos o que é nosso! E trago-lhes uma boa notícia: a Arca de Anúbis e a Luz de Osíris e estão prestes a serem encontradas!

Entusiasmada salva de palmas e vivas interrompeu o discurso. Logo o sacerdote retomou a palavra.

— Uma vez na posse desses tesouros, Baphomet, ou como quer que o chamemos, será senhor absoluto na Terra. Com esse fulgurante poder nem mesmo Maha-Ettel e seu príncipe iluminado Anfion poderão conosco. As sete fontes do fogo líquido da vida eterna serão nossas, e a Serpente Vermelha finalmente decidirá quem viverá eternamente e quem morrerá na Terra! Essas democracias ocidentais terão fim, e cada um de nós poderá governar uma parte do mundo com autoridade absoluta, sem leis, justiça e outras fraquezas ocidentais.

Após breve pausa, recomeçou:

— Quem não trair a Irmandade só receberá riquezas, prazeres e compensações sem fim. Mas quem não se submeter a ela, este sim será perseguido e sofrerá terríveis torturas, desejando a morte e o fogo infernal como o melhor alívio. Agora, mais uma vez, renunciem aos deuses falsos!

Na multidão havia pessoas de diferentes classes sociais e países. Os presentes tiraram das túnicas amuletos de cruzes católicas, estrelas de Davi, cruzes ortodoxas, luas crescentes do Islã, cruzes ansatas do Egito e muitos outros símbolos sagrados de religiões atuais e extintas. Jogaram os símbolos sacros no chão, cuspiram neles e pisotearam-nos, num ato de desrespeito e rejeição àqueles princípios.

Em seguida, algumas pessoas avançaram para o altar e puseram no chão bandeiras dos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Japão, Alemanha, ONU, Israel e de alguns outros países fortes na economia e política mundiais. Sobre as bandeiras foram colocadas fotografias dos líderes políticos dessas nações.

Então, duas velhas totalmente despidas, cujos corpos horrorosos eram suficientes para fazê-las parecer demônios, pisotearam as bandeiras e fotos e, abrindo as pernas de pé, urinaram sobre elas. A seguir, as velhas despejaram gasolina por cima e tudo pegou fogo, levantando um cheiro horrível.

— Em pouco tempo o profetizado estará se deitando nesta mesa. Eu terei a honra de extrair seu sangue diante de todos vocês! Esse amaldiçoado minou nossos planos anteriores, impedindo que o comando da Serpente Vermelha depusesse nosso maior inimigo, o guardião do Fogo Líquido de Osíris e príncipe da Luz: Anfion de Maha-Ettel! Oportunamente, todos vocês serão convocados para uma nova reunião, para presenciar o sacrifício do profetizado, inimigo de Baphomet, marcado pelos astros como nosso maior obstáculo. A partir de agora, todos vocês estão presos a um pacto: qualquer um que entrar em contato com ele tem o dever de trazê-lo vivo para nós, ou será sacrificado também! Assumam agora esse compromisso!

Ato contínuo, o sacerdote jogou um pó branco sobre um braseiro. Densa névoa sangüínea levantou-se durante o crepitar das brasas. Logo a nuvem tomou a forma de uma ameiba, com pseudópodes móveis.

O sacerdote pronunciou esconjuros e de seu cajado partiu uma luz amarelada na direção do monstro, que se agitou. Os pseudópodes da criatura etérica começaram a se esticar por sobre a atenta platéia. Cada pessoa ergueu a mão, tocando um tentáculo. Após todos os presentes segurarem um, o monstro começou a ficar transparente até sumir.

— Cada um de vocês é agora prisioneiro do pacto! — sentenciou o bruxo. — Quem o descumprir não trazendo o profetizado para nós será lentamente corroído por um câncer devorador, sem cura, e apodrecerá vivo numa cama por meses antes de chegar ao túmulo! Desejará atravessar a soleira tormentosa da morte como suprema alegria.

Em seguida, um órgão e outros instrumentos musicais tocaram música selvagem, uma ária agressiva, e todos olharam para o fundo do salão. A porta dupla se abriu e três mulheres inteiramente nuas, acorrentadas pelas mãos, gritando enlouquecidas, entraram arrastadas por dois homens mascarados, em trajes mínimos. As garotas de

no máximo vinte anos, em estado de choque, foram levadas ao altar e acorrentadas à mesa de pedra, implorando por socorro. Seguiram-nas três homens completamente nus, só de máscara, segurando bebês nos braços. As crianças foram entregues aos sacerdotes auxiliares, enquanto choravam assustadas.

O que se viu então deixaria arrepiado o mais sanguinário bárbaro.

O sumo-sacerdote se despiu, mostrando a pele bronzeada, ficando só com a máscara. Escalou a mesa e esmurrou uma das mulheres algumas vezes. Em seguida, possuiu-a com violência. Enquanto sangrava pela boca, narinas e pelo canal vaginal, a infeliz gritou de dor até desmaiar. As violentas mordidas do homem chegaram a arrancar-lhe partes do corpo, que ele cuspiu no chão. Depois, o mesmo aconteceu com a segunda e a terceira.

As crianças choravam sem parar. Foram erguidas todas ao mesmo tempo e sobre elas foram postas guirlandas floridas. Um canto agudo foi entoado por duas mulheres de preto e, quando o canto cessou, os sacerdotes auxiliares atiraram com força os bebês na barriga fumegante de Baphomet. Em segundos, o choro cessou e forte cheiro de carne queimada se elevou.

Os presentes esboçavam sorrisos de satisfação ao sentirem o cheiro do churrasco humano.

As três mulheres desmaiadas tiveram o sangue extraído por um corte no pescoço e o sumo-sacerdote e seus seis ajudantes beberam-no com avidez.

Os cadáveres foram jogados no chão e a multidão avançou sobre eles, chupando os ferimentos para consumir o que ainda restasse de sangue. Quando terminou o espetáculo vampiresco, os auxiliares recuperaram os três corpos e o lançaram à barriga de Baphomet.

— Comece o banquete! — ordenou o sacerdote-chefe.

Em seguida, homens inteiramente nus, apenas com máscaras, entraram no salão com bandejas e serviram comida e bebida ao público. Mulheres e homens nus, com correntes de ouro e tiras de tecido realçando os seios e os órgãos genitais, deitaram-se sobre mesas baixas, e a comida foi servida sobre eles.

O sacerdote fez um sinal a seus auxiliares e os sete entraram por uma porta secreta atrás da estátua em brasa. Nessa terceira sala, com saída independente para a praia da ilha, livraram-se das máscaras e sentaram-se em bancos toscos.

O sumo-sacerdote de Baphomet, oficiante do culto macabro, era Neshi. Os outros seis sacerdotes eram Addava, Den, Fernando gótico, isto é, Siamun, Seni e mais duas pessoas, uma de aparência ocidental e outra, de beduíno. Excetuando-se Neshi, Addava e Den, os demais eram "ocupantes de corpos"; magos mortos na grande batalha do Templo de Osíris em Maha-Ettel e agora invasores de corpos mortais, exatamente como Siamun ocupava o corpo de Fernando.

A irmandade praticava um culto clandestino e diabólico que de religioso nada tinha.

Seus seguidores se reuniam para fazer o que a religião e a lei da maioria dos países proibia. Desde a Antiguidade esses cultos existiam, sempre associados à magia negra e sob grande sigilo.

Resistiram à perseguição do Império Romano, à Inquisição católica e às leis do estado moderno, sendo ainda hoje praticados secretamente. O nome do deus mudou com as épocas e os povos, mas os ritos basicamente tinham as mesmas coisas: sacrifícios humanos, orgias, pactos secretos com fins criminosos entre vivos e mortos, desvio de riquezas para a irmandade e um estatuto simples e claro: obediência total às regras ou morte.

Os membros se filiavam no intuito de obter vantagens pessoais com o recurso sutil contra o qual as vítimas quase não podiam se defender: a magia negra.

Não se deve julgar tais sociedades como criações fantásticas ou lendárias para assustar crianças e divertir adolescentes, ou que sejam impossíveis ou improváveis, ou, ainda, que as pessoas jamais seriam capazes de participar de atividades assim. Pesquise-se o atual ambiente de presídios, grupos terroristas e máfias das drogas, e rapidamente se encontrará comportamento idêntico entre os membros, faltando apenas os rituais ocultos da magia negra. Seus membros personificam o que existe de pior no ser humano, seu lado mais sombrio, medonho e inconsciente. Exceto pela ausência do ingrediente místico, há pouquíssimas diferenças.

Quando na Idade Média os Cavaleiros Templários foram perseguidos para que suas riquezas pudessem ser confiscadas, o pretexto usado pelo rei da França e pelo Papa foi a participação de seus membros em sociedades satânicas desse tipo. Sem dúvida, houve muitas injustiças, acusações falsas e confissões obtidas mediante terríveis torturas. Mas as alegações não eram totalmente infundadas. Pesquisas arqueológicas encontraram indícios de atividades criminosas nos subterrâneos de certos castelos, inclusive esqueletos de crianças e adultos e um grande número de mortes incompreensíveis.

Livros como *As Clavículas de Salomão*, *Alberto o Grande*, *Grimorium Verum*, *O Dragão Vermelho*, *As Obras Mágicas de Henrique Cornélio Agripa* e o *Enchiridion do Papa Leão* são apenas alguns dos muitos dos receituários de feitiços, encantamentos e ritos mágicos que sobreviveram até o século XXI. Alguns deles oriundos da própria Igreja Católica, da Ordem dos Jesuítas ou do Vaticano.

Embora haja nesses livros diversas receitas para adivinhar o futuro, curar doenças, falar com os mortos etc., muitos outros expedientes merecem mesmo ser classificados como "magia negra", pois ensinam crimes: meios de matar, dominar, envenenar, induzir ao suicídio, seduzir e manipular pessoas, usando recursos impossíveis de serem detectados pelas técnicas de investigação criminal dos séculos passados. Tais grimórios são a prova da existência de grupos satânicos organizados na Europa Medieval, Moderna e Contemporânea sob os bigodes da Igreja e do

Estado.

O francês Alphonse Louis Constant publicou, no século XIX, sob o pseudônimo Eliphas Lévi, vários livros sobre magia, após trabalhar na Biblioteca do Vaticano e ter acesso a esses e muitos outros livros proibidos ao público. *Dogma e Ritual da Alta Magia* e *A Chave dos Grandes Mistérios*, suas obras mais vendidas no Brasil, são sínteses feitas a partir dos livros guardados pela Igreja desde as Cruzadas.

Uma rápida busca na Internet do nome "Eliphas Levi" apresenta centenas de milhares de *sites*, comprovando que o interesse pelo assunto é bem grande.

Dali a pouco, um oitavo bruxo entrou pela porta disfarçada e sentou-se, trazendo um papiro com símbolos diversos e cálculos anotados.

- Como calculamos antes, o profetizado está a caminho de Zerzura. Ele descobriu o que em 3 mil anos nunca conseguimos. Sua intuição se desenvolve dia a dia e, é claro, Maha-Ettel está do seu lado.

- Você enxergou alguma coisa relacionada a nós? Algum confronto? — interpelou Neshi.

O mago recém-chegado ergueu levemente uma sobrancelha antes de responder:

- Sim, Neshi. Ele conseguirá o *kopesh* de Hórus antes de nós...

- O que você viu exatamente, Seneferu? — irritou-se.

- Hórus-no-horizonte chega a ele pouco antes de nós. Os três estão unidos em sextil quando alcançam o *kopesh*. Nessa hora, há uma conjunção com o Sol.

- E nós, onde estamos nessa configuração?

- Em oposição crescente ao planeta centro do trígono, mas em movimento retrógrado para uma conjunção com o Pequeno Benéfico^[10].

O mago suspirou, interpretando o futuro revelado pelos astros. Dessa vez, a posição das estrelas não mostrou o resultado final, mas momentos antecedentes. Apesar do sucesso temporário que Christian, Márcio, Mirella e o professor teriam, haveria uma chance. Os deuses, com seus motivos misteriosos, tinham decidido.

A mente racionalíssima e serena de Neshi moveu-se em velocidade ultra-sônica, e o grande necromante reformulou numa fração de segundo os próprios planos.

- Vamos fazer uma mudança - recomeçou. - Joguem as unhas de nossos companheiros e o resto do Fogo Líquido de Osíris fora...

- Jogar fora?! Não podemos fazer isso com eles!

- Ouçam! Anfion e seus batedores nos localizaram devido às unhas e ao fogo líquido. Desfazendo-nos deles, conseguiremos uma vantagem temporária. Vamos trazer nossos companheiros de volta através do processo Benu. Assim, fica mais difícil sermos localizados. Vamos, jogue tudo, Addaya!

O bruxo retirou-se e rapidamente voltou com um saco de tecido cheio de lascas de unha. Atirou tudo num braseiro. Num recipiente de metal, trouxe algumas gotas do brilhante fogo líquido de Osíris, a linfa quase etérea, restauradora da vida, o elixir da

longa-vida procurado na Idade Média por tantos alquimistas. Destampou o vaso. O vapor luminescente rosa-alaranjado, em menos de um minuto, evaporou-se totalmente, voltando ao manancial inesgotável da Terra.

- Vamos tentar enxergar os mortais e o batedor de Anfion — determinou Neshi.
- O batedor é ninguém menos que Sitra, a fiel discípula de Thais — informou o gótico.
- Sitra?! — Neshi admirou-se. — A antiga bailarina do Templo de Isis, filha do sacerdote da Casa da Vida?
- Ela própria.
- Comece, Siamun.
- Neshi, vamos tentar entrar na mente deles? — retrucou Siamun.
- Nem pensar! Sitra está preparada para isso. O contragolpe pode ser forte demais.
- Mas consigo entrar na mente da garota, pois ela me ama e faz tudo o que peço. Seu eu ordenar, ela anulará a defesa mental criada por Sitra.
- Não, Siamun. Não vamos correr riscos desnecessários. Você está entregue demais em sua relação com ela e você pode vacilar.
- Não, mestre, isso jamais vai acontecer!

Vendo Siamun-gótico tomar posição ritual segurando seu cajado encantado, os magos se sentaram em roda, deixando-o no centro, e tornaram-se introspectivos. Suas mentes disciplinadas por séculos de engenharia mental concentraram-se em algo. Construíram em segundos a imagem mental de diversos seres nos mínimos detalhes.

Siamun fechou os olhos, abriu os braços, pronunciou versos misteriosos em ordem cadenciada e apontou com o cajado para os quatro pontos cardeais. Girou em torno de si mesmo e parou.

Do lado de fora, na ilha, silêncio absoluto reinava. Nem mesmo grilos e corujas emitiam seus sons costumeiros. Era como se a natureza prendesse a respiração para assistir ao trabalho dos grandes manipuladores das forças invisíveis.

O bruxo abriu os olhos e gritou, como se cantasse uma ária selvagem:

Ouçam, criaturas do Amenti!

Nós as invocamos das profundezas abissais do mundo inferior para virem nos servir!

Apareçam, e cumpram com sua parte para que a Serpente Vermelha, rainha de toda a Terra, finalmente triunfe e todos se curvem a ela!

Em seguida, bateu a ponta do cajado no chão, arrancando um estouro, como se pequena bomba houvesse explodido. Lá fora, no horizonte, um relâmpago iluminou tudo, seguido do distante ribombar do trovão. Continuou:

Venham, criaturas ávidas pela vida!

E nós lhe proporcionaremos a delícia de fruir por mais algum tempo a existência num corpo físico!

Ato contínuo, quatro magos se afastaram e tiraram de uma sacola coisas embrulhadas. Trouxeram para perto uma caixa grande de madeira. Chegaram ao centro da roda, de onde Siamun se afastou, e puseram ali corpos ressecados de cabritos, gatos, cães e pássaros. Despejaram sobre eles um líquido vermelho de cheiro azedo. Finalmente, polvilharam os corpos com um pó branco.

Alguns segundos se passaram em silêncio.

Um vento frio começou a soprar, seguido do barulho de estalos de chicote e pancadas surdas em madeira. Os cadáveres no centro da roda se incendiaram espontaneamente, levantando fumaça e enchendo a sala com cheiro de carne queimada. Segundos depois, sons estranhos, grunhidos, risadas esquisitas, gritos, uivos e berros. Uma legião de seres meio humanos, meio animais, disformes e de fisionomia medonha começou a se tornar visível em volta deles. Eram os autores dos ruídos. Não se materializaram de todo, eram espectros semi-transparentes.

Os magos tiraram da caixa corpos humanos ressecados de homens e mulheres. Espalharam duas dúzias no chão do altar. Despejaram neles um líquido vermelho. Acrescentaram uma cera amarela e puseram as mãos sobre o estranho preparado, entoando frases ritmadas em coro.

Após estalos e lampejos, os seres translúcidos correram ao altar e se comprimiram sobre os corpos. Os cadáveres começaram a emitir um brilho avermelhado, como se houvesse um braseiro dentro deles. Cada ser semitransparente disputou com os outros o corpo que mais lhe agradou, agarrando-o. Esses seres foram sumindo e os corpos começaram a absorver a cera derramada e a se reconstituir, retomando a aparência de vivos. Mais alguns minutos e as duas dúzias de múmias haviam se transformado em homens e mulheres jovens, de corpo perfeito e saudável. Ninguém seria capaz de diferenciá-los de pessoas normais vivas.

Siamun se virou para ir embora. Neshi percebeu imediatamente.

- Aonde você vai?

- Não sei, não quero tomar parte nisso. Estou cansado.

- É só por estar cansado, Siamun?

- É — e saiu, pouco disposto a conversar.

Lago Nasser, Egito

Ilha próxima a Abu Simbel

8 de novembro, 0h39, hora local

Do OUTRO LADO DA ILHA, sentado numa pedra na praia, Siamun se perdia em pensamentos sobre o rumo dado à sua vida. Deixara as galerias de Maha-Ettel da pior maneira. Morrera numa batalha contra o mais sábio dentre todos os sábios: Anfion.

Desde quando conheceu a ciência oculta, milhares de anos atrás, o grande mago sempre o ajudou e apoiou. Tudo começou em Mênfis, sob o reinado do faraó *hykso* Apopi. Era órfão de pai e mãe, e foi pêgo com 6 anos por um feiticeiro inescrupuloso para ser seu ajudante. Quando o feiticeiro morreu, o adolescente Siamun se viu só no mundo de novo e começou a fazer a única coisa que sabia para sobreviver: vender os poucos venenos e remédios cujo preparo aprendeu com o mestre.

Uma vez, vendeu um veneno poderoso a um herdeiro apressado. Os pais assassinados eram nobres, influentes na corte do faraó. O crime foi descoberto e o herdeiro e Siamun foram presos e condenados a serem sepultados vivos. Nessa hora, um bondoso sacerdote o defendeu e pediu ao faraó para levar o rapaz consigo para Tebas. O faraó *hykso*, que não tinha domínio sobre o sul, a parte rebelde do país, não se importou em libertar o jovem criminoso. E assim Anfion salvou-o de uma morte horrível.

Como durante toda a vida ele se dedicou ao estudo das ciências sagradas e deu várias provas de fidelidade à fé egípcia, acabou sendo convidado a entrar para a sociedade secreta de Maha-Ettel. Mas sua natureza violenta nunca deixou de existir. Uns 400 anos atrás, foi convidado por Seneb para integrar a Serpente Vermelha, e se engajou no projeto.

E morreu lutando contra seu maior benfeitor.

Lançado com violência no espaço astral, sua alma carregada de crimes foi fustigada pelas almas vingativas, que aguardaram pacientemente o dia de sua volta para o mundo dos mortos. Muitas partiram noutras direções, nascendo noutros corpos e civilizações, desistindo da vingança. Mas um significativo número não esqueceu e o acompanhou, século sobre século, aguardando o momento da virada da roda da fortuna. Quando esse instante chegou, na batalha do Templo de Osíris, seus perseguidores invisíveis lançaram-se sobre ele como um cardume de piranhas famélicas. Escravizaram-no no espaço astral, torturando-o de todas as formas possíveis, impedindo-o de sair das regiões infernais, repletas de perigos horrendos.

Foram dois anos de sofrimentos atrozes, torturas, doenças, agressões e perseguição num ambiente selvagem, povoado de feras, insetos venenosos, vulcões, tempestades e tufões. Desespero. Terror. Pavor. Com ocasionais minutos de sono e descanso. Dois anos vivendo nesse literal inferno. E sempre perseguido por suas vítimas do passado. A ocupação do corpo de Fernando foi a melhor saída possível para sua

situação aflitiva.

Se Anfion e os Doze Sábios exigiam disciplina e moral rígidas, por outro lado, sempre sabiam apoiar e auxiliar seus discípulos, fazendo-os progredir e obter liberdade proporcional à responsabilidade.

A Serpente Vermelha, ao contrário, não exigia moral alguma, mas filiar-se a ela era um pacto escravizante, cuja submissão tinha de ser absoluta; jamais uma ordem poderia ser descumprida, uma reunião perdida ou uma exigência negociada; vigorava o mais absoluto autoritarismo.

Siamun traiu seus mais antigos companheiros pela liberdade sem fim prometida por Seneb. Agora, a mais disseminada das alegrias humanas — amar outra pessoa - era-lhe totalmente proibida por não interessar às conveniências da organização. Teria valido a pena rejeitar Anfion e seus métodos para escolher uma vida de ódio e crime, em nome de uma liberdade irresponsável e enganosa? Nesse momento, noutro corpo, fora de Maha-Ettel como sempre quis, sentia-se derrotado e menos livre que nunca.

As lágrimas do arrependimento escorriam como ácido pelo rosto contraído. Aproximou-se de uma poça de água parada e viu-se refletido nela. Ao ver o próprio rosto, isto é, o de Fernando, teve um instante de desespero, por nem mesmo fisicamente conseguir se reconhecer. Desejando interromper as estatísticas deprimentes do próprio fracasso, o bruxo voltou-se para seu interesse do momento. Tirou de uma dobra da túnica um *ushabt*i, estatueta egípcia de um palmo de altura, representando uma mulher. Posicionou-a de pé na areia e fechou os olhos. Murmurou frases e ergueu o cajado mágico em movimentos rodopiantes.

- Poderosa Ísis! Dê-me a visão daquilo que está longe e que meu coração almeja saber! — deu vários passes longitudinais sobre a estatueta e repetiu três vezes: — Ó, Divina Esposa de Osíris, quero ver o que meu coração mais deseja! Abra-me os canais sutis da Visão Sagrada através das fibras da matéria densa!

Sem perceber, Siamun fora seguido. Escondido atrás de um arbusto ressecado, uns vinte metros atrás, estava Neshi, observando cada movimento.

Siamun polvilhou um pó branco em torno da estatueta, criando um círculo. Dessa área levantaram-se vapores rosados, esbranquiçados e amarelados. No meio deles surgiu uma figura feminina, deitada no chão, dormindo, com machucados no corpo.

Era Mirella.

O olhar sonhador pousou nela, provocando-lhe novos questionamentos sobre si mesmo: o que, afinal, estava acontecendo com ele? Por mais que tentasse se manter lúcido e racional, seus pensamentos se desviavam para ela. Não queria amar Mirella, não podia amar uma mortal. Isso significava buscar a infelicidade. Em meia dúzia de décadas ela seria uma velha corcunda e cansada, interessada apenas na própria saúde. Amar era desejar intensamente. Desejar intensamente era querer a

posse. E querer a posse de um corpo perecível era condenar-se à futura frustração. Esses pensamentos autocríticos eram torpedeados pelas emoções. Amava Mirella. Queria possuí-la, beijá-la, aninhar-se em seu peito, agarrá-la com força, sentir sua pele, sua respiração, percorrer os detalhes de suas formas, fundir-se com ela num corpo único, inseparável. Felicidade sem fim. A alegria de amar sem pensar em nada.

Siamun revivia várias vezes por dia cada segundo da noite que passaram juntos no Cairo. Volúpia. Sexo. Prazer. Alegria. Felicidade sem explicação! Não importava nada nem ninguém. Importava eternizar momentos como aquele. Sentir-se vivo. Vivo e feliz como não conseguira ser havia mais de trinta séculos!

O bruxo estava dividido em dois. O Siamun-razão criava a argumentação lógica capaz de convencer pelo raciocínio, dando entusiasmo aos próprios princípios de sobrepor o pensamento sobre as emoções. Mas o homem-razão via sua elaborada construção intelectual varrida pelo vento tempestuoso do Siamun-paixão, surdo e entregue aos impulsos do amor desenfreado. Era como observar um outro "si mesmo" fazendo algo com o que não concordava.

- Eu jamais a machucarei, meu amor. Não importa o que jurei à Serpente Vermelha e ao conselho de demônios, isso agora nada mais me significa. Diga-me onde fica Zerzura e chegarei primeiro para salvá-la. Não deixarei ninguém ocupar seu corpo!

Neshi apertou os lábios, enfurecido com a traição. Seu discípulo estava apaixonado por uma mortal! E tinha a audácia de traí-los minutos após jurar fidelidade no culto satânico.

- Como pôde Siamun permitir-se isso? — murmurou para si mesmo. Siamun - refletiu Neshi — fora avisado diversas vezes de que o corpo que agora ocupava era jovem; os pensamentos e sentimentos do antigo dono lhe voltariam freqüentemente, e ele deveria combatê-los até estar no controle integral do cérebro. Deixou um impulso atrapalhar os planos de todos, algo tão indigno para um mago! Como aceitou ser preso numa armadilha tão elementar, onde só mortais se prendem? Fizera mal em destinar a Siamun a tarefa de seduzir a garota para conseguir informações. Ela sabia muito do Antigo Egito e dos papiros, é verdade, mas o efeito fora contrário. Agora Siamun era um traidor, querendo chegar a Zerzura primeiro. E a garota, sob influência de Sitra, conseguiria o que quisesse dele. A tática fora perigosamente invertida.

Os pensamentos do bruxo-chefe foram interrompidos pelo prosseguimento do ritual.

- Vamos nos amar agora, minha querida! — disse Siamun apaixonadamente para Mirella, dormindo na tenda. Estendeu as mãos para o corpo deitado e aplicou-lhe uma projeção de luz alaranjada que partiu da palma das mãos.

A luz, como se fosse viva, moveu-se para a cabeça de Mirella, envolvendo-a como um capacete. Quando ele ia tocar a região entre as sobrancelhas com o dedo

indicador, um estranho fenômeno se deu. O capacete alaranjado explodiu, desintegrando-se na atmosfera com forte estrondo, como de rojão ao explodir. Siamun cambaleou para trás. De Mirella, ainda dormindo, partiu uma forte irradiação azul-clara, lembrando a aparência dos anéis de Saturno, que foi se expandindo em alta velocidade.

Na área circular polvilhada, a fumaça com a imagem de Mirella desapareceu, e Siamun ficou olhando para a estatueta e para os lados, desorientado. Quase instantaneamente, no céu ocidental uma estrela cadente brilhou. Ao invés de cair, a faísca celeste veio ziguezagueando na direção da ilha em velocidade espantosa. Antes de Siamun ou Neshi poderem fazer algo, o jato de luz ígnea, lembrando um relâmpago alaranjado, atingiu Siamun no peito, produzindo som de explosão.

Siamun caiu de costas.

Foi possível ouvir, vindos não se sabe de onde, gritos, berros, gargalhadas ensandecidas, uivos e xingamentos. Em segundos o vozerio diabólico diminuiu e desapareceu.

Obruxo estava morto. O feitiço fora repellido pela potente magia de Sitra, voltando para seu autor. O contragolpe fora fatal e a alma de Siamun era jogada novamente numa região agressiva do espaço astral, povoada de pessoas iguais a ele: seus rancorosos inimigos.

Neshi assistiu a tudo impassível. Um minuto depois, chegou ao corpo morto e examinou-o. Constatada a morte, Neshi ficou pensativo, olhando o cadáver. O corpo adquiria palidez de forma incrivelmente rápida, como se instantaneamente transformado em estátua de mármore branco. O rosto assumiu a expressão tranqüila e grave, graciosamente leve dos que rasgaram o véu da existência e entraram no insondável mundo invisível. Uma tranqüilidade que Siamun não tinha havia alguns séculos, desde quando começara a se rebelar contra o sistema de vida liderado por Anfion.

— Para onde você voa, espírito imortal que animou este corpo? — comentou Neshi, observando pensativo como o cadáver iniciava a decomposição em processo acelerado.

Despiu o falecido totalmente, carregou-o até à margem e atirou-o nas águas calmas do lago. Com tranqüilidade, voltou para o salão do culto demoníaco. Ao chegar, viu os magos e os seres materializados inteiramente nus, deitados nos bancos, nas mesas e em tapetes no chão, em grupos, entregues à mais louca orgia. Cheiro de suor misturado a álcool enchia o ambiente. Despiu-se e juntou-se a eles.

Incubos e súcubos, isto é, espíritos demoníacos com formas masculinas e femininas, desesperados por viver o que no mundo terrível do Amenti não lhes era proporcionado, se entregavam aos prazeres lascivos com os bruxos. Era uma oportunidade raríssima de se sentirem habitando novamente um corpo físico e de se

divertirem com os corpos jovens e bonitos dos magos e dos ocupantes de corpos.

A orgia e a embriaguez duraram a noite inteira.

Com os primeiros raios do Sol nascente, a bruma desapareceu e os corpos dos incubos e súcubos começaram a se desmaterializar. Em menos de dez minutos após o despontar do disco solar no horizonte, dois grupos estavam separados: bruxos exaustos de um lado e almas etéreas, ansiosas por mais prazer, do outro.

O amanhecer fechava a brecha entre os dois mundos, obrigando os viciados em prazer a voltar ao reino das sombras.

Lençol de areia de Selima, Sudão

8 de novembro, manhã

Pouco TEMPO APÓS o ALVORECER, o libertador de escravos e seus protegidos avistaram um concentrado de vegetação seca na planície arenosa de Selima, no Sudão, a meio caminho do Lago Núbio. Após atravessarem essa área de arbustos e arvoretas sem folhas, começaram a ver precários casebres amontoados. O lacônico condutor rumou para lá aceleradamente, seguido por seus exaustos alforriados.

- Qual é o nome deste lugar? — quis saber um escravo.

- É um pequeno campo de refugiados — esclareceu o homem de preto. — Pararemos para dar água aos animais e descansar.

O lugar era um pequeníssimo oásis. Entre as rochas brotavam fontes e lagos, cujos cursos d'água eram, algumas dezenas de metros adiante, completamente absorvidos pela areia do deserto. Nesses poucos metros quadrados úmidos havia vegetação verde. Em torno desse presente da natureza, erguiam-se umas cinco centenas de barracos precários, de plástico preto e palha sobre armações de madeira e arame. Formando um cinturão externo e irregular, a galharia de arbustos secos se estendia por centenas de metros, obstruindo a visão dos barracos.

As pessoas dali eram escravos libertos e famílias fugidas da perseguição governamental sudanesa. O aspecto da maioria era deplorável. Crianças magérrimas com barriga grande, adultos parecendo esqueletos pretos. Enfraquecidos, muitos não conseguiam ficar em pé por mais de alguns minutos.

- Há meses eles fazem só quatro refeições por semana - esclareceu o libertador de escravos. — Estão sobrevivendo comendo as cabras, únicos animais capazes de comer as cascas dessas plantas — apontou os arbustos.

- E os camelos e essas palmeiras? — perguntou um escravo.

- As palmeiras dão tâmaras uma vez por ano. Os camelos eles já comeram todos.

O homem de preto foi recebido com alegria pelos refugiados. Parecia bem conhecido. Conversando com as pessoas, distribuiu alguns remédios de sua inseparável sacola e pediu informações.

Cavalos e escravos do Yale dos Escorpiões beberam à vontade, enquanto estes

últimos pensavam como sua vida de escravidão — por mais estranho que fosse pensar assim — fora melhor que a desses fugitivos.

- Observem com atenção o acampamento - o feiticeiro falou a todos com sua maneira enérgica — Todos os que vivem aqui fogem da perseguição do governo. Alguns estão planejando ir para o Chad, outros para o Egito, Líbia e outros países. Quem quiser pode ficar para seguir com esses grupos. Eu irei com eles — ele apontou os alunos — para o Lago Nasser, no Egito.

Os escravos, meio desorientados e descrentes da alforria fácil, se dispersaram na busca de informações de caravanas e de possíveis conhecidos.

- Vocês venham comigo! — o homem ordenou aos três e, sem esperar réplica, dirigiu-se à borda do acampamento, onde perguntou alguma coisa a uma menina. Esta apontou para um pequeno estábulo vazio, coberto e cercado com folhas de palmeiras.

- Por que não podemos ficar com os outros? — Christian falou em tom agressivo para o homem.

- Olhem! — ele apontou o interior do estábulo.

Ao entrarem, tiveram uma emoção imprevista. Lá estava de pé o professor Manccini, que veio ao encontro deles. O professor, apesar de alertado de como encontraria seus estagiários, ficou perplexo ao vê-los queimados de sol, cheios de machucados, cabelos despenteados e mais magros. Tinha consigo pequena mala. Não mostrou alegria ao vê-los. Censurou-os por desobedecerem-no e se arriscarem tanto. Eles explicaram tudo o que ocorreu, desde quando encontraram o aqueduto, quando se perderam da caravana, e os horrores da escravidão. Manccini foi ficando cada vez mais pálido com o relato.

- E você, quem é, afinal? — Christian desferiu a pergunta olhando nos olhos do feiticeiro libertador, como a não admitir mais a negação da resposta. — Por que nos salvou e ainda foi buscar o professor em Wadi Halfa para nos encontrar? Responda! O homem silenciosamente desenrolou os véus que cobriam o rosto. Nada poderia ser mais surpreendente. Cabelos lisos e magnificamente brilhantes rolaram pelos ombros.

- Leyla?! — desacreditou Márcio em seus próprios olhos, num arroubo eufórico.

- Você não morreu no hotel?! — lembrou Mirella sem entender.

Christian entendeu que o feiticeiro libertador de escravos era a odalisca de dança do ventre baleada pelo gótico no quarto de Márcio, no Cairo. Não chegou a conhecê-la.

- Quem é você? — Márcio não mais se conteve. — Como você fez aquela encenação toda no hotel? Você combinou isso com Mirella e o gótico? — antes de Leyla falar, ele recomeçou, olhando para Mirella: — Essa brincadeira não teve a menor graça. Não se faz uma coisa dessas. Fomos até à polícia, Mirella! Como você...

- Não foi nada disso! — Leyla o interrompeu. — Leyla Mahmud é um pseudônimo para quando estou no mundo exterior — falou com voz feminina, sua voz natural. — Meu nome verdadeiro é Sitra. Sou discípula de Thais, a Grã-Sacerdotisa de Ísis. Fui enviada pelo Conselho dos Doze Sábios de Maha-Ettel para acompanhá-los.

Os três ficaram sem palavras. O professor, a julgar pela naturalidade de sua expressão, já estava ciente de tudo. Vendo a boca aberta e o pasmo de Márcio e Mirella, ela soltou uma gargalhada divertida.

- Se eu não fosse imortal, como poderia ter sobrevivido aos tiros? — ergueu uma faixa do tecido azul da túnica, à altura do estômago, e mostrou uma cicatriz vermelha, do tamanho de uma azeitona pequena, na região do duodeno, e outra, abaixo do seio esquerdo, e a terceira, meio palmo abaixo da clavícula direita.

Sitra..., Mirella pensou. *Onde já ouvi esse nome?*

Márcio se sentiu confuso; Sitra, Leyla e o feiticeiro libertador eram e não eram a mesma pessoa.

Christian lembrava-se de tê-la visto em Maha-Ettel, sem conseguir lembrar-se onde. De fato, raciocinou, não seria possível a um mortal comum comandar escorpiões. Mesmo se tivesse usado um produto químico repelente, não poderia escolher quais pessoas não ferroariam. Era uma sacerdotisa de Maha-Ettel, sem dúvida.

- Você estava mexendo nas minhas coisas e ia... "ficar" comigo... — Márcio disse desorientado, sentindo certa emoção ao rememorar a noite que deveria ter sido divertida e terminou em tragédia.

- Eu estava querendo ter certeza de serem vocês. Precisei enganá-lo para poder me aproximar e descobrir o que vocês já sabiam e por que voltaram ao Egito.

- Nunca imaginei uma sacerdotisa agindo como prostituta para conseguir alguma coisa - disse Mirella, sem se preocupar em ser delicada.

- Não agi como prostituta porque não cheguei nem chegaria a passar a noite com ele. Mesmo porque não preciso de dinheiro.

- E como você sabia que Márcio ia assistir ao concurso de dança do ventre naquela noite? — duvidou Christian.

- Que sacerdotisa de Isis eu seria se não conseguisse prever um fato tão simples? — ela jogou graciosamente uma mecha do brilhante cabelo negro atrás do ombro e continuou: — No mesmo dia da partida de vocês das galerias, há dois anos, Anfion pediu a Thais para acompanhá-los à distância. A Mestra previu o retorno de vocês, assim como novas investidas da Serpente Vermelha contra Maha-Ettel. Então, começamos a nos preparar. Quando Thais leu as estrelas, viu a chegada de vocês, a escravidão e algumas outras coisas por acontecer nos próximos dias, encarregou-me de escoltá-los. Essa é minha missão até as intenções da Serpente Vermelha estarem claras para os meus mestres.

- O senhor sabia disso, professor? — interpelou Márcio.

- Em Halfa ela me mostrou alguns sinais inconfundíveis de que está mesmo a serviço de Anfion.

Márcio teve emoções contraditórias. Seu mais forte sentimento era também o menos compreendido: a frustração de não saber se Leyla iria tratá-lo agradavelmente como naquela noite ou se manteria a altiva frieza agora mostrada. Desde quando a viram no Vale dos Escorpiões, ela não lhe dirigiu um único olhar especial. Se estava feliz por estar viva, sentia-se estranho por ela não ser verdadeira. Observava-a extasiado. Como era linda! A pele branca e macia, os seios erguidos, o rosto de talhe perfeito e os grandes olhos enérgicos e brilhantes. E aqueles quadris que ondulavam durante a dança do ventre de uma maneira como nem nas escolas de samba ele tinha visto.

- Mas... — murmurou Christian — Seneb foi morto, os demais bruxos foram enviados para longe e até o deus Seth foi levado para um local distante...

Sitra meneou a cabeça:

- Seth não é um deus, é o espírito de um morto como qualquer outro. Enganou os sacerdotes dizendo-se ser o deus. Os deuses não são nem nunca foram almas humanas. Em nossas prospecções, temos notado o ressurgimento de diversos magos mortos na confrontação no Templo de Osíris. Quem se molhou com o sangue negro da morte teve seu *ba* jogado no espaço astral. Mas alguém, não sabemos ainda quem, está trazendo-os de volta.

- Como podem estar trazendo de volta os mortos? — Mirella ficou curiosa.

- Há várias maneiras de fazer isso. Se o *ba* se materializar e nesse instante for jogado nele o fogo líquido de Osíris, o corpo se reconstituirá imediatamente, sem perda de nem um fio de cabelo.

- Eles também têm o fogo líquido de Osíris para fazer isso? — duvidou Christian.

- Tinham. Quando um deles fugiu antes da batalha do templo, levou consigo uma grande porção do líquido. Mas Thais e Neferaba, meus maravilhosos mestres, localizaram essa porção e conseguiram neutralizá-la quase totalmente, apesar do grande esquema defensivo da Serpente Vermelha. Contudo, uma pequena quantidade restou e eles certamente já a usaram para trazer de volta pelo menos quatro rebeldes.

- E isso é suficiente para prejudicar Aníon e todos vocês lá de baixo? — questionou Márcio, apontando para o chão. Não conseguia prestar total atenção à conversa. Dividia-se entre o assunto e a reviravolta de sentimentos e vontades.

- Não, mas não pretendem só nos assaltar. Seu objetivo é também mudar o mundo aqui fora. Estão usando o processo Benu para trazer os outros magos de volta. Algo muito grande está por vir. Não se trata de apenas entrar de novo nas galerias secretas e roubar o fogo líquido de Osíris ou conseguir coisas pequenas; numa sessão especial de previsão, notamos algo muito grande sendo preparado envolvendo diversos povos e armas de destruição terríveis. Infelizmente, não conseguimos saber maiores detalhes.

- Então por que Fernando tentou te matar? - interessou-se Mirella.
- Durante muitos anos fui treinada para missões como esta, mas nenhuma era tão audaciosa assim — Sitra declarou sentada no chão de areia. — Com a intuição que desenvolvi, consigo mapear, se assim posso dizer, todo o ambiente. Sei como está o clima, a posição dos planetas, quantos seres vivos estão em volta de nós, quem é hostil e como essas coisas mudarão nos próximos dias. Mas não fui rápida o bastante aquele dia no hotel e Siamun, que sabe de tudo isso, conseguiu atrasar minha tarefa. Por isso a profetizada escravidão de vocês se cumpriu.

- Siamun? - Mirella não entendeu.

- Quando você chegou com seu amante ao hotel no Cairo — acrescentou, olhando para Mirella — instantaneamente reagi, sentindo a aproximação de uma presença agressiva e perigosa...

- Ele é mesmo perigoso — interrompeu Márcio.

- Demorei a entender, pois não o reconheci. Quando abri a porta, ele me reconheceu imediatamente e atirou em mim, para ganhar tempo e obter de vocês o máximo de informação.

Sem entender nada, os três fizeram uma fisionomia de espanto.

- Você o conhecia? — desconfiou Christian.

- Siamun? Sim, desde quando entrei em Maha-Ettel. Talvez vocês também o tenham visto.

- Não estamos falando da mesma pessoa — interrompeu-a Mirella. — Meu namorado se chama Fernando. Talvez você não se lembre direito. Foi tudo rápido para você.

Sitra deu um leve sorriso triste.

- Mirella, ouça. Aquele não é seu namorado Fernando. Ele é Siamun, um dos magos mortos durante a batalha do Templo de Osíris. Neshi usou o processo Benu em Fernando: Siamun é o *ocupante do corpo* de Fernando.

Diante da insólita afirmação, o rosto dos três ficou petrificado. Christian quis ter certeza:

- Como pode ser isso? Fernando é esse Siamun?

- Não. O verdadeiro Fernando está morto. Siamun está enganando vocês. A alma de Fernando foi expulsa do corpo e a de Siamun entrou em seu lugar, através de um método complicado, o processo Benu. Ele é um *ocupante de corpo*. Entendem porque tive de armar tudo isso para reencontrá-los? Não é possível não terem percebido grandes diferenças nele ultimamente.

- Mentira! — gritou Mirella transtornada. - Você está inventando isso porque ele tentou te matar! Você é uma prostituta procurada pela polícia! Mentirosa!

- Mentira?! Não me diga que não percebeu um cheiro de cadáver exalando dele? E que come três vezes o que uma pessoal normal come?

E prefere carne crua a qualquer outra comida? Além de não entrar em igrejas, mesquitas ou qualquer local religioso? Ele não se sentia incomodado durante as cinco vezes por dia em que o povo faz orações?

Mirella se lembrou dessas coisas e reconheceu para si mesma serem verdadeiras. Tudo isso ela vira após o aparecimento de Fernando no Cairo.

Sitra se levantou e voltou com uma bacia velha de alumínio toda amassada e uma garrafa de água. Jogou a água na bacia e fechou os olhos. Aproximou-se de Mirella e tocou-a no braço. Passou a mão várias vezes sobre a água. Falou algumas palavras em egípcio antigo e gesticulou sobre a bacia. Subitamente, abriu os olhos e disse enérgica para Mirella, apontando para a bacia:

- Olhe!

Os homens olharam, sem entender o que deveriam ver. A água começou a apresentar borões coloridos semitransparentes, móveis.

- Não é possível! — exclamou Manccini.

- É o Fernando! — completou Christian.

Mirella virou-se e olhou. O que ela viu nesse instante a marcaria pelos próximos vinte anos. Um Fernando semitranslúcido, parecendo enlouquecido, corria atrás de outro Fernando, exatamente igual, bem sólido e material, caminhando pelas ruas de uma cidade. Nem o gótico material nem os demais transeuntes percebiam o gótico fantasma. Este último falava, gesticulava, por vezes chorava, por vezes esmurrava o gótico de carne e osso, sem este sentir qualquer coisa.

- Ele está morto - declarou Sitra solene. — E não aceita essa situação. Quer seu corpo e sua juventude de volta. Mas Siamun e Neshi jamais os devolverão - olhou-os dramaticamente. — E querem fazer o mesmo com todos vocês. Entendem porque *tenho* de protegê-los?

Christian e Márcio se arrepiaram com a notícia. Mirella chorava compulsivamente. Manccini olhava a bacia extático.

- Não se aflija tanto assim — Sitra se dirigiu a ela. — O verdadeiro Fernando nunca a amou de verdade. Estava com você para entrar na pesquisa. Deixe-o seguir seu caminho. Se um dia tivermos oportunidade, nós o chamaremos para conversar.

Mirella, de mau humor, ficou calada como uma coruja. Márcio e Christian explicaram resumidamente o que encontraram no aqueduto de Senusret III e suas suspeitas na região das crateras.

Sitra ouviu tudo quieta. A mente rápida e bem informada processou todas as informações, estabeleceu relações entre os fatos, a conformação dos astros lidas muitas vezes nos anos anteriores, os últimos movimentos dos bruxos da Serpente Vermelha, as cenas presenciadas com a Visão de Isis e as ordens e sugestões dos sábios de Maha-Ettel recebidas antes de partir para essa missão. Numa fração de segundo, orquestrou os dados, olhando o vazio, como se percebesse estar diante de

algo muito grave. Olhou de volta para eles e declarou, convicta:

— A Serpente Vermelha está procurando a Cidade Branca! Ah... — ela suspirou meio esgotada, sentando-se na areia, ainda mais pensativa. — Por essa eu não esperava...

Lençol de areia de Selima, Sudão

8 de novembro, fim da manhã

- CIDADE BRANCA... — Márcio quebrou o silêncio com desdém. — Bom, nós estamos procurando o caminho de casa! E nem cidade branca e de nenhuma outra cor nos fará encontrar aqueles bruxos de novo. Espero ter o apoio de todos os lúcidos...

- Vocês encontraram as fornalhas para fundir metais perto de Kush, não foi? — arriscou Sitra. — Eles provavelmente já sabem.

- Quem sabe? — quis saber Mirella.

- A Serpente Vermelha! Em Maha-Ettel, todos sempre soubemos da Cidade Branca, mas ninguém sabe onde fica o lugar. Agora, com todas essas pesquisas e mais o papiro roubado, vocês a encontraram para eles.

- Não estou entendendo nada - observou Christian.

- Se vocês se lembram, o Egito civilizado começou com as primeiras colônias adantes, uma delas fundada pelo grupo de sacerdotes de Anfion. Antes de eles saírem do reino de Azdan, o continente estava mergulhado em guerras e disputas de poder. Os sábios dos templos de diversos reinos previram o fim do continente e decidiram tomar providências.

Ela pigarreou e prosseguiu, arrumando uma mecha de cabelo atrás da orelha.

- Regularmente havia a reunião da Confederação dos Templos. Cada templo de cada reino enviava uma delegação ao Templo do Sol, em Poseidônias, a capital fabulosa de Aztlan, o reino mais rico de todos, cujo nome passou ao continente inteiro. Numa reunião, a Confederação assumiu alguns compromissos e, entre eles, o de encerrar a poderosa Luz... — ela gaguejou — bem... várias coisas, inclusive as arcas com o *mafukizti*, numa colônia distante, livre das conquistas e dos povos bárbaros que ameaçavam a paz em Aztlan.

- Essa colônia era o Egito? — arriscou Manccini.

- Sim. O pó *mafukizti*, produzido desde aquela época, foi guardado em grande quantidade e trazido para cá, onde ficou escondido nos templos até a época dos faraós. Novas fontes minerais foram descobertas e ele voltou a ser produzido. Mas os sábios da Confederação sabiam que situações especiais poderiam surgir antes de o Leão nascer de novo no equinócio...

- Como? — estranhou Christian. — Leão nascer onde?

- Na época da Confederação, a constelação hoje chamada de Leão nascia junto com Ra, o Sol, no dia do equinócio de primavera (aqui no hemisfério norte é o dia 21 de março do calendário de vocês). Esse dia sempre tem duração igual à da noite. Nessa posição dos astros foi feito um encantamento poderosíssimo, reunindo centenas de magos de todo o continente. A colônia da Terra Vermelha, futuro Egito, foi escolhida para sediar o *mafukizti* dentro dela e algumas outras coisas. No nascer de Ra no equinócio de um certo ano, os magos vieram para cá e fizeram o Pacto Atlante: um poderoso feitiço que isolou Zerzura do mundo exterior. Ele só poderá ser desmanchado quando o Leão nascer novamente no equinócio de primavera, daqui a mais de 13 mil anos.

- Você falava de situações especiais, quando é possível entrar — lembrou-a Mirella.

- Exato. Os sábios do Pacto previram circunstâncias especiais, quando alguém poderia precisar entrar em Zerzura antes do Grande Giro de Ra se completar.

- Grande Giro de Ra?

- É a passagem das doze constelações pelo equinócio de primavera. Isso leva 25.920 anos. Como parece que Ra, o Sol, passa por elas, chamou-se de "Grande Giro de Ra".

- Onde o Sol nasce hoje no equinócio de 21 de março? — quis saber Christian.

- No Aquário, por isso dizem aqui fora que estamos na Era de Aquário. Os sábios, usando o próprio pó *mafukizti* e uma liga de metais só conhecida por eles, forjaram uma arma capaz de abrir uma brecha no encantamento isolante de Zerzura. Essa arma se tornou uma relíquia sagrada e, por ser guardada nos templos do Egito e ter capacidades especiais, recebeu o nome honroso de *kopesh* de Hórus, o deus filho de Osíris e Ísis. Logo depois, foi copiada pelos artesãos de todo o país e usada como arma.

- Então essa foi a razão de você nos salvar da escravidão — deduziu Christian. — Deciframos os papiros que nem Maha-Ettel sabia onde estavam e você quer nossa ajuda para chegar primeiro ao *kopesh* de Hórus, a única coisa capaz de abrir uma passagem para Zerzura nos próximos 13 mil anos.

- Quero a ajuda de vocês não só para encontrar o *kopesh*, mas também Zerzura. Os papiros, até onde pude saber, fazem essa indicação. Quero ajudá-los a decifrar o que falta e podemos ir juntos nessa busca. Vocês, por motivos científicos, eu, para impedir a Serpente Vermelha de chegar primeiro.

Christian ergueu as sobrancelhas, olhando para os amigos, um pedido não verbal de opinião.

Como permaneceram mudos, ele se voltou sozinho para Sitra:

- Meu problema pessoal — quero ser sincero com vocês todos — é meu único interesse agora. Se não provar minha inocência, não posso voltar ao Brasil em

liberdade. Talvez Mirella, Márcio e o professor queiram continuar. Somos imensamente gratos por nos tirar da escravidão, mas não tenho condições de enfrentar a Serpente Vermelha. Para mim, seus colegas de Maha-Ettel deveriam estar aqui te ajudando, não nós. Estou fora!

Sitra jogou o cabelo para trás com um gracioso gesto e se aproximou, olhando-o nos olhos.

- Meu amigo, você parece não ter entendido...

- Certamente há muito para entender — ele retrucou. — Mas preciso voltar para o Cairo. Não tenho condições de continuar a pesquisa e muito menos de apoiar você em sua guerra de magos. Anfion e sua mestra Thais, tão poderosos e sábios, como você mesma diz, deveriam estar aqui para te ajudar, não nós.

- A coisa é muito mais urgente, Christian! Anfion, Thais e outros estão fazendo o possível para descobrir em outros lugares. Não estou sozinha. A questão é: o que vai acontecer *com vocês*? Os terroristas acham que vocês sabem onde está o caminho do chacal, a entrada para Zerzura. Não errarão de novo como fizeram no museu, matando a pessoa errada. Estou lhes propondo um acordo: permaneçam comigo e me ajudem a chegar antes deles a Zerzura. E eu os protejo e tentarei recuperar a prova da sua inocência.

Os arqueólogos ficaram pensativos. Muitas variáveis. Muitos riscos. Poucas certezas.

- Na sua opinião, o que vai acontecer se formos embora? — quis saber Márcio.

- Vocês serão capturados aqui, no Egito, na Inglaterra ou no Brasil. Depois, serão forçados a dizer tudo o que sabem. Se eles não acreditarem, irão matá-los. É isso. Você já viu as coisas terminarem de outro jeito com assassinos internacionais?

Subitamente, Christian se lembrou:

- Então o professor Manccini está correndo o mesmo risco.

- É claro que está! — vendo a indecisão no olhar deles, a sacerdotisa exigiu. — Vocês devem escolher se ficam comigo ou se voltam para Wadi Halfa. Se voltarem, não poderei mais protegê-los. Escolham.

- Não e não! — protestou Manccini. — Chega de aventuras irresponsáveis! Vamos entregar o caso de Christian às autoridades e testemunhar o que temos visto. E esta pesquisa ficará adiada até termos condições de voltar em segurança. Olhem! - mostrou o celular. — O sinal aqui falha sem parar, não temos nem como pedir ajuda numa emergência.

- Eu volto para Wadi Halfa assim que conseguirmos as provas que Christian precisa - declarou Márcio surpreendendo a todos.

- Se Christian decidir ficar, fico com ele até o final, professor - declarou Mirella quase solene.

Sitra cobrou Christian:

- E você?

- Ele vai embora agora! — Manccini respondeu por ele.

Christian pensava e pensava. Precisava ficar e tentar por si mesmo

salvar a própria situação, mas ele e seus amigos seriam capazes disso? Virou-se para Manccini, pondo-lhe a mão no ombro:

- Professor, voltem todos para Wadi Halfa. Vou com Sitra até o fim. Minha mãe e minha irmã também estão ameaçadas. Se eu desistir agora, irei direto para cadeia no Brasil. Ou talvez fique preso no Egito e nem seja deportado.

Seguiu-se um falatório e Manccini foi o único que insistia em voltar. Márcio já tinha se arrependido da decisão, mas tinha vergonha de falar. Mirella viu a oportunidade de fazer por si mesma coisas que os homens não estavam conseguindo.

- Está bem — Manccini rendeu-se.

Sitra respirou aliviada.

- Acredite, doutor — olhou Manccini nos olhos — todos vocês estão mais seguros aqui do que por conta própria. Vamos comer alguma coisa enquanto estabelecemos um plano de emergência.

Lençol de areia de Selima, Sudão

8 de novembro, fim da manhã

ENQUANTO MASTIGAVAM PEDAÇOS de pão e queijo, Manccini não conseguia aceitar a escravidão que imperava naquela parte do mundo.

- Sitra, você já sabia que existe escravidão aqui no Sudão? — começou.

- Sim. Uma das minhas tarefas era impedir o encontro de vocês com os traficantes de escravos. Mas Siamun foi mais esperto e me afastou — ela pareceu mais calma que nunca. — Há mais de trinta anos a escravidão existe aqui. Na verdade, *todos* os países da Africa têm hoje algum tipo de escravidão.

- Todos?! — admirou-se o professor.

- Todos. Há todas as modalidades de escravidão que você puder imaginar: trabalho forçado, rapto de mulheres para serem obrigadas a se casar com seus raptos, escravidão sexual de mulheres e crianças e até rapto de homens que, para deixarem de ser escravos, têm de casar com a filha do raptor.

- E as autoridades? Não fazem nada? - questionou Mirella.

- Elas têm pouco ou nenhum interesse em resolver o problema. Estes povos recém-saídos da vida tribal não têm valores humanitários como os povos ocidentais. Aqui no Sudão muitos homens do governo têm escravos.

- Mas, se vocês de Maha-Ettel sabem dessas coisas, por que não acabam com isso? — objetou Christian à calma com que Sitra relatava. — No Vale dos Escorpiões você poderia ter libertado todos os escravos, não só a minoria com coragem de

chegar até você.

Sitra sorriu e jogou os cabelos macios para trás.

- Quando, há três mil e setecentos anos, comecei a trabalhar nesta parte do mundo, meu primeiro impulso foi combater essa e outras formas de injustiça. Disse à minha mestra o que você acabou de me dizer. Ela respondeu: "Vá e faça do seu jeito, depois volte para me contar os resultados." Fui e libertei muitos escravos, prendi criminosos e principalmente dei alimentos e remédios para os miseráveis. Mas eu estava muito longe de compreender como povos e pessoas evoluem, e quase tudo o que fiz virou nada poucos anos depois.

- Por que virou nada? — quis saber Mirella.

- As pessoas e as nações não precisam de alguém para decidir por elas nem lhes dar esmolas. Um povo, assim como um indivíduo, precisa de duas coisas: oportunidade e educação. A educação serve para descobrir e usar a oportunidade. O esforço de educar-se e de usar a oportunidade deve ser feito pela própria pessoa, e não dado de presente. Vocês lembram de uma senhora de cabelos grisalhos, escrava junto com vocês?

- Hakok? — Christian se lembrou da mulher precocemente envelhecida que tanto o penalizara.

- Ela. Conheço-a desde quando tinha 2 anos de idade. Esta é a terceira vez em que é escrava...

Era estranho para eles ouvir uma jovem aparentando vinte e poucos anos dizer que conhecia uma idosa desde quando era criança.

- Por que você não a trouxe conosco? — interrompeu Christian.

- A velha Hakok foi escrava pela primeira vez quando tinha 13 anos. Trabalhou duro e serviu como prostituta ao seu senhor, a quem ela odiava. Eu a conhecia e desde essa idade a apoiava, dando-lhe remédios, comida e outras coisas. Planejamos sua fuga e ela escapou num ônibus para Nyala, uma cidade ao sul. Com o dinheiro que lhe dei, comprou uma casa na cidade e passou a viver lá de trabalhos manuais. Apesar de pobre, era bonita e casou-se com um fazendeiro. Em poucos anos, ela e o marido escravizaram mais de duzentas e trinta pessoas, e ficaram ricos. Nessa época quase não havia escravidão aqui.

- Mas só por isso...

- Na década de 1980 veio a guerra civil. Perderam a fazenda. O marido e o filho foram mortos e ela, escravizada de novo, por mais nove anos. Reencontrei-a em Al Fashir, cidade próxima de Nyala. Comprei-a de seu senhor e disse que se ela voltasse a escravizar alguém, não mais a ajudaria. Conduzi-a de volta a cavalo até Nyala e dei-lhe parte do ouro trazido de Maha-Ettel. Ao chegarmos lá, ela me envenenou pondo três cobras em minha cama, e roubou tudo o que eu tinha.

Sitra fez uma pausa, bebeu um gole de água e prosseguiu.

- Obviamente, ressuscitei mais tarde. Estava num terreno abandonado onde ela me jogou. Voltei a observá-la, pois minha missão era saber como era a escravidão na região. Ela sobreviveu como pôde. Ano retrasado, quando ia ao Vale dos Escorpiões comprar escravos, sua caravana foi assaltada, todos os homens, mortos, e as mulheres, escravizadas.

Os três olhavam para ela admirados com a história chocante. Márcio nem ouvia, parecia hipnotizado pelas imagens do *laptop*.

- Sabem o motivo de a velha Hakok não fugir conosco? — ela sorriu. — Para a sorte virar e *ela* se tornar senhora de escravos outra vez! A diferença entre ela e um *janjamed* é apenas a oportunidade.

- Mas isso é *um* caso — objetou Mirella. — Nem todos os escravos da África são assim.

- Todos não, sem dúvida, mas milhares. O que eu quero dizer é que, enquanto a escravidão for considerada normal pela população, não há como fazer essa revolução que vocês querem. Se povo e governo são corruptos e cruéis, qualquer um que mude isso sozinho estará à beira do Nilo jogando uma caneca de água para o sul enquanto o grande rio corre para o norte. A maioria tem de querer abolir a escravidão. Há leis, polícia, sistema judiciário e outros meios de controle, mas se, de fato, só uma minoria se importa com isso, as instituições não funcionam. Hakok *não* preliminar a escravidão, só quer uma virada nas posições. Por isso aprendi a trabalhar oferecendo mais oportunidades e educação e menos esmolas.

Deteve a explicação ao ver algumas crianças que passavam perto do estábulo pararem ao vê-los comendo. Sitra convidou-as a se aproximar e os cinco deram-lhes o que ainda tinham de alimento. Recomeçou:

- Embora os governos neguem tal tráfico, há um enorme contingente de homens, mulheres, jovens e crianças servindo de trabalhadores ou prestando serviços sexuais compulsoriamente na África. O Sudão é o país mais escravocrata do mundo. Este país, a Indonésia e diversas nações africanas exportam escravos de todas as idades para a Arábia Saudita e o Yemen, principais compradores no Golfo Pérsico. Cães, gatos e animais de tração têm hoje vida muito melhor na Europa, Austrália e nas Américas que os escravos da África e do Oriente Médio.

Os mortais ficaram pensativos.

- Bom, agora me mostrem suas descobertas.

Lençol de areia de Selima, Sudão 8 de novembro, cerca de meio-dia

DIANTE DAS IMAGENS DOS PAPIROS no computador e das aerofotos das crateras do deserto núbio, Manccini e seus aprendizes expuseram detalhadamente à sacerdotisa

de Ísis todas as descobertas feitas na região, o que sabiam das fortalezas do Médio Império, as hipóteses formuladas e a teoria de Manccini de que o pó branco mfkzt era um explosivo potente.

Sitra ouviu compenetrada. Era interessante ver seu mundo e sua nação por olhos e mentes ocidentais. Admirou a abordagem objetiva, meticulosa e prática da ciência ocidental. Tinha muito a dizer para ajudá-los a entender as descobertas, mas não havia tempo e os ocidentais eram por demais insipientes nas ciências psíquicas e no mundo invisível. As profundezas da mente eram rejeitadas e temidas; desenvolver o mundo interior era visto com cautela e medo, ou simploriamente como loucura.

- Minha teoria — concluiu Manccini — é que os egípcios conheciam um potente explosivo, usado nas guerras com os povos de Kush e do Sinai.

- Nunca soube disso — ela estranhou. — Vi muitas guerras e nunca vi uma explosão parecida com as amais. O *mafukizti*, pronuncia-se assim, é poderosíssimo, mas não para explosão.

Essa declaração tão simples arrasou os quatro arqueólogos.

- Você tem certeza? — insistiu Manccini.

- Tenho. Não conhecíamos os explosivos modernos, nem a fusão e fissão nucleares. Como poderíamos explodir uma rocha ao ponto de criar uma cratera? Isso nunca aconteceu no Egito. E, doutor, o *mafukizti* também não é a Luz de Osíris...

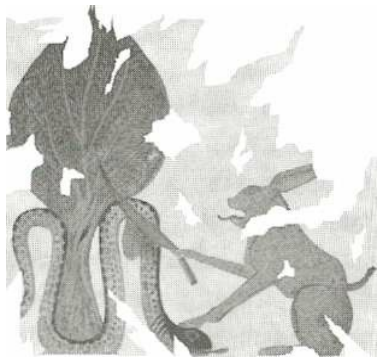
Se uma testemunha viva da época dos faraós nunca ouviu falar em explosivos; se uma sacerdotisa, a classe mais bem instruída de todas, desconhecia qualquer explosão, então sua elaborada teoria estava fragorosamente errada. Um abismo se abriu sob os pés do cientista.

- Pode ser que você não conheça tudo... — Mirella decidiu abrir a boca.

- Certamente não conheço.

- Mas — começou Manccini - os papiros sugerem uma arma feita do pó *mafukizti*, produzido nos templos de Hathor, dando ao possuidor imensa vantagem na guerra. Por isso os faraós construíram dezessete fortalezas no sul. E por isso Moisés levou os hebreus para fora do Egito.

- Com isso eu concordo. Moisés, ou Mesú, como o chamávamos, manipulava forças da natureza com maestria incrível. E realmente, graças a seus poderes, conseguiu tirar seu povo do Goshen³". Mas falta ainda muito por compreender. Mostre de novo a figura do gato com a faca.



Márcio voltou as imagens até a figura reaparecer no navegador.

- Aqui está a resposta — ela apontou para o gato segurando a faca. — A mensagem é bastante clara para um egípcio versado na ciência sagrada. A figura diz o seguinte: para se chegar à Cidade Branca de Zerzura, é preciso usar o *kopesh* de Hórus para abrir o espaço que separa Zerzura do resto do mundo.

Os quatro universitários se entreolharam.

- Onde você leu tudo isso? — indagou Márcio.

- Não li. As imagens significam isso. A árvore do sicômoro é o símbolo para oásis; neste caso, Zerzura, também chamada de Cidade Branca.

- Onde você leu Zerzura? — o professor ficou curioso.

- Aqui — ela indicou sinais que eles tinham transliterado para *Djrzr*, a palavra desconhecida.

O hieróglifo do ferrolho é transliterado para o alfabeto latino como as letras *z*, *s* com som de *z*, *dj* ou *j*, como no caso do nome do faraó que construiu a primeira mastaba: Zozer, Djozer ou Joser. Ficaram pensativos por não terem considerado essa possibilidade. Manccini já ouvira falar dos nomes Zarzura e Zerzura, sem se lembrar em qual situação. Ela continuou:

- Para se chegar a Zerzura é preciso abrir o encantamento que mantém a cidade isolada deste mundo. Esse encantamento só pode ser quebrado por um meio especial, simbolizado por essa faca que o gato está segurando. Com a faca é possível dominar o encantamento, por isso o gato é desenhado pisando na cabeça da cobra. O gato é a forma animal da deusa Bastet. O gato seguiu o rastro de Anúbis para chegar à Arca, escondida em Zerzura. Entendem agora o que é o protocolo do chacal?

- Não! — responderam em coro.

- Bem, Sitra — começou Christian. — Estudamos um pouco a mitologia egípcia e sabemos o seguinte: essa é uma representação religiosa da deusa Bastet, o gato, vencendo a Serpente Apep, para chegar a um oásis, uma espécie de paraíso, para onde a alma do morto vai se passar no julgamento presidido por Osíris. Entendemos que isso era algum ritual feito pelo sacerdote de Semna para ganhar a guerra contra os núbios, decorando o papiro em que ele pede ajuda. Não é isso, professor?

Manccini assentiu com a cabeça. Sitra esboçou um risinho.

- Esse tipo de história, meus amigos, era a versão simplificada distribuída ao grande público, fanático e ignorante, incapaz de entender as profundidades e sutilezas. Os sábios dos templos eram bem mais capazes. Isto aqui é uma mensagem secreta cujo texto é secundário, endereçado ao faraó e a seus oficiais. A parte mais importante são as pinturas, só compreendidas pelos sacerdotes de grau mais elevado.

Ela se levantou e convidou os quatro a observarem a imagem novamente, e começou:

- O gato, Bastet, simboliza a disciplina do ritual mágico necessário para iniciar o processo de penetração na região oculta protegida por um encantamento. Como o gato é silencioso e enxerga à noite, ele simboliza a intuição adquirida com disciplina e esforço; é uma maneira de discretamente enxergar onde ninguém enxerga. Como é o primeiro animal da seqüência, significa que quem não tiver essa capacidade não conseguirá fazer mais nada. Esse é, portanto, o primeiro passo.

- E depois? — quis saber Márcio.

- O gato está com a língua para fora, segurando uma faca vermelha e pisando a cabeça da serpente. A língua significa que ele precisa saber falar o encantamento para manipular a faca e dominar a serpente. Esse encantamento são fórmulas mágicas que só os sacerdotes conhecem. Mas não é só recitar palavras e tudo está resolvido; "falar palavras de poder" significa enfeitiçar usando poderes mentais. A faca é o meio de dominar a serpente ondulada, que é justamente a barreira invisível, o encantamento protetor que mantém Zerzura oculta. A serpente Apep separa o gato do sicômoro. Se o gato não dominá-la, não chegará a Zerzura. Ficou claro?

- E o que há em Zerzura, a Cidade Branca, de tão importante para a Serpente Vermelha querer tanto? — quis saber Mirella.

- Mostre a próxima imagem.

Márcio exibiu o chacal sentado sobre uma caixa. Diante do animal, o faraó segurava um cone ou monte de alguma coisa branca.

- É o deus Anúbis sobre um baú com as coisas de algum falecido — adiantou-se Manccini. — Anúbis é o deus da condução entre os mundos. Não está correto?



- Não — contestou Sitra. — Anúbis simboliza a *mudança*. Quando qualquer ser morre, sua contraparte astral permanece viva num outro mundo mais suadl, o mundo

astral. Anúbis é essa mudança. É uma condução ou transporte, mas não em todos os casos. A Arca de Anúbis contém o pó *majukizti*. Nas mãos de um mago mentalmente treinado, o pó da Arca permite mudanças incríveis nos estados físicos da matéria, que vocês chamariam de "milagres". Agora dá para entender por que os terroristas querem saber do caminho do chacal?

- Para segui-lo e chegar à Arca, escondida em Zerzura! — arriscou Márcio.

- É claro! — ela concordou.

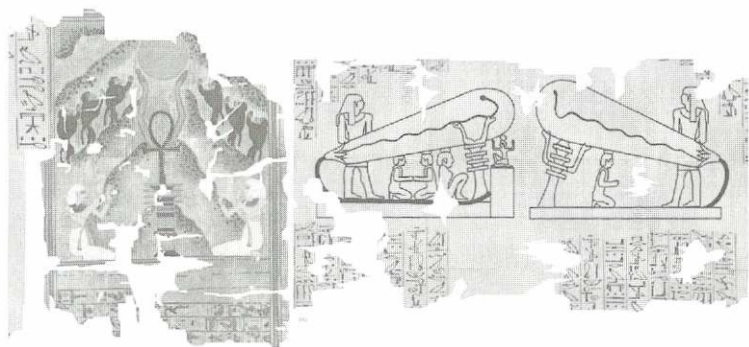
- E as outras figuras? — quis saber Márcio, mostrando no computador a imagem dos macacos adorando o sol e a das "lâmpadas" de Denderah.

- Digam-me primeiro como vocês as interpretaram.

- Para nós, egiptólogos, essas figuras de deuses e animais sagrados são sempre rituais religiosos.

Sitra ficou pensativa sobre como os ocidentais simplificavam as coisas. Como esses cientistas, cuja ciência não chegava a duzentos anos de acúmulo, podiam acreditar que mais de 3 mil anos de estudos da natureza nos templos egípcios poderiam resultar apenas em desenhos bobos de pessoas e animais reverenciando uns aos outros?

WILLIAM GOLDONI · 000



- Esta figura — ela indicou a colina com macacos —, se refere à Sexta Raça que surgirá, uma nova espécie mais inteligente que a humana atual. Na verdade, isso não nos interessa agora.

Manccini olhou Sitra no fundo dos olhos, com um leve sorriso:

- Isto fala da Luz de Osíris, não é?

Sitra permaneceu imóvel. Jamais explicaria qualquer coisa sobre isso.

- E as "lâmpadas" de Denderah? — perguntou Mirella.

- Lâmpadas?! — estranhou Sitra.

- É, este desenho aqui.

Manccini e Mirella lembraram de como as figuras eram idênticas às encontradas nas paredes do Templo de Hathor, em Denderah, cujo significado permanece um enigma para a egiptologia. Devido à sua forma lembrar um filamento dentro de uma lâmpada elétrica, foram apelidadas de "lâmpadas de Denderah".

Desde a descoberta do Templo de Hathor em Denderah, estudiosos propuseram explicações para os desenhos, sendo a maioria de um ritual religioso simbólico.

Outros acreditam que os egípcios conheciam a eletricidade e inventaram algum tipo de lâmpada elétrica com filamento. Esta última hipótese foi considerada principalmente pela recorrência de um estranho fato: em todos os túmulos egípcios até hoje descobertos, nunca se encontrou em suas paredes e teto resíduos de alcatrão, fumaça ou qualquer outro componente químico resultante de queima. Então, formulou-se a pergunta: como puderam os decoradores das tumbas esculpir, desenhar e pintar as paredes sem a luz de tochas?

A resposta dos egiptólogos foi o uso de espelhos refletores da luz solar. Entretanto, essa explicação convenceu a poucos, pois espelhos de cobre muito bem polidos mal refletem 30% da luz captada. Em túmulos grandes e labirínticos, seriam necessários jogos de quatro, cinco ou mais espelhos, reduzindo a intensidade da luz solar para menos de 5%, isto é, escuridão quase total.

Com essa resposta pouco convincente, aumentou a simpatia de alguns pela possibilidade de os egípcios conhecerem lâmpadas elétricas. Ainda mais fortalecida pelo desenho do *djed* segurando com dois braços a lâmpada.

O *djed* é tradicionalmente interpretado como símbolo da coluna vertebral de Osíris. Para os defensores da teoria da lâmpada elétrica, o *djed* representaria uma pilha elétrica, parecida com a pilha de Alessandro Volta, e os braços seriam os fios positivo e negativo. Essa teoria ousada, entretanto, não explicava por que num desenho os braços do *djed* sustentam a serpente e no outro sustentam o bulbo. Se fossem fios elétricos, não faria sentido duas representações diferentes.

Christian e Márcio não conheciam tais detalhes da egiptologia. Observaram as imagens sem compreender. Sitra tinha uma explicação completamente diferente, que viria a deixar os quatro arqueólogos perplexos:

- As mãos representam o poder adquirido com o treino mágico. As serpentes significam a capacidade de mudança da matéria. As mãos que seguram o envoltório não conseguiram manipular a matéria, e são obrigadas a contorná-la por fora. As mãos que tocam a serpente indicam o poder de manipulação do mago, capaz de interferir diretamente através da vontade disciplinada na estrutura da matéria, moldando-a.

- Queira me desculpar, Sitra — interrompeu Mirella. — Não estou entendendo nada. Manipular a matéria? Do que você está falando? Isso interessa para nós?

- Sem dúvida interessa! A Cidade Branca é um lugar excluído do mundo conhecido por um poderoso encantamento. Ela continua no deserto núbio, mas nós não conseguiremos achá-la se não desfizemos o encantamento. A "lâmpada" com as mãos por fora significa exatamente isso! O papiro está avisando Ranseneb de que, se alguma providência urgente não for tomada, o Serpente de Chifres irá conseguir

quebrar o encantamento e entrar em Zerzura. O mago autor da carta sabia manipular a mudança da matéria e por isso pôs a figura dos braços segurando a serpente dentro do envoltório. É um alerta do que o Serpente de Chifres pretendia fazer.

- Diga-me se entendi — pediu Christian. — Você está dizendo que existe um lugar chamado Zerzura onde está escondida uma arca cheia do pó *mafukizti* fabricado nos templos de Hathor.

- Correto.

- E esse lugar, Zerzura, é uma cidade abandonada onde os magos antigos esconderam essa arca, a mesma Arca da Aliança que Moisés deu aos hebreus.

- Certo.

- E Zerzura não pode ser encontrada porque um encantamento protetor a tornou invisível. Mesmo andando pelo deserto, não iremos vê-la, mas ela está lá.

- Não é invisível. Ela está *inacessível*. Você pode passar por lá, drar fotos, fazer uma plantação, o que quiser, mas não irá tocá-la. O encantamento a *isola* deste mundo. Não sei como explicar isso em palavras e conceitos ocidentais.

- Você está falando — sugeriu Márcio com total descrença — que Zerzura está numa outra dimensão? Ou no mundo dos mortos, esse mundo... como você chama? Astral? Universo paralelo?

- Não, não é isso. Zerzura está *neste mundo material*! isolada de uma maneira que não sei explicar. E também não tenho como desfazer o encantamento para entrar lá.

Meio cansados dessas explicações pouco esclarecedoras, questionaram como isso poderia lhes interessar. Christian, principalmente, não parava de pensar um segundo em seu aflitivo problema. Em breve os terroristas o encontrariam de novo e ele tinha de ter algo a oferecer.

- Bem, Sitra — começou ele. — Tudo isso é muito complicado e interessante, mas temos coisas urgentes a resolver. O que vou dizer aos *jibads* quando reaparecerem?

- Você jamais poderá dar-lhes essas explicações. Teremos de criar uma explicação falsa. Mas, antes de decidirmos isso, quero consultar minha mestra e pedir ajuda.

- O que você vai fazer?

Sem se preocupar em fazê-los entender, a sacerdotisa pediu que se afastassem. Todos deveriam ficar em silêncio e se pronunciar somente se convocados. Irritados com a tranquilidade da mulher, concordaram, contrariados.

Retirou da túnica o bastão de dois nós, do qual nunca se separava, e revirou sua mochila. Tirou dois frascos pequenos de cerâmica e um pacote de papel. Molhou a ponta do cajado no líquido de um dos frascos. Desenhou com a ponta molhada uma circunferência em tomo de si e, do lado de fora, hieróglifos e outros sinais estranhos. Acendeu carvões sobre um prato metálico e deitou sobre eles ervas secas do pacote de papel e resina do outro frasco. Com os braços abertos e a luminescência ondulante do fogareiro, ela adquiriu um aspecto gloriosamente fantasmagórico,

deixando seus atentos assistentes impressionados. Entoou cânticos em língua egípcia e em outro idioma desconhecido, e falou:

- O Isis, Senhora da Magia e dos mistérios que regem a vida e a morte! Permita-me vencer a densidade da matéria e ultrapassar as distâncias, para que o lá e o aqui sejam uma única coisa! Ajude-me, poderosa Mãe Isis, e dê-me a Visão!

Quase instantaneamente, uma nuvem de faíscas surgiu no ar escuro e revooou como um enxame de abelhas agitadas, para depois sumir. Som de galhos secos estalando, pancadas em madeira, rajadas de vento frio e *flashes* azulados apareciam e sumiam no velho estábulo escuro.

Os quatro, por mais que tivessem visto coisas assim antes, não conseguiam se furtar a um desagradável medo do desconhecido, e começaram a empalidecer e transpirar anormalmente. Mirella achava que ia desmaiar.

De frente para Sitra e fora do círculo, uma das paredes de palha começou a ficar enevoadada, depois, colorida, e finalmente começou a se distanciar. Em segundos desapareceu. Do outro lado não estavam os barracos, mas uma sala ampla e muito alta, percorrida por colunas de pedra. Tudo decorado com a arte egípcia. A figura de Ísis, com a coroa alada, estava por toda parte em pinturas e baixos-relevos. No fundo do salão, monumental estátua da potente deusa, coberta por fino véu transparente. Dos lados da estátua, fogareiros levantavam fumaça aromática de ervas queimadas. Ajoelhados diante dela estavam três homens e uma mulher com roupas sacerdotais.

A mulher levantou-se e virou-se para Sitra. Era Thais, a grã-sacerdotisa de pele branca, cabelos maravilhosamente negros e lisos e penetrantes olhos verdes, vista por eles no julgamento no Templo de Osíris, dois anos antes.

- Eu te saúdo, minha querida discípula. Estava esperando há dias o seu contato — disse Thais com sua inconfundível voz de contralto.

- Mestre, tudo até agora indica que os criminosos estão querendo chegar a Zerzura para pegar a Arca de Anúbis. Eles não sabem onde ela está, e estão esperando os ocidentais descobrirem para eles.

- A Arca de Anúbis?! — espantou-se a maga. — Como eles souberam que ela está aprisionada lá?

- Não sei, mestra. Pretendo chegar primeiro. Siamun está ocupando um corpo mortal e, ao me encontrar, conseguiu me atrasar por uns dias. Nesse lapso, obtive dados importantes e uma grande vantagem sobre mim.

Thais pensou por um instante na gravidade da situação. Essas nuvens negras se aproximando eram prenúncio de tormentosa tempestade.

- Preste atenção, Sitra: Anfion disse que o único jeito de entrar em Zerzura antes de Ra chegar ao Leão é com a arma da vitória de Hórus. Entrevi num transe profético as areias sendo abertas durante a passagem de uma grande tempestade de poeira.

- O que isso significa? — interpelou Sitra.
- Alguém vai abrir as areias e entrar em Zerzura! *Isso tem que ser feito por nós*, ou a Serpente Vermelha chegará a Zerzura, o que será uma catástrofe para todos.
- Mestra, o que Neshi e a Serpente Vermelha querem, além da Arca de Anúbis?

O rosto tranqüilo de Thais adquiriu profundo pesar:

- O de sempre: dominar as nações líças e controlar quem vive e morre na Terra através de fogo líquido de Osíris e do fogo negro letal — ela deu um passo na direção de Sitra — E, é claro, o extermínio de todos nós.
- Preciso da ajuda de mais uns dez magos, Thais, não vou conseguir sozinha enfrentá-los.
- Impossível. Estão quase todos empenhados na guarda das fontes de fogo líquido e na busca do Maioral, inclusive Anfion. Só dois poderão ir.
- Então quero Tefnut e Roant lutando comigo!

A grã-sacerdotisa da Deusa fez um gesto com a mão e um dos homens saiu correndo para avisar os nomeados de sua nova e urgente tarefa. Em seguida afastou-se e, com os dois sacerdotes, fez uma roda, dando-se as mãos. Os três invocaram nomes e fecharam os olhos.

Dos três começou a se desprender um vapor esbranquiçado que se reuniu numa única nuvem acima de suas cabeças. O vapor rodopiou e se deslocou na direção de Sitra, parando a meio caminho. A fumaça luminosa começou a se alongar e a brilhar, como se houvesse lâmpadas por trás. Todos ouviram, com nitidez, um ganso grasnar repetidas vezes. O vapor foi se alongando e tomando forma humana. Em segundos, a figura de um homem alto se delineou com perfeição. De pé no chão, ao seu lado, um ganso de penas branquíssimas. O espectro trajava roupas sacerdotais egípcias, ornamentado com colares, pulseiras e braceletes coloridos. De seu rosto sereno e severo emanava uma calma sobre-humana. Seu olhar era suficiente para tranqüilizar a mais desesperada criatura. Os cabelos nevados davam-lhe um ar respeitoso e confortador. O ancião segurava na mão direita um papiro dourado enrolado. Sua vestimenta e jóias brilhavam como se iluminadas pelo sol.

- Bem-vindo seja em nome de todos os deuses, venerável Mena! — disse Sitra respeitosamente, ajoelhando-se.

Os alunos e o professor imitaram-na em silêncio.

- O querido amigo! — ela recomeçou. — As forças maléficas, escravas da ilusão materialista, estão novamente ameaçando a grande obra da natureza e me sinto desorientada sobre como agir. Oriente-nos!

O idoso sorriu com tranqüilidade e ergueu a mão aberta até a altura do peito. Da palma começaram a pular faíscas alaranjadas, como um enxame de insetos ígneos. Com a outra mão, desenrolou o papiro dourado, segurando-o por cima. As faíscas

voaram para o papiro e aderiram a ele. Começaram a se unir em letras incandescentes, formando a frase:

No rio que sobe esta a garra do falcão.
A garra do falcão pode rasgar a areia sem vida.
Na areia sem vida esta o rosto da morte.
Vá com fé que nós te guiaremos.

Sitra fincou os olhos no papiro. Não deveria se esquecer de nenhuma palavra.

As letras incandescentes se desfizeram e o espectro enrolou o papiro.

- Vão depressa! Ou tudo será perdido. Vocês têm menos de um dia — falou o idoso com voz de tenor. Sorriu de novo e seu corpo e o do ganso se desfizeram em milhares de flocos luminosos que ficaram gradualmente transparentes até sumirem no ar.

Thais e os magos desmancharam a roda. Ela se aproximou.

- Sitra, chegue a Zerzura o quanto antes. Tefnut e Roant irão encontrá-la para resgatar a Arca de Anúbis. Vá depressa!

A cena tridimensional começou a se esfumaçar e em menos de um minuto a parede do estábulo voltou ao aspecto normal. Era impossível para um mortal não ficar pensativo e impressionado com a potente magia egípcia. Duas crianças magérrimas que haviam espiado o fenômeno, saíram correndo.

- Quem é esse Mena? — iniciou Christian, sentando-se num banco.

- É um dos nossos protetores - Sitra estava pensativa. — Ele morreu há mais de 2500 anos. É um daqueles espíritos puros que não precisam mais nascer na Terra. Renasceu aqui milhares de vezes e hoje a vida neste planeta não lhe oferece nenhuma experiência que ele não consiga ter no Reino de Osíris.

- O que você entendeu da mensagem dele? — Christian retomou o assunto principal.

- Pouco. A "garra do falcão" é o *kopesh* de Hórus. As outras coisas, preciso pensar mais.

- O que é isso? — indagou Márcio ao ouvir pela segunda vez essa palavra desconhecida.

Manccini e Mirella tiveram o impulso de responder. Vendo-se diante de uma autêntica sacerdotisa de Isis, preferiram deixá-la explicar.

- E a arma com a qual Hórus vingou o assassinato de seu pai e expulsou Seth do trono.

A história era conhecida de todos. Osíris — assim diz a lenda — foi o primeiro faraó, casado com a irmã Ísis e sem filhos. Viajava muito para os países vizinhos,

desinteressado do governo do Egito. Nessa longa ausência, Seth, o irmão, planejou um golpe de estado. Organizou uma festa para quando Osíris voltasse. No dia, mostrou a todos um belíssimo sarcófago e disse que quem coubesse nele o ganharia de presente. Vários deuses experimentaram o ataúde e, quando Osíris entrou, Seth fechou-o e lacrou-o. Com a ajuda de outros rebeldes, tomou o trono à força e jogou o sarcófago de Osíris no Nilo.

O sarcófago foi levado embora e acabou chegando à praia da Fenícia. Em torno do sarcófago cresceu uma árvore, enrolando-se nele até envolvê-lo. O rei da Fenícia mandou cortar a árvore e colocá-la como coluna em seu palácio, pois admirou o tronco em torno de um sarcófago egípcio. Isis saiu à procura do marido e desceu o Nilo até o delta, quando foi informada de que o ataúde fora visto na Fenícia. Foi até o rei, conseguiu o sarcófago de volta e abriu-o na corte de Seth, na frente de todos. Ainda mais violento, Seth agrediu o irmão e retalhou-o em vários pedaços. E ordenou que os pedaços fossem espalhados por todo o Egito.

Isis saiu então em peregrinação pelo país buscando cada pedaço do marido, para reconstituir sua múmia e dar-lhe um sepultamento digno. Para os egípcios, um corpo insepulto era algo terrível e humilhante. Após anos de buscas ela reuniu os pedaços e, com sua magia, reconstruiu o corpo e fecundou-se. Osíris se tornou então o rei dos mortos. Hórus, filho do casal, foi treinado com o *kopesh* para quando se tornasse adulto conquistar o trono. Quando estava suficientemente treinado e maduro, o país vivia em calamidade. O governo irresponsável de Seth consumiu as riquezas e permitiu a corrupção e a desordem. Muitos dos antigos aliados de Seth no golpe estavam arrependidos e queriam a volta de Osíris. Hórus, então, enfrentou o tio Seth numa batalha e, com seu *kopesh* mágico, venceu-o e se tornou faraó. Seth foi banido para o deserto, autorizado a governar somente lá. A ordem foi progressivamente voltando ao Egito e o país voltou a enriquecer.

Essa história era tão importante para os egípcios como a vida de Jesus é para os cristãos. Todos lembraram-se dela numa fração de segundo.

- Na minha opinião, estamos cercados de lendas e enigmas demais e soluções de menos — falou Márcio mal-humorado.

- A garra do falcão é o *kopesh* de Hórus - começou Sitra. - Na figura, é a faca com a qual o gato corta a serpente para chegar ao sicômoro. Quanto a isso, não tenho dúvida. As outras frases de Mena são mais misteriosas.

- E para mim está tudo misterioso - objetou Márcio. - De que adianta saber que esse *kopesh*, a garra, a faca e sei lá mais o que são a mesma coisa?

- "O rio que sobe" — Sitra começou — da mensagem de Mena, é o canal que vocês encontraram. Seguindo por ele encontram-se a cidade de pedra e o *kopesh* de Hórus. Só com ele conseguiremos chegar a Zerzura. A "areia sem vida" e "o rosto da morte" eu ainda não entendi, mas descobriremos.

- E como vamos encontrar esse *kopesh*? — retrucou Márcio com descrença.
- Vocês praticaram os exercícios psíquicos do papiro que Anfion lhes deu quando deixaram Maha-Ettel?

Ao saírem das galerias de Maha-Ettel dois anos antes, Anfion lhes dera um pequeno papiro com exercícios simples de práticas psíquicas.

Márcio não teve qualquer interesse em entender o conteúdo. O professor e Mirella se interessaram pelo aspecto histórico da relíquia. Somente Christian havia praticado todos os dias as recomendações o manuscrito.

O papiro de Anfion ensinava como melhorar a saúde física e mental através da respiração e como desenvolver um sexto sentido físico, identificando coisas e pessoas além do alcance visual.

- Sim — disse o futuro biólogo. — Pratiquei regularmente durante mais de um ano.
- E vocês?

- Não — respondeu Manccini meio embaraçado.

- Bom, eu... — Márcio gaguejou. — Eu fiz uma leitura dinâmica...

Ela se voltou para Christian:

- Quais diferenças você notou em si mesmo após praticar?
- Várias. Minha respiração melhorou, consigo me concentrar melhor, raciocinar com mais clareza e lembrar de coisas com mais facilidade, mesmo coisas antigas, esquecidas.

- E no mundo exterior, o que você consegue identificar?

- Bem... As vezes, percebo o que as pessoas vão me dizer antes de elas falarem. Outras vezes, desconfio de alguém ou alguma coisa se aproximando e logo essa coisa aparece. Várias vezes consegui saber qual a situação do céu — nublado ou ensolarado — antes de abrir a janela do quarto. E várias outras coisinhas menores.

Márcio esboçou um sorriso de descrença. Sitra ouviu com naturalidade e interesse.

- E assim mesmo que começa. Bom, há muito para você desenvolver, mas mesmo assim você terá de localizar Apep, o Senhor do Submundo. Só ele poderá lhe entregar o *kopesh*, se você o vencer.

- Vencê-lo?! O que eu terei de fazer?

- Não dá para saber. Com cada pessoa é diferente.

- Olha só! — Márcio apontou a tela do *laptop* com uma imagem. — A bateria do computador vai acabar em dez minutos! Se vocês pararem de contar histórias da carochinha egípcias, quem sabe a gente possa encontrar alguma coisa nas aerofotos!

Lençol de areia de Selima, Sudão

8 de novembro, começo da tarde

- NA SUA OPINIÃO, o que formou essas crateras redondas no deserto? — Márcio perguntou a Sitra.

- Não sei. Talvez vulcões antigos, ou queda de meteoros. Explosões eu acho mais difícil.

Márcio conversava sem despregar os olhos das imagens.

- Olha só, o aqueduto termina quase numa cratera. Eu estava pensando: se esse aqueduto levava água para uma cratera, ela poderia ter sido uma vila ou cidade, Zerzura. Quando o suprimento de água acabou, o lugar foi abandonado e ficou só a lenda.

- Pode ser.

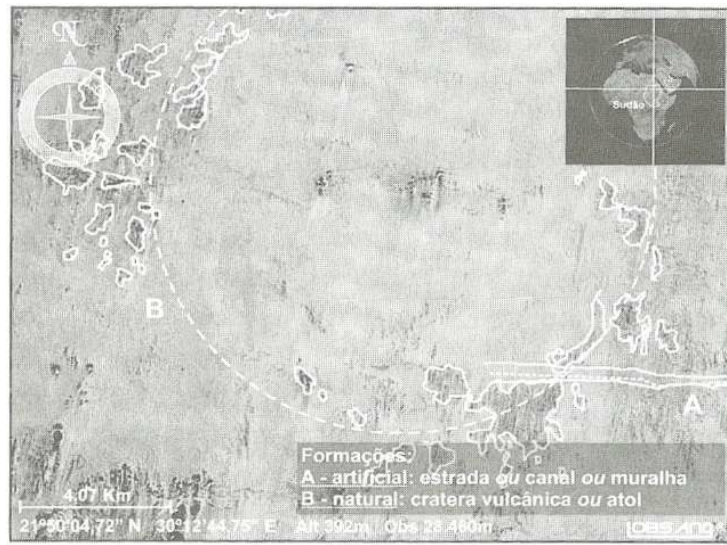
Aplicando os recursos do Lobsang, o *software* apontou a existência de uma formação natural incomum na imagem:



Querendo ver mais de perto, Márcio aproximou a imagem em diversos pontos. Entretanto, eram imagens de satélite, bem menos detalhadas que as imagens aéreas obtidas pelo avião. Não era possível ver nitidamente coisa alguma com menos de cem metros.

Ele procurou e procurou, sem nada ser indicado pelo Lobsang como algo artificial, parecido com uma cidade. A idéia de existir uma cidade à mostra no meio do deserto, ainda não descoberta na era dos satélites, parecia a Márcio infantil e ridícula.

Quando viu uma formação geométrica no centro da cratera, julgou ser algo incomum. Três alinhamentos rochosos parecendo parte de um trapézio. Lembrou-se de certas cidades egípcias terem formato quadrado ou retangular. A cidade de Ilahun até tinha um plano urbanístico, com ruas e bairros perfeitamente retilíneos e contorno retangular. Seria sua suposição plausível?



Ao observar melhor, instantaneamente seu julgamento crítico e descrente se alterou para uma euforia incontida. Um amontoado de luzes e sombras no centro da imagem parecia ser o indício de ruínas. Seria ele, Márcio Melo, o descobrir da Cidade Branca de Zerzura? Seu nome passaria à história da arqueologia, e ele nem era historiador!

Sorrindo de contentamento, fez o Lobsang analisar o centro da cratera. O resultado foi:

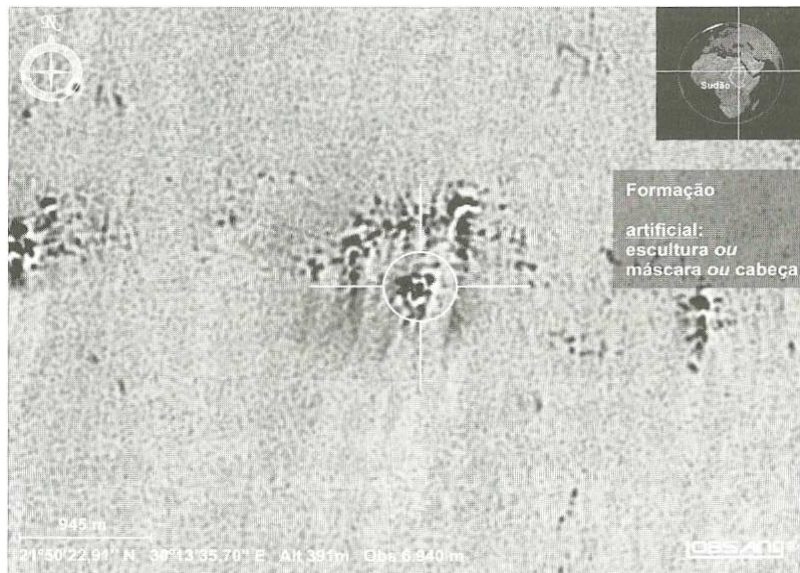
Largou o computador e sacudiu Sitra:

- Eu encontrei! Encontrei!
- O quê? Encontrou o quê? — ela deu um pulo, alarmada.
- Encontrei a Cidade Branca! Achei Zerzura!
- Onde?
- Márcio, entusiasmadíssimo, saiu correndo e voltou com os outros.

Formação artificial
resolução da tela insuficiente



- Onde fica isso? — quis saber Manccini.
- No centro da cratera reconhecida pelo Lobsang! — Márcio estava exultante. — E a cidade, professor, são as ruínas deixadas pela explosão formadora da cratera! Veja! Essas linhas retas devem ser os muros da cidade! E olha no meio: um amontoado de pedras. As ruínas!
- De fato, parecem três lados de um quadrilátero! — Manccini sorriu. Enfim, tanto esforço tinha sido recompensado.
- Essa imagem está muito longe. Não dá para aproximar? — pediu Mirella.
- Dá — ele foi ampliando a figura.



Para surpresa de todos, o Lobsang identificou como "formação artificial" não os alinhamentos rochosos, mas o amontoado de rochas no meio deles. Márcio continuou aumentando a imagem, e o Lobsang foi associando a formação rochosa a padrões mais específicos. A imagem surgida não poderia ser mais surpreendente:

— Não é possível! — Manccini pregou os olhos arregalados na imagem. — Esse programa está nos forçando a enxergar isso!

- Não, professor — objetou Márcio — Os padrões são calculados matematicamente.

- Tire esse contorno pontilhado para vermos se parece mesmo uma caveira. Tem como fazer isso?

Márcio mexeu nos comandos e a imagem surgida não deixou qualquer dúvida.

- Isso é brincadeira sua, Márcio? — Manccini se afastou da tela, assustado.

- Não, professor! E a imagem do satélite! Encontrei por acaso. E uma parte onde não pedimos para o avião fotografar.

Márcio, apesar de surpreso, estava decepcionado: sua dedução brilhante da cidade de três muralhas retas estava fragorosamente errada.

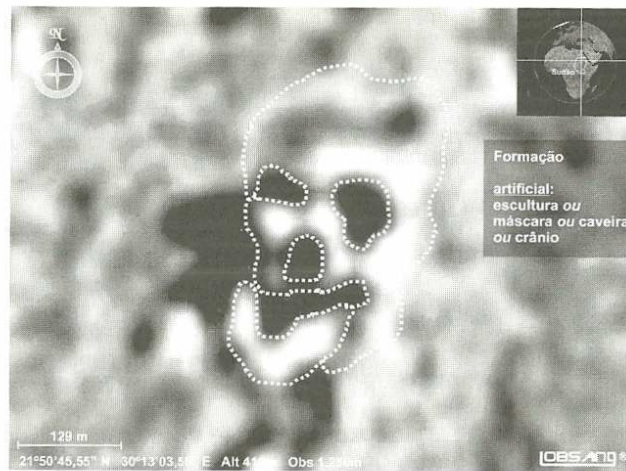
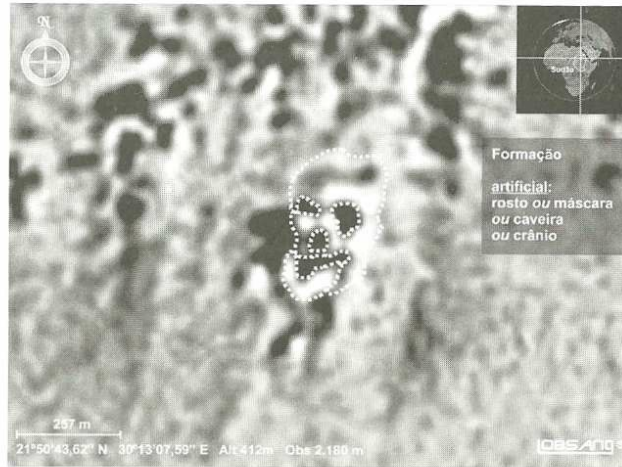
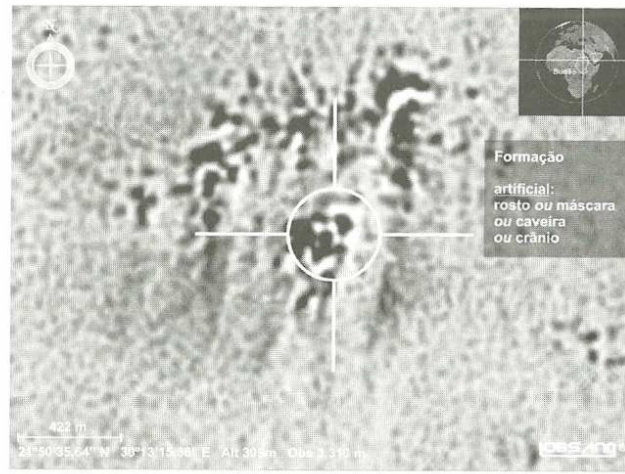
Sitra se afastou. Olhando pensativa para o chão, com a mão delicada tocando o queixo, falou em voz baixa:

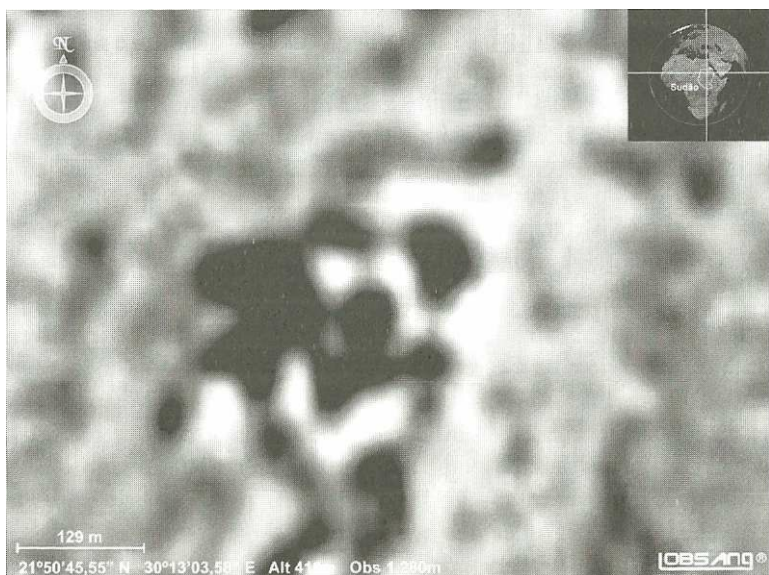
- Agora dá para entender a penúltima frase do enigma de Mena! Essa é "a areia sem vida" onde "está o rosto da morte"!

Os dois olharam para ela.

- Por isso os *jihads* não descobriram! — deduziu o professor.

— Só com imagens ruins é possível enxergar. Márcio, tem certeza de que esse lugar é *real*?





- Absolutamente real. Todas as imagens eu copiei antes de encomendarmos os vãos aerofotogramétricos. Aqui no rodapé estão a escala e as coordenadas geográficas; "Alt" é a altitude do terreno no centro da foto e "Obs" é a altura de vôo do observador para enxergar as coisas desse tamanho. Se tivesse Internet aqui, eu poderia entrar num *site* de localização geográfica e digitar as coordenadas. Ia aparecer exatamente essa... caveira.

Mal disse isso e a tela apagou. A bateria havia acabado.

- De fato — considerou Manccini. — O fantasma de Mena indicou corretamente; é o rosto da morte. Como ele podia saber que tínhamos essas fotos no computador? É incrível...

- Esperem um pouco — interrompeu Márcio. — Isto é um efeito do jogo de luz e sombra e da baixa resolução da imagem! Se passarmos de avião sobre esse lugar, não vamos ver essa caveira. Não há caveira nenhuma lá. É só uma ilusão visual!

- E daí? — divergiu Sitra. — Mena deu um recado útil *especificamente para nós neste momento*, não foi uma mensagem universal para todas as pessoas do presente e do futuro olharem essa montanha e enxergarem a mesma coisa — antes de ele retrucar, completou, sorrindo: — Márcio, os mortos sábios como Mena não ficam tentando provar teses para satisfazer exigências teóricas de cientistas incrédulos. Ele, com certeza absoluta, não tem razão alguma para tentar convencer alguém de que isso é uma caveira de verdade. Ou você aproveita o "presente" de Mena, ou perde seu tempo com questões periféricas.

Como ela consegue ter sempre a melhor resposta em nossas discussões? — Márcio indignou-se em pensamento.

- Sitra — sugeriu Manccini — considerando o tipo de criminosos atrás de nós, acho melhor destruir essa imagem. Não só a da caveira, as da cratera também. Se o computador ou os CDs forem roubados, os *jihads* terão como localizar a montanha

antes de nós.

- Ótima idéia. Pode fazer isso agora? — ela se voltou para Márcio.

- Sim. Uma dúvida: qual é nosso interesse nessa montanha? Quando *vocês* chegarem lá, vão fazer o quê? Olhar para ela?

Sitra adquiriu expressão séria:

- Lá está a entrada para Zerzura.

Dubayy, Emirados Árabes Unidos

8 de novembro, 12h56, hora local

BURJ AL ARAB é um dos hotéis mais magníficos do mundo. Construído sobre uma ilha artificial a pouca distância da praia de Dubayy, é um exemplo da riqueza atraída para o Oriente Médio pelo petróleo. Com essa fonte de riqueza, monarquias medievais do deserto se transformaram, ao longo do século XX, em monarquias arquivilionárias, importadoras de tudo o que o Ocidente tem de melhor.

Há apartamentos no Burj Al Arab cujas diárias estão em torno de 28.000 dólares americanos. O prédio possui dois restaurantes: um no alto do edifício, de onde se pode ver a imensidão do mar e da planície costeira, onde fica a cidade de Dubayy; e outro, no subterrâneo da ilha, onde se pode fazer refeições vendo a vida submarina.

Ibrahim Anwar Hassan almoçava com um norte-americano no restaurante submarino. Eles saboreavam *bouillabaisse* de Marselha: sopa francesa de lagosta grelhada e batatas, temperada com *rouille*, uma maionese de alho, açafrão e pimenta malagueta.

- Com a visita da ONU, tudo vai mudar — falou Ibrahim ao passar um guardanapo nos lábios grossos. — Se os inspetores acharem que há armas químicas, campos de terroristas e coisas assim, para nós tudo ficará fácil.

- Mas e se não encontrarem nada? — quis saber o norte-americano, rasgando um pedaço de lagosta com o talher.

- Impossível. Há muitos indícios de atividades suspeitas. Não foi à toa que consegui na Assembléia Geral o pedido ao Conselho de Segurança para a vinda da missão. Você vai ver. Eles vão encontrar alguma coisa, e tudo vai ficar como estamos esperando.

- Eu sei, Hassan, mas tenho dúvidas se o governo do Sudão vai nos dar essas concessões só por medo da ONU. Eles têm um jeito diferente de negociar. Não se importam com a opinião do resto do mundo.

- Todos têm o mesmo jeito de negociar, Robert. Dê dinheiro e as diferenças culturais desaparecem. Acredite no que digo. Ainda esta semana vou conversar com meu contato, responsável pela concessão da exploração dos campos de petróleo em

Darfur.

Um garçom se aproximou, mostrando o rótulo de caríssimo vinho branco italiano. Os homens aprovaram e a bebida foi servida em taças de cristal.

- Além da exploração dos campos, você acha que dá para conseguirmos ajuda na concessão dos oleodutos?

- Lógico! Não é esse o combinado?

- Sim, mas eu digo: o próprio governo sudanês nos dar o dinheiro para comprarmos os oleodutos deles.

- Deixe-me ver se entendi: vou lhe vender este vinho de 396 euros por 10. E você ainda quer que eu lhe empreste o dinheiro para comprar o vinho de mim?

- É isso aí, meu caro! - Robert sorriu.

- Você não foi expulso da Venezuela há uns meses por isso?

- Ora, Hassan, o mundo dos grandes negócios com governos do Terceiro Mundo funciona desse jeito. Os acionistas querem a coisa lucrativa. Sem um empréstimo do governo, o investimento é muito alto.

- Para pagar de volta em quanto tempo?

- Minha diretoria pediu um prazo mínimo de oitenta anos.

- *El-Tab3 lil-qabr!* — Ibrahim deu uma gargalhada desdenhosa.

- O quê?

- Nada. Se você me der dinheiro para eu "convencer" meus contatos no governo... posso conseguir muita coisa.

- De quanto foi a avaliação dos peritos para os seis campos e os dois oleodutos principais?

- 168 milhões de dólares.

- E com o seu "convencimento"?

- Autorizaram a venda por 26 milhões no primeiro edital da concorrência pública.

- Puxa, como abaixou! Saiu outro edital?

- Ia sair, mas consegui adiá-lo até vocês fecharem o valor comigo. Se vocês querem o empréstimo de 26 milhões do próprio governo, vai demorar mais ainda. Bem, Robert, preciso saber disso já, pois esta semana tudo será decidido.

- Não há dúvida! Consiga esse empréstimo para nós! O que mais queremos é pôr as mãos nessa produção de petróleo sem tirar um dólar do bolso.

- Então, está na hora de você me dar minha parte. Você deve me "convencer" também — Ibrahim sorriu maliciosamente.

O ocidental tirou de sob a mesa uma mala preta. No colo, Ibrahim entreabriu-a e seus olhos brilharam; maços e maços de cédulas de 100 dólares americanos.

- Dois milhões em dinheiro antes, como combinamos — acrescentou o norte-americano à meia-voz. — Os outros três milhões já foram transferidos para sua conta em Zurique.

Ibrahim pegou o celular e fez uma ligação. Não falou com ninguém. No visor do telefone apareceu a comprovação do depósito, expresso em euros.

- E os outros dois milhões? — estranhou.

- Serão quatro se você também nos conseguir o empréstimo do governo e o pagamento da dívida em *pelo menos* oitenta anos.

Nessa hora, o celular de Ibrahim tocou. Ele ouviu atentamente, cruzando as sobrancelhas.

- O quê?! Escaparam? Seu anão imprestável! — e, desligando o aparelho com força, virou-se para Robert: — Tenho que fiscalizar tudo pessoalmente, senão esses imbecis fazem tudo errado! Prepare seu dinheiro, pois ainda esta semana você terá suas concessões de petróleo, oleodutos e empréstimos do governo sudanês!

- Ouvi falar de um pó branco que está circulando pelo Egito e pelo Sudão, vindo do Irã, que é ilegal e outras coisas. Você também está mexendo com contrabando de urânio, Hassan?

- Isso não é da sua conta!

- Tudo o que mexe com energia é de nossa conta, Hassan.

Sem se despedir, Ibrahim retirou-se apressado, deixando Robert pagar o almoço de mais de dois mil e quinhentos dólares.

Mar Vermelho

8 de novembro, 15h15, hora do Egito

IBRAHIM PILOTAVA UM HIDROAVIÃO monomotor sobre as belíssimas águas do Mar Vermelho. Deixou Dubayy seguindo para o continente africano. Não havia estabelecido o necessário plano de vôo. Para evitar ser detectado, voava poucos metros acima da água. Entrou no continente sobre o território de conflito entre o Egito e o Sudão, área em disputa pelos dois países. Assim era mais difícil ser abordado. Prosseguiu por mais algumas horas nesse trajeto para o oeste no Sudão. A certo tempo, atravessou a fronteira, puxou o manche e o avião ganhou altura. Ascendeu até atingir várias centenas de metros do chão.

Localizou no solo o ponto de interesse: enormes círculos verdes. Era uma fazenda no meio do deserto. As áreas circulares eram cultivadas, irrigadas pelo sistema conhecido como pivô central. Rapidamente vestiu um macacão plástico alaranjado que o deixou inteiramente coberto, menos os olhos e as mãos. Pôs óculos de proteção e luvas de couro preto e afivelou às costas um *paraglider*.

O avião, deixado em piloto automático, mantinha o curso estável rumo ao oeste. Quando sobrevoava os pivôs, abriu a porta e saltou na imensidão.

Pousou com segurança em meio a uma plantação de linho. Nessa hora, foi atacado por um enorme enxame de insetos. Pareceu estar preparado, pois não se assustou.

Caminhou normalmente por quase meia hora, acompanhado ferozes vespas, até chegar à sede da fazenda. O macacão, as luvas e os óculos o protegeram perfeitamente. Na casa de madeira escura, entrou pela porta principal e se viu numa caixa de vidro. Acionou um botão num painel e fortíssimo jato de ar desceu do teto, varrendo para fora com violência os insetos. Verificou restarem alguns e pressionou o botão de novo. Abriu a outra porta da caixa de vidro e se viu numa sala. Livrou-se do macacão e dos óculos e entrou pelos cômodos. Numa sala espaçosa e sem janelas, encontrou um grupo de homens trajados à moda beduína. Após os cumprimentos, foi direto ao assunto:

- E então? Chegou todo o pó?

O anão tomou a frente — o mesmo que entrara pelos fundos do Museu na USP na noite dos assassinatos após Christian tomar o ônibus.

- Mais de uma tonelada.

- E vocês conseguiram recapturar o garoto?

- Estamos conseguindo.

- Como "estamos conseguindo"? — Ibrahim gritou irritado. - Quanto tempo vocês precisam para forçar um garoto a dizer onde fica um lugar no deserto? Um ano? Eu preciso saber disso hoje, Kazim! Ho-je!

- Não dá, Hassan! O plano não deu certo! Eles escaparam dos comerciantes de escravos antes de chegarmos! Mas a qualquer hora vão ressurgir...

- Ah é? E como vocês sabem onde eles vão aparecer?

- Estão nas areias de Selima. Em poucas horas o encontraremos.

- Não sei que tipo de guerra-santa vocês farão, se não conseguem nem seqüestrar uma pessoa... Imagino o governo que vocês vão formar com tanta eficiência...

Olhares agressivos despontaram de todos os rostos. O anão mudou o tom de voz:

- Não nos desrespeite, Hassan. Você pode se arrepender...

- Ah! Chega! Não quero discutir sua incompetência! — mal-humorado e cansado, retirou-se carrancudo para um dormitório, acompanhado por olhares ofendidos. O acanhado quarto contrastava com a luxuosíssima suíte em Dubayy. Ter de voltar a um lugar pobre como esse, na companhia de gente simples, irritava-o, apesar de ser parte do plano estabelecido por ele mesmo. O ambiente lembrava sua infância e juventude paupérrimas, carregadas de humilhação, subserviência, muito trabalho e pouco dinheiro. Fora uma vidinha sofrida e triste da qual ele usara todos os recursos disponíveis para escapar.

Pensativo na cama estreita onde se jogou, o hábil político repassou mentalmente sua estratégia para saber se tudo estava em ordem. Estabeleceu os contatos com os norte-americanos; acertou o preço; levou a proposta aos altos funcionários do governo do Sudão; corrompeu-os de maneira comprometedora para não voltarem atrás; o pó precioso trazido clandestinamente do Oriente Médio tinha chegado.

Somente o trabalho de pesquisa da ridícula equipe arqueológica brasileira continuava a atrapalhar. No acordo com Kazim para o processamento do pó e a construção do armamento secreto, tivera de aceitar uma estranha condição imposta pelos *jihads*. financiar uma escavação no deserto e seqüestrar quem fosse necessário para encontrarem um certo lugar perdido. Isso era coisa desses estúpidos fanáticos religiosos, pensou com desdém, e mudou sua atenção para a figura repulsiva de Kazim.

— Talvez por ter só 1,22m de altura — murmurou rindo — Kazim é mais imbecil que o normal de um seqüestrador.

Apesar de terem temporariamente perdido o profetizado, as coisas seguiam bem.

Fazenda do movimento jihad, Egito

8 de novembro, 17h13, hora local

Ibrahim Anwar Hassan ouviu batidas na porta do pequeno quarto na fazenda.

- Entre! — disse, fechando uma mala cheia de papéis.

Kazim entrou, visivelmente mal-humorado.

- Hassan, o lugar onde o garoto está já foi cercado. Ele estará aqui em algumas horas.

- Ah! Enfim uma notícia boa! — falou alto, levantando-se da cama. — Conseguiu saber onde está o tal *kopesh* que o Maioral pediu?

Kazim gaguejou para se explicar.

- Quase. Mas vou...

- *Quase*, Kazim? Estamos iniciando uma guerra e você *quase* consegue obter um dado tão simples?

- Vou conseguir. Se o rapaz não tivesse fugido, eu teria...

- Ah! Cale a boca, seu inútil! — ordenou Ibrahim com desdém. — Deveria saber pela sua cara de patife que jamais daria certo usar você em meu plano! Palhaço! Mini-palhaço! Há, há, há!

- Não me desrespeite, Hassan! - o anão ficou vermelho como um camarão.

- E a aparelhagem, ficou pronta? Ou você também não sabe nada disso?

- Está tudo em ordem para o transporte.

- Ah! Pelo menos isso! — Ibrahim sacudiu as mãos para cima teatralmente. — Leve toda a aparelhagem. Eles certamente decifraram o protocolo do chacal e fizeram de bobos a você e seus beduínos mal domesticados. O "exército" da sua *jihad* é um fracasso, Kazim. Um fracasso! Vá logo!

Kazim saiu correndo e distribuiu ordens aos seus comandados. Todos os trabalhadores dos galpões, salas e laboratórios deixaram seus postos e passaram a carregar dois caminhões com diversos aparelhos, caixas, pequenos contêineres repletos do pó branco do Irã, e equipamentos bélicos.

Enquanto isso acontecia, Ibrahim trancou a porta do quarto. Por um instante, refletiu sobre a pessoa que acabara de destratar. Conseguiu imaginar-se na situação de Kazim, vivendo naquele corpo diminuto e deformado, refletindo sobre como deveria sofrer alguém condenado à prisão perpétua naquela masmorra de carne. Com problemas cardíacos, sem beleza, sem mulheres, sem sentir-se satisfeito consigo mesmo, odiando a única coisa realmente sua, o próprio corpo. Contrariando o temperamento desdenhoso, sentiu pena de Kazim e arrependeu-se de ter tratado aquele homem monstruoso e infeliz de maneira tão cruel.

Num segundo, voltou a atenção aos seus interesses. Repassou mentalmente as etapas do plano: havia deixado os norte-americanos em suas mãos; a Assembléia Geral da ONU conseguira fazer o Conselho de Segurança enviar ao Sudão um grupo de inspetores; o grupo de Kazim estava levando os artefatos secretos, aguardando seu comando; e os pesquisadores brasileiros estavam a poucos passos de descobrir o que o Maioral exigira dele. Sim, tudo estava no lugar e hora certos.

Como hábil aranha tecelã, levava anos para ligar cuidadosamente contatos, relações e isolamento entre todas as partes envolvidas em sua teia. Políticos, empresários, terroristas, fanáticos religiosos, diplomatas, funcionários dos governos e até cientistas estavam entrelaçados, sem saberem direito como. Sua malha era complexa e perigosa, e só ele sabia correr por ela sem pisar nos fios fatais. Os fios invisíveis aos outros, claros para ele, levariam-no ao sucesso na política e nos negócios.

Era hora de agir. A mosca incauta deveria voar para a teia pegajosa. Com um gesto nervoso, agarrou rápido o celular e ligou.

Num hotel em Karthoum, capital do Sudão, uma ruiva sardenta atendeu.

— Mademoiselle Balbaud?

— Sim, eu mesma — a resposta foi em francês.

— Posso lhe falar agora? — disse em inglês.

— Este número só você tem — agora em inglês. — É seguro.

— Ótimo. Conforme lhe prometi, consegui alguma coisa. Meus informantes me falaram de um carregamento de material muito perigoso atravessando o deserto egípcio para entrar clandestinamente em Darfur, no Sudão.

— Que material?

— Não pude saber. Só me disseram ser um produto em pó perigosíssimo contrabandeado do Irã, ao que parece. Um leve toque é letal.

— Uma informação preciosa, Sr. Hassan! Você sabe por onde passarão?

— *Mademoiselle* conhece a estrada que sai do Oásis Kharga, no Egito, e vai para o sul?

— Um minuto, por favor - ela correu a pegar um mapa. — Pode falar. Estou vendo onde é.

— Essa estrada atravessa a fronteira do Sudão e chega ao Oásis de Selima. Eles

passarão por ela. O caminho daí para frente até Darfur eu não consegui descobrir.

— Quando o carregamento sairá?

— Amanhã de manhã os homens estarão nessa estrada. Mas duvido que atravessarão a fronteira por ela. Certamente, se afastarão pelo deserto.

— De onde partiu o carregamento?

— Parece que é de uma fazenda no Egito, perto da fronteira sudanesa. Há mais de uma fazenda lá, não descobri de qual delas.

— Mais alguma coisa que precisamos saber, Sr. Hassan?

— Infelizmente, só tenho isso, *m'selle* — Ibrahim adocicou a voz em fingida humildade.

— Em nome de todos os inspetores e da ONU, eu lhe agradeço, Sr. Hassan. O senhor acaba de nos prestar um grande serviço, ajudando-nos a combater o terrorismo. Sem dúvida, me empenharei pessoalmente para que seu esforço seja reconhecido pelo governo do seu país. Se todos os embaixadores colaborassem assim!

— E apenas meu dever, *m'selle* — respondeu com cinismo ensaiado. - Minha vida é lutar pela paz mundial e por formas limpas e seguras de energia. Boa sorte!

No hotel, a francesa imediatamente se reuniu com os demais inspetores, responsáveis pela vistoria no território sudanês. Buscavam indícios de atividade terrorista e material bélico proibido: laboratórios, arsenais e fábricas de armas nucleares, biológicas ou químicas, e campos de treinamento de terroristas. A pista entregue por Ibrahim Anwar Hassan, considerado um político moderado e de "irrepreensível conduta", seria muito útil...

O Conselho de Segurança da ONU, atendendo ao apelo da Assembléia Geral na qual Ibrahim discursara, expediu a comissão de inspetores para examinar diversos locais suspeitos no país. Os inspetores, na manhã seguinte, deveriam descobrir os veículos atravessando o deserto sem o conhecimento das autoridades egípcias e sudanesas. A notícia repercutiria como a queda de um meteoro, revoltando a comunidade internacional. Era questão de semanas até os Estados Unidos e a ONU determinarem sanções aos países.

No Egito, nada muito importante aconteceria. Sendo o país empenhado no combate ao terrorismo, e alinhado com os Estados Unidos, apenas receberia ajuda para melhorar esse combate.

O Sudão era outro caso. Historicamente indiferente ao terrorismo e aos mais elementares direitos humanos, o país era alvo da invectiva de todo o mundo civilizado. Até mesmo a Al Qaeda tivera ali arsenais e campos de treinamento de terroristas, antes de Osama Bin Laden ser expulso e se mover para o Afeganistão.

Uma invasão norte-americana no Sudão era tudo de que Ibrahim precisava! Se isso acontecesse, a concessão de exploração dos campos de petróleo e oleodutos seria facilmente negociada entre o governo sudanês e os empresários norte-americanos.

Tudo, é claro, intermediado por ele. Não comprara à toa milhares de hectares de deserto, onde a prospecção revelara depósitos subterrâneos de petróleo e gás, esperando para serem explorados. Lucraria centenas de milhões de dólares. Com essa fortuna e algumas armações, poderia se tornar um emir em seu país. E quem sabe, no futuro, comandar a Liga Árabe e transformá-la numa poderosa confederação.

A Liga, sob seu comando, se tornaria a primeira confederação militar realmente poderosa do Oriente! Só os ocidentais conseguiram isso. A OTAN, a OEA e o Conselho de Segurança da ONU eram coesos, sabiam encontrar soluções conjuntas e conseguiam atingir seus objetivos. Ao contrário da Liga, onde todos brigavam por questões menores e nunca punham em prática grandes planos. Os líderes árabes precisavam aprender a serem conciliadores. A falta desse detalhe nunca lhes permitiu enfrentar as democracias do Ocidente. Ele tentaria conseguir isso.

Por essa razão acordava todos os dias.

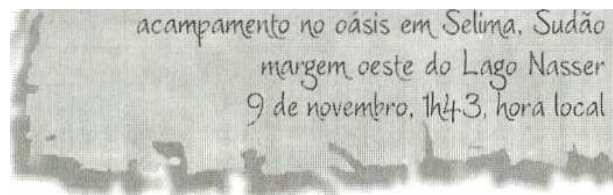
Por essa razão negociava com terroristas perigosos, ignorantes e insuportáveis como Ivazim e seu bando.

Por essa razão humilhava-se ao Maioral, que lhe exigia cada gota de suor em favor da descoberta de estranhos segredos do Egito desaparecido. Não tinha qualquer interesse por antiguidades, seus mistérios e conhecimentos. Não lhe fazia diferença alguma se os arqueólogos conheciam uma relíquia escondida no deserto. Pelo contrário, desprezava esse tipo de coisa. Ciência, filosofia e arte tinham valor somente se fossem para aumentar o luxo na vida dos ricos. Ou para criar armas e riqueza, as duas formas de se obter poder.

Influenciado por algum resquício dos dogmas religiosos aprendidos com os pais na infância pobre, os poucos segundos dispensados a analisar algo espiritual eram apenas para considerar todas as religiões inferiores ao Islamismo. Em sua mente simplista, preconceituosa e contraditória, Ibrahim desprezava qualquer outra forma de o ser humano tentar se relacionar com as sutilezas do universo. Não por motivos profundos, filosóficos ou intuitivos. Apenas por não ser a *sua* religião. Caso fosse judeu, cristão ou budista, a defesa de sua religião seria a mesma; afinal, isso era defender a *si mesmo*. Enfim, exaltar o Islã, o mundo árabe e tudo o mais ao seu redor era uma questão de orgulho e conveniência pessoal, não fruto de conclusões e evolução das idéias.

O grande político estava muito longe de se interessar pelo mistério da existência e por maneiras honestas de vencer na vida. Interessava-lhe somente empenhar-se eficazmente na competição diuturna para tirar proveito das riquezas e oportunidades oferecidas aos mais espertos, e subtraídas dos ingênuos e distraídos.

Poder, fama e dinheiro obtidos por qualquer meio: eis o verdadeiro centro do universo!



DURANTE A MADRUGADA, O campo de refugiados acordou sob gritos e tiroteio.

— Janjaweed! — berravam.

Homens a cavalo, com fuzis AR-15, irromperam pelas vielas, atirando nas pessoas indistintamente. Uma correria se estabeleceu, criando confusão. Sitra e os outros, ao saírem para ver, defrontaram-se com os cavaleiros e, para não serem baleados e atropelados, cada qual entrou no barraco mais próximo.

As cenas mais tétricas então se seguiram. Os *janjaweed* invadiam as habitações, quebravam os utensílios, espancavam as pessoas, estupravam mulheres, adolescentes, meninos e meninas, metralhavam os demais ou, simplesmente, todos. Algumas pessoas, em desespero, ofereciam o pouquíssimo dinheiro que tinham. Os criminosos aceitavam antes ou depois de cometerem seus crimes.

Outros assassinos, sem descer dos cavalos, divertiam-se jogando granadas de mão nos barracos. Um deles, portando um lançador de granada-foguete RPG-7, comum entre terroristas e grupos paramilitares do Oriente Médio, desceu da montaria, mirou um pequeno estábulo de cabras e atirou. A granada cortou o ar deixando um rastro de fumaça branca e atingiu o alvo, explodindo-o. Em três segundos caía uma chuva de pedaços de carne sobre os barracos.

Alguns refugiados tinham armas, e enfrentaram a praga destruidora, alvejando-a quando entrava em suas casas ou passava a galope.

Um verdadeiro campo de guerra se estabeleceu no antes pacífico acampamento.

Ao serem surpreendidos pelo tiroteio, Sitra, Márcio e Manccini entraram de chofre no barraco mais próximo, e fecharam a porta de palha. Mirella entrou em outro e Christian correu pelas vielas. No barraco de Sitra, duas meninas, um homem maduro e um idoso moravam na habitação de um cômodo. As três gerações se abraçaram amedrontadas num canto. Logo perceberam que os invasores do lar estavam também fugindo. Todos se deitaram no chão, apavorados.

Sitra tirou da sacola um revólver, surpreendendo a todos. Quando a porta foi aberta com um pontapé, ela, com incrível rapidez, desferiu um tiro na testa do *janjaweed*, que caiu de costas. Imediatamente puxou-o pelas pernas e fechou a porta. Revirou os bolsos do falecido, tirou seu fuzil e cintos cheios de balas e deu o dinheiro aos donos da casa.

O cadáver permanecia de olhos arregalados, como se congelado num instante de terror, enquanto seu sangue se misturava ao chão arenoso.

Minutos depois, outro *janjaweed* forçou a porta e, antes de abri-la completamente,

foi fuzilado por Sitra, caindo para dentro. Foi imediatamente expropriado de seus bens.

— Fiquem deitados! — ordenou Sitra, ao ver uma menina se levantar.

Manccini e Márcio, apavorados, pensavam onde estariam Christian e Mirella.

Beirando as quatro paredes, havia pilhas de pedras formando uma mureta de meio metro de altura. Foi possível compreender a utilidade disso quando alguns tiros vindos de fora ricochetearam nelas. Sem essa barreira, mesmo deitados os habitantes seriam atingidos.

— Cubra as meninas com os corpos! — Sitra falou autoritária.

— O quê? — o pai viúvo julgou não ter entendido.

— Elas ficarão protegidas dos tiros!

Os cadáveres mornos foram dispostos sobre elas. O sangue morno escorria. O pai e o avô se deitaram ao lado. Durante esses minutos aflitivos, lá fora não paravam os tiros, explosões, gritos desesperados, vozerio alucinado, relinchar de cavalos e gargalhadas. Subitamente, algo atingiu o barraco por fora e este desabou. Quando, quase vinte minutos depois — período infernal para a mais paciente criatura — os tiros, explosões e gargalhadas cessaram, o grito e o choro dos sobreviventes aumentaram até encher a atmosfera. Era o sinal da partida dos assassinos.

Márcio, o homem de negro e o dono do barraco conseguiram rasgar as paredes de plástico e palha sobre eles e, com algum esforço, todos saíram de sob os restos da habitação. As paredes e o teto leves não produziram machucados graves.

O rosado do céu oriental prenunciava o amanhecer. Foi possível entender a razão de o barraco cair: um cavalo, atingido por um tiro, provavelmente vinha correndo e trombou com a habitação, fazendo-a desabar. O infeliz animal estava sobre a parede caída, com parte do telhado de palha sobre ele.

Nada poderia ser mais desolador que o panorama externo. Barracos pegando fogo, crianças chorando vagando sozinhas na busca dos pais e irmãos, jovens e adultos em estado de choque correndo e gritando por nomes ou coisas ininteligíveis, ou estáticos diante dos corpos, sem aceitar o fato brutal diante de si. E um incontável número de cadáveres e partes de corpos espalhados por toda parte.

Mais uma vez, as areias pálidas do deserto africano eram tingidas de vermelho.

Márcio, ao ver bebês e crianças esquartejados ou decapitados, vomitou. Sitra, mais acostumada aos horrores do continente-mãe, ficou impressionada, mas não perdeu o controle. Cobrou saírem em busca dos outros.

Num barraco próximo ao deles encontraram cadáveres e, entre eles, Mirella. Felizmente ela estava bem. Com o susto e o medo, desmaiou antes de todo mundo. Foi sua salvação. Das cinco pessoas abrigadas com ela, três foram assassinadas. Ela e um menino dentuço, julgados mortos, não atraíram a atenção de ninguém.

Para os alunos, completamente desacostumados de tais horrores, esses momentos

ficariam marcados para sempre em seus espíritos impressionáveis e sensíveis. Manccini observava atento as pessoas andando pelas ruelas tintas de sangue, como zumbis, mais mortas que vivas: desorientadas, cabelos desgrehados empoeirados, jovens precocemente envelhecidos, e crianças com o olhar de quem viu a morte. Ah, o Inferno das almas de Dante... Tão ultrapassado se comparado ao inferno dos homens!

Ao fim de mais de uma hora de busca, a constatação forçosa foi expressa por Manccini:

— Christian foi levado pelos *janjaweed*.

Lugar desconhecido

9 de novembro, manhã

CHRISTIAN ACORDOU BATENDO O rosto no chão de tábuas empoeiradas, com as mãos amarradas para trás. Ainda mole, teve dificuldade para ficar sentado e tomar ciência da situação. Um beduíno ao seu lado vigiava-o com um fuzil. Demorou, mas percebeu: estava na carroceria coberta de lona de um pequeno caminhão que corria pelo deserto. Junto com ele uma infinidade de objetos arqueológicos.

Quando o veículo parou, foi carregado no ombro do beduíno forte e, após descer escadas, foi jogado num chão empoeirado. Estava numa cela cheia de lixo. Do lado de fora, amplo salão na penumbra, cheio de caixas, tonéis, ferramentas enferrujadas e outras coisas amontoadas. Um grupo de homens observava-o, entre eles o anão Kazim. Ao lado deles, estupenda arca de madeira folheada a ouro, de quase um metro de altura. Sobre a tampa, um chacal negro com um laço dourado no pescoço.



— Seja bem-vindo ao *Muhanned fawzan al jihad*. — Kazim quebrou o silêncio. — Esta é a Arca de Anúbis! Segundo a lenda dos papiros traduzidos por vocês, ela contém o pó *mfkzt*, capaz de produzir uma explosão igual ou maior à de armas nucleares. Dentro havia mesmo uns quilos de pó branco, não é, Dr. Hassan?

Ibrahim Anwar Hassan fez sinal afirmativo com a cabeça, indagando:

— Exato. O pai dele era amigo de Almásy?

— Conheceu-o — Kazim esclareceu. — Como você acha que ele conseguiu descobrir tudo tão rápido?

— O que é isto? — Christian interrompeu a conversa, irritado. — Soltem-me! A polícia sabe que estou desaparecido.

— A areia branca da arca é o *mjkzt*, Sr. Wardall — Ibrahim não deu a menor importância ao protesto. — E o pão da vida, a força dos exércitos do faraó e o poder de Deus dado ao "povo eleito" para vencer guerras.

Christian percebeu como fora fatal o professor Manccini não ter interrompido a conferência pública quando os agentes da Polícia Federal o chamaram no auditório da FFLCH. Os terroristas souberam de quase tudo o que precisavam, inclusive da viagem deles. Ibrahim continuou:

— *Os jihads* têm feito testes de todos os tipos para ver se a areia branca explode, mas até agora nada conseguiram. De duas alternativas, só uma pode estar certa: ou a teoria de vocês está errada, ou, com a ajuda da sua amiga feiticeira, só vocês sabem como fazer o *mfkzt* funcionar.

— Ensine-nos como esse pó funciona agora mesmo! — ameaçou Kazim. — Ensine ou morre!

— Vocês estão errados! — exclamou Christian, indignado. — Não sabemos se isso é um explosivo e nem Sitra sabe. E mesmo se soubéssemos, vocês não podem nos tratar desse jeito. Soltem-me!

Um dos beduínos se aproximou e deu-lhe um soco no estômago.

— Com suas descobertas — recomeçou Ibrahim, com incomum delicadeza — e com as coisas ditas por Almásy a seu pai, não resta dúvida sobre o pó ser muito poderoso. Vocês sabem usá-lo. Ensine-nos! Você não precisa se preocupar com mais nada. Explique como usá-lo e como chegar a Zarzura, onde existe muito mais. Colabore, Sr. Wardall, será mais fácil e menos sofrido para todos nós.

— Se nos explicar isso, nós o soltamos — adicionou Kazim. — E eu lhe dou o vidro com o sangue de Ricardo e as digitais de Kassab nele, para provar que você não é o assassino dos homens do museu.

Kassab, o beduíno assassino de Ricardo e Severino, esboçou leve sorriso de escárnio ao ouvir seu nome.

-Já disse: não sabemos dessas coisas! — Christian fingiu total convicção. — Estamos procurando ruínas e não armas miraculosas!

— Mentiroso! — gritou Kazim. - Vocês querem o *mfkzt* tanto quanto nós! O Dr. Caio Mancini engana os outros com essa conversa de pólvora. Desde quando feiticeiras conduzem grupos de arqueólogos?

Imediatamente dois beduínos agarraram Christian e cobriram-no de socos e pontapés, arrancando gemidos surdos do rapaz. O sangue logo escorreu do nariz, dos lábios e

de uma sobancelha. Ibrahim se aproximou rápido:

— Chega! Isso não é necessário! — com um gesto, fez os dois homens se afastarem.

— Esse cão cristão está me desafiando desde o começo, Hassan! — Kazim disse, enraivecido — Se não falar agora, vou arrancar o couro dele para forrar meus sapatos!

— Deixe-me falar com ele, Kazim, por favor.

Mal-humorado, o anão retirou-se e levou consigo seus beduínos, restando apenas um garoto bastante jovem, montando guarda com uma cimitarra à mão. Sozinhos na câmara, o embaixador na ONU observou o rapaz através de seus grossos óculos. Aproximou-se e falou baixo:

— Eles não estão brincando, Sr. Wardall. Se não nos der o segredo, vão torturá-lo até à morte.

— Oh! Me ajude a sair daqui! — Christian diminuiu a altivez. — Não me envolvam nessa guerra absurda de vocês.

— Nem sempre a vida nos dá as mais agradáveis opções. Mas deu-as a você. Pode escolher: dê-nos o segredo do mjkzt e o caminho do chagal para Zarzura, e volte para sua vida com tudo resolvido. Ou condnue negando e suporte a tortura. Nossa *jihad* não vai parar por sua causa.

— Não posso colaborar com isso! Ajude-me a sair daqui!

— Pense no que está pedindo, Sr. Wardall! Acha que posso libertá-lo simplesmente? Kazim e seus seguidores permitiriam isso? Se você escolher resistir, morrerá após dias de tortura, e seu altruísmo não funcionará; eles logo seqüestrarão o Dr. Manccini e seus amigos, e todos serão torturados até a morte se não falarem. Duvido que se calarão ao verem *você* esquartejado, sabendo que sofrerão a mesma aflição. Ibrahim afastou-se até a porta e pediu a alguém alguma coisa. Um homem entregou-lhe uma jarra com água e um pano. O político umedeceu o tecido e limpou o rosto de Christian, e lhe deu de beber da jarra.

— Você julga mal nossa *jihad*. Em sua opinião, não somos humanos, não amamos e não queremos viver felizes, não é? Somos *exclusivamente* monstros criminosos sem um pinga de bondade...

Christian ouvia sem nada dizer, alternando sentimentos de aversão e gratidão pelo homem.

— Essa, Sr. Wardall, é uma forma *americana* de nos ver. Fomos muito ajudados pelo Muhanned Fawzan Al Jihad. Quem entra neste movimento só é beneficiado. Em qual outro lugar do mundo um anão deformado obteria um posto de chefia? Onde um árabe como eu, disposto a evitar o avanço do capitalismo selvagem seria devidamente reconhecido? Diga-me em qual empresa, organização ou governo, Sr. Wardall, negros, índios, árabes, europeus, chineses, judeus, cristãos, homens e mulheres são tratados com igualdade, com oportunidades compatíveis com sua real

capacidade? Só sei de dois lugares assim: aqui e nos navios piratas do Caribe de duzentos anos atrás.

Deu uma volta pela câmara, observando Christian discretamente.

— Você também está começando a conhecer as dificuldades da vida, antes mesmo de sair da faculdade. Se quiser se converter à nossa causa e jurar fidelidade total a nós, nunca mais será perseguido por polícia, governo, terroristas, nada disso, não importa o que faça e onde faça. Não terá de procurar emprego nem se preocupar com dinheiro. Precisamos de biólogos inteligentes como você, dispostos a arriscar, inventar, inovar. Duvido que seja seu sonho profissional passar o resto da vida se esforçando para imitar as estrelas das faculdades americanas em troca de um salário medíocre. Salário medíocre, vida medíocre e realizações medíocres são para pessoas medíocres. E você não é assim. Estamos lhe dando a oportunidade de ouro de começar cedo por um caminho que para mim só surgiu após décadas de frustração e desilusões. Mas, para isso, seu primeiro ato de fé deve ser entregar o segredo do *mfkzt* à nossa causa. Pense um pouco antes de decidir.

Ibrahim saiu e deu ordem ao rapaz que os vigiava para ninguém entrar na sala até ele voltar.

Christian tentou conversar em árabe com o garoto. Pediu para ajudá-lo a fugir, ofereceu dinheiro, prometeu tirá-lo do país. Disse poder conseguir dinheiro suficiente para ele ter sete esposas. O rapaz sequer respondeu.

Desistindo do suborno, pôs-se a pensar no comportamento de Kazim e desse outro homem engravatado. Era evidente a estratégia: um ameaçava, xingava e agredia, enquanto o outro se mostrava paternal, amigo e fazia uma proposta sedutora em troca do segredo do *mafukizti*. É claro, seria muito fácil e tentador confiar tudo ao "bonzinho". Nem por uma fração de segundo pensou em aceitar. Além de não ter simpatia por terroristas, não acreditou numa única palavra. Tudo era encenação.

Por outro lado, havia um detalhe real no argumento do homem: se se negasse a cooperar, seria torturado, morto e o mesmo destino teriam o professor, Márcio e Mirella. Talvez Sitra fosse a única a poder se salvar. Tinha ele o direito de pôr em risco a vida de seus amigos? E os poderosos magos de Maha-Ettel? Por que eram tão omissos, se era deles o maior interesse em impedir a chegada a Zertzura? Márcio tinha razão; eles com enormes problemas e o "Mágico de Oz" escondido atrás da cortina. Mesmo Sitra, apesar de toda a sua magia, não o salvara do seqüestro. Súbito desespero se avolumou e sentiu uma pontada no peito, como se por dentro uma agulha gelada o espetasse.

Ibrahim reapareceu.

— E então, meu jovem? Podemos contar com seu apoio? Vai abandonar essa vida de sofrimentos inúteis e se juntar ao nosso grupo? Não estou mentindo ao dizer que nesta comunidade podemos *tudo*, Sr. Wardall. Está vendo esse rapaz? — apontou o

garoto estacado ao seu lado. — Venha aqui, Ratib!

O jovem beduíno se aproximou rápido. Ibrahim acercou-se do rapaz e, sob o olhar atento de Christian, beijou o garoto na boca e massageou-lhe os órgãos genitais. Mandou-o de volta ao seu posto. O rapaz se submeteu sem parecer se importar.

Sem entender nada, Christian admirou o comportamento. Isso era crime hediondo no mundo islâmico. O homossexualismo era muitas vezes punido com a morte. Para os governos islâmicos, não é aceitável nem mesmo falar do assunto. Lembrou-se vagamente de uma história sobre uma reunião internacional de direitos humanos. Quando se incluiu no documento um artigo sobre o respeito às diversas expressões sexuais, os delegados dos países árabes se recusaram a assiná-lo. O texto teve de ser reformulado de tal forma ao ponto de nem mesmo sugerir a existência de um único homossexual entre os 200 milhões de islâmicos da África, Ásia e Europa. O que o homem acabara de fazer era suficiente para ele e o jovem beduíno serem presos e torturados.

— Sabe por que ele não se opôs? — perguntou Ibrahim.

Christian observava inexpressivo.

— Porque em nosso grupo nada é proibido! No mundo lá fora eu e ele seríamos mortos por esse... "crime"! Aqui, Sr. Wardall, *nós* fazemos as leis. Vivemos como queremos e somos solidários uns aos outros. É pura cegueira do mundo capitalista louvar a competição cada vez mais desigual, sob o nome disfarçado de "liberdade". Aqui, não! Então, chegou sua hora de decidir. Kazim não pode esperar mais. Faça sua escolha: venha conosco ou seja torturado até morrer!

Christian suspirou. Nem Sitra nem ninguém de Maha-Ettel apareciam para ajudá-lo. Sentiu-se vencido e esgotado. Olhou para os lados, para cima, para baixo, como se procurasse uma fresta por onde fugir. Por fim, pareceu tranquilizar-se e decidiu.

— Não vou dizer nada! Tirem-me daqui ou os magos de Maha-Ettel matarão todos vocês!

O rosto bronzeado de Ibrahim Anwar Hassan passou por verdadeira transfiguração. Os olhos avermelharam e uma expressão de cólera congestionou-lhe a face e redesenhou os lábios.

— Você vai morrer!! — gritou possesso, contrariando a delicadeza anterior. E saiu apressado em direção à escadaria que subia. Dali a pouco voltou com Kazim e outros beduínos de aspecto feroz.

— Abram a jaula! — ordenou Kazim.

Christian foi trazido para fora e amarrado a uma cadeira.

— Não vou mais perder tempo com você! — vociferou Kazim. — Diga-nos onde está Zerzura e como se usa o *kopesh* para entrar lá, ou matamos você, sua família inteira e seus amigos arqueólogos!

Ato contínuo, dois beduínos desceram uma chuva de socos no rosto e no estômago

de Christian.

— Não vou falar nada!! — Christian gritou enlouquecido de raiva. — Não vou trair os magos que me salvaram a vida. Eles virão aqui e vão matar todos vocês!!

Kazim, surpreso com o atrevimento, cerrou os dentes:

— Quem manda nesta terra sou *eu!* *Eu!* — gritou, ofendido em sua pretensa autoridade. — Todos aqui me obedecem e você não é nada! Posso acabar com você quando *eu* quiser!!

Devido à estatura reduzida, Kazim vacilou em agredir pessoalmente Christian. Para lhe dar um soco no rosto como queria, teriam de deitar Christian no chão. E seu soco não seria forte para machucar tanto. Não queria ressaltar as diferenças físicas. Seria humilhante.

Christian e Kazim cruzaram olhares silenciosos por segundos, como se duas flechas se atingissem no ar.

— Façam-no me obedecer! — Kazim ordenou aos outros.

Antes de falarem qualquer coisa, deram-lhe dois violentos tapas nas faces. O belo rosto queimado de sol alternou-se para esquerda e para a direita. As bochechas arderam e os maxilares doeram.

— Diga, cão imundo! Ou não vamos ser bondosos com você! — berrou Kazim com sua voz meio infantil.

— Não tenho as coisas que você procura — respondeu Christian com chocante tranqüilidade. — Aquele dia, no Cairo, ia lhe entregar um desenho falso. A verdade é esta: não sei onde fica o túnel de Anúbis, nem o labirinto.

— Mentira! Diga ou o forço a falar!

— Vocês não encontraram Zerzura?

Ibrahim se aproximou. Sua fisionomia agora nada tinha de doce.

— Você tinha ouvido falar de Zarzura antes dessa pesquisa? — Zarzura era menos usado que Zarzura.

— Não - Christian estava imperturbável.

— É um oásis procurado há muito tempo onde está guardada a verdadeira Arca de Anúbis, com poderes fantásticos e desconhecidos dos cientistas. Os *jihads* estão procurando isso pelo bem da humanidade, Sr. Wardall. Nossa irmandade secreta existe há milênios e não conseguimos ainda tornar o mundo um lugar melhor por não termos armas como essa. Diga-nos onde está o túnel para entrarmos em Zarzura!

— Dr. Hassan, vocês devem estar delirando. Só assim entendo porque tanto dinheiro e esforço foram gastos para procurar uma lenda qualquer.

— Uma lenda qualquer? Dediquei meus últimos trinta e seis anos a procurar tal lugar. Não sou o primeiro a saber dele, mas serei o último, pois vou achá-lo! Almásy não encontrou, mas eu encontrarei!

— Nunca ouvi falar desse Almásy.

— Você veio muito despreparado, Sr. Wardall... László Almásy foi um membro de nossa sociedade secreta. Ele se infiltrou nos exércitos nazistas para encontrar Zarzura. Procurou e procurou, mas sempre nos locais errados. Chegou a trabalhar com o Marechal Rommel, a "raposa do deserto", para percorrer o Egito e a Líbia, sem nunca encontrar Zarzura. Eu continuo a obra dele. Nossa sociedade terá Zarzura antes de qualquer outra, inclusive de sua equipe científica.

— Essas lendas existiam antes das imagens de satélite. Não tem mais sentido fazer expedições pelo deserto em busca disso!

Ibrahim deu uma gargalhada.

— Você nos acha idiotas? Se uma imagem de satélite resolvesse tudo nós já teríamos encontrado o local. Certas leis da física, desprezadas pelos próprios cientistas que as estudam, permitem a Zarzura ficar escondida. Vocês já descobriram o lugar. Mas nós chegaremos primeiro!

— Chega dessa baboseira científica! — interrompeu Kazim. - Diga agora onde fica o oásis ou os carrascos o matarão! Esta é sua última chance. E isso ou a morte!

Christian decidiu nada mais dizer. Kassab, o assassino do museu, deu-lhe outra bofetada no rosto, em sinal de advertência. Christian não falou nada e, apesar das ameaças e xingamentos ouvidos, manteve silêncio obstinado.

O mutismo tranqüilo e indiferente do rapaz enfureceu o anão.

Logo Ibrahim desferiu um pontapé no estômago de Christian, fazendo-o cair com a cadeira de costas e arrancando dele um gemido. Ergueram-no novamente. Socos. Pontapés. Golpes com pedaços de pau. Punhados de areia enfiados na boca. Mechas de cabelo arrancadas. Em poucos minutos Christian transpirava e ofegava, coberto de dores terríveis. A calma começou a ceder lugar ao pavor. Os golpes estavam cada vez mais violentos e em breve eles partiriam para o uso de armas. A coragem começou a abandoná-lo.

Kazim se afastou e ligou um fogareiro.

Num intervalo da sessão de horrores, com sangue escorrendo em bicas pelo nariz, sobrancelhas e cantos da boca, o rapaz começou a desfalecer. Não dizia uma palavra, irritando seus algozes.

Com um soco violento no ouvido direito do rapaz, a cadeira caiu para a esquerda. Christian estava em estado de choque.

Ibrahim, carrancudo, foi embora resmungando.

O anão se aproximou com um alicate. As pontas estavam arroxeadas pelo fogo. Encostou-o algumas vezes nas pontas dos dedos de Christian.

O toque do metal quase em brasa na pele delicada arrancou gritos do rapaz. O desespero começou a se assenhorear da situação. Christian começou a gritar e chorar.

Kazim começou a rir e, antes de continuar queimando-o, ordenou:

— Tragam os fios. Agora ele vai falar tudo!

Um longo fio foi trazido e ligado numa tomada elétrica.

— Vai explicar ou não?

Christian, com o rosto vermelho, inchado, molhado de lágrimas, pareceu recuperar por um instante a lucidez.

Trincando de ódio, o chefe dos carrascos não percebeu a mudança de pensamento do prisioneiro. Apavorado e com dores indescritíveis, Christian ia contar tudo, mas Kazim, sem dar-lhe tempo de falar, tocou as extremidades dos fios elétricos na barriga do garoto. Christian revirou os olhos e contorceu-se com a violenta eletrocução. Kazim afastou-se e logo eletrocutou-o de novo duas vezes. Christian vomitou.

— Você vai matá-lo, Kazim! — sugeriu um dos algozes. — O Maioral o pediu vivo!

— Eu sei! — o anão afastou-se.

Na verdade, Kazim sentia prazer em maltratar o rapaz. Christian possuía tudo o que ele não tinha e nunca teria: altura, beleza, boa educação, admiração dos outros, vontade indomável e uma integridade moral até agora inabalável. Na verdade, o ódio aparentemente gratuito de Kazim era causado pela vontade de punir quem ele invejava. A única coisa que ele possuía mais que Christian era o poder naquelas circunstâncias, poder desprezado pelo rapaz. Se ele mostrasse subserviência, se se humilhasse e implorasse, a raiva do anão seria menor. Mas aquela altivez era insuportável. Tinha o poder e iria exercê-lo até o mais alto grau! Era preciso provar a Christian, aos carrascos e principalmente *a si mesmo* que ele era melhor em alguma coisa!

Christian não se mexeu mais. Os olhos pararam entreabertos.

Um dos homens ergueu a cadeira e aproximou o rosto do nariz do rapaz. Tocou-lhe o peito e o pescoço. Então disse, alarmado:

— Ele não está respirando! O coração parou!

Local desconhecido

9 de novembro

Hora desconhecida, dia claro

O QUASE-BIÓLOGO olhava no fundo dos olhos de seu *memento mori*. Instante solene, misterioso, único na vida, para nunca mais se repetir, quando a alma perde o contato

com o mundo exterior e concentra-se em si mesma. Viveu em retrospectiva toda a sua vida, reviu cenas ocorridas dias atrás, a escravidão, a chegada ao Cairo, o banco em Jersey, a noite no museu, encontros com amigos, as visitas anteriores ao Egito, o resultado do vestibular, adolescência, infância, o primeiro tombo no quintal da casa térrea onde nascera, seus pais sorrindo para ele por sobre o berço, o instante do nascimento e, por fim, o ambiente úmido e quente do útero materno. Esse filme passado do presente para o passado resumiu mais de vinte anos em menos de três minutos, emocionando-o e fazendo-o avaliar instantaneamente tudo o que fizera de sua vida. Embora tal processo pareça simples, aqueles que o experimentam ficam fortemente impressionados, com reações e vontades imprevisíveis, variáveis em cada pessoa. Alguns têm vontade de voltar e refazer a vida, prestando atenção a tudo o que fizeram equivocadamente; outros sentem uma serena paz e desejo de libertação, intuindo que o processo natural de nascer-viver-morrer foi completado e a natureza deve seguir seu fluxo.

Subitamente, a seqüência acabou. Christian, impressionadíssimo, sentia uma serenidade e uma paz sobre-humanas, uma confiança inexplicável em algo desconhecido; enfim, a calma de quem se entrega aos fatos confiando neles sem nem querer saber o porquê.

Após o fim da retrospectiva, voltou atenção ao ambiente externo: viu-se atravessando um turbilhão luminoso. Faíscas e feixes de luzes estroboscópicas passavam por ele em velocidade estonteante. Ou ele voava através delas? As dores desapareceram. Havia uma leveza inacreditável e uma nunca antes experimentada sensação de bem-estar e serenidade. Após um tempo impossível de ser determinado, o espetáculo feérico terminou. Uma neblina azulada tomou conta de tudo e, quando se dissipou, viu-se deitado numa relva verde. Arbustos e árvores pontilhavam a imensa planície, e o Sol reinava único na vastidão azul do céu. O cheiro do solo úmido e fresco era delicioso. Tinha até canto de pássaros. Alguns córregos e lagos formavam graciosos recantos.

Cansado e desanimado com as terríveis experiências e traições vividas, sentiu vontade de permanecer ali eternamente. Não quis saber onde estava, o que havia acontecido, nada. Chega de saber e preocu- par-se tanto! Enfim, a morte. Desvendara o maior de todos os enigmas? Não importava. Estava bem como nunca; o desconhecido inexplicável era mais aprazível que os melhores momentos de sua vida. Sentia-se feliz por ter se livrado daquele mundo horrível que só lhe trazia decepções. Mil vezes estar morto nesse lugar desconhecido do que voltar àquele inferno repleto de demônios escravocratas e fanáticos *jihads*!

Nenhum ser humano por perto. Que maravilha! Nesse quase-êxtase contemplativo, descansou de olhos fechados por cerca horas, a julgar pelo movimento descendente do Sol.

Após esse tempo, sua natural curiosidade e praticidade foram voltando devagar e ele se levantou, querendo se orientar. Se bem que aquilo parecia estar bom demais para ser a tão temida morte. Pensando melhor, ali deveria ser a África, pois o lugar era decididamente uma savana.

Ao virar-se, notou estranha construção em estilo egípcio antigo, não vista antes. O prédio, porém, tinha toques futuristas. Paredes e colunas, apesar de coloridas e ornadas com filetes metálicos imitando papiros e palmeiras, eram de vidro translúcido e tinham leveza e elegância inéditas. Quem seria o genial arquiteto capaz de combinar tão bem estilos tão díspares? Esse era o prédio onde os *jihads* o torturaram? Os amaldiçoados terroristas julgaram-no morto e jogaram-no ali fora. Era a oportunidade perfeita para fugir e se livrar de tudo.

De pé, estranhou seu estado: estava mais leve, com roupas limpas e sem um arranhão sequer. Não tinha mais dores e o bem-estar era incomum. Mas para onde fugir? Não havia estradas, cercas ou portões. A savana verde se estendia ao horizonte em todas as direções. Pensando melhor, no Egito e no norte do Sudão não existia tal paisagem. Parecia mais estar no Parque Nacional do Serengeti ou na Reserva Masai Mara^[1]. Firmou a vista e caminhou cauteloso para o edifício, única obra humana visível. Poderia haver por ali algum carro ou telefone. Quando chegou a um amplo quadrado de pedra, espécie de pátio anexo à construção, duas pessoas saíram do prédio colossal e descenderam belíssima escadaria de degraus dourados.

Christian imediatamente deslizou para trás de um arbusto, e ficou espiando.

Os estranhos chegaram ao piso de pedra e caminharam calmamente em sua direção. Ele se inquietou, mas ao ver a calma sorridente do casal carregando um bebê no colo, controlou-se.

O homem vestia roupas de nobre egípcio. Olhar simpático e formas harmônicas delineavam o belo rosto. A mulher de pescoço longo e fino usava a coroa alada da deusa Ísis. Magra e de movimentos elegantes, era bem mais bonita que todas as estátuas que ele já tinha visto. Carregava um bebê sorridente, envolto em pano verde-prateado com barra negra.

Por segundos admirou a beleza e a serenidade dos dois. Se do homem exalava-se força e bondade, a mulher irradiava fineza e vontade férrea.

— Você gostou daqui, não? — observou o homem em claríssimo português. — Não precisa se esconder. Está seguro.

Desconcertado, surpreso com o idioma do interlocutor, sentiu não ser um dos algozes e saiu devagar detrás da vegetação, com olhar constrangido.

O homem sorriu:

— Pode se desarmar — advertiu o homem. — Você está entre amigos e longe de torturas.

Christian sentiu imediato alívio e inexplicável confiança. O casal lhe pareceu tão

simpático, tão adorável, que ele queria ficar olhando-o por horas.

— Mesmo sem saber onde estou, poderia ficar aqui para sempre se não fosse tão perigoso.

O homem se aproximou e pôs a mão direita sobre o peito de Christian. Como por encanto, uma tranquilidade ainda maior dominou o rapaz.

— Não há perigos aqui.

— Não? E onde estamos?

— O evento Terra progrediu muito desde o começo. Tem sido proveitoso para muitos experimentar a vida lá. Não acha?

— Evento Terra?... Não sei. Sei que é um lugar onde os criminosos sempre saem vencedores — a fisionomia se contraiu.

— Não concordo. Tem havido muitos vencedores honestos.

— Vencedores honestos?! Ainda não conheci nenhum. Ou melhor, os honestos se submetem aos desonestos, só se vencer for isso...

— Quando vivi lá — iniciou o egípcio — cometi um grande erro. Nasci no Egito e me apaixonei por tudo o que existe de melhor no mundo: arte, ciência, conhecimento, beleza, bons sentimentos e ideais nobres. Buscava a perfeição em todas as coisas.

— E isso é um erro?!

— Não! O erro foi acreditar ingenuamente que o mundo estaria pronto esperando para realizar meus sonhos. Por mais que eu tentasse ser realista, sempre me decepcionava quando meus ideais de perfeição eram traídos por mentes cruéis e menos capazes. Acabei me desinteressando de minha gente, e comecei a procurar a felicidade cada vez mais longe.



Christian ouvia o estranho relato, sem entender por que o desconhecido lhe contava a própria vida.

— Busquei a harmonia mais fora de mim do que dentro. Conheci outros países e, você sabe, para o turista, tudo é interessante. Passei mais tempo neles do que no Egito. Minha alienação custou caro: eu era um grande e poderoso faraó. Meu irmão, um inimigo desde a infância e invejoso do meu trono, aproveitou minha ausência e preparou um golpe: quando retornei, recebeu-me com magnífica festa. Nesse dia, fui preso, morto e meu corpo jogado no Rio Nilo.

A fisionomia do egípcio, antes radiosa, estava soturna.

Estranhamente, Christian achou familiar a história. Onde teria ouvido relato similar?

— Custou-me muito para encontrar o corpo de meu amado marido — iniciou a dama de voz aveludada. — As águas do Nilo levaram-no à praia de um país distante, onde seu caixão foi guardado por um rei em seu palácio. Apesar de conseguir trazê-lo de volta, não pude dar-lhe um sepultamento honrado.

— Meu rancoroso irmão — tornou o homem — esquartejou-me e espalhou pedaços de meu corpo por todo o país. Uma forma de eliminar até minha memória. Apesar de alheio à realidade, eu era muito querido, e meus ideais nobres permaneciam vivos em muitas pessoas, inclusive em alguns que conspiraram contra mim e se arrependeram. Meu irmão era um rei terrível, cego, e levava o país à destruição.

— Minha força de vontade salvou o Egito da desgraça — prosseguiu a rainha. - Nem meu cunhado, nem seus aliados, nem a falta de apoio — nada! — nada me deteve. Percorri o País das Duas Terras inteiro e recolhi cada pedaço do corpo de meu marido. Só minha poderosa e indomável vontade seria capaz disso. De volta à capital, reconstituí seu corpo, dei-lhe o sepultamento de um rei, e sua alma ficou em paz.

O bebê agitava na mãozinha uma pequena esfinge de brinquedo, diminuta réplica de alabastro da estátua do planalto de Gizé. A belíssima mulher ajeitou o bebê no colo e continuou:

— Desde então, ele se tornou rei do Mundo dos Mortos, inspirando os vivos com suas boas idéias e ideais superiores. Nosso filho deverá reinar no Egito com mais sabedoria que nós. Ao contrário de seu pai, só poderá ser rei se conquistar o trono pessoalmente, tendo os pés no chão, sem fugir da realidade desagradável. Uma grande batalha o espera na Terra.

— E você? - inquiriu o faraó destronado. — Qual é sua história?

Christian não teve mais dúvidas. Estava numa clínica psiquiátrica.

Lembrou-se da mesma história ouvida de Sitra: o mito do assassinato de Osíris e sua ressurreição feita pelo esforço e magia de Isis. Quando a deusa reconstituiu o corpo do esposo, Osíris se tornou deus dos mortos. E Hórus, filho deles, cresceu e

destronou o tio Seth, assumindo o trono do Egito e banindo Seth para o deserto. Seus novos amigos esquizofrênicos acreditavam ser Osíris e Ísis... O estranho era falarem português. De qualquer forma, eram amigáveis. Contou resumidamente os fatos mais marcantes de sua vida e suas últimas lembranças: as horríveis torturas infligidas pelos terroristas. O casal ouviu com naturalidade.

— E agora, para onde você vai? — quis saber a rainha.

— Não sei. Estou perdido. Só sei que não quero mais voltar para lá.

— Você não me parece perdido - observou o faraó. — Abalado pelo comportamento indigno das pessoas, quer desistir e esquecer. Assim como fiz.

— Não, meu senhor! Creio haver um engano. Não estou desistindo, estou tomando outra direção. Estou cansado. Não me interessa mais por causas perdidas. Se as pessoas querem ser terroristas, policiais corruptos, torturadores e escravocratas, que sejam! Cada um viva sua vida. Vou viver a minha. Longe delas!

O cavalheiro pousou suavemente a mão grande no ombro de Christian.

— Entendo sua natural dificuldade com um mundo caótico e agressivo, onde, atrás de cada arbusto, verdadeira fera humana espreita querendo arrancar tudo de nós. Você, por valorizar a honestidade, o bem e o belo, é naturalmente deslocado. Entretanto, há um motivo superior para os deuses nos lançarem em empreendimentos como esse.

— Os princípios nobres e altruístas têm enorme valor — intercedeu a estonteante rainha — desde que deixem o campo das idéias abstratas e se tornem materializáveis no mundo exterior. Meu marido amava esses princípios, vagando fora do Egito, fora do mundo real. Eu tenho vontade firme e sei muitos encantamentos, capazes de trazer esse mundo sutil e misterioso para a realidade. Isso será essencial para o sucesso de nosso filho.

— De nossa união — retomou o homem — nasceu o bom senso prático, capaz de enfrentar o tirano destruidor do Egito e fazer o reino atingir brilhantes culminâncias.

A mãe continuou:

— Hórus é a esperança de uma nova ordem ser construída no Egito, Christian. Você se negará a cumprir seu papel, a razão de sua vida na Terra? Desistirá de seu sonho planejado desde a infância? — aproximou-se e entregou-lhe o bebê.

Meio sem jeito, o rapaz não foi capaz de recusar e abrigou a criança nos braços fortes. Quando olhou-a de perto, surpreendeu-se: o bebê tinha o seu rosto! A criança era exatamente como ele fora naquela idade, os mesmos cabelos claríssimos e olhos verdes. Christian olhou estupefato para o casal, buscando explicação. Agora, para sua maior surpresa, ele e ela também tinham o rosto dele!

— Faça Hórus reinar no Egito, Christian! A arma que o levará à vitória está aqui. Você só precisa usá-la! — o homem tirou da parte de trás do cinturão uma espécie de espada magnificamente trabalhada, com a lâmina curva: o *kopesh* de Hórus. —

Se desistir do mundo, estará desistindo de si mesmo!

Christian gaguejou enquanto equilibrava o bebê num braço para pegar com outro o *kopesh*:

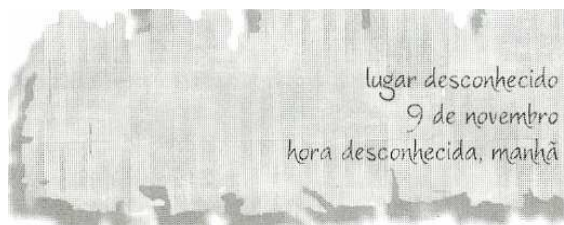
— Como? Como posso fazer este menino se tornar rei do Egito só com essa espada?!

— O Egito é a vida de cada um de nós! — o homem sorriu. — Não deseje a morte.

Volte para a vida e faça Hórus tornar-se faraó! — e adquirindo expressão séria e taxativa, sentenciou: - Entenda isso, Christian, pois é a chave do grande enigma.

Entenda e viva isso ou jamais conseguirá ser feliz!

Subitamente, o mesmo torvelinho de faíscas e luzes de antes arrebatou-o da idílica planície. Viajou pelo turbilhão luminoso, até de repente tudo desaparecer. Cercado de densa escuridão, perdeu a consciência.



CHRISTIAN WARDALL ACORDOU sentindo dores no rosto, na cabeça, nas costas, nas juntas e no estômago. O peso voltara ao corpo. Cheiro de mofo substituíra o ar límpido da pradaria. O toque suave na manta do bebê cedeu lugar ao ardor da pele queimada dos dedos. Forte pressão comprimia-lhe o peito e os lábios quando começou a ofegar, com tremenda sede e falta de ar. Finalmente, abriu os olhos devagar. Viu, para sua decepção, o teto do lugar onde fora horivelmente torturado. Estava deitado de barriga para cima.

Um dos carrascos estava sobre ele, pressionando seu tórax, enquanto outro ainda lhe soprava o nariz e tapava-lhe a boca.

— O porco cristão não morreu, Kazim - declarou o que fazia a massagem cardíaca.

— Só teve uma parada de dois minutos.

— Deixe-o na jaula e lhe dê alguma comida — ordenou o mais terrível dos anões. — Quando estiver melhor, voltaremos para fazê-lo falar de uma vez por todas.

Christian foi arrastado pelos braços para a cela. Logo um homem retornou com um pão seco e jogou-o perto dele. O pão era tão duro que, se atirado contra a cabeça de alguém, machucaria.

O rapaz não reagiu. Apesar das dores e da odiosa volta ao porão infecto, na companhia daquelas feras em forma de gente, seu interesse era o diálogo com o casal na savana paradisíaca. A experiência de quase-morte o impressionara tão fundo que aqueles momentos eram para ele mais reais e importantes que o objetivo mundo material no qual acordara. Impossível descrever com fidelidade tal inversão de importância, pois só a experiência permite a compreensão completa desse estado.

Por quase uma hora permaneceu alheio e pensativo. Os carrascos desceram três vezes para vê-lo, julgando-o em estado de choque ou com paralisia cerebral causada pelos dois minutos sem respirar. Mas se essa incrível experiência interior produziu deliciosos momentos, por outro lado fez sua tristeza ser ainda maior. Queria ficar naquele lugar para sempre, e não voltar ao convívio desses seres demoníacos também chamados de humanos. Foi possuído por uma vontade devoradora de sair daquele mundo odioso e estar de volta em seu quarto em Higienópolis, sob o ar condicionado, ouvindo música e estudando os assuntos de sua preferência. A angústia da frustração chegou a doer-lhe fisicamente, provocando uma pontada no peito.

— Chega... — murmurou para si mesmo — Não tenho condições de enfrentar isso. Sentindo-se profundamente arrasado e vencido, chamou o rapaz que montava guarda, pedindo que chamasse Kazim.

Acampamento no Oásis em Selima
9 de novembro
10h38, hora local

O SILÊNCIO REINANTE no estábulo foi quebrado quando o telefone de Manccini tocou.

— Christian! — o idoso arregalou os olhos. - Onde você está? Você foi escravizado de novo?

— Nã... Professor, ouça ...tenção. Estou ...so numa fazenda... *osjihads*. E...

Manccini não entendia direito, o sinal era constantemente interrompido.

— Onde você está? Chame a polícia!

— Ouça, professor! ... fazendo esta liga... escondido! Vão para ... da caveira. Estou fugindo... chegare... algumas horas.

— A cratera da caveira? — Manccini virou-se para Sitra: quanto tempo levamos para chegar lá?

— Três horas. Onde ele está?

— Numa fazenda, eu acho. Está ligando escondido dos seqüestradores e vai fugir. Sitra apertou as sobrancelhas.

— Diga que o esperamos na cratera, doutor.

Manccini ia protestar, mas ela insistiu.

— Preciso desligar, professor... alguém ... chegando. Peça pa... Márci... minha teoria. Antes que Manccini pudesse fazer alguma pergunta, Christian desligou.

Preocupadíssimos, arrumaram as coisas e, despedindo-se dos refugiados, partiram com os cavalos. Sitra distribuiu algumas centenas de libras egípcias e dinares sudaneses aos escravos libertos e deu-lhes instruções. Manccini insistia que deveriam imediatamente chamar as autoridades ao invés de continuar aquela aventura.

— Além disso — ele acrescentou — quando eu estava em Wadi Halfa, a previsão do tempo anunciou uma grande tempestade de areia indo para o sul, que chegaria até Karthoum, não sendo seguro ficar no deserto.

— Não podemos chamar a polícia nem o exército, doutor! - Sitra retrucava. — Os *jihads* podem matar Christian e, se não matarem, as autoridades o enviarão preso ao Brasil.

Manccini teve de concordar, sem saber se faziam o melhor. Horas de caminhada depois, Márcio e Mirella declararam que, segundo as aerofotos, estavam no fim do aqueduto de Senusret. Armaram uma tenda num lugar escondido entre os rochedos.

— Chegamos à cratera da caveira, a entrada de Zerzura — declarou Sitra.

— Não há nada lá fora, senhorita, a não ser morros de pedras! — Manccini falou irritado. — Só um louco acreditaria haver no alto daqueles rochedos um oásis perdido!

— Ouçam: se Neshi e os magos da Serpente Vermelha aparecerem antes de Christian, o que enfrentaremos não será fácil. Dois magos de Maha-Ettel devem aparecer a qualquer momento para nos ajudar. Será um momento decisivo. Assim que eles chegarem, vamos preparar nossa entrada em Zerzura. Quando Christian chegar, o farei evocar o *kopesh* e abrir o Túnel de Anúbis, o Caminho do Chacal. Então nós sete entramos e, uma vez lá dentro, pegamos a Arca de Anúbis e saímos. Com a Arca aqui fora, seguimos direto para Maha-Ettel.

— Mas... — Manccini tentou interromper.

— Aconteça o que acontecer — Sitra aumentou o tom da voz — *Não* saiam de perto de nós, ou não poderemos protegê-los, entendem?

Manccini teve um acesso de indignação.

— Chega, senhorita! — ele gritou com ela. — Ou a senhorita explica qual é seu plano infalível com esses magos que nunca aparecem, ou iremos embora agora! Não estou mais disposto a arriscar a vida de meus alunos e nem a minha por motivos misteriosos e que não fazem qualquer sentido. *Convença-me agora* que é possível chegar a esse tal oásis ou vou chamar a polícia! — ele ergueu o celular e ficou de pé.

— Eu também prefiro que Christian fique com as autoridades do que com os terroristas — acrescentou Mirella. — Ou você nos explica o que dizem nossos papiros ou vamos embora.

Márcio baixou os olhos, mostrando que concordava com eles.

A maga percebeu que a paciência dos três chegara ao limite. Tinha de aproveitar o tempo restante para explicar o segredo do oásis, mas como fazer isso? Eles nada entendiam da magia egípcia. Ela se sentou no chão de areia.

— Nunca entrei em Zerzura. O lugar está isolado pelo poderoso encantamento feito na época do Pacto Atlante, há mais de 12 mil anos, como já mencionei. Esse feitiço criou... uma... barreira invisível pela qual se atravessa — Sitra procurava por palavras apropriadas; embora fosse fluente em inglês, não tinha familiaridade suficiente com questões científicas.

— Uma barreira que se atravessa e não se vê? — repetiu Márcio. — Se não barra nada, não é barreira!

Mirella riu.

— Não, não é isso — Sitra se corrigiu. Fez um desenho na poeira do chão.

— Aqui neste "Z" está Zerzura. Há um envoltório invisível protegendo o lugar. Tudo o que vem por aqui contorna Zerzura e sai do outro lado sem perceber, como se tivesse andado em linha reta. Uma pessoa deste lado olha para outra, do outro lado, e ambas se vêem sem nada entre elas. E Zerzura está no meio.

— Como isso é possível? — desacreditou Manccini.

— Eu lhe asseguro, doutor: é possível! Esse encantamento é tão perfeito que nenhum aparelho do mundo de vocês é capaz de percebê-lo. Qualquer irradiação, som, luz ou outras ondas eletromagnéticas, faz o mesmo percurso de uma pessoa, um carro ou um camelo indo daqui para lá. Foi a mensagem oculta do sacerdote de Semna para Ranseneb através dos desenhos nos papiros.

— Mas, Sitra... - Márcio também tinha dificuldade de acreditar. - Nós temos as imagens de satélite dessa região. Não há nenhum buraco aqui! Só esses montes rochosos no meio da cratera.

— Zerzura está lá, mas nós e nossa vista a contornamos, parecendo tudo normal para nós.

— Toda essa região é uma planície arenosa, Sitra — pela primeira vez Mirella concordava com Márcio. — Se Zerzura está lá, essas toneladas de areia e pedra estão onde?

— Estão contornando Zerzura. Para quem olha, parece reto.

Por mais boa vontade que tivessem, não conseguiram entender. Sitra não sabia explicar melhor. Tinha dificuldade em se expressar seguindo a lógica discursiva e demonstrativa dos acadêmicos ocidentais. Toda a ciência egípcia era bem mais empírica que teórica. Os magos se preocupavam mais em descobrir os fenômenos e dominá-los, dando pouco valor à descrição meticulosa num modelo teórico de funcionamento. Além disso, seu vocabulário inglês era melhor em assuntos mais comuns.

— Você está fantasiando as coisas — intercedeu Márcio. — De certa forma eu

estava certo: a cidade fica perto da caveira, porém soterrada.

Mal falou isso, todos ouviram o rugir de motor e correram para fora. Do norte da cratera vinha uma caminhonete branca em alta velocidade. Quando a Toyota velha chegou, dela desceu Christian.

Todos se alarmaram com o aspecto do universitário: era um espantalho vivo, coberto de ferimentos e sangue. Enquanto Mirella limpava o rosto de Christian com um pano úmido na tenda, Sitra tirou de sua mochila um frasco e despejou umas gotas num copo de água. Assim que bebeu, Christian pareceu se reanimar. Comeu um pouco do que ainda restava enquanto contava o que tinha acontecido.

— Era uma fazenda de campos irrigados. Nos subterrâneos há várias pessoas aprisionadas. Eles criam as vespas assassinas aos milhares. Estão fazendo experiências.

— E como você conseguiu fugir? — quiseram saber.

— Na cela em que eu estava havia lixo. Lá encontrei um arame. Quando consegui abrir a fechadura, fugi para fora e liguei para o senhor desta caminhonete que roubei. Eles certamente já sabem que fugi, e devem estar me procurando. Daqui a pouco chegarão.

— E a placa de Petri com o sangue do Ricardo?

— Não consegui pegar.

Ficaram pensativos e preocupados. Manccini foi o primeiro a cobrar ação:

— Christian, Sitra insiste que o oásis lendário de Zertzura existe, está diante de nós, e dá para entrar nele, mas não conseguimos vê-lo. E Márcio nos contou que você estudou umas coisas de física que explicam como podemos ver esse oásis. E verdade isso?

— Sim. Vocês se lembram de quando estivemos em Maha-Ettel há dois anos, quando vimos Seneb manipular a mente de um líder terrorista e do menino-bomba?

— É claro — concordaram Mirella e Márcio. Manccini não tinha presenciado.

— Lembra-se de Seneb abrir na parede uma janela por onde ele interferia em lugares distantes sem sair do lugar?

— Sim.

— Esse foi um dos fenômenos que me deixaram muito intrigado. Durante esses dois anos estudei isso e há uns meses Márcio e eu começamos a conversar a respeito.

— Vocês descobriram como isso funciona? — interessou-se Mirella.

— Não. Mas tenho uma teoria — Christian enfiou um pedaço de pão na boca.

— Você pode falar de uma vez? — Manccini pediu, irritado, pondo a mão no telefone. — Se vocês não demonstrarem muitos bons motivos para continuarmos aqui, chamarei as autoridades para nos resgatar.

— Márcio, você contou ao professor da teoria que conversamos?

— Isso, por acaso, importa agora? — cortou Manccini carrancudo.

— Sim — Christian virou-se para Sitra: — Você disse que qualquer pessoa ou coisa contorna Zerzura sem perceber, certo?

— Certo — Sitra assentiu.

— E por isso nem as imagens de satélite nem nossas fotos aéreas registraram nada, pois a luz se curva e contorna o oásis?

— Certo.

— Bem... Desconfio de como você acredita funcionar a barreira isolante de Zerzura... Nos textos de física que li, a matéria tem quatro dimensões. Se pegarmos uma coisa qualquer, isto aqui, por exemplo — pegou um galão de água — ele tem três dimensões: altura, comprimento e largura, certo?

— Sim — concordaram.

— Podemos girar o galão deste jeito, imaginando um eixo de rotação vertical, atravessando sua altura — Christian começou a girar o recipiente de pé com as mãos.

— Além dessa rotação, o galão pode girar também deste jeito, em torno de um eixo imaginário do comprimento. E há um terceiro giro em torno da largura. São três os eixos possíveis. Qualquer outro movimento será a combinação da rotação em torno desses eixos imaginários. Se eu jogar esse galão rodopiando no ar, ele vai girar em torno dos três eixos, ou seja, suas três dimensões, seus três tamanhos, estarão girando.

— E onde está a quarta dimensão? - quis saber Mirella.

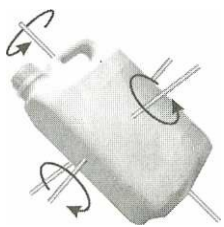
— A quarta dimensão é o tempo. Sem ela, não há movimento. Movimento é a mudança no espaço. De acordo com o campo gravitacional mais forte ou mais fraco, o tempo passa mais devagar ou mais rápido. É o quarto movimento, que condiciona os outros três..

— Tempo mais devagar e mais rápido? — objetou Mirella. — O tempo é igual mesmo se nada se mover do lugar.

— Isso é impossível — retrucou Christian. — Uma coisa parada tem seus elétrons, o núcleo e outras partículas girando rapidíssimo. O tempo está passando. Se todas essas coisas, partículas e ondas realmente pudessem parar de se mover, então o tempo teria parado. Em certos lugares o tempo passa mais lento, noutros, mais rápido. Um elétron gira em torno do núcleo do átomo. Onde o tempo passa mais devagar, *tudo* fica mais lento, até o girar do elétron. O único jeito de saber a passagem do tempo é percebendo a mudança de alguma coisa no espaço.

— Mas o tempo não é uma dimensão, não é um tamanho — objetou Mirella.

— Einstein considerou como uma medida do movimento. Os átomos, as partículas subatômicas, as ondas, tudo *é* um movimento. Existir é estar em movimento, e o movimento é a medida do tempo. O tempo não é um tamanho, como altura, comprimento e largura, mas é uma medida das coisas.



— Posso saber o que isso tem a ver com o encantamento de Zerzura? — cortou Manccini.

— Tempo e espaço não podem existir um sem o outro. É como jogar uma moeda para cima: cara e coroa vão virar juntas e, ao cair, vamos ver um lado. Podemos virá-la para ver o outro, mas não tem como jogar a moeda e fazer só a cara virar e a coroa ficar parada. Não tem como uma moeda ter só um lado. Assim são o espaço e o tempo. Por isso Einstein chamou de espaço-tempo: ambos são a mesma coisa, ou melhor, duas formas diferentes de percebermos a mesma coisa.

— E Zerzura, nisso tudo... — cobrou Manccini.

— O espaço-tempo não é um vácuo, um vazio. É algo no qual as coisas tridimensionais existem. Um desenho, para existir, precisa...

— Tridimer... Tridimersinais? Desculpe, não conheço essa palavra — interrompeu Sitra.

— Tridimensionais, coisas com as três dimensões: altura, largura e comprimento. Como eu dizia, um desenho, para existir, precisa estar num apoio: um papel, uma tela de pintura, qualquer coisa bidimensional: de duas dimensões. Uma coisa tridimensional precisa também de um apoio tridimensional. Esse apoio é o espaço. E Einstein explicou que as coisas e o espaço não são tri, mas quadridimensionais, por incluírem a quarta dimensão, o tempo. O apoio de todas as coisas é o espaço-tempo. Tinham dificuldade de captar conceitos tão abstratos. Manccini se lembrou de ter lido resumos de tal teoria. Mirella tinha conhecimento superficialíssimo, lido em jornais. Só Márcio se sentia à vontade, por ter debatido com Christian previamente e lido alguns artigos.

— Se eu desenho um quadrado num papel, esse quadrado tem duas dimensões. Reunidas, elas formam a *área* do quadrado, certo? Ele não tem volume, só superfície.

— Correto — concordaram.

— Se eu entortar o papel, o quadrado desenhado passou a ter volume? Não, continuou bidimensional com a mesma área. E da mesma maneira o espaço-tempo também pode ficar torto. Assim como o quadrado acompanha a curvatura do papel, os objetos acompanham a curvatura do espaço-tempo.

— Não entendi uma coisa — objetou Mirella. — Como é possível entortar o espaço? O papel é algo material, você pode entortá-lo, mas e o espaço vazio? É mais difícil

ainda: como é possível *saber* se o espaço está torto? Você é capaz de dizer se o espaço onde estamos está reto ou torto?

— Albert Einstein calculou e os outros comprovaram que uma grande massa — uma lua, asteróide, cometa, planeta ou estrela — entorta o espaço-tempo em volta dela. Essa parte torta é o campo gravitacional. Por que a Terra atrai todas as coisas para ela? A gravidade não é uma corda invisível puxando as coisas, é o espaço-tempo torto na direção dela. Ou seja, o espaço *é uma coisa* na qual tudo existe, assim como o papel também é uma coisa na qual o desenho existe.

Como seus colegas olhavam imóveis, denunciando não terem entendido, exemplificou:

— Imagine uma cama elástica perfeitamente reta. Duas crianças de cada lado da cama jogam uma bolinha de gude uma para outra. A bolinha vai e vem em linha reta. Então, um dos meninos sobe na cama e fica de pé no meio dela. A cama se deforma para baixo quanto mais próxima dos pés do menino, certo? Se o outro menino jogar a bolinha pela superfície, quanto mais perto ela passar do garoto em pé, mais o caminho dela será curvado, ela não poderá seguir em linha reta para o outro lado como antes, certo?

— Certo.

— E, se passar muito perto, a bolinha não escapará do afundamento e se juntará aos pés do menino. Se muitas bolinhas caírem ali, o peso junto ao menino vai aumentar, fazendo a cama afundar mais ainda, aumentando a curvatura em volta dele e capturando mais bolinhas. E exatamente assim que um planeta ou estrela cresce ao capturar corpos celestes e gases com seu campo gravitacional. Tudo o que passar perto de um planeta, lua, estrela ou outro corpo qualquer terá a trajetória afetada pela curvatura do espaço-tempo em volta, e pode não escapar da curvatura, caindo sobre o corpo e aumentando sua massa. Até a luz entorta ao passar pelo campo gravitacional.

— A luz?! — admirou-se Mirella.

— Sim, a luz e todas as outras ondas e partículas conhecidas. Respondendo às suas duas perguntas, Mirella: o espaço-tempo é uma coisa, e não um vácuo como se pensava; e o espaço-tempo onde estamos está torto na direção do centro da Terra. Se não estivesse, as coisas não cairiam no chão.

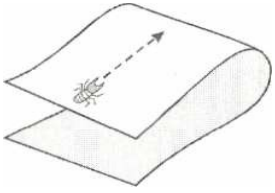
— Christian — interrompeu Manccini. — Isso é, sem dúvida, muito interessante. Mas ainda não consigo enxergar a relação com nossa dificuldade de encontrar Zerzura, se esse lugar realmente existir.

Christian pensou por segundos e pediu caneta e papel a Manccini.

Sitra observava calada e curiosa essa forma tão teoricamente elaborada e discursiva de demonstrar o que ela conhecia pela experiência e pela intuição.

— Este é um plano, um lugar de duas dimensões, certo? — disse Christian,

mostrando a folha de papel estendida. — Imagine um cupim andando de um lado para outro da folha. Os cupins são cegos, então não vêem a curvatura. A trajetória dele tem apenas uma dimensão: o comprimento. Se eu entortar assim o plano... — ele curvou o papel, fazendo-o ficar com forma de "U" — quando ele chegar ao final, estará próximo de onde saiu, mesmo tendo só andado em linha reta para frente. Se Zerzura estiver aqui no meio da dobra da folha — ele pôs a mão dentro do "U" — o cupim contornará Zerzura mesmo andando em linha reta, e nunca a encontrará. — É mais ou menos assim que vejo o encantamento protetor de Zerzura — afirmou Sitra, admirada com a clareza da explicação. A forma descritiva dos ocidentais tinha suas vantagens. Ela e seus mestres não eram claros assim.



— Bom — ponderou o professor. — Supondo que tudo isso esteja correto, que exista mesmo uma cidade perdida e que seja possível algum tipo de magia dobrar o espaço-tempo dessa maneira, surge a questão mais importante de todas: como vamos fazer para atravessá-lo? Somos cupins nessa situação.

— Eu faço a mesma pergunta... — Márcio acrescentou. — Acredito na Teoria da Relatividade, mas não que exista um oásis escondido ali fora.

— Continue explicando o que você pesquisou — pediu Mirella.

— Os físicos dizem — Christian continuou — que se uma nave espacial viajar por dezenas de anos-luz, a trajetória dela não será reta, mas sinuosa devido aos campos gravitacionais dos corpos próximos ao caminho. Os tripulantes e os instrumentos de navegação só perceberão essas curvas se tiverem pontos de referência: estrelas, planetas, asteróides. Caso contrário, farão curvas sem perceber.

Enquanto falava, começou a fazer outro desenho.

— Se Zerzura estiver num lugar contornado pelo espaço-tempo curvo, todas as pessoas e coisas passarão em volta dela acreditando terem andado em linha reta, sem nada verem de anormal. Elas olharão para frente e para trás, os pássaros voarão de um lado a outro, e verão o deserto em todas as direções, pois a luz também acompanha a curvatura. Zerzura não precisa ser subterrânea. Essa cidade, se existir — puxou o tecido da entrada da tenda, olhando para o deserto dentro da cratera — estaria diante de nós, e seríamos incapazes de ver. Estamos cegos diante da curvatura do espaço-tempo como o cupim está diante da curva do papel. Eu nunca tinha ouvido falar de Zerzura. Na verdade, estudei essas coisas para entender aquelas janelas no espaço que Seneb abriu entre lugares distantes.

— E como vamos atravessar uma coisa intocável como essa? — Mirella olhou para

o teto da tenda.

Christian recomeçou:

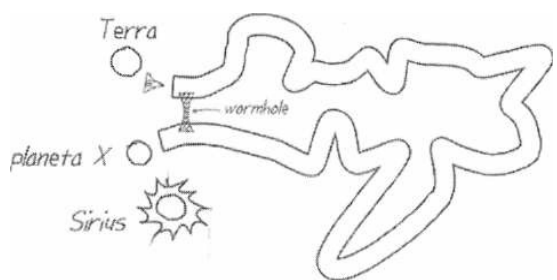
— Segundo os físicos, é possível criar um atalho entre dois lugares. Os astrônomos dizem haver maneiras, até agora apenas teoricamente calculadas, de dobrar o espaço-tempo deste jeito — ele indicou o papel em U — e abrir um túnel entre as duas extremidades. Mas eles dizem que para isso é necessária uma quantidade de energia fabulosa, que nenhum aparelho na Terra é capaz de gerar. Esse túnel entre duas regiões distantes do universo eles chamam de *wormhole*.

— *Wormhole*: buraco de minhoca? — arriscou Manccini.

— Exato — confirmou Christian.

— Não entendi — objetou Mirella, contrariada por não poder brilhar na conversa. — Se uma ponta do espaço está perto da outra, por que seria preciso um túnel para atravessá-la?

Christian mostrou seu esboço.



— O jeito comum de as naves atravessarem o espaço é indo pelo caminho comprido, como os cupins. Imagine se uma nave espacial viajar à velocidade da luz da Terra até um planeta X girando em torno da estrela Sirius, a 8,6 anos-luz de distância. Quanto tempo a nave levaria viajando?

— 8,6 anos! — Mirella foi categórica. Pelo menos nisso ela podia mostrar certeza.

— Então... A nave andaria por todo esse caminho pensando ter andado sempre para frente. Se tivesse um *wormhole* aberto entre aqui e aqui — ele indicou no desenho as partes próximas da Terra e do planeta X — ela faria o mesmo caminho *instantaneamente*. Se ela entrar aqui às 7h43min58s, atravessará o *wormhole* e chegará aqui, a mais de 80 trilhões de quilômetros de distância, às mesmas 7h43min58s. Com o *wormhole*, a menor distância entre dois pontos é zero, e não uma reta.

— Nossa! Que loucura! — admirou-se Mirella. — Será isso o Caminho do Chacal, a travessia entre os mundos pelo qual Anúbis conduz o faraó?

— Ah! — Sitra falou de modo cômico. — Até que enfim!

— E... — Márcio quis saber. — O Protocolo Anúbis seria o quê?

— O conjunto de procedimentos para se abrir o Túnel de Anúbis, o Caminho do Chacal, o *wormhole*, e chegar a Zertzura! — completou Sitra. — Entendem agora o

risco que todos vocês correm? Vocês, sem saber, descobriram o Protocolo, e estavam sendo espionados há muito tempo. Os *jihads* e a Serpente Vermelha devem ter sabido desses estudos e armaram as coisas detalhadamente. Eles só não conseguiram uma coisa para poderem entrar.

— O quê? — perguntaram em coro.

— O *kopesh* de Hórus. Não sabiam onde encontrá-lo.

Christian pegou de novo a folha de papel, juntou as extremidades e desenhou um cupim atravessando um buraco.

— Pela explicação da Teoria da Relatividade, Seneb e os outros atravessam grandes distâncias deste jeito: ao invés de o cupim dar a volta na folha toda indo para frente, ele passa por um buraco aqui e sai do outro lado na mesma hora.



— Meus caros, vamos pôr os pés no chão... — Márcio desdenhou. - Toda essa história de *wormhole* é verdade. Mas para se criar um túnel desses é preciso uma quantidade de energia maior que o consumo de todos os parques industriais da Europa e da América do Norte juntos. Du-vi-do que Seneb com sua varinha mágica conseguisse isso!

— É mesmo? — intercedeu Sitra. — Vou lhes mostrar como os papiros estão dizendo essas mesmas coisas. Pode me mostrar a imagem do gato com a faca?

— Para mim, isso é impossível... — Márcio se antecedeu enquanto ligava o *laptop*.

Nesse instante, o silêncio do deserto foi quebrado pelo piar de uma coruja, que parecia bem próxima da tenda. O piar se repetiu mais duas vezes.

— É o sinal — Sitra falou olhando para fora. — Tefnut e Roant chegaram. Fez uma concha com a mão em tomo na boca e emitiu um piar idêntico, com gloriosa perfeição, extraindo olhares admirados dos mortais.

Todos saíram da tenda e viram a menos de uma centena de metros pequeno redemoinho de poeira passando entre as rochas e erguendo-se a não mais de uns dez metros. O redemoinho logo se desfez, e de seu meio surgiram caminhando três figuras vestidas com roupas de sacerdotes egípcios. Cumprimentaram Sitra com um sorriso, e esta apresentou-os aos mortais, mais uma vez de olhos arregalados.

Tefnut, homem magro, de cabeça raspada, olhar sereno e andar aristocrático, era sacerdote de Hathor com grande domínio sobre os quatro elementos.

A belíssima mulher de pele bronzeada e olhos de gazela, com leve sorriso no canto dos lábios e olhar penetrante era Roant. Sombras azuis preenchiam o espaço entre os cílios e as sobrancelhas, como as egípcias de antigamente. Um de seus talentos era o controle dos animais e uma potente força hipnótica.

E o terceiro, não esperado por Sitra, era Imhotep, que ela felicitou por ser de grande ajuda, em virtude de seu talento especial na aplicação de encantamentos através de objetos. Ao contrário dos demais magos de Maha- Ettel, sempre sérios e reservados, Imhotep era sorridente e comunicativo.

Nenhum deles sabia se seus talentos de mago seriam úteis ou suficientes, mas estavam todos dispostos a enfrentar a batalha que se preparava.

Cratera da caveira

9 de novembro

14h15, hora local

DE VOLTA À TENDA, prosseguiram na análise dos símbolos, exigência imposta pelo professor. Para Sitra e os magos, de nada serviria os mortais compreender como Zerzura existia e poderia ser aberta. Mas era forçoso fazê-los concordar com o plano. Os ocidentais eram intelectualmente exigentes e Manccini estava disposto a desistir de tudo se não acreditasse na possibilidade do arriscado empreendimento dar certo.

Assim que Sitra explicou a situação aos magos recém-chegados, todos olharam no *laptop* a imagem do gato com a faca cortando a cobra perto do sicômoro.

Sitra começou:

— O gato com a língua para fora é o símbolo egípcio para o domínio do encantamento que permite usar o *kopesh*, O sicômoro, nesse papiro, é o símbolo de Zerzura. Entre o gato e o sicômoro há a seipente, e o gato a está matando. A serpente representa o encantamento protetor de Zerzura.

— O *kopesh* seria, por acaso, a faca para cortar a serpente? - arriscou Mirella.

— Exatamente — confirmou Sitra. — O processo de abrir o *wormhole*.

— Como uma espada vai criar um *wormhole*, um túnel? — Márcio não podia aceitar tal idéia.

— A lâmina do *kopesh* — Sitra continuou — foi feita de vários metais misturados com *mafukizti*, durante uma reunião de muitos magos. A cadeia de magos projetou na liga fervente uma enorme dose de um éter especial, se posso usar essa palavra ocidental. Esse éter tem o poder de mudar a matéria para qualquer um dos sete estados físicos, sob o comando de quem sabe manejar o *kopesh*, e de modificar esse encantamento que Márcio explicou: a curvatura do tempo-espço.

— Espaço-tempo — ele a corrigiu.

— Sete estados físicos da matéria? — estranhou Mirella. — Só conheço três: sólido, líquido e gasoso.

— Conheço quatro — remendou Christian. - Sólido, líquido, gasoso e plasmático.

— São sete — Sitra foi assertiva. — Os outros três são bem mais rarefeitos e seus

cientistas ainda não os descobriram. Os três juntos são chamados genericamente de "éter". Com o *kopesh* ou com o *mafukizti* é possível fazer alterações em qualquer substância do primeiro ao sétimo estado. Na verdade, o *mafukizti* não faz as alterações, ele acumula a substância etérica capaz de modificar o tempo-espaço...

— Espaço-tempo - corrigiu-a Márcio.

— Isso. Com essa substância etérica (com "etérica" eu quero dizer que está num dos outros três estados físicos), podemos alterar a curvatura do tempo-espaço. Se fizermos isso microscopicamente, mudamos o estado físico da matéria; se fizermos em escalas grandes, mudamos a curvatura do tempo-espaço.

— Se eu desentortar o espaço-tempo de onde estamos agora, as coisas não serão mais atraídas pela gravidade? — arriscou Mirella.

— De onde você acha que surgiram tantas histórias e lendas de levitação? — Sitra sorriu.

— Existe alguma prova de que essa técnica funciona, senhorita? — indagou Manccini.

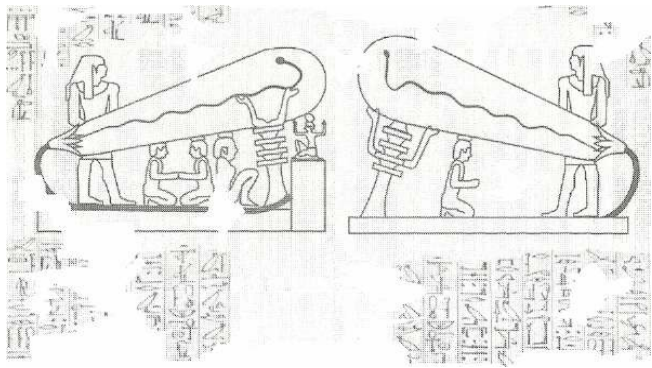
— Eu ia fazer a mesma pergunta — apoiou Márcio. — Embora eu tenha estudado por alto a Teoria da Relatividade com Christian, não posso enxergar isso nessa cratera e muito menos nesse desenho. Esta conversa está estratosférica demaaaaais!

— Nos próprios papiros traduzidos por vocês estão as evidências, doutor! — Sitra respondeu à indagação de Manccini. — As figuras postas pelo sacerdote da fortaleza para o vizir eram esse recado! Você tem aí as figuras das serpentes dentro dos cartuchos de Heh?

Como eles não souberam quais figuras eram essas, ela deu detalhes das imagens até eles entenderem: eram as assim chamadas "lâmpadas de Denderah": figuras insculpidas nas paredes de uma cripta do Templo de Hathor, em Denderah. O conjunto apresenta pessoas e deuses segurando uma espécie de bulbo comprido conectado a flores de lótus. Nos bulbos há serpentes.

Márcio percorreu os arquivos até exibir na tela os desenhos dos papiros traduzidos, idênticos aos relevos do Templo de Hathor. Num deles o pilar com quatro traves *djed*, normalmente representativo da coluna vertebral de Osíris, ergue dois braços sustentando o bulbo. Na outra os braços do *djed* seguram diretamente a serpente.

— Não conseguimos estabelecer nenhuma relação das lâmpadas de Denderah com o teor da *Carta do Espião* — lembrou-se Manccini, olhando para Sitra. — Essa figura também significa alguma coisa?



— Sem dúvida, doutor! Vocês não entenderam nada desses desenhos?

— Para nós, trata-se de mais um ritual religioso — emendou Mirella.

— Há umas teorias meio bizarras sobre lâmpadas, eletricidade, coisas assim — completou o professor.

Manccini e Mirella tinham razão. Tais figuras permanecem um mistério para os estudiosos. Não sabendo explicá-las, os egiptólogos mais céticos afirmam tratar-se de mais um dentre tantos rituais religiosos e símbolos místicos.

Interpretações menos ortodoxas aventaram a possibilidade de serem representações de lâmpadas elétricas. Os defensores da hipótese comparam as serpentes ao filamento incandescente das lâmpadas atuais. O envoltório seria o bulbo de vidro, e a flor de lótus, o suporte e o soquete, não os fios. Estes seriam os braços da coluna *djed*. E a própria coluna seria uma pilha elétrica, similar à inventada por Alessandro Volta em 1798, onde ele empilhou (daí o nome) discos de dois metais diferentes num ácido, produzindo uma corrente elétrica.

A hipótese não foi até hoje considerada de todo absurda por dois motivos: pela semelhança aparente com uma lâmpada e uma pilha e pelo mistério que recebeu de braços abertos a idéia de luz elétrica: os egípcios não usaram tochas nem lamparinas para iluminar o interior dos túmulos durante a construção e decoração. Então, como os iluminaram? Qual foi a fonte de luz usada para esculpir e pintar o interior das tumbas?

Até hoje não se conhece um único túmulo cujas paredes, teto e objetos possuam resíduos de alcatrão ou fuligem. Esses resíduos da queima necessariamente impregnariam as paredes, teto e objetos por muitos séculos, mesmo se o fogo fosse aceso por pouco tempo. O Sudário de Turim, por exemplo, hoje com mais de mil anos, ainda guarda alcatrão de um incêndio ocorrido na Idade Média. Por isso eliminou-se a possibilidade de a fonte de luz das tumbas ser tochas ou lamparinas.

Os egiptólogos criaram então a hipótese de um jogo de espelhos que refletia a luz do sol para dentro dos túmulos, embora essa técnica tenha vários problemas e pareça só ser possível em túmulos pequenos, como o de Tutankhamon. Jamais serviria para tumbas labirínticas com dezenas de câmaras e corredores ramificados.

Manccini e Mirella sabiam disso tudo, sem jamais relacionarem tais hipóteses às

guerras de Senusret III e menos ainda à chegada a Zerzura.

— Vocês estão forçando as explicações — considerou Márcio. — Ver a Teoria da Relatividade nesses papiros é demais!

— Não é demais, Márcio — retrucou Sitra. — Não estou falando da teoria. Christian acertadamente usou-a para tentar entender os túneis de Anúbis.

— Isso é impossível! Não existe aparelho capaz de produzir energia suficiente para criar um *wormhole*. De onde viria tanta energia?

— Também estou achando fantástico demais — Mirella desinteressou-se da conversa.

Sitra olhou para Manccini. Ele ergueu as sobrancelhas e apertou os lábios: também não acreditava. Meneou a cabeça e sorriu:

— Essa história toda, Sitra... Me desculpe. Acredito no *mafukizti* como um poderoso, ou poderosíssimo, explosivo, talvez seja a Luz de Osíris, só isso. O resto... é um absurdo!

— Não é! O desenho das... "lâmpadas" confirma minhas explicações.

— Professor — intercedeu Christian. — Einstein também dizia que a fissão nuclear era inviável porque exigia mais energia para produzi-la do que a energia liberada. Até que contaram a ele que já tinham conseguido a fissão com diminuto gasto de energia, tornando viável a fabricação da bomba atômica.

— Sitra! — clamou Márcio. — Você e Christian enxergam nessas coisas o que querem enxergar! Não há como vocês, povos antigos, conhecerem fenômenos acontecidos nas estrelas, gravidade dos planetas e espaço-tempo!

— Doutor, ouça - Roant entrou na conversa, mostrando um inglês de sotaque australiano. Ela apontou para as lâmpadas de Denderah na tela. — Vê esta serpente no invólucro?

— Sim.

— Ela é o símbolo da plasticidade da matéria, por isso, foi desenhada sinuosa; significa movimento curvo, a cobra precisa se curvar para andar. No outro desenho, a cobra, isto é, a curvatura da matéria, é a barreira para o gato chegar ao sicômoro. Nesta, o invólucro representa a forma comum da matéria e do espaço. Os braços do *djed* só tocam o invólucro, não a serpente, ou seja, não é possível mexer na propriedade plástica da matéria. Ela brota de um lótus: significa o estado natural, a maneira como a encontramos na natureza.

- Sei...

— Quando o mago sabe alterar o tempo-espaço com o éter tirado do *mafukizti*, pode modificar os quatro estados físicos da matéria visíveis por todos nós, os quatro "elementos", como se chamavam antes: terra (sólido), água (líquido), ar (gasoso) e fogo (plasma). São as quatro traves do *djed*, os quatro níveis de domínio da matéria física! Dominando os quatro, é possível manipular os estados físicos livremente e

ultrapassar a barreira comum, o invólucro, para controlar o mecanismo principal: a serpente, a curvatura do espaço-tempo, os estados físicos da matéria! Não ficou claro ainda?

Manccini meneou a cabeça:

— Como você pode associar essas imagens a tempo, espaço e estados físicos da matéria? Isso é totalmente arbitrário! Eu poderia dizer que as quatro traves do *djed* são os quatro pontos cardeais ou as quatro estações do ano ou qualquer coisa de quatro partes. Ou a pilha elétrica. Não faria diferença!

— Claro que faria!! Se fosse uma lâmpada à pilha ou outro aparelho, seria desenhado com rigorosa exatidão, como eram todos os objetos! - Roant tirou da túnica seu bastão mágico e mostrou-o a todos.

— Meu cajado tem três nós porque só domino três elementos: fogo, ar e água. Não consigo manipular ainda os seres elementais da terra, o estado sólido, justamente por não ter o controle das propriedades plásticas da matéria sólida. Quando eu chegar ao quarto nó, dominarei os quatro elementos e poderei interferir no espaço-tempo muito mais que hoje. Estarei na condição simbolizada pelos *djed*.

Márcio e Manccini se aproximaram da tela. Márcio aumentou as imagens, fazendo os *djed* ocuparem a tela lado a lado.

— O que é o *djed*? — quis saber Márcio.

— É a coluna de quatro traves horizontais — falou Manccini. — Para nós, egiptólogos, representa a coluna vertebral de Osíris.

— Olhe os *djed* — insistiu Roant. — Vê diferença?

— São iguais — falou Manccini.

— Olhe melhor, senhor.

— Quase iguais — consertou Manccini.

— Qual é a diferença?

— Em um, os braços tocam o bulbo, no outro, tocam a serpente.

— Não é só isso!

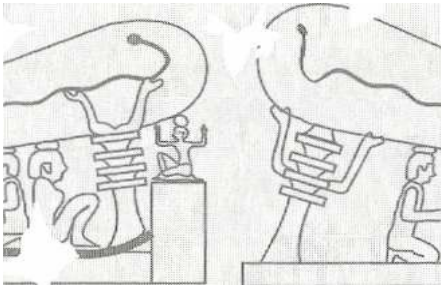
— Hmm... Bom, os braços estão em alturas diferentes, mas isso é irrelevante...

— Irrelevante?! — ela sorriu. — O *djed* que não consegue entrar no invólucro para manipular a serpente tem braços na segunda trave. O *djed* com braços segurando a serpente está acima das quatro traves. Ainda não ficou claro, senhor?

— Não.

Roant continuou:

— O *djed* com braços acima das quatro traves simboliza o mago que dominou os quatro elementos. O *djed* da direita é, na verdade, um mago menor, com um cajado de dois nós. O da esquerda é um mago mais poderoso, com um cajado de quatro nós, capaz de controlar a serpente, a curvatura do espaço e os estados físicos da matéria. Entende agora?



— Então ele não representa a coluna de Osíris, mas o cajado de um mago? - conferiu Mirella.

— O *djed*, neste caso, é *capacidade* do mago de manipular os quatro elementos, isto é, os estados físicos da matéria e o próprio espaço onde a matéria está. Entre os magos se usa o cajado para simbolizar isso. Cada nó corresponde a uma trave, após muito estudo e desenvolvimento mental. Não deixa de ser parte de Osíris, pois Osíris é o lado superior, espiritual de todas as pessoas, e o domínio dos elementos é parte desse progresso espiritual. O mago representado pelo *djed* da esquerda tem um cajado de quatro nós e maneja a matéria e o espaço-tempo.

Os mortais, até o irredutível Márcio, ficaram pensativos. A explicação de Roant conseguia se encaixar milimetricamente nos desenhos.

— Entre os bruxos da Serpente Vermelha não há ninguém com quatro nós? — indagou Mirella.

— Deve haver vários — Sitra voltou à conversa. — Mas Zerzura, segundo me disse Thais, foi isolada pelo encantamento de dezenas de magos muito poderosos. Mesmo no quarto nó, nenhum mago conseguiria desfazer esse encantamento. É bem mais fácil para a Serpente Vermelha conseguir o *kopesh*. Essa arma foi forjada para atuar nos sete estados físicos. E mais fácil aprender a usá-la.

— E Anfion? — Márcio voltou à costureira crítica. — Onde está ele? Ele tem sete nós na varinha mágica; não poderia resolver tudo sozinho?

— Nem Anfion, apesar de dominar os sete elementos, conseguiria quebrar o encantamento protetor. Como eu disse, ele é muito forte, foi feito por centenas de magos, e alguns dominavam os sete elementos, durante uma configuração astronômica especialíssima, que só vai se repetir daqui a mais de 13.400 anos, quando a constelação do Leão voltar a nascer no equinócio da primavera. Nem a Serpente Vermelha nem Maha-Ettel vão esperar tanto, por isso, precisamos do *kopesh*. Ele foi feito para isso.

Manccini vivia tempestuosa batalha intelectual. Os cantos das sobrancelhas erguidos e os lábios apertados indicavam como duas formas de pensar tão diferentes lutavam furiosamente em sua arena mental. E não estava em luta apenas uma teoria científica ou um método de interpretação; era sua própria forma de ver o mundo, forçada a uma quase traumática metamorfose. Aceitar tais desenhos como verdadeiro tratado de física relativística era demais para o velho egiptólogo.

E também preocupava-o a segurança de seus alunos. Saíra com Sitra de Wadi Halfa decidido a encontrá-los e voltar imediatamente ao Cairo, onde pegariam o próximo vôo para fora do país. Porém, Christian precisava conseguir a prova de sua inocência, senão não havia sentido em voltar. A maldita placa de Petri com o sangue do assassino e as digitais de Ricardo fora espertamente levada pelos *jihads*, uma tática bem-sucedida dos terroristas para manter Christian aprisionado e forçá-lo a

entregar tudo o que exigissem. Com a fuga de Christian sem a placa, a coisa ficara ainda mais confusa.

— Veja outro detalhe da imagem: quem sustenta os cartuchos, presente em todas as pinturas? - Sitra apontou para a figura de um homem ajoelhado, os braços para cima e um círculo sobre a cabeça.

— É um deus, já o vi antes — Manccini coçou a barba. — Agora não me lembro do nome.

— É Heh, o deus do espaço infinito sem forma e da eternidade.

— Ah, sim. Ele mesmo.

— *Espaço sem forma e eternidade*, doutor: espaço e tempo! O grande cientista alemão disse que espaço e tempo são uma coisa só. Heh, deus do espaço e do tempo, é um só! É a mesma coisa mostrada de outro jeito, doutor. O que mais é necessário para vocês entenderem?

Ninguém respondeu. Ela prosseguiu exasperada:

— Heh sustenta o invólucro da serpente, que só o cajado *djed* consegue atravessar. E um dos deuses criadores do universo. No espaço infinito e na eternidade criados por ele, os outros deuses criaram todas as coisas. Exatamente como o tempo-espaço de quatro dimensões contém todas as coisas. O senhor acha *arbitrárias* essas semelhanças óbvias?! O papiro está gritando isso para nós!

Manccini continuou pensativo. De fato, as semelhanças eram muitas, as coincidências se acumulavam no mesmo lugar. A Arca de Anúbis, a lenda da cidade perdida de Zerzura, a cratera no deserto, as descobertas de Petrie no Templo de Hathor no Sinai. Tudo reunia símbolos, desenhos, rituais e hieróglifos muito parecidos. Talvez a egípcia estivesse certa.

A visita da equipe a Maha-Ettel anos atrás fora uma seqüência de provas cabais de que a ciência acadêmica desconhecia um universo inteiro de leis físicas e capacidades da mente humana. Talvez - a antiga esperança brilhou no velho cientista — esse fosse mesmo o caminho para a Luz de Osíris. Talvez a Luz fosse o pó *mafukizti*, ou esse "éter" acumulado no pó. E com o éter os egípcios mantiveram seu império invencível por mais de trinta séculos, com poucas interrupções. Apesar de a prioridade absoluta do grupo ser recuperar a placa de Petri para Christian, ele, Manccini, tinha seu próprio interesse na situação: se os magos e Christian estivessem certos, estava a poucos passos de ver o que ele mais queria na vida, a Luz de Osíris!

— Está bem, Sitra — ele finalmente se pronunciou. — Sua interpretação parece razoável, embora cientificamente seja difícil de ser sustentada...

— Ora, doutor! Estamos aqui defendendo tese diante de uma banca examinadora? Quero somente livrar Christian dos *jihads* e chegar à Arca de Anúbis antes da Serpente Vermelha.

— É... — Mirella reconheceu admirada. — Isso está muito longe de lâmpadas elétricas à pilha!

— Se essa loucura toda for verdadeira — interveio Márcio — imagino que para desdobrar esse espaço-tempo curvo onde a cidade está escondida será necessário uma grande fonte de energia. E outra coisa: como é possível, se é necessário ter tanta energia assim, esse espaço-tempo ficar permanentemente curvado ao ponto de esconder coisas dentro dele? De onde vem essa energia permanente?

Márcio fazia perguntas mas, independente das explicações, não acreditaria. Que físicos como Einstein descobrissem coisas assim no espaço entre as estrelas, tudo bem. Mas sacerdotes egípcios terem feito algo parecido no deserto diante de seus olhos era demais. Não importava o que tivesse visto; *ele já tinha decidido que aquilo não poderia ser verdadeiro.*

Sitra se preparou para explicar mais.

— Você não entendeu ainda? Por que tantos povos guerrearam e construíram fortalezas, fazendo de tudo para possuírem o *mafukizti*?

— Para encontrar paz interior? — Márcio ironizou. Era sua forma de fugir de um assunto no qual se sentia incapaz de argumentar.

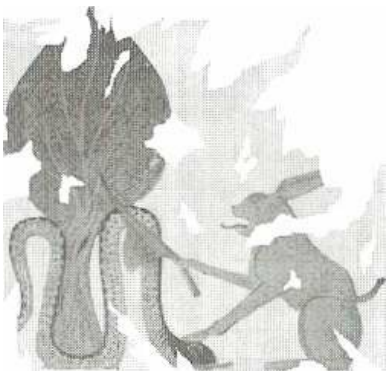
— O *mafukizti* é a fonte da energia etérica capaz de moldar o tempo- espaço sem esse enorme gasto de energia! Era produzido em algumas regiões do reino pelos sacerdotes de Hathor. Quem o possuísse não precisaria de exércitos poderosíssimos para ganhar uma guerra! Esses monges e santos de tantas tradições religiosas conseguiram executar a levitação como? Usando toda essa energia? Não! Eles conseguiram através da mente manipular o éter capaz de desentortar o tempo-espaço.

Márcio tinha desistido de corrigi-la.

Christian se lembrou do episódio bíblico dos hebreus derrubando as muralhas de Jericó. E da água do Mar Vermelho recuando para o povo atravessar. Agora, diante de novos fatos, a coisa não parecia tão impossível e milagrosa assim. E Moisés, o legendário libertador dos hebreus, sempre no meio disso tudo.

— Márcio, mostre o gato e a faca — pediu ao fim de sua reflexão.

A imagem ressurgiu na tela.



. Veja se estou correto, Sitra — começou Christian. — O gato é o símbolo do método para vencer a cobra e chegar ao sicômoro.

— Sim.

— A cobra é a barreira a essa chegada. Cortada pela faca, a barreira é atravessada.

— Isso mesmo.

— O sicômoro é o oásis de Zerzura, onde está guardada a Arca de Anúbis com o *mafukizti*. E o *kopesh* tem dose de éter e encantamentos prontos nele para abrir uma pequena brecha no espaço torto, o túnel de Anúbis, ou *wormhok*.

— Correto. Senhores — ela anunciou —, vocês acabam de compreender o Protocolo Anúbis: o procedimento para se entrar em Zerzura pelo caminho do Divino Chacal!

Sitra e seus magos postavam-se solenemente no deserto, preparando um ritual. Alguns metros atrás, Christian, Manccini, Márcio e Mirella dividiam a atenção entre o grupo e a grossa barreira marrom que descia do céu ao chão no horizonte norte: era a tempestade de areia se aproximando.

Os magos fizeram gestos rimais e entoaram cânticos em egípcio e em idioma desconhecido. Formaram um triângulo com Sitra no meio. Os três das pontas ergueram seus cajados de três e quatro nós e rodopiaram-nos no ar. Chamas surgiram nas pontas, uma amarela, uma verde e uma vermelha. As chamas começaram a crescer e a soltar jatos na direção umas das outras, até que as três se uniram num anel de fogo multicolorido.

Então Sitra gritou três vezes, erguendo seu cajado:

— Em nome de Pleh, dentro de quem tudo existe sem começo nem fim! Em nome das sete vértebras de Osíris, abram-se as areias de Zerzura!

O cinturão de fogo rodopiante começou a subir e, num movimento enovelado indescritível, parecendo uma forma fractal turbilhonante, subiu e desceu de uma vez sobre Sitra, que passou a brilhar como se fosse um sol. Sua luz foi diminuindo e a de seu cajado aumentando, de onde partiu um raio luminoso em forma de arco, que subiu centenas de metros e foi atingir o centro dos rochedos da cratera, a caveira. Um ribombar de trovão se ouviu ao longe, seguido de silêncio.

O vento cresceu, arrastando a areia um palmo acima do chão. O vento movia-se em círculo, ficando mais forte sobre os rochedos, erguendo uma coluna de poeira. Mais alguns minutos, e gigantesco tornado de pó elevava-se a centenas de metros, produzindo o ronco característico do vento forte.

Os mortais instintivamente se aproximaram uns dos outros, amedrontados e abismados com o poder daquela gente misteriosa e fascinante. Sitra e os outros desfizeram a formação triangular. Ela dirigiu-se a Christian:

— Chegou o momento de sua prova de fogo. Lembre-se do que aprendeu no papiro de Anfion. Use seu sexto sentido para sentir onde está o *kopesh* e chame-o. Se você

for mesmo o profetizado. Então, agarre-o. Preste atenção: se ficar com medo, o *kopesh* assume o comando e o mata. Depois de agarrá-lo, quando eu lhe der o sinal de luz, lance o *kopesh* com a firme intenção de cortar as areias de Zerzura.

A tempestade de areia vinda do norte estava cada vez mais próxima, precedida de vento forte. Como um espesso maremoto marrom, avançava engolindo tudo. Em minutos chegaria à cratera.

Sitra e Roant se afastaram e subiram num rochedo, abrindo os braços. Empunhando o cajado, Roant orou em voz alta:

— Ó, poderosa Hathor, Senhora do Sicômoro! Eu invoco sua força para que as areias eternas obedeçam ao meu comando! Ó, Dama do Som, faça vibrar seus acordes nas profundezas íntimas do ar!

Sitra falou:

— O seres de Shu, que habitam as planícies secas do sem-fim, eu os convoco a me servir! Venham, criaturas do ar, e obedeçam à servidora da Deusa!

A voz das magas adquiriu um tom musical e profundo. Ergueram os cajados e apontaram para os quatro pontos cardeais, entoando cânticos em língua egípcia. Rodopiaram em torno de si mesmas sete vezes e pronunciaram três vezes palavras em idioma desconhecido.

Cantos de pássaros foram ouvidos e diversas aves escondidas na areia e nas rochas voaram para longe. Do chão, répteis, insetos, aracnídeos, roedores e outros pequenos seres começaram a sair de suas tocas, buscando afastar-se da planície. A natureza, com seu sexto sentido, pressentia algo estranho e aterrador. Só os humanos não pressentiam nada.

Por entre a névoa de areia, surgiram criaturas voadoras semi-transparentes, deslizando de um lado para outro sem sentirem o vento. Eram pássaros, aves, insetos, humanóides alados, quadrúpedes com asas, as mais incríveis e inéditas combinações de cores, formas e plumagens ziguezagueavam num balé ziguezagueante, deixando os mortais de olhos arregalados. Os seres do elemento ar se agruparam numa circunferência em torno de Sitra.

— Protejam a cratera enquanto a sacerdotisa da Deusa estiver nela! — Sitra ordenou. Os estranhos seres voaram em todas as direções como mísseis teleguiados em trajetórias sinuosas, com velocidade espantosa, postando-se em segundos nos limites da cratera, formando um cordão protetor.

Imediatamente, para surpresa de todos, a ventania no interior da cratera começou a decrescer e a areia erguida pelo vento caiu no solo. Logo ouviram um som de helicóptero vindo do sul. Era a missão da ONU.

Christian, após breve repasse de todo o procedimento de concentração, desenhou mentalmente o que imaginava ser o *kopesh* e chamou em pensamento: *ó Apep, Senhor do Mundo das Trevas e Inimigo de Ra! Em nome de Hórus, que faz Ra*

triunfar sobre você, eu reivindico o kopesh!

A frase foi repetida mais e mais vezes, até que um som de tambor emergiu das profundezas do tornado. Uma espécie de tontura o incomodou e a visão se tornou diferente, mais aguçada. Do meio da coluna de areia surgiu um clarão alaranjado, seguido de labaredas enormes. Do meio das chamas, arrastou-se para a planície uma serpente colossal, maior que qualquer sucuri já vista. Na parte mais larga, o corpo tinha quase um metro de diâmetro, verdadeira sequóia rastejante. A cabeça era completamente diferente da de qualquer ofídio: lembrava um crocodilo, com grandes dentes enfileirados e, da parte de trás do crânio, partiam chifres unidos pela base. Da boca pingava uma baba que parecia fogo líquido.

A boca prendia-se uma corrente de cada lado. E montando-a cerca de um metro atrás dos chifres, um homem gigantesco de aspecto fantasmagórico, com roupas pretas esvoaçantes retalhadas, manejando as rédeas.

A cobra tinha coloração escura, predominando vermelho e preto, emitindo pequenas chamas. Dobrando-se sobre si mesmo, o réptil virou a cabeça musciosa na direção do rapaz.

Apep começou a se revirar como se dançasse. Ergueu o ventre esbranquiçado na parte final do corpo, abriu a boca e emitiu grito estranho. A cloaca, cavidade onde os répteis possuem os órgãos reprodutores e excretadores, se abriu, virada para Christian. Dela começou a se projetar uma estrutura comprida rosada, molhada, parecendo ter espinhos em volta. O pênis da serpente se projetou ainda mais. Quando o réptil se contorceu de novo, abrindo desmesuradamente a boca, emitiu um grito rouco. O pênis cuspiu na direção de Christian uma grande quantidade de sêmen.

Christian se afastou rápido.

O sêmen caiu no chão e escorreu seguindo as imperfeições da areia, acumulando-se numa depressão comprida. O líquido brilhou incandescente como brasa. O pênis foi recolhido e a cloaca se fechou.

Quando Christian olhou de novo, o sêmen incandescente havia se solidificado num objeto metálico parecido com uma espada.

Aquilo era o famigerado *kopesh* de Hórus? Uma espada em forma de foice, como disse Sitra, cuja lâmina tinha um escaravelho azul em relevo. A empunhadura era cuidadosamente esculpida com uma serpente se enrolando, e uma pedra vermelha a ornamentava. Na ponta da lâmina, um olho de Hórus.

Até que foi fácil — pensou Christian indo pegar a arma.

De imediato, o homem descomunal estendeu o braço e o *kopesh*, como se atraído por um ímã, voou na sua direção encaixando o cabo com precisão entre seus dedos. Ato contínuo, o montador atirou o *kopesh*. Para surpresa de Christian, a trajetória começou a curvar-se na direção dele.

Rapidamente Christian alcançou no chão um pedaço de rocha e, usando-o como

escudo, protegeu-se. O *kopesh* bateu sonoramente na rocha e, soltando faíscas, ricocheteou e voltou à mão do dono.

Manejando a serpente cega, o pavoroso mendigo lançou outras vezes a arma contra ele, e chegou a feri-lo na perna e no braço.

Christian, desesperado, não sabia como enfrentar rivais tão poderosos, enquanto seus olhos estavam pregados à serpente que avançava em sua direção cuspidando o fogo destruidor.

Manccini e os outros nada viam; apenas não entendiam Christian correndo, parando e caindo de um lado e de outro.

O *kopesh* voltou rodopiando. Finalmente Christian entendeu: devia controlá-la mentalmente, como o o homem fazia. Fixou nela o olhar e forçou ao limite sua vontade de controlá-la. Então, a pedra vermelha incrustada na empunhadura do *kopesh* brilhou pela primeira vez. A lâmina passou rente ao pescoço de Christian, mas não o tocou e, descrevendo uma elipse, voltou na direção do homem, com a pedra brilhando cada vez mais. Christian sentiu-se confiante e forçou mentalmente a trajetória. O *kopesh* ia e vinha, manejado por duas poderosas vontades, uma tentando anular a outra. Quanto mais o rubi brilhava, mais confiante Christian se sentia e mais a espada o obedecia. Por fim, com total auto-confiança, Christian visualizou a arma atingindo o pavoroso homem. Sua concentração e confiança eram tais fechou os olhos, crente não haver outro resultado senão o que sua vontade estabeleceu.

O *kopesh* rodopiante revolteou, perseguiu o homem e atingiu-o, seccionando-lhe o pescoço com a facilidade de um machado golpeando um pé de couve. A cabeça rolou para o chão e o corpo caiu inerte. O *kopesh* vou mais uns metros e, fazendo nova curva, voltou para Christian, caindo a alguns metros dele.

Apep emitiu um grito esquisito. Passou a se contorcer e se revirar de um jeito estranho, emitindo gemidos. De repente, um estalo. A pele se partiu na cabeça. A serpente começou a se arrastar para fora da pele preta e avermelhada. Uma cobra completamente diferente surgiu: as escamas tinham tons coloridos, tinha olhos e estes se abriram, mostrando a pupila em forma de fenda. Asas de penas brancas agitavam-se. De monstro feio e assustador, Apep adquirira forma esplêndida, brilhando como o arco-íris e mudando de cor de acordo com a posição em que era olhada. As asas flapearam com coragem e o réptil ganhou os ares, sumindo no meio do tornado.

Christian sentiu um estalo na cabeça. Piscou e, ao olhar, tudo tinha sumido. Menos o *kopesh*, a dois passos dele.

Sitra apontou o cajado para Christian e da ponta partiu um brilho como um *flash*. Era o sinal.

O senso prático do quase-biólogo, essencial na urgência do momento, não permitiu-

lhe perder-se em conjecturas como fariam Márcio e Manccini, nem desmaiar de medo como Mirella costumava reagir. Ergueu a arma de Hórus sobre a cabeça e concentrou-se na imagem dela entrando na areia e abrindo uma brecha no torvelinho. O rubi da empunhadura brilhou como uma estrela de sangue. Todos ouviram, então, vindo das profundezas do redemoinho, um nítido piar de falcão que se repetiu duas vezes.

Girou a arma com rapidez, como num arremesso esportivo de martelo, e lançou-a para cima. O *kopesh* rodopiou como um bumerangue e descreveu uma trajetória arqueada em movimento rotativo. A arma ganhou altura e mergulhou no tornado de areia. Um estrondo como de trovão fez o chão tremer e a areia pular.

Quando viram a maestria com que Christian manejou a arma que tantos tentaram sem sucesso, Sitra só pôde excluir:

- Ele é o profetizado!

A altura do solo, começou a se formar no redemoinho uma fenda vertical de contorno luminoso, branco. Foi crescendo e adquirindo formato oval, e finalmente circular, de uns setenta ou oitenta metros de diâmetro. Desse contorno luminoso partiam pequenos raios de luz ramificados, móveis, coloridos, de aspecto dendrítico, espargindo ondas e vapores iridescentes.

- É o túnel de Anúbis! Está aberto! — Sitra gritou e desceu apressada do rochedo.

- O *wormhole*, a passagem entre dois lugares distantes no espaço- tempo! — comentou Manccini olhando estarecido para Márcio e Mirella.

A tempestade de areia vinda do norte tinha chegado. Mas graças ao controle dos elementais do ar por Sitra, a tempestade furiosa contornava a cratera como duas grandes muralhas de poeira marrom, deixando apenas uma fresta de céu azul por cima. Nesse momento todos notaram uma luz brilhar no alto de um rochedo distante atrás deles, na borda da cratera. Afirmaram a vista. Um homem de roupas brancas erguia os braços para o céu segurando um cajado.

- É Anfion! - Sitra falou num arroubo eufórico.

Christian, ao ver o poderoso mago que anos antes salvara sua vida, teve um súbito mal-estar.

Quando o *wormhole* estabilizou-se, todos viram, do outro lado do túnel, densa mata tropical, com montanhas azuladas ao fundo.

- O oásis! — Manccini estava prestes a ter um ataque cardíaco. — Zerzura existe mesmo!!

- Vamos! — Sitra gritou enérgica. — Anfion está nos protegendo!

Roant, Tefnut e Imhotep não entraram. Ficaram de guarda do lado de fora. Sitra e os mortais correram à boca do túnel, de duas dezenas de metros. Assim que passaram pelo limiar, imediatamente viram-se do outro lado, como se o longo percurso fosse percorrido numa fração de segundo. Estavam numa savana beirando a mata. Como

estavam numa parte elevada do terreno, conseguiam enxergar a certa distância. A floresta tropical se estendia por quilômetros à frente. E para pasmo de todos, no centro dela, um imenso lago de águas azuis. Em seu centro, uma ilha rochosa emergia, com alguma vegetação e construções brancas. Da maior delas, no cimo de um morro, partia um brilho intenso, como se um sol estivesse aprisionado ali. A urgência não lhes permitiu contemplar aquele paraíso oculto por mais de uns segundos.

- Bem, conseguimos — Christian apontou a ilha. — A luz no alto daquele planalto, o que é?

- E o Santuário Atlante do Sol - disse Sitra. — Lá está a Arca de Anúbis, ou Arca da Aliança como vocês chamam. Depressa, temos de chegar lá.

A constatação de toda a teoria ser verdadeira deu-lhes nova dose de ânimo. Caminharam apressados pela savana e, quando estavam prestes a entrar na floresta, o professor objetou, parando ofegante:

- Quantas horas vamos levar para atravessar essa selva, senhorita? Estou cansado, não consigo correr. Vou esperar aqui.

- Não é seguro, doutor. Este mundo está repleto de animais e povos de tempos antigos, extintos lá fora. Iremos devagar e pararemos para...

Um estrondo interrompeu-lhe a fala. Todos olharam para trás. Tefnut e Roant manejavam seus cajados, parecendo se defender de luzes, sob o som de explosões.

- Neshi chegou — Sitra murmurou.

Christian baixou os olhos, exibindo profunda tristeza. Uma dor aguda parecia rasgar-lhe o peito. *Oh, não agüento mais isso...* — pensou quase falando.

- Vamos continuar. Em três horas estaremos de volta — determinou Sitra. — Anfion e os outros conseguirão detê-lo.

- Não, não conseguirão — falou Christian, segurando Sitra pelo antebraço. — Esta luta está perdida para nós.

Todos olharam para ele sem entender.

Cratera da caveira
9 de novembro, 15h49, hora local
O ataque da serpente

VOLTANDO ALGUNS MINUTOS no tempo, para quando Sitra e os magos preparavam a abertura do *wormhole* (o túnel de Anúbis), encontraremos um comboio de caminhões e de homens a cavalo chegando ao outro extremo da cratera, no norte, não vistos pelo grupo de Sitra. Artefatos bélicos e toneladas do pó branco do Irã estavam nos caminhões guiados pelos *jihads*. Junto com eles a Toyota 1976 e uma caminhonete branca cabine dupla conduzindo Kazim, Ibrahim e outros beduínos.

- Vocês, venham comigo — Neshi, montado num cavalo, ordenou a Kazim e seu grupo. — E você, Hassan, entregue este amuleto ao motorista do caminhão maior assim que começarmos a lutar do outro lado, entendeu?

- Sim, Mestre — Ibrahim abaixou a cabeça com humildade ao se aproximar para pegar um amuleto de vespa. — Para que servirá isto, Mestre? — perguntou desconfiado.

- Para assegurar que o homem cumpra as ordens recebidas. Vamos!

Os cavalos com os bruxos e a cabine dupla correram pela planície e pararam a distância suficiente para não serem vistos pelo grupo de Sitra, que eles sabiam estar do outro lado. Quando notaram, um tempo depois, o brilho colorido do *wormhole*, Neshi pensou alto, admirado:

- Como esses mortais conseguiram o que tentamos séculos sem sucesso? — então gritou a plenos pulmões: — Vamos! Zerzura é nosso!!

Os cavalos dispararam e a cabine dupla tentou acompanhá-los. Quando estavam a alguns quilômetros da boca do *wormhole*, Neshi e os bruxos avistaram no alto de um rochedo um brilho azulado. Apertando os lábios de raiva, Neshi imediatamente reconheceu:

- Maldito Anfion! Está protegendo a entrada. Não conseguiremos nos aproximar.

Nesse segundo, do cajado brilhante de sete nós de Anfion partiu um raio luminoso em forma de arco similar à cauda de um cometa verde. O projétil veio em velocidade vertiginosa na direção dos bruxos, que se afastaram rápido. Ao chocar-se com o solo, a bola de fogo verde explodiu, espirrando em todas as direções. Uma dessas chispas atingiu um bruxo ocupante de corpo, que imediatamente caiu morto.

- Sem dúvida você é muito poderoso, Anfion de Maha-Ettel! — Neshi falou sozinho. — Mas não sou tão estúpido de enfrentá-lo sem estar preparado como fez Seneb.

Alguns bruxos foram intimamente afetados pela demonstração de força. Nem todos tinham convicção de que ter-se rebelado contra Anfion foi a melhor escolha. O medo de perder a vida e voltar, como Siamun, aos infernos do Amenti, fazia-os repensar.

Neshi não lhes deu tempo para maiores indecisões, e cobrou-lhes ação. Imediatamente desceram dos animais e fizeram uma formação hexagonal. Após cantos e gestos rituais, os bruxos se espalharam. Abriu os braços e de seu cajado partiram bolas de luz alaranjada que voaram na direção do tornado de areia e entraram nele. Explosões foram ouvidas. O tornado começou a mudar. Dele partiram rajadas finas e potentes de vento em todas as direções. Quando uma delas atingia o solo, formava um buraco capaz de conter um carro. Do tornado começaram a partir relâmpagos que atingiam o solo cada vez mais perto do *wormhole*. Com isso Neshi tentava tomar de Sitra o controle do tornado.

Roant, Imhotep e Tefnut imediatamente entenderam o que acontecia e, fazendo uma formação triangular em frente à boca do túnel, começaram a produzir encantamentos

defensivos.

Os bruxos, descrevendo circunferências no chão com os cajados, invocaram os seres dos "elementos" sobre os quais tinham comando: terra, água, ar e fogo, isto é, sólidos, líquidos, gases e plasma. Milhares de criaturas semi-transparentes, misturando partes animais e humanas, começaram a surgir em volta das circunferências, tentando vencer a barreira invisível que as separava dos magos.

Os bruxos disseram mais ou menos as mesmas palavras:

— Afastem-se criaturas elementais, e obedeçam ao seu mestre! Joguem o fogo, a água, as rochas e o vento sobre nossos inimigos. Destruam-nos!

Como se acionadas por controle remoto, as criaturas de mente quase humana, mas com a docilidade dos animais treinados, correram e voaram na direção dos três magos que guardavam a entrada.

Nessa hora, o helicóptero da ONU já estava sobrevoando a cratera, fotografando e filmando tudo e todos ali dentro, sem entender porque a tempestade de areia contornava a região.

Os seres elementais começaram a alterar as condições naturais na cratera. O solo começou a tremer, como num terremoto, fendas abriram-se aqui e ali emitindo vapores tóxicos, partes do solo subiam e desciam. De repente, uma chuva de granizo se abateu sobre a planície, com pedras do tamanho de laranjas. O vento se tornou subitamente furioso, com rajadas geladas capazes de jogar uma pessoa longe, e relâmpagos, começaram a cair em toda parte. Algumas serpentes, aranhas e escorpiões saíram de buracos na areia e tentaram picar os magos. Perto do *wormhole*, rochas se desprendiam dos rochedos e rolavam na direção deles. Algumas delas se incendiavam e transformavam-se em lava antes de atingi-los. Roant era hábil em desviar tudo quanto se aproximasse dos três.

Imhotep produzia no alto de seu cajado uma pequena bola de energia branca luminosa. Quando essa esfera explodia, anéis coloridos se espalhavam, varrendo tudo o que se aproximasse deles e desviando relâmpagos e o granizo. Enquanto isso, Tefnut tentava influenciar os elementais comandados pelos bruxos para atenuar as alterações que faziam nos elementos.

Anfion, por sua vez, nada fazia. Observava tudo com sua inconfundível altivez, parecendo esperar por alguma coisa. Na verdade, não precisava agir enquanto os três magos conseguissem proteger a entrada.

No outro extremo da cratera, Ibrahim viu os sinais da luta e deu o amuleto para o beduíno de um dos caminhões. O ganancioso político não imaginava que com esse ato singelo seu destino tinha mudado para sempre. Quando o beduíno pôs no pescoço o amuleto de vespa, imediatamente seu olhar se embaciou e as faces ficaram vermelhas. Ibrahim observou com estranheza e se afastou.

O beduíno dirigiu-se à carroceria do caminhão e acionou um artefato complexo,

cheio de fios e controles eletrônicos, no interior do qual havia boa quantidade do pó branco do Irã. Entrou na cabine e levou o veículo na direção do tornado de areia.

Quando Ibrahim viu isso, saiu correndo atrás, ordenando em vão ao motorista voltar.

- O que ele está fazendo? — berrou.

- Não sei, meu senhor. Era para ficarmos aqui até Kazim e o Mestre voltarem.

Ibrahim lembrou-se que a qualquer instante o helicóptero da ONU chegaria. Correu se esconder num caminhão.

Nesse momento, em Zerzura, os quatro olhavam desconfiados para Christian ao vê-lo segurar Sitra pelo braço.

- Por que não conseguirão deter Neshi? — ela quis saber.

Christian estava partido ao meio. O que fazer? Contar tudo e perder sua prova de inocência, sua liberdade? Ou seguir com o plano?

Zerzura, cratera da caveira

9 de novembro

Meio da tarde

A MENTE DE CHRISTIAN voou para longe por segundos, refletindo sobre como tudo aquilo ia acabar. Veio-lhe a lembrança da quase-morte, quando conversou em sonho com Ísis e Osíris. Lembrou-se da última frase do deus com tal vigor que lhe pareceu ouvi-la de novo:

— O Egito é a vida de cada um de nós! Não deseje a morte. Volte para a vida e faça Hórus tornar-se faraó!

Agora ocorria-lhe uma possibilidade não considerada. A história dos antigos egípcios contada pelo casal de deuses em seu transe, sonho ou fosse lá o que tinha sido, poderia ser uma alegoria, um símbolo. Aquelas pessoas possivelmente não eram Isis, Osíris e Hórus. Assim como o Egito não significava o país. O Egito talvez fosse uma *representação da vida humana*. Os deuses, com suas personalidades e temperamentos marcantes, pareciam tendências de comportamento. Uma possibilidade não considerada pelos egiptólogos.

Tudo ficava claro vendo-se a história desse jeito. "Osíris simbolizava os princípios nobres e superiores que todas as pessoas conhecem", Sitra dissera uma vez. Se era mesmo assim, Seth, o deus cruel, irresponsável e invejoso, simbolizaria as tendências instintivas naturais e egoístas, que existem em todas as pessoas. Afinal, ninguém é totalmente bom nem totalmente mau. Essas tendências egoístas fortes conseguiram, através de sofismas — explicações convenientes e pressupostos falsos — ocupar o lugar de Osíris, isto é, das tendências mais nobres. Essas tendências nobres eram fracas por serem romantizadas, distantes da realidade. O símbolo para elas fora bem escolhido: a ausência de Osíris de seu próprio país.

A tentativa de Ísis de dar um sepultamento real a Osíris trazido do exterior era a vontade débil e despreparada da pessoa confusa ou arrependida de restabelecer seus melhores valores. Mas Seth, os instintos egoístas, obviamente reagiu com violência e mais força: destróçou Osíris e espalhou seus restos pelo país.

Isis então se lançou numa longa tarefa: encontrar cada pedaço do marido espalhado pelo país. Ou seja, seu esforço era a vontade persistente numa tarefa impossível à primeira vista. A capacidade de reconstituir o corpo de Osíris com seus encantamentos era o esforço íntimo, disciplinado, pessoal e intransferível, de destruir dogmas e princípios falsos (fonte do alheamento de Osíris) para construir novos, mais realistas, mas não menos elevados. Não houve acordos nem submissão a Seth.

Dessa reconstituição elaborada, lenta e paciente da múmia de Osíris, isto é, o processo íntimo de reeducação, surgiram dois grandes resultados: a restauração do corpo de Osíris e o nascimento de Hórus.

O corpo de Osíris foi refeito, mas ele não voltou à vida; tornou-se Rei dos Mortos. Ou seja, o esforço de Isis não fez as coisas voltarem a ser como eram. O alienado Osíris estava de volta, mas não para ser rei de novo, apenas para que seus ideais de justiça, bondade e beleza servissem de orientação no lugar certo.

O nascimento de Hórus, filho do casal, era a transformação esperada. Hórus unia, numa só pessoa, as qualidades nobres e altruístas do pai com a determinação prática e perseverante da mãe. O surgimento de Hórus significava o processo de amadurecimento em que duas coisas separadas na alma imatura (o que Osíris e Ísis representam) finalmente se aplicam harmonicamente, pois na verdade não são diferentes.

Christian se lembrou de que Hórus não se tornou faraó logo ao nascer. A arte mitológica egípcia representou o deus em várias idades, como bebê, criança, jovem e adulto. Então, treinado o suficiente no uso do *kopesh*, ele decidiu enfrentar o tio traidor do pai. Hórus venceu a luta, tornou-se faraó e determinou a Seth governar a parte desértica do Egito, as fronteiras selvagens do país.

Tendo mentalidade acentuadamente científica, especialmente no campo da biologia, Christian lembrou-se das teorias evolucionistas amais. Segundo elas, os humanos possuem armazenados em seus genes os condicionamentos necessários à sobrevivência, herdados de todos os ancestrais. Por essa teoria, os medos, preferências, formas de reagir, agredir, preservar-se, buscar alimentos e uma infinidade de outras tendências não aprendidas seriam a memória de tudo o que nossos ancestrais se condicionaram a fazer, sentir e pensar para sobreviver. Padrões de comportamento herdados não apenas dos homens de Neanderthal, Cro-Magnon e outros hominóides pré-históricos, mas de *todos* os seres vivos antecedentes: outros primatas, mamíferos, dinossauros, anfíbios, peixes, invertebrados e microrganismos, até chegar às células mais simples de todas, as bactérias.

Os impulsos de uma bactéria de aproximar-se do alimento, fugir do perigo e reproduzir-se com seus iguais estão em seus genes. Esses mesmos genes existem em todos os animais mais evoluídos, seus descendentes, inclusive nos seres humanos. Todas essas tendências e condicionamentos impulsivos, não pensados e não aprendidos, iguais em todas as pessoas de todas as partes do mundo, foram chamados de *instintos*. Seth representava todos os instintos. A representação do deus impulsivo e maldoso fora bem escolhida: um corpo de homem com cabeça de vários animais diferentes em cada pintura. Os vários animais representavam as tendências instintivas humanas, adquiridas em milhões de anos de evolução biológica.

Seth não era uma parte descartável do ser humano, era necessária à sobrevivência, asseguradora do bem-estar físico e psíquico. Por isso Hórus não tentou matá-lo ou aprisioná-lo, mas destinou-lhe a tarefa na qual seria útil ao país: governar as fronteiras desérticas, onde só havia animais selvagens e inimigos, exatamente como os instintos disciplinados fazem na vida da pessoa equilibrada. Os impulsos egoístas existem e precisam funcionar, mas não no comando.

Christian fez uma analogia: um ato de Seth seria, por exemplo, a vontade de adquirir riqueza. Seth no comando do Egito representaria a pessoa desonesta, capaz de obter a riqueza desejada enganando, roubando, desviando dinheiro ou até matando outras pessoas para isso.

Hórus no comando com Setli subordinado seria essa mesma ambição sob controle criterioso: a busca da riqueza — aspiração necessária e saudável — orientada pelo esforço honesto.

Como foi apropriada a escolha dos símbolos pelos sábios egípcios! Não, não estava louco nem estivera num manicômio paradisíaco. Sua experiência de quase-morte lhe esclarecera muita coisa. A lenda tão antiga permanecia útil.

E em sua vida, como isso se aplicava? Em qual situação estavam seus Seth, Ísis, Osíris e Hórus? Seu lado Seth exigiu encontrar a prova de sua inocência em primeiro lugar. Era um problema básico, primordial, a ser resolvido.

Seu lado Hórus... Bem, não houve tempo nem condições para Hórus governar naqueles últimos dias. Após a aflição da tortura, pouco se importou com a vida dos demais a quem a Serpente Vermelha e os *jihads* ameaçavam. Revoltou-se pela falta de segurança pessoal e pelos sofrimentos enfrentados. Talvez, de certa forma, estivesse deixando Seth vencer a luta com Hórus. A frase de Osíris voltou-lhe à memória:

— Se desistir do mundo, estará desistindo de si mesmo!

Esse pensamento o inquietou. *Como poderia fatçar Hórus reinar numa hora aflitiva como essa?*, perguntava-se com insistência. Afinal, toda essa filosofia só teria sentido se continuasse vivo.

— Christian! — Sitra tentou interrompê-lo, mas o rapaz estava instrospectivo de maneira anormal.

De repente, um espasmo autocrítico sacudiu as fibras do quase-biólogo. Estava vivo, saudável. Apesar de fraco e doente, tinha em casa uma dose do Fogo Líquido de Osíris; algumas inspirações do vapor seriam suficientes para ele voltar ao pleno vigor e saúde. Perdera a prova da inocência no crime. Mas, afinal de contas, era cidadão europeu. Poderia viver no Reino Unido enquanto quisesse. Por que estava se vendo como um mendigo, um desgraçado desprovido de tudo.

Finalmente, sua natureza ativa e corajosa reassumiu o controle. Sentiu aversão de si mesmo ao ver-se como alguém que cedeu a uma chantagem desumana. Não era um coitado, um néscio ou um incapaz. Definitivamente, o papel de vítima chorosa não era para ele! Estava ali, envolvido com todo o problema e capaz de minar os planos terríveis desses criminosos insuportáveis, megalomaníacos que se consideravam o centro do Universo. Fazendo citações mal escolhidas do sagrado *Alcorão*, esses assassinos ignorantes usavam a palavra confortadora para enganar pessoas na busca de interesses próprios, causando tanto choro e morte. Por trás de tantas reflexões, explicações e justificativas políticas, aqueles desgraçados só tinham uma intenção, um projeto: depor as autoridades estabelecidas *para ocupar o lugar delas*. Nada mais. Estavam dispostos a ser o centro do universo matando quem fosse necessário. Eram como a velha Hakok.

— Christian!! — Sitra insistia.

Julgou absurda a própria posição. A placa de Petri e seu futuro no Brasil poderiam estar perdidos se ele não cedesse à chantagem, mas não seus melhores valores, cultivados a vida inteira! Isso era não apenas deixar os *jihads* fazerem o que quisessem do mundo, mas seu Seth pessoal vencendo dentro de si.

Ninguém mais que ele nessa hora poderia mudar o rumo de ambas as guerras: a interior e a exterior. Inexplicavelmente, sentiu-se feliz por ter passado por tantos sofrimentos, amadurecendo em dias o que levaria anos ou que talvez passasse a vida inteira sem conseguir. Por mais paradoxal que fosse, as terríveis torturas agora faziam-no sentir-se melhor consigo mesmo. Só cometera um erro: negociar com os *jihads*. Não tinha mais dúvida alguma sobre o que fazer!

Toda essa reflexão não durou nem um minuto, mas deixou os quatro muito irritados. Quando Mirella ia cutucá-lo para responder, ele ergueu a cabeça:

— Eu traí vocês... Os *jihads* estão unidos à Serpente Vermelha e eu abri o Túnel de Anúbis para eles chegarem primeiro à Arca da Aliança. Tudo o que eu disse até agora desde que telefonei ao professor, quando eu estava preso, foi mandado por eles.

Diante do olhar petrificado dos quatro, ele prosseguiu.

— Os terroristas possuem uma grande quantidade de pó branco, mas não é o

mafukizti.

— O que é, então? — esbravejou Manccini.

— É urânio enriquecido. Estão produzindo e transportando armas nucleares.

— Por que você fez isso com agente, Christian? — Mirella não acreditava.

— Eles me torturaram até quase me matar e ameaçaram fazer o mesmo com minha família e com vocês. Não tive escolha — baixou os olhos.

— Sempre temos escolha! — retrucou Márcio revoltado.

O professor, mais vivido e experiente, nem por um momento pensou em condená-lo. Quando jovem viveu a ditadura militar no Brasil, sabia como aquela época sombria usou métodos medievais e como era difícil enfrentar os horrores da tortura.

Sitra quase caiu de costas. Num instante percebeu a dimensão do problema e a armadilha na qual tinham caído. Como pôde ser ingênua para acreditar que Christian, torturado e ameaçado, não estava sendo coagido? Sem sentir raiva da maior vítima de todas, voltou-se para a urgência do momento.

— Mas... — prosseguiu Christian abatido — avisando você, Sitra, creio que a situação pode ser revertida. E eu... aceito perder para sempre a prova de minha inocência; os *jihads* vão destruí-la se não conseguirem entrar aqui.

— Vamos voltar agora. Preciso ajudar eles três! — e saiu correndo de volta para o *wormhole*, seguida de Christian e Manccini.

— Eu não posso correr mais! — protestou Mirella levando a mão à barriga. — Estou me sentindo mal.

— Faça um esforço, Mirella - Márcio insistia em cutucá-la. — Até o professor está correndo!

— Eu estou grávida!

— O quê?! *Agora* você nos dá essa notícia?

— Parem de discutir e venham! — gritou Manccini de longe.

Mas era tarde para Sitra fazer alguma coisa. O caminhão guiado pelo beduíno hipnotizado por Neshi parou a uns três quilômetros do tornado de areia. A contagem do cronômetro do artefato eletrônico na carroceria chegou a zero. A bomba nuclear explodiu.

A bola de fogo branca, mais brilhante que o Sol, fez todos na cratera pararem para olhar para ela. Perplexos, protegeram os olhos com as mãos. O brilho era de cegar.

Ibrahim, no outro caminhão, ficou imbecilizado ao ver a explosão. O mestre Neshi os traíra! Detonou a bomba! Num segundo, viu seus campos de petróleo, seus oleodutos, o futuro cargo de emir, a sonhada presidência da Liga Árabe, a reconstrução da era áurea dos petrodólares, tudo, tudo ele viu num segundo desmanchar-se. Seus elaborados projetos iam embora como um punhado de areia soprado por um *harmattan*.

A bola incandescente expandiu-se rapidamente e o político corrupto emitiu um grito

de desespero sem semelhança com a voz humana. Num segundo a calota de fogo passou por ele, transformando Ibrahim Anwar Hassan e seus sonhos megalomaniacos num punhado de cinzas radiativas.

No outro extremo da cratera, Anfion agitou seu cajado e ergueu-o, entoando um canto ritmado e monótono. Mais alguns gestos e, no solo, formou-se um círculo de vapor azulado em torno dele que se elevava na forma de línguas de fogo. Na ponta do cajado formou-se uma esfera amarelada brilhante que rodopiava, emitindo pequenos arcos luminosos para todos os lados. O potente mago ergueu o cajado com as mãos e, de uma vez, baixou-o batendo a ponta no chão. Um estalo como de trovão foi ouvido, e o vapor azulado do chão soprou para todos os lados. A esfera amarela explodiu, e dela partiram raios, como relâmpagos, ziguezagueantes, riscando o espaço, e num segundo atingiram a crescente bola de fogo radiativa, que avançava derretendo tudo pelo caminho.

O fogo engoliu os outros caminhões, os terroristas em volta e ultrapassaria a cratera. Tantos os magos de Sitra quanto Neshi e seus bruxos se surpreenderam com a força da explosão. Era a primeira vez que sacerdotes-magos confrontavam seus poderes com uma explosão nuclear e não sabiam calcular os efeitos.

O pulso eletromagnético emitido pela explosão afetou não só os aparelhos eletrônicos como o equilíbrio eletromagnético do mundo etérico que os magos e bruxos manipulavam. Muito tarde Neshi e seus asseclas perceberam serem incapazes de controlar os elementais e demais forças que tinham movimentado. Tampouco conseguiriam escapar àquele fogo devorador que vinha na direção deles quase na velocidade do som. Eram imortais, capazes de se regenerar a partir de uma lasca de cabelo, mas isso não aconteceria se a explosão destruísse também o corpo etérico, o *ka* como os egípcios chamavam. Tomados de desespero irracional, Neshi e os bruxos, jogados da cela pelos cavalos assustados, correram na direção oposta.

Mas a potência dos poderes de Anfion estava ainda para ser revelada. Portador de um cajado de sete nós, o grande mago sabia manusear os sete estados físicos da matéria, além daqueles desorganizados pela explosão. Os raios emitidos de seu cajado envolveram a bola de fogo e, como se sugassem energia dela, fizeram-na enfraquecer gradualmente. Ela continuou se expandindo, mas perdendo força e luminosidade. Ao cabo de alguns segundos — os mais tormentosos na vida de mortais e imortais — o fogo finalmente se apagou, e a fumaça na qual se transformou começou a subir.

A área atingida deveria ter de quatro a seis quilômetros de diâmetro. Nela, tudo foi vaporizado e a areia se transformou em vidro derretido.

Neshi, Kazim, e seus respectivos acompanhantes não chegaram a ser atingidos, assim como os demais próximos ao *wormhole*.

Apesar do pânico que dominou os ocupantes do helicóptero, a Dra. Yvonne Balbaud

conseguiu mandar uma mensagem escrita pelo celular para um colega da missão, em Khartoum, antes de seu celular parar de funcionar:

WMD

Era uma sigla usada nos relatórios oficiais da ONU.

Mas o fenômeno ainda não tinha acabado. No chão e no ar, todos foram sacudidos pelo violento deslocamento de ar da explosão, seguido do horroroso estrondo. Forte rajada de ar quente varreu a cratera vindo do centro da explosão, erguendo cortinas de areia a vários metros de altura.



O ar mais próximo do centro da explosão, superaquecido pela calota de fogo a milhares de graus Celsius, começou a subir em alta velocidade. A corrente de ar ascendente carregou consigo fumaça e a areia levantada, formando o tétrico cogumelo de detritos radiativos, visível a dezenas de quilômetros. Talvez fosse essa a face da morte a que Mena se referira no Templo de Ísis. Quem poderia ter certeza? Todos na cratera sentiram o vento quase imediatamente mudar de direção, vindo de fora e rumando para o centro da explosão. À medida que o ar fervente subia, a parte rente ao solo vitrificado era preenchida pelo ar em volta, vindo de todas as direções em forte sucção. Esses ventos em sentidos opostos ultrapassaram cem quilômetros por hora. Todos se agarraram onde puderam para não serem derrubados, até a velocidade arrefecer, instantes depois.

Então, quando as areias caíram e a visibilidade voltou ao normal, foi possível notar algo tomando um rumo imprevisto. A calota de fogo fez o tornado entortar-se como um arranha-céu de gelatina. A explosão alterou a pressão do ar, o equilíbrio eletromagnético do cone de areia mantido por Sitra, e a própria atmosfera em volta. O tornado começou a alargar-se na parte superior, adquirindo a forma de um sino de boca para cima. Em segundos, o tornado absorveu completamente o cogumelo de fumaça e começou a ganhar fúria imprevista, entortando continuamente, com perda

da estabilidade. O encantamento de Sitra fora prejudicado, e agora o tornado seguia evolução própria.

Quando Sitra e seus colegas magos pensaram em pedir a Anfion para ele controlar o tornado, tiveram um choque: o mago estava caído na areia, desacordado.

A explosão nuclear, agindo na intimidade da matéria, não afetava somente as moléculas materiais. Toda a região foi varrida por um pulso eletromagnético destruidor, de alcance muito maior que o da área queimada, que destruiu circuitos eletrônicos e desorganizou o equilíbrio da parte etérica da atmosfera, que magos e bruxos manejavam. Todos os encantamentos foram anulados.

O *wormhole* se abriu desmesuradamente, atingindo mais de duzentos metros de diâmetro, com partes das bordas alargando-se e estreitando-se, perdendo a forma circular estável.

Kazim, parado ao lado da cabine dupla, ainda não acreditava no que via. Neshi ou Ibrahim havia enganado a ele e a seus homens. Fizera-os levar as armas nucleares para detoná-las ali, quando o combinado era seguirem para o sul de Darfúr, em cujo caminho seriam descobertas pela missão da ONU.

Neshi, vendo o tamanho da boca do *wormhole*, deu a ordem para o resto de seus seguidores:

— Vamos agora! — gritou.

— Mas Neshi — objetou um ocupante de corpo — Anfion acaba de salvar nossas vidas. Continuaremos lutando contra ele?

— Obedeça ou te mando de volta aos pântanos sangüíneos do Amenti! Anfion não vai te proteger de mim!

Como os cavalos tinham fugido, entraram na cabine dupla e rumaram para o *wormhole*.

Um vento cada vez mais forte começou a soprar na direção da grande boca luminescente. O *wormhole* do deus Anúbis começou a funcionar como um aspirador. O vento entrava por ele com força inaudita, carreando para dentro até a areia do chão. No tornado ensandecido, as rajadas de vento intensificaram-se, partindo em todas as direções, e os relâmpagos continuavam a atingir o solo. Rochas soltas, do tamanho de poltronas, quando atingidas pelo vento, rolavam como bolas de boliche. O vento foi ficando mais e mais forte. A situação, assim como o estado de espírito de todos, era apocalíptica.

Sitra e os mortais tentavam vencer o vento para não serem engolidos. Com esforço e se ajudando, ela, Christian, Manccini e os três magos se agarraram a uma rocha. Mais próximos da boca do túnel estavam Márcio e Mirella, mas não dava para vê-los devido à poeira levantada.

Sitra berrou para Christian fechar o túnel.

— Chame o *kopesh* e feche o Túnel, ou todos serão mortos! — gritou.

Christian, sentindo a pele lixada pela areia, quase não conseguia ficar em pé, tal a força do vento. Fechou os olhos e mentalizou o *kopesh* vindo em sua direção.

— *Kopesh* de Hórus, eu o reclamo de volta! — gritou, concentrado.

Quase em seguida, o brilho vermelho do rubi apareceu no meio do tornado exatamente acima do *wormhole*. A foice surgiu voando, rodopiando como um bumerangue, vindo em alta velocidade. Ele se amedrontou, e começou a se afastar.

— Agarre-o, ou ele o matará! - gritou Sitra tentando ficar de pé.

Nessa hora, uma rajada de vento atingiu a Toyota, fazendo-a virar. Deformou a porta como se um carro houvesse batido nela. Os vidros estouraram.

Christian estendeu a mão para cima, disposto a apanhar a arma, certo de que nesse dia perderia o braço. Logo substituiu esse medo pelo firme pensamento de segurar o *kopesh*.

Como um ralo voraz, o *wormhole* sugava ar, areia, cascalho, cavalos e tudo o que estivesse por perto. O chão à frente se tornou uma cavidade de mais de dez metros de profundidade.

O *kopesh* veio rodopiando e a empunhadura encaixou-se na mão de Christian, dando-lhe forte tranco no braço.

O *wormhole* começou a diminuir de tamanho, sem parar de sugar vorazmente tudo em volta. Alguns cavalos e terroristas entraram voando por ele; outros foram esquarterados por rajadas de vento. Quem não se agarrou firmemente a alguma rocha foi sugado.

No helicóptero, o piloto não conseguia manter o curso da nave, que balançava qual borboleta surpreendida pelo ciclone. Os circuitos eletrônicos estavam queimados e não obedeciam mais aos comandos. Os inspetores estavam pálidos como cadáveres, antevendo a tragédia.

— Vamos para longe daqui! — gritavam.

— Não consigo, o vento ficou muito forte! - respondia o piloto desesperado, forçando os pedais de direção e as alavancas de controle.

Como um camarão diante da boca de uma baleia, a nave de quinze toneladas e US\$ 100 milhões entrou pelo túnel de Anúbis sem qualquer chance de escapar, sumindo no meio das nuvens de areia.

A boca do túnel continuou a diminuir e em segundos fechou-se. O vento subitamente cessou, e logo o insubmisso tornado começou a perder força, diminuindo o giro. Em instantes nada mais havia rodopiando no centro da cratera, e toneladas de areia caíram na planície erguendo poeira.

Neshi, muito enraivecido mas bastante lúcido, ordenou ao beduíno motorista fugirem imediatamente.

Quando a poeira se assentou e a visibilidade voltou, na planície reinava profundo silêncio. As únicas indicações de anormalidade eram uma cabeça de cavalo aqui,

uma cela arrebitada ali, pedaços de corpos humanos parcialmente soterrados, a Toyota virada e sobreviventes atordoados. O tempo pareceu parar por instantes. Era o silêncio da morte. Sólido como granito.

Só então todos perceberam que a parte mais forte da tempestade de areia fora da cratera já tinha passado, seguindo para o sul.

Imhotep e Roant correram socorrer Anfion. Tefnut dirigiu-se a um cadáver caído a uma centena de metros deles, no qual faltavam as pernas, e arrancou um pedaço de roupa ensanguentada. Guardou o tecido numa dobra da túnica.

Manccini começou a olhar para os lados:

— Onde estão Mirella e Márcio?

Cairo, Egito

Hotel na Rua Cornishe el Nil

12 de novembro, 11h20, hora local

CHRISTIAN E MANCCINI ESTAVAM NO HOTEL, decidindo o dia de partir. Christian ia para a Inglaterra. Não poderia voltar ao Brasil. Os dois estavam sentados nas camas, arrasados com a situação de Márcio e Mirella: ficaram presos em Zerzura. E Mirella, para piorar, estava grávida. Como explicar isso aos pais deles? O telefone tocou.

— Alô! — atendeu o professor. — Oi. Ok, estaremos lá. Tchau — virou-se para Christian: - Sitra confirmou: dez da noite em Gizé. E pediu para você não esquecer da placa de Petri original do MAE, sem suas digitais.

— Tenho várias, mas de que adianta? Nenhuma tem o sangue do assassino nem as digitais de Ricardo.

Depois do almoço, o recepcionista interfonou, avisando sobre um homem querendo ver Christian. Ele se identificou como Abdul Jabbar Malik, dizendo ter se apresentado ao professor Manccini anteriormente.

— De novo esse homem? — Manccini se irritou. — Mande-o embora ou chamarei a polícia!

— Senhor, ele manda dizer que conheceu John Nightingale Wardall e tem coisas importantes a informar ao filho dele sobre os documentos do Royai Bank of Columbia, de Jersey.

— Oh! Ok, estou descendo.

Desceram imediatamente. Lá embaixo, estava o árabe de turbante xadrez e olhos frios, que procurou-os no Cairo anteriormente e não foi recebido.

— Doutor Manccini — começou o visitante — antes de o senhor me mandar para a rua, deixe-me dizer que preciso falar com o senhor Wardall sobre um assunto do interesse dele. Se quiser me revistar, fique à vontade. Minhas únicas armas são esta lanterna e este livro — mostrou um pequeno farolete e um livro. Abriu os braços e

insistiu vigorosamente com o segurança da recepção para ser revistado.

Após a revista, o segurança declarou não encontrar nada suspeito. Foram a uma sala de reuniões no piso térreo. O árabe olhou para Christian com visível satisfação e sorriu, mostrando dentes brancos com um pequeno espaço entre os dois incisivos superiores. A mão grande e áspera pegou com força a mão branca do rapaz.

— É uma honra conhecer o filho de John Nightingale Wardall!

— O senhor tem algo a me dizer sobre meu pai? Como sabe que estive em Jersey?

— John pesquisou povos da nossa região. Não sei se você sabe, mas ele pesquisou mais a nós, os curdos.

— Não... Eu não sabia disso. O senhor me pareceu palestino, desculpe.

— Sou curdo iraquiano de nascimento, e vivo na Turquia. Nosso povo é antigo e tem tradições próprias que se perdem nos milênios passados, judeus, árabes, turcos otomanos, hititas, armênios, azeris, ossóticos e assírios formaram nosso povo. Quero te contar uma história... Até o século XIX, toda a nossa região, o Curdistão, entre o Golfo Pérsico, o Mar Mediterrâneo e o Mar Negro, era parte do Império Otomano. A partir da Primeira Guerra Mundial, o Curdistão ficou dividido entre a Turquia e as colônias européias. Ficamos divididos em vários países. Apesar de sermos 27 milhões de pastores nômades, somos minorias em todos eles. Os governos tingem que não existimos, ou tentam nos eliminar. Certamente os senhores já viram notícias na TV sobre a perseguição de Sadam Hussein a nós.

— Como posso ajudá-lo, Sr. Malik? — Christian interrompeu-o.

— Formaram-se grupos revoltosos, alguns terroristas, defendendo a criação de um país curdo. Em 1984, um inglês apareceu entre nossas tribos, decidido a estudar nossos costumes e conhecer nossa gente. No começo, ficamos desconfiados, pois ele era do país que nos tinha colonizado. Com o tempo, fizemos amizade ao notar suas intenções não políticas. Seu trabalho era estudar. Para nós, pastores, era estranho alguém ganhar a vida estudando a vida dos outros. O gentil homem ficou entre nós por quase dez anos, testemunhando nosso sofrimento e perseguição. O honrado inglês dizia não viver no Reino Unido, mas num país distante das Américas. Uma vez ele levou uma revista para nós com fotos de uma floresta, onde as árvores tinham mais de quarenta metros de altura e chovia quase todo dia! Para nós isso era inimaginável. Ficamos deslumbrados.

O rosto de Christian começou a mudar de expressão. A emoção começou a aflorar. Eram detalhes de seu pai ouvidos pela primeira vez.

— Ele conversou com diversos líderes tribais e começou a se interessar por nosso ideal de independência. Estava conseguindo algo que nenhum líder tribal conseguiu: formar um projeto de independência apoiado por quase todas as tribos. Um estado curdo democrático, moldado nos costumes e valores das tribos. John tinha bastante sensibilidade para com nossas tradições. Não só com as nossas, mas com as de todo

o mundo árabe. Nos momentos de folga, alfabetizou muitos de nós e sempre nos presenteava com livros. Meu predileto é este.

Malik ofereceu a Christian o volume. Era uma edição de capa dura de 1989 de *A Ilha do Tesouro*, de R. L. Stevenson. Christian viu na página de rosto a dedicatória do pai a Malik. Finalmente, conseguiu oferecer um sorriso.

— Um homem honrado e amigo, cuja companhia todos infelizmente perdemos. Uma pena aquela tragédia que massacrrou uma tribo inteira, levando nosso querido companheiro - o curdo falava com pesar.

— Eu agradeço os elogios à memória de meu pai, Sr. Malik. Todos nós sentimos sua falta. Fico feliz em saber que seu povo apreciou o trabalho dele.

Manccini sabia da pesquisa de John, mas ignorava seu engajamento num projeto político.

Abdul jabbar Malik olhou o rapaz prolongadamente. Ficou claro: Christian sabia pouco do pai e nem imaginava a razão da visita.

— Sr. Christian Wardall, sabe qual é a razão de a tribo onde seu pai trabalhava ter sido exterminada?

— Militares do Ocidente atacaram a tribo na Primeia Guerra do Golfo, violentaram pessoas e, para não deixarem testemunhas, mataram todos — deu um leve sorriso triste. — Quando o senhor esteve em Jersey, tirou do banco vários papéis, não foi?

— Sim.

— Dentre eles, não havia mapas com uma série de traçados passando por países da antiga União Soviética e do Curdistão? E também umas folhas pretas de plástico?

— Como o senhor sabe disso?

— Planejei com John esconder os documentos. John foi morto porque o projeto atrapalhava os planos de expansão de uma série de oleodutos pelo território curdo. Campos de petróleo e oleodutos no Azerbaijão, Irã e Iraque estavam sendo negociados com grandes companhias ocidentais e governos dos ex-soviédcos. A criação de um estado curdo era a última coisa que os empresários queriam. Se ameaçava remodelar o mapa, também atrasaria o lucro de milhões de dólares.

Christian olhava-o indignado.

— Quando você foi ao banco, a falsa bomba denunciou sua presença. Um agente nosso trabalha na ilha, viu tudo e me avisou. Desde então, tenho tentado conversar com o senhor para explicar isso e o conteúdo das fichas negras.

Manccini esboçou um sorriso de lamento, olhando para o chão.

— Aguarde um instante, por favor — pediu Christian deixando a sala. Minutos depois, reapareceu com os papéis e as misteriosas fichas de plástico negro, que ele nem imaginava o que eram.

— Veja — o árabe indicou nos mapas. — Estes são os oleodutos que existiam. Estes verdes são os planejados na época. Alguns existem hoje, outros não foram

implantados ou foram modificados. Conseguimos, por meio de espiões, obter esses mapas de algumas grandes empresas petrolíferas. Nunca ninguém soube do nosso projeto no começo. Mas, quando foi conhecido pelas tribos — pois, se não fosse aprovado por elas, não poderia seguir em frente - os empresários e governantes ficaram sabendo e iniciou-se a perseguição.

— E isto? — Christian pegou o maço de fichas negras.

O curdo ligou o farolete de luz ultravioleta. Pôs as fichas sob o facho de luz. No plástico preto, brilharam letras violetas, datilografadas. Eram páginas e páginas em inglês de um texto sobre governo, política, sistema judiciário, constituição e assuntos similares. O título era *Zigurat 9*.

— O que é tudo isso, Sr. Malik? — Christian lia sem entender.

— É o projeto de constituição do estado curdo, aprovado por quase todas as tribos. Todos os possuidores de uma cópia disto foram mortos, inclusive John. A cópia dele, visível apenas com a luz negra, foi a única restante. Ele legou a você o encargo de preservá-la para que, no momento oportuno, ela volte à discussão.

— Não posso lhe entregar isto, Sr. Malik.

— Não precisa me entregar. É sua. Apenas gostaria que lesse e me enviasse uma cópia do plano. Afinal, sou um dos líderes tribais que escreveu o projeto. Vou lhe dar meu *e-mail*. Agora, entende porque um Wardall brasileiro foi citado por grupos rebeldes várias vezes? — pegou a última ficha e mostrou no final uma lista de iniciais, certamente usada para esconder a verdadeira identidade dos autores. Lá se viam as iniciais JNW (John Nightingale Wardall), AJM (Abdul Jabbar Malik) e várias outras, indicando os colaboradores e chefes das tribos.

No quarto do hotel, Christian e o professor leram tudo, cada vez mais surpresos. Abdul Malik deixara com eles o farolete de luz negra, dizendo estar voltando para a Turquia, de onde recomeçaria sua luta pela criação do estado curdo. Tratava-se de um resumo do projeto do novo estado, após anos de discussão com os líderes e membros das tribos. No *Zigurat 9* estava definido um sistema de criação de condados (ou municípios), no qual cada tribo teria o seu. Entre os condados havia territórios próprios para as tribos que quisessem continuar com a vida nômade. Cada condado teria um conselho administrativo e órgãos executores das determinações do conselho. Não havia poder executivo centralizado.

Os conselhos de todo o novo Curdistão elegeriam representantes para compor o Parlamento: um grande conselho que deliberaria questões nacionais. O sistema judiciário era independente dos conselhos e oferecia segurança absoluta para seus membros. O projeto dava grande valor ao poder judiciário, alegando que, se esse poder não funcionasse livre e eficientemente, não haveria democracia. Argumentava que judiciários lentos e ou corruptos, como os dos países pobres, anulavam ou enfraqueciam as leis, autorizando o povo e o próprio governo a descumpri-las. Esses

pensamentos vagaram por horas entre os dois, quando se lembraram: eram 21h15min. Deveriam se apressar para encontrar Sitra em Gizé. O que a sacerdotisa preparara para eles em segredo?

Planalto de Gizé, Egito

12 de novembro

22h00, hora local

No PLANALTO DE GIZÉ, OS dois admiravam parados a silhueta das pirâmides, sob o olhar atento do guarda que não permitia o acesso além de um determinado trecho. Dali a pouco, vindo da parte fechada aos turistas nesse horário, um vulto surgiu. Era Sitra disfarçada de muçulmana.

— Saia daí, senhora! — o guarda falou de maus modos. — É proibido visitas nessa hora. Ainda mais para uma mulher sozinha.

— Tem razão — disse ela tirando do peito um pingente com brilhante pedra azul, cujo reflexo incidiu no rosto do guarda. — Não ficarei mais aqui, nem sozinha. Gostou da minha pedra? Veja como ela brilha! Seu brilho é tão bonito que dá sono ficar olhando. Como você está com sono! Durma, durma em paz!

A cabeça do guarda pendeu para o lado e, se Christian e Manccini não o tivessem apoiado, teria caído. Deitaram-no no chão.

— Vamos! - Sitra convidou. - Ele vai acordar daqui a uns minutos, sem se lembrar de nós.

Os três correram pela necrópole e chegaram ao local onde, dois anos antes, tinham pela primeira vez entrado nas galerias secretas de Maha-Ettel. Sitra bateu com uma pedra nos doze deuses do zodíaco esculpido na rocha, arrancando sons completamente diferentes. O vento frio se tornou forte e começou a levantar areia, dificultando a visão. Logo um barulho de pedra arrastada foi ouvido e eles entreviram a abertura num monólito. Entraram correndo e a passagem se fechou em seguida. Percorreram as galerias já conhecidas até chegarem ao Templo de Isis na praça subterrânea. Thais, a sacerdotisa de voz de contralto, recebeu-os com simpatia. Após os cumprimentos e explicações dos fatos recentes, Thais conduziu-os a uma câmara ampla, iluminada por archotes nas paredes. No centro da sala havia uma mesa de pedra, com um homem quase nu deitado. O homem respirava lentamente, como se dormisse.

— E Kassab, o assassino de Ricardo! — Christian se espantou. — Mas... na cratera, foi esquartejado!

— Sim — esclareceu Thais. — Tefnut trouxe tecido com sangue dele. Com a amostra reconstruímos um corpo idêntico. Mas este não é e nunca foi habitado por uma alma. Apenas existe nele o metabolismo básico.

— E para que estamos diante desse corpo em estado vegetativo?

— Você trouxe a placa de vidro? — cobrou Thais.

— Sim — Christian estendeu a Sitra um saco plástico com uma placa de Petri.

Sitra fez um corte na mão do clone de Kassab e ensangüentou a placa, que foi posta num prato de cerâmica. Em seguida, mestra e discípula puseram ervas secas sobre fogareiros e derramaram resinas de cheiro adocicado. Quando espessa fumaça se levantou, Thais se pôs de pé e, com seu cajado mágico de quatro nós, começou a pronunciar encantamentos, apontando os quatro pontos cardeais. Passou a ponta do cajado pelo chão de granito deixando um rastro luminoso verde-claro. Desenhou uma circunferência e inscreveu hieróglifos dentro e fora dela. Estremeceu e abriu os braços, profundamente concentrada.

As tochas foram apagadas e a sala mergulhou em completa negritude. *Flashes* azulados e brancos foram vistos nos cantos da cripta. Ouviu-se o estalar de chicotes e pancadas surdas em madeira. Rajadas de vento frio passavam aqui e ali, balançando as roupas e os cabelos dos presentes. Da circunferência no chão um vapor esverdeado emergiu. Dali saíram duas esferas brancas luminosas que voaram pela cripta e desapareceram. Cheiro de ozônio inundou a sala. O cilindro vaporoso começou a se comprimir e uma forma humana foi se definindo. Jovem figura masculina, usando roupas ocidentais, se materializou, iluminada como se esdvesse sob o sol. A aparição olhou para Christian e sorriu.

Olhos arregalados, Christian sentiu os pêlos do braço arrepiarem:

— Ricardo! Você, aqui?!

— Eu mesmo! — sorriu simpático o estagiário assassinado no MAE. — Deste lado da vida, é fácil se deslocar a grandes distâncias.

— Ricardo, eu lamento tudo o que aconteceu com você... Não era para você ter morrido! Os criminosos estavam me procurando, mas você estava lá quando eu saí e... Ah, se eu soubesse que tudo aconteceria assim!

— Não há razão para se lamentar, Christian! — o fantasma sorriu benevolente. — As coisas acontecem exatamente como devem acontecer. Embora vocês não tenham como entender agora, isso foi o melhor para mim.

— Melhor?! Você foi assassinado! Seus pais, amigos, estão todos arrasados! Esses criminosos fizeram isso e depois nos chantagearam!

— Sim, e vocês fizeram o melhor possível para impedi-los. Há outras variáveis envolvidas. Enquanto se está aí na Terra não dá para conhecer todas.

— Por que você foi morto?

— Você está certo: Kazim, Kassab e um outro pensaram que eu era você. Exigiram-me a entrega do "Protocolo Anúbis". Mesmo eu negando ser você e dizendo nada saber disso, eles continuaram a exigir. Severino ouviu a discussão e, quando chegou perto, houve uma luta e nós dois fomos mortos. Tentei desenhar no chão a cabeça do

deus Anúbis, para alertar quem chegasse — o espectro adquiriu fisionomia mais séria, parecendo incomodado, e advertiu Sitra: — Não poderei ficar por mais tempo. Meus tutores me mandam parar de falar. Você preparou tudo?

Sitra se aproximou da aparição com o prato de cerâmica. Nele estavam a placa com sangue e uma caneta. O ser do outro mundo se aproximou, pegou a placa de vidro tocando na mancha sangüínea que se coagulava, deixando suas digitais impressas. Com a caneta, escreveu na etiqueta as palavras com as quais normalmente identificava os objetos no museu. Repôs tudo na bandeja e, afastando-se, despediu-se com simpático aceno:

— Sejam felizes!

Quase em seguida o corpo materializado começou a se transformar em vapor e dissipou-se no ar. Os símbolos luminosos do chão se desfizeram e as tochas foram acesas. O cheiro de ozônio desapareceu.

Christian abriu o saco plástico. Sitra depositou a placa e a caneta. A prova do crime estava assegurada. O próprio morto veio entregá-la!

No caminho de volta, passaram pelo átrio do Templo de Ísis, que dava acesso à magnífica praça dos templos. Só nas laterais uma laje servia de teto, sustentada por fileiras de colunas de pedra inteiramente decoradas.

— Senhora, poderia nos esclarecer algumas coisas? — pediu Manccini.

— A vontade. Vocês têm todo o direito.

— O que de fato é Zerzura?

Thais parecia esperar pela pergunta, pois não se surpreendeu.

— Zerzura é o oásis perdido no deserto do qual falam muitas lendas antigas e amais. O aqueduto encontrado por vocês alimentava o oásis artificial onde se refinava o pó *mafukizti*. Quando os sábios de Azdan verificaram que guerras atingiriam as colônias egípcias, decidiram, na Confederação dos Templos de Poseidônis, que ali ocultariam dos mortais seus segredos.

— Nós vimos uma mata densa e montanhas altas lá. Como tudo isso pôde ser criado?

— Não foi criado. E um pedaço da região preservado por mais de 12 mil anos. Quando uma grande pedra do céu caiu na Terra, formou ali uma cratera. Nesse local isolado e destruído, os sábios da Confederação decidiram construir Zerzura e isolá-la quando a vida tivesse se recuperado. Quando as florestas cobriram tudo de novo, décadas depois, Zerzura foi isolada para sempre.

— Oh, então é por isso — concluiu Manccini — que os fragmentos de rocha em volta da cratera tinham anomalias de irídio e ferro: eram pedaços do meteorito que criou a cratera!

— Precisamente, doutor Manccini.

— E qual foi a razão de a Arca de Anúbis ter sido tão procurada pelos povos de

Kush? — quis saber Christian. Em seguida, explicou resumidamente a incorreta teoria do professor sobre a explosão.

— Moisés — começou Thais — o libertador dos hebreus, sabia usar o *mafukizti* e sabia que a Arca de Anúbis era o nosso maior reservatório. Estudou entre os melhores sábios e comandou uma guerra no sul. Nessa guerra, os reis de Kush tomaram conhecimento do *mafukizti* e roubaram uma parte. Por isso, tornaram-se uma ameaça considerável, motivando a construção das fortalezas. Embora não fosse um bom general em batalha, Moisés era inteligentíssimo e um grande líder. Quando saiu do Egito, roubou a Arca de Anúbis. Ao chegar ao Templo de Hathor, em Bia — ela se referia ao Sinai — levou todo o *majukizti* que coube na Arca, chamando-a de Arca da Aliança e dizendo que fora construída de acordo com as orientações dadas por Deus: ótima desculpa para encobrir o roubo. Enquanto os hebreus a tiveram, venceram todas as guerras.

Manccini jamais perderia a oportunidade de fazer certas perguntas:

— Na Bíblia se diz que um povo roubou a Arca dos hebreus. Enquanto esse povo ficou com ela, teve doenças e tumores. Os hebreus nunca tiveram esse problema. Como pode ser isso?

— É simples... O *mafukizti* acumula altíssimos teores de éter físico, desse mesmo tipo branco pastoso usado para materializar os mortos, como acabamos de fazer com Ricardo.

- É o ectoplasma descrito pelos ocultistas modernos? — Christian a cortou.

— Isso. Quando um morto se aproxima de um objeto com dose alta desse éter branco, ele reage à aproximação, produzindo no ambiente estalos capazes de quebrar objetos frágeis, como copos, lâmpadas de vidro e garrafas. Tanto os mortos como os vivos podem manipular mentalmente esse éter. Os hebreus cercavam a Arca de orações e pensamentos nobres, o que a isolava das almas desorientadas; no mundo dos vivos proibiam a entrada de pessoas no recinto sagrado. Como os filisteus não tiveram esse cuidado, seus próprios pensamentos ordinários e os dos mortos mal-intencionados que os acompanhavam acabaram por se materializar no corpo das pessoas e animais próximos na forma de doenças. Mas não chegou a ser uma epidemia descontrolada. O fato foi exagerado para exaltar as conquistas de um povo orgulhoso de ser escolhido pelo Deus Todo-Poderoso e para distrair as pessoas dos atos bélicos e violentos cometidos por eles.

— E a chuva de pedras sobre o exército dos amorreus?

— Disso vocês sabem a explicação! Com esse éter branco do *mafukizti*, chamado por vocês de ectoplasma, você curva o espaço e faz as coisas ganharem e perderem peso ao seu comando. Desde que a mente seja suficientemente treinada para isso.

— Nunca mais se ouviu falar da Arca da Aliança após o rei Salomão — adicionou Christian.

Thais fez um gesto gracioso para ajeitar o véu azul quase transparente descendo dos ombros.

— A Arca da Aliança permaneceu perdida por um tempo e depois foi achada pelos Cavaleiros Templários com uma seita secreta de judeus satanistas. Alguns templários renunciaram secretamente ao Cristianismo e filiaram-se ao satanismo. Esse grupo aprendeu alguns segredos do *majukizti* fazendo experiências. Como era muito difícil levar a Arca para a Europa, decidiram usar uma propriedade do *mafukizti* para protegê-la: a ubiqüidade.

Christian e Manccini fizeram uma expressão de não entendimento.

— O éter branco extraído do *mafukizti* permite não só curvar o espaço e modificar os estados físicos da matéria, mas também uma faculdade que os cientistas do seu mundo descobriram há pouco tempo: a sincronicidade, chamada na magia de ubiqüidade: uma única coisa pode estar em mais de um lugar ao mesmo tempo. Assim, a Arca ficaria segura. Se Jerusalém fosse perdida numa guerra, como aconteceu mais de uma vez, eles poderiam encontrá-la no lado vencedor da guerra: Paris, a sede do comando Templário!

Christian, durante seu estudo da física relativista e quântica, encontrou publicações sobre disso. Certos cientistas conseguiram uma coisa antes só existente em teoria: fazer um elétron estar em dois lugares ao mesmo tempo. A comprovação ocorreu quando, nos testes, *todas* as transformações ocorridas em um elétron aconteciam *ao mesmo tempo* no outro, inclusive surgimento e desaparecimento, evidenciando serem ambos um só.

— E que lugares são esses? — quis saber Manccini, curioso como uma criança.

Thais sorriu:

— Os lugares onde eles tinham mais facilidade de estar: o Templo de Salomão, em Jerusalém, e a Catedral de Chartres, na França, próxima à fortaleza-sede dos Templários, em Paris. A Arca da Aliança está nesses dois lugares e em Zerzura.

— Mas, se ela está em Chartres e em Jerusalém, por que precisariam entrar em Zerzura pra acessá-la? — estranhou Christian.

— Porque quando o pacto satânico entre satanistas e Templários estabeleceu Chartres e Jerusalém como os dois esconderijos, nós entramos no meio e, num momento propício, colocamo-la num terceiro lugar: Zerzura. Como Zerzura está inacessível ao mundo comum, a Arca também se tornou inacessível nos outros dois lugares. Procure nos subterrâneos da Catedral de Chartres e da Esplanada das Mesquitas e nada encontrará. Os satanistas jamais nos perdoaram por isso. Ela só reaparecerá nos dois lugares se for tirada de Zerzura. Era o que a Serpente Vermelha queria.

Os mortais fitavam-na surpresos. A coisa era bem maior e mais complexa do que imaginavam.

— Enquanto Neshi estava com vocês — Thais continuou —, eu e meus outros discípulos, disfarçados de muçulmanos, seguimos os membros do Muhanned Fawzan Al Jihad até Jerusalém. Havia mais de trinta homens deles prontos para invadir as mesquitas e roubar a Arca. Em Chartres, Neferaba e seus pupilos — lembram-se dele? — estavam seguindo os magos da Serpente Vermelha, igualmente aguardando a aparição da Arca na catedral. Felizmente, vocês conseguiram impedir Neshi de trazê-la para fora. Foi um excelente trabalho.

— E os Cavaleiros Templários feiticeiros desapareceram? Não resistiram à perseguição do rei Felipe, o Belo? — quis saber Manccini.

— A maioria dos Templários não foi morta, só os do alto escalão da França e da Inglaterra. A maioria mudou de nome ou se reorganizou. As sociedades satânicas continuaram existindo. Existem até hoje. A Serpente Vermelha é uma delas. Isso está longe de acabar.

— Thais — interrompeu Christian —, na fazenda eu ouvi falar de um homem, um nazista, Almásy, se não me engano. O que os nazistas tinham a ver com tudo isso?

— O nazismo alemão tem parte de suas raízes nessas sociedades secretas de magia negra. Os nazistas não vieram ao Egito só atrás de petróleo, mas de Zerzura. Pesquise esse movimento e você verá como vários de seus líderes pertenciam a escolas de ocultismo e satanismo.

— Neshi é o Maioral dos feiticeiros. Ele ficou no lugar de Seneb?

— Não! — ela mirou-o com seu olhar desconcertantemente sério. — Nem Neshi nem Seneb são o Maioral. Esse indivíduo está nos dando trabalho e o temos pesquisado há tempos. Neshi é só um laçao dele. Vocês não o viram ainda. Ele influencia muito o Ocidente. Enquanto vocês percorriam o deserto, Sêmele, uma dos Doze Juízes daqui, embarçou suas ações. E muito difícil se aproximar dele. É protegido por mais de uma seita demoníaca. Se Sêmele e seus discípulos não o tivessem atrapalhado, todos vocês teriam morrido *antes de saírem do Brasil*. Como ele ficou ocupado com os sérios contratemplos que ela lhe criou, deixou para Kazim e Neshi resolverem "o caso dos arqueólogos brasileiros".

Christian e Manccini ficaram admirados com a extensão do trabalho de Maha-Ettel. Foram injustos ao acreditarem que Sitra fosse a única a atuar em todo o problema.

— Enquanto fazíamos isso — Thais prosseguiu —, Anfion tratou de controlar as condições ocultas da atmosfera. Graças a ele, a grande tempestade de areia foi bem abrandada, seguiu depressa para o sul e fez poucas vítimas pelo caminho. Ele também abafou consideravelmente a explosão atômica. Sem sua interferência, a cratera inteira teria sido destruída, inclusive vocês. O túnel de Anúbis teria se aberto de modo incontrolável, e Zerzura ficaria perigosamente acessível por muito tempo, principalmente se o portador do *kopesh* — ela olhou Christian nos olhos — morresse na explosão. Neshi planejou tudo muito bem. Não conseguiu sua estrela de mago e

seus quatro nós sem razão. Bem, foi difícil, mas vencemos esta batalha! Mas a principal ainda vai vir — ela sorriu, exibindo dentes brancos alinhados, de beleza sem igual.

Manccini e Christian ficaram pensativos nas dimensões colossais da guerra que haviam protagonizado sem saber. Agora, podiam entender as respostas evasivas de Sitra quando perguntavam por que os demais magos de Maha-Ettel não apareciam para ajudá-los. Se os quatro brasileiros soubessem da envergadura real do confronto, teriam desistido muito antes e, naturalmente, acabariam mais prejudicados. As coisas ocorreram da melhor forma possível, era forçoso reconhecer.

—E quem é o Serpente de Chifres de que fala o papiro?—indagou Christian.

— Foi um grande e cruel feiticeiro que soube da existência do *kopesh* e fez de tudo para consegui-lo, mas, por fim, foi vencido por nós e adormecido para sempre.

Christian ia pedir mais detalhes, mas Manccini perguntou primeiro o que mais lhe interessava na vida:

— Thais, e a Luz de Osíris? Neshi e os outros não a estavam procurando?

— Mas é claro que estavam! Tudo isso, a Arca da Aliança, Zerzura, *mafukizi*, pactos com mortais e cientistas, foi para chegar à Luz de Osíris!

Manccini insistiu em saber detalhes, mas a grã-sacerdotisa de Isis foi peremptória:

— Não vou revelar todos os mistérios de Maha-Ettel! E hora de vocês irem. Iremos descobrir qual o veneno dessa vespa que picou o senhor e várias outras pessoas. Quando soubermos de algo, entraremos em contato. Enquanto isso, guardem sigilo absoluto de tudo o que aconteceu por aqui, ou não terão paz.

Eles assentiram com acenos de cabeça. Os dois foram conduzidos à periferia do Cairo novamente.

Estava quase amanhecendo quando respiraram o ar frio de Gizé.

Jerusalém, Israel
Esplanada das Mesquitas
16 de novembro, 12h19, hora local

DESPREOCUPADA E SEM PRESSA, Sitra caminhava pela Esplanada das Mesquitas. Vestida como muçulmana, não teve dificuldades para entrar na Mesquita de Al Aksa e na Mesquita de Omar. Procurou o lugar onde foram feitas escavações na busca da Arca da Aliança. Anos antes, israelenses escavaram por baixo da Esplanada, na intenção de localizar vestígios do Templo de Salomão. Quando os islâmicos perceberam, houve confusão e a escavação foi interrompida. Os arqueólogos de Israel encontraram uma câmara, onde se acreditava ter sido guardada a Arca.

Sitra chegou ao lugar e ficou olhando o diminuto espaço. A Arca da Aliança, ou

Arca de Anúbis, estava ali, assim como estava em Zerzura e numa igreja da Europa. Quem olhasse para lá como ela fazia, nada veria. Tirou da roupa um pingente de vespa e, olhando-o, sussurrou pensativa:

— Vou descobrir de onde você vem, inseto que injeta a morte! E você não fará mais vítimas!

Subitamente, estranha e indefinível alienação dominou-a. Diante dos grandes olhos enérgicos uma imagem tridimensional se formou: magos egípcios lutavam com seres monstruosos. No fundo, alguma coisa brilhava sobre o Templo Adante do Sol, em Zerzura. Em menos de dois segundos, tudo sumiu.

Era um vislumbre do futuro. A maior batalha estava por vir.

— Senhora, é proibida a entrada aqui — afirmou categórico um segurança da mesquita.

— Estou indo — respondeu voltando ao presente. Dirigiu-se à saída.

— Ei, senhora! — chamou o segurança após ela passar por ele. — Deixou cair isso — apontou o chão. Era a foto tirada na recepção do hotel no Cairo. Ela, vestida de dançarina de dança-do-ventre, e Márcio, alcoolizado, rindo e beijando-a.

Um sorriso alegrou sua fisionomia, e um misto de afeição e saudade brotou no coração da sacerdotisa cuja racionalidade sempre vencia os sentimentos. Emocionou-se com o amor tão juvenil e simples que Márcio nunca escondera.

Onde ele estaria nesse momento?

Chartres, França

16 de novembro, 10h19, hora local

Enquanto Sitra passeava pela Esplanada das Mesquitas, em Jerusalém, Christian e Manccini fitavam pensativos o "labirinto" no chão da Catedral de Chartres, pequena cidade próxima a Paris. A Arca da Aliança (ou de Anúbis) estava escondida ali, e simultaneamente em Jerusalém e Zerzura. Segundo uma lenda, o labirinto desenhado no piso era uma rota secreta para se encontrar a Arca.

— Professor, este labirinto não é o símbolo da peregrinação até Jerusalém? — observou Christian.

— Sim. Os fiéis o percorriam de joelhos, como uma ida simbólica à Cidade Santa.

Nesse dia Manccini voltaria para São Paulo e Christian seguiria para a casa da avó, em Stratford. A mãe do rapaz fora até Paris na véspera. Entregaria a Helena a placa de Petri com o sangue de Ricardo e as digitais do assassino. Assim que Helena

conseguisse que Christian respondesse ao processo em liberdade, ele voltaria ao Brasil. Havia também os depoimentos de Malik, Mancini e algumas vítimas dos jihads. Com tudo isso a seu favor, Christian estava tranquilo. Nada estava garantido, mas ao menos aguardaria o julgamento em liberdade.

— Sabe, professor, apesar de tudo o que aconteceu, valeu a pena o esforço. Aprendi muito. Nossas pesquisas nos levaram para muito além dos resultados esperados por nosso modesto Projeto Osíris.

— Sem dúvida! Quanta coisa descobrimos sobre esses estranhos egípcios!

— Apesar de minha traição, de eu ter precipitado tudo pelo medo de matarem minha família, a mim mesmo e a vocês, ainda assim os magos de Maha-Ettel saíram vencedores. Márcio e Mirella, e as pessoas do helicóptero, esses infelizmente eu prejudiquei — baixou o olhar.

O professor pôs a mão no ombro do aluno.

— Não se critique por isso, Christian. Quem não prometeria qualquer coisa para se livrar de uma tortura? Ninguém pode recriminá-lo. Quem não faria a mesma coisa?

— E, eu sei. Mas pelo menos Sitra nos garantiu que Márcio e Mirella estão vivos. Assim que resolver minha situação no Brasil, vou voltar e resgatar os dois.

— Ah, não! Não podemos enfrentar gente tão poderosa outra vez. Temos de saber a hora de parar.

— Sim, mas *eu quero ferver isso*. Professor, prometo ao senhor — falou com convicção — se para tirar Mirella e Márcio de onde estão eu precisar passar por tudo de novo, eu passarei!

Manccini desistiu de argumentar. Prometeu a si mesmo que não desampararia o corajoso filho de seu falecido amigo. Afinal, ele tinha incentivado Christian a participar do projeto Osíris desde o começo.

— Professor - Christian interrompeu-lhe as reflexões com um sorriso de esperança — descobri muito sobre mim mesmo. Quando me lembrei do sonho com Osíris e Ísis e voltei a ser fiel àquilo em que eu acreditava, foi libertador. Foi a melhor coisa que pude fazer. O que sofri não importa. Esta foi a melhor viagem que já fiz na vida, sabia?

Manccini ficou surpreso com o sorriso despreocupado do aluno.

— E por isso não dá mais para desistir - sorriu Christian. - Irei o mais longe possível, até encontrar nossos amigos! Anime-se, professor! A vida tem sido boa para nós!

Um raio de sol atravessou o magnífico vitral, iluminando o diálogo e o desenho do labirinto.

NOTA DO AUTOR

De todos os fatos e lugares mostrados neste livro, poucos são fictícios. A medida que pesquisava os locais por onde os personagens passariam, fui ficando surpreso, entusiasmado e chocado com as coisas que descobri sobre a África.

As formas de escravidão, as situações vividas nos acampamentos de refugiados, a terrível milícia *janjaweed* e a ação do governo sudanês relatados aqui são absolutamente verdadeiras. Os refugiados sudaneses vivem hoje em situação pior que os judeus durante a perseguição nazista. Os Estados Unidos são, até o momento,

o único país cujas ONGs e entidades de ajuda humanitária têm se mobilizado para ajudar os refugiados. O genocídio é considerado pelo direito consuetudinário internacional como crime contra a humanidade e, por isso, *qualquer país pode julgar e condenar os governantes sudaneses por esse crime*. Recentemente, a Corte Internacional de Justiça está acusando formalmente o presidente sudanês de genocídio.

As imagens de satélite da Terra, Europa, Ásia, África, do deserto núbio, da cratera onde o wormhole foi aberto e a "caveira" no seu centro são reais. Cortesia da NASA e do Google.

Totalmente real e ainda misteriosa é a existência das dezoito colossais fortalezas do Médio Império para combater os núbios tribais, enquanto nas fronteiras do Sinai e da Líbia, lugares bastante atacados por povos mais civilizados e sofisticados, os egípcios não se dignaram a construir fortaleza alguma. Igualmente real e estranho foi a saída dos hebreus do Egito e suas vitórias militares contra todos os povos que eles quiseram dominar e destruir.

As irmandades satânicas citadas por Sitra, Thais e pelos jihads são todas reais. A Sociedade Thule, a Ordem dos Assassinos Ismaelitas, a Liga da Corte Sagrada, que desapareceu há pouco mais de cem anos, a Ordem dos Novos Templários, são todas verdadeiras e algumas se relacionavam com os partidos e sindicatos trabalhistas alemães que formaram o Partido Nazista.

O conde Ladislav de Almásy foi de fato um grande mapeador do deserto africano. Não se sabe porque juntou-se aos nazistas. Diziam contemporâneos seus que sua união a eles para mapear o deserto do Saara era, na verdade para encontrar Zerzura, o oásis perdido. Em Wadi Halfa, um grupo de militares fundou na década de 1940 um clube informal chamado Zerzura. Acreditavam na lenda e competiam por achar o oásis perdido.

O premiado filme *O paciente inglês*, baseado no livro de mesmo nome do canadense Michael Ondaatje, é uma biografia fictícia de Almásy.

Finalmente, as imagens dos papiros reconstituídos, não são originais. Todas já foram encontradas várias vezes em paredes de tumbas, templos e papiros, e são explicadas apenas como rituais religiosos; forma disfarçada dos cientistas de classificar as crenças egípcias de infantis e sem sentido.

Para mim, talvez mais que para o leitor, foi uma experiência forte terminar este livro. Apesar de os personagens centrais serem fictícios, o mundo no qual vivem, sofrem, aprendem e se realizam é cruelmente real.

Como disse alguém, "a realidade é sempre mais rica e assustadora que a ficção".

São Paulo, setembro de 2008.

William Goldoni

Stratford-upon-Avon - cidade da Inglaterra à beira do rio Avon.

2 *Scotland Yard* é o mais alto escritório policial da Inglaterra, similar à Polícia Federal no Brasil e ao *Federal Bureau of Investigation* (FBI) nos Estados Unidos.

³ *SCA* - Supreme Council of Antiquities: órgão do governo egípcio que dá autorização para a pesquisa arqueológica no país.

4 Allah - *Deus*, em árabe, e não o nome do deus islâmico. Os cristãos árabes também se referem a Deus como Allah.

Maomé - místico fundador do Islamismo, intitulado *o Profeta*. Maomé é a grafia mais comum em português, derivada de *Alahomet*, a menos usada pelos povos islâmicos. Bem mais comuns são *Mohammed* e *Muhammad*.

Alcorão ou Corão - nomes aportuguesados das transliterações árabicas *Our'an*, *Koran* e *Al Koran*. É o livro sagrado do Islamismo, tal como a *Bíblia* é o do Cristianismo. O Islamismo é a prática do Islã: um conjunto de princípios, regras, dogmas e valores que organizam a religião, política, vida social e vida privada de seus seguidores, registrados por Maomé no Alcorão.

Cairo Velho - nome de um bairro no sudeste do Cairo, na margem oriental do Nilo, também chamado de Cidade Velha. Esse bairro é o núcleo original da cidade, surgido na Idade Média. Ele conserva até hoje o traçado original de ruas estreitas, casas antigas e diversas tradições.

Nilômetro - construção feita para os sacerdotes egípcios observarem a velocidade da subida da água do Rio Nilo no início das cheias em junho e prever o quanto o rio subiria naquele ano.

7 OPEP - Organização dos Países Exportadores de Petróleo. Atualmente os países membros da OPEP são Argélia, Indonésia, Irã, Iraque, Kuwait, Líbia, Nigéria, Qatar, Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos e Venezuela. Dos onze, a Venezuela é o único do Ocidente e com maioria da população não islâmica. Fundada em 17 de setembro de 1960, a Organização tem sede em Viena, Áustria. Equador e Gabão foram países membros até 1993 e 1995, respectivamente.

8 *O harmattan* pode ser de tal maneira violento que, quando prolongado, nem os camelos sobrevivem a ele. A maioria dos fenômenos atmosféricos acontece até a altura das nuvens de chuva. O *harmattan* consegue levar nuvens de areia até a estratosfera. Algumas foram fotografadas por satélites saindo da África e chegando à Grã-Bretanha e à Península Escandinava.

Bilma - pequena cidade no Níger, país no centro da África, ponto comercial de encontro de caravanas que atravessam o Saara em todas as direções. Ténéré (pronuncia-se *tenerê*) é o deserto dessa região, habitado por tuaregues.

Pequeno Benéfico — nome dado pelos antigos ao planeta Vênus, considerado de boa influência.

Serengeti - paisagem de savana no Quênia, país do sul da África, onde existe o famoso Parque Nacional do Serengeti, para onde afluem milhares de visitantes por ano para ver a vida selvagem nas planícies. Na vizinha Tanzânia, a mesma paisagem chama-se *Masai Mara*, que na língua tribal local significa "terra dos Masai", povo selvagem que vive ali. Igualmente visitada é a Reserva Masai Mara.